UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HUMANIDADES, DIREITOS E OUTRAS
LEGITIMIDADES

Lucca Amaral Tori

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
Ocupações, o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação e a Construção
de Redes no Movimento Secundarista de São Paulo em 2015 (Versão Corrigida)

São Paulo
2021

Lucca Amaral Tori

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ocupações, o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação e a Construção
de Redes no Movimento Secundarista de São Paulo em 2015
(Versão Corrigida)

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
Humanidades, Direitos e Outras
Legitimidades da Universidade de
São Paulo para para exame de
defesa do Mestrado, sob
orientação do Professor Dr. Sérgio
Bairon.

**São Paulo
2021**

*“O medo dá origem ao mal
O homem coletivo sente a necessidade de lutar
o orgulho, a arrogância, a glória
Enche a imaginação de domínio
São demônios, os que destroem o poder bravio da humanidade
Viva Zapata! Viva Sandino! Viva Zumbi!
Antônio Conselheiro!
Todos os panteras negras
Lampião, sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.”*

**Chico Science & Nação Zumbi – “Monólogo ao Pé do Ouvido” – Da Lama Ao Caos
(1994).**

*“Na verdade foram muitas descobertas durante a ocupação.
Muitas descobertas próprias e muitas externas, de coisas que
poderíamos modificar e coisas que modificamos de alguma
forma na ocupação. Durante o movimento... eu acho que foi
uma descoberta, cada dia uma coisa nova, cada dia
descobríamos um jeito novo de se organizar, de pensar.”*

**Entrevista com uma estudante que participou das ocupações
(2018).**

*“Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão*

*Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada”*

Gonzaguinha – “E Vamos a Luta” – “De volta ao Começo” (1980)

“Sério és, tema da faculdade em que não pode pôr os pés”

Emicida – “Boa Esperança” – “Sobre Crianças, Pesadelos e Lições de Casa” (2015)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T15o Tori, Lucca Amaral
 Ocupações, o uso de Tecnologias de Informação e
 Comunicação e a Construção de Redes no Movimento
 Secundarista de São Paulo em 2015 / Lucca Amaral
 Tori ; orientador Sérgio Bairon. – São Paulo, 2021.
 266 f.

 Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós-Graduação
 Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da
 Universidade de São Paulo. Área de concentração:
 Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

 1. Ocupações. 2. Movimentos Sociais. 3. Net-
 Ativismo. 4. Redes. 5. Complexidade. I. Bairon,
 Sérgio, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Lucca Amaral Tori

Data da defesa: 23/02/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Sérgio Bairon Blanco Blanco Sant'Anna

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23/04/2021

(Assinatura do (a) orientador (a))

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de ressaltar que o ano de 2020 não foi um ano fácil para ninguém, além disso sei que as dificuldades por mim passadas nesse difícil ano não foram nem próximas do que grande parte da população do Brasil, e também de muitas outras partes do mundo, passaram devido a diversas questões, porém tendo as desigualdades sociais, econômicas e culturais como essenciais para isso. No entanto, não poderia deixar de começar meus agradecimentos direcionando estes, primeiramente, à minha avó Maria do Carmo Amaral (mais precisamente a Vó Carminha) que infelizmente se foi também neste complicado ano, mas que foi uma influência fundamental para minha formação como pessoa, uma guerreira que veio de Alagoas para São Paulo sem estudos formais, mas que criou seis filhos sempre com muita atenção e sabedoria, aprendendo a ler por conta própria e além de passar o amor pelos livros para frente, ainda nos ensinou muito do conhecimento do mundo não se limitando somente ao saber formal das universidades, mas um saber ainda mais importante, aquele da experiência de vida, do compartilhamento e do amor por todos além da família. Sem dúvidas o meu caminhar na curiosidade e no mundo acadêmico deve-se muito a ela e a toda minha família.

Aproveito aqui para complementar, com muito pesar, mas que parte fundamental da alegria, bom humor e a sabedoria da crítica construtiva sem desrespeito de minha família, vinha muito também do meu tio Décio, que infelizmente também nos deixou em 2021, mas que de forma alguma poderia esquecer aqui, por também sua influência na minha formação como pessoa. Força para todos nós.

Além disso, vejo como essencial agradecer também aos meus nonnos, Nonna Léa e Nonno Ilério também já falecidos mas base fundamental para minha formação.

Aos meus pais, Romero e Regina, pela possibilidade que me deram para uma educação mais crítica, questionadora e sempre aberta a novas considerações. Além do carinho e incentivo constante para todas minhas escolhas de vida.

Meus irmãos, Allan e Sofia, pelo companheirismo e grande empolgação pelos caminhos que acabo trilhando na minha vida. Além de um agradecimento especial à Sofia pelas constantes revisões em inglês dos documentos necessários ao longo do meu período no mestrado.

A toda minha família Amaral e a Família Tori pela harmonia e por todo o amor construído ao longo de todos estes anos.

A minha companheira de vida e luta, Luana, por tudo que já me ensinou até aqui, por todas as palavras de conforto, por todos os incentivos mais diversos, pela influência que dá na minha vida nestes quase 9 anos juntos e por todo amor. Sem contar a fundamental e necessária revisão minuciosa do texto desta dissertação, além dos debates infundáveis em relação a este e diversos outros trabalhos.

Também à família de Luana, seus pais: Adolfo e Marta, sua irmã Jana, sua vó Cristina e todos da Família Homma e Gabriel, que já considero também como família minha. Aqui cabe um agradecimento especial à Jana pela ajuda constante em momentos que precisava de auxílio em questões ligadas ao design, a também discussões teóricas e pelo companheirismo e edição de extrema qualidade do vídeo na nossa tentativa de concorrer ao “Prêmio Vídeo USP de 2020”.

Ao meu orientador, Professor Sérgio Bairon pela abertura e liberdade nas mais diversas possibilidades de pesquisa apresentadas a ele, além do incentivo por uma educação menos formal e mais compartilhada, viva e crítica.

À CAPES pela bolsa durante parte do meu mestrado e também a Universidade de São Paulo, mais precisamente o Centro Diversitas (FFLCH-USP) com seu programa inovador, democrático, interdisciplinar e altamente combativo. Nesse sentido gostaria de agradecer à Teresa Teles, secretaria do Programa de Pós-Graduação “Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades” que é parte fundamental para a construção e manutenção de tal, além de ter me respondido de forma sempre transparente e rápida os meus mais diversos questionamentos ao longo dos anos. Também aos professores e aos discentes que se mostram cada vez mais presentes na construção do programa, e que neste último ano foram essenciais para minha formação.

Como a educação faz parte da minha vida e, além de ser o tema da presente dissertação, é o caminho que pretendo seguir, vejo como necessário agradecer a todos meus professores desde o ensino fundamental até a universidade. Mas começando em especial aos professores da ETEC Guaracy Silveira, em especial: Cosme e Ziza, que não sabem o quão importante e influentes

foram para os caminhos que decidi seguir; à Universidade Federal do ABC, aos amigos, funcionários e professores do curso de Ciências & Humanidades, Políticas Públicas, Relações Internacionais e Filosofia. E também ao Laboratório de Tecnologias-Livres (LAB-Livre) que foi fundamental na construção de diferentes caminhos de pesquisa e no vínculo forte de amizade. Com especial agradecimento ao Professor Gerardo Alberto Silva, meu primeiro orientador de iniciação científica; a professora Silvia Passarelli na orientação do meu TCC em Políticas Públicas e ao Professor Cláudio Penteado, que além de ter me ensinado muito nas aulas, também me ensinou muito na vida, tornando-se um grande amigo, obrigado também pelas críticas e indicações, mesmo que indiretas, para muitos dos caminhos que resolvi trilhar nesta e muitas outras pesquisas.

Ao professor Sergio Amadeu da Silveira por ter sido uma influência importante ao longo da minha graduação, por ter sido meu orientador de iniciação científica e parte do LAB-Livre, além de ter tido papel fundamental na banca de qualificação e de defesa deste mestrado.

Ao professor Luís Galeão do Diversitas pelas importantes aulas ao longo da pós-graduação e também por fundamentais comentários na minha banca de qualificação;

Às professoras Rosana Schwartz e Maria Ribeiro por aceitarem fazer parte da minha banca de defesa, e pelas excelentes e construtivas falas, críticas, incentivos e indicações durante a banca.

.

Agradeço à Giuliana Fiacadori pela amizade e parceria acadêmica no Lab-Livre mas também pela coleta de dados fundamentais das páginas de “O Mal Educado” e “Não Fechem Minha Escola”. Ao Elias pela ajuda na construção dos mapeamentos de termos; Ao Ricardo Plácido pelas conversas na primeira disciplina de pós graduação e por ter me passado o primeiro contato de estudante que participou das ocupações em 2015, e a partir daí eu conseguir conhecer muitos outros.

Ao Cursinho Livre Cláudia Silva Ferreira que desde 2018 tem me ensinado muito sobre uma outra educação, pelo compartilhamento de saberes, pela organização horizontal e por muito em minha vida desde então. Agradeço em específico: Pedro, Alvim, Felipe, Ciro, Amanda, Karen, Hélio, Brisa, Tawan, Caetano; Dona Carmem; Dona Maria; Sérgio e muitos outros estudantes e educadores que passaram por lá e me mudaram completamente;

Ao Coletivo da Quebrada por ter me chamado para compor em alguns momentos, e por terem me ensinado mais um pouco sobre cultura, audiovisual e da vida, dessa vez em nome de: Pedro, Alvim, Leticia, Guilherme, Diego, Felipe e Yugo.

E à outros muitos amigos e familiares que direta ou indiretamente me ajudaram nas risadas, debates e discussões profundas. Vocês sempre ajudaram a me construir em quem eu sou, meu muito obrigado: Daniel (Foca), Vitória, Leonardo, Paulinho, Ricardinho, Agatha, Victor, Léo, Lui, Fernanda, Jeff, Nicolas, Marcus, Danilo (Gard), André, Maria Eugenia, Maria Trindade, Clara, Drebas, e muitos outros.

E claro, o mais fundamental, obrigado a todos esses guerreiros estudantes secundaristas que em 2015 mostraram ao país, e porque não ao mundo, como se fazer uma luta ousada, democrática, autônoma e horizontal contra os poderosos. Nesse sentido um agradecimento especial a: Leticia, Pedro, Alvim, Fábio, Ester, Natalia, David, Helen, Cauê, Vitória, Beatriz, Vanessa e todos os outros que ainda não conheci, mas que ajudaram na empolgação e na construção deste singelo trabalho.

RESUMO

Neste presente trabalho foi abordado a questão das redes, de uma forma ampla e complexa, do movimento de ocupações de escolas ocorrido no estado de São Paulo no ano de 2015. Para isto foram feitas análises bibliográficas e teóricas sobre movimentos sociais, novos movimentos sociais e novíssimos movimentos sociais e a importância e limitações de algumas destas teorias para a utilização no trabalho aqui escrito. Para isso usou-se a noção de “Net-Ativismo” como uma possibilidade mais ampla de abordar o movimento de ocupações de escolas e as redes físicas e digitais. Para além disso, uma abordagem crítica a modernidade na ciência foi feita tanto para a ampliação teórica quanto prática. Nesse sentido as entrevistas qualitativas e o uso da Produção Partilhada do Conhecimento foram fundamentais para uma possibilidade de maior interação entre Universidade e Sociedade Civil, com construções de redes entre o pesquisador e o pesquisado com a necessidade de trocas reais de conhecimento. Parte fundamental para concretização dos objetivos desta pesquisa foi a construção do mapa de controvérsias nas análises de duas páginas do Facebook de grande importância para o movimento (O Mal Educado e Não Fechem Minha Escola); a análise de dois jornais de grande porte do estado (Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo) e a entrevista qualitativa com 10 participantes do movimento. Assim, tem-se como ideia não o esgotamento do mapeamento e análise, mas sim uma base em que pode, e deve, ser complementada, criticada e até mesmo reconstruída.

OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS; MOVIMENTOS SOCIAIS; NET-ATIVISMO; REDES; COMPLEXIDADE;

ABSTRACT

In this present work it was treated the issue of networks, in a broad and complex way, of the school occupation movement that took place in the state of São Paulo in 2015. For this purpose, bibliographical and theoretical analyzes were made on social movements, new social movements and newest social movements and the importance and limitations of some of these theories for use in the work written here. For that, the notion of “Net-Activism” was used as a broader possibility of addressing the movement of school occupations and the physical and digital networks. In addition, an approach that criticizes modernity in science was made for both theoretical and practical expansion. In this sense, qualitative interviews and the use of Shared Knowledge Production (Produção Partilhada do Conhecimento) were fundamental for a possibility of greater interaction between University and Civil Society, with the construction of networks between the researcher and the researched with the need for real exchanges of knowledge. A fundamental part of achieving the objectives of this research was the construction of a map of controversies in the analysis of two Facebook pages of great importance for the movement (O Mal Educado e Não Fechem Minha Escola); the analysis of two large newspapers in the state (Folha de São Paulo and O Estado de São Paulo) and the qualitative interview with 10 participants in the movement. Therefore, the idea is not to exhaust mapping and analysis, but to create a basis on which it can, and must, be complemented, criticized and even reconstructed.

SCHOOL OCCUPATION; SOCIAL MOVEMENTS; NET-ACTIVISM; NETWORKS;
COMPLEXITY

ABREVIACÕES

APEOESP: Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

ANEL: Assembleia Nacional dos Estudantes Livre

CONUBES: Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

DCE: Diretório Central dos Estudantes

E.E.: Escola Estadual

GAS: Grupo Autônomo Secundarista

MBL: Movimento Brasil Livre

MPL: Movimento Passe Livre

MTST: Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NFME: Não Fechem Minha Escola

OME: O Mal Educado

PM: Polícia Militar

PMDB: Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PPC: Pesquisa Partilhada do Conhecimento

PPL: Partido Pátria Livre

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL: Partido Socialismo e Liberdade

PSTU: Partidos Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT: Partido dos Trabalhadores

SARESP: Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

SESC: Serviço Social do Comércio

TAR: Teoria Ator-Rede

TICs: Tecnologias de Informação e Comunicação

UBES: União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UJS: União da Juventude Socialista

UMES: União Municipal dos Estudantes Secundaristas de São Paulo

UNE: União Nacional dos Estudantes

UNESP: Universidade Estadual Paulista

Unicamp: Universidade Estadual de Campinas

USP: Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: E.E. Diadema ocupada na manhã do dia 10/11/2015.

Figura 2: E.E. Fernão Dias depois de ocupada.

Figura 3: Capa da Folha de São Paulo do dia 11/11/2015. Foto da ocupação da E.E. Fernão Dias Paes.

Figura 4: Foto de estudantes da Ocupação E.E Diadema em apoio aos trabalhadores da Usiminas e estudantes da E.E. Fernão Dias.

Figura 5: Policiais Militares armados de Fuzil entram na ocupação da E.E. Diadema

Imagem 6: Imagem de incentivo a novas ocupações amplamente divulgada nos finais de semana dos dias 14 e 15 de novembro de 2015,

Figura 7: Folheto distribuído pelas redes e escolas pelo Coletivo O Mal Educado

Figura 8: Gabarito rasurado e enviado para a página d'O Mal Educado

Figura 9: Charge sobre ocupação da E.E. Fernão Dias Paes - Feito por Larte.

Figura 10: Charge do Papel da Imprensa durante as ocupações - Feito por Vitor Teixeira.

Figura 11: Capa da Folha de São Paulo do dia 01/12/2015 - Imagem de Policial retirando carteiras de estudantes durante protesto.

Figura 12: Foto de estudantes durante protesto na Av. Faria Lima.

Figura 13: Imagem montagem: "Lute Como Uma Menina".

Figura 14: Foto da manifestação de estudantes contra a reestruturação escolar do dia 09/12/2015.

Figura 15: MAPA DE TERMOS 1: 100 Termos mais citados no período analisado - O Mal Educado.

Figura 16: MAPA DE TERMOS 2: Mapa com os 100 termos mais citados da página Não Fechem Minha Escola no período analisado.

Figura 17: MAPA DE TERMOS 3: 100 Termos mais citados na Folha de São Paulo no período analisado.

Figura 18: MAPA DE TERMOS 4: 100 Termos mais citados no "Estado de São Paulo" dentro do período analisado.

Figura 19: Tabela de Entrevistados.

Figura 20: MAPA DE TERMOS 5 : Entrevista 1 - 50 Termos mais mencionados

Figura 21: MAPA DE TERMOS 6 - Entrevista 2 - 50 Termos mais citados

Figura 22: MAPA DE TERMOS 7 - Entrevista 3 - 50 Termos mais mencionados.

Figura 23: MAPA DE TERMOS 7 - Entrevista 4 - 50 Termos mais citados.

Figura 24: MAPA DE TERMOS 8 - Entrevista 5 - 50 termos mais citados.

Figura 25: MAPA DE TERMOS 9 - Entrevista 6 - 50 Termos mais mencionados.

Figura 26: MAPA DE TERMOS 10: Entrevista 7 - 50 termos mais mencionados.

Figura 27: MAPA DE TERMOS 11: Entrevista 8 - 50 termos mais mencionados

Figura 28: MAPA DE TERMOS 12 - Entrevista 9 - 50 termos mais mencionados.

Figura 29: MAPA DE TERMOS 12 : Entrevista 10 - 50 principais termos.

Figura 30: MAPA DE TERMOS 13: Todas Entrevistas

Figura 31: MAPA DE TERMOS 14: Redes Sociais

Figura 32: MAPA DE TERMOS 15: Jornais

Figura 33: MAPA DE TERMOS 16 - Os mais mencionados nas redes sociais, jornais e entrevistas.

Figura 34: MAPA DE TERMOS 17: Tecnologias nas Páginas de Redes Sociais

Figura 35: MAPA DE TERMOS 18: Campo de Tecnologias em Jornais

Figura 36: MAPA DE TERMOS 19: Tecnologias em Entrevistas

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 “Sem Caos Não Há Mudanças” - Críticas e análises para compreensão dos movimentos contemporâneos e as redes como armas de luta.	17
1.1. “Sempre Quis Mudar o Mundo Como Ele é Posto” - Movimentos sociais e diferentes perspectivas: Dos Clássicos aos Novíssimos Movimentos Sociais	17
1.1.1 A perspectiva clássica de movimentos sociais	19
1.1.2 A perspectiva culturalista: Os Novos Movimentos Sociais	24
1.1.3 Globalização e Novas Tecnologias Entrando em Cena: a importância das redes de movimentos sociais	29
1.1.4 Os Novíssimos Movimentos Sociais	34
1.2 “Nós Somos a Rede Social”: Redes e as Novas Tecnologias Nos Movimentos Sociais	42
1.2.1. Os princípios da Internet	43
1.2.2. A Sociedade em Rede e as possibilidades de uma inteligência coletiva	45
1.2.3 O surgimento dos movimentos Ciberativistas	51
1.2.4 Os movimentos pós-crise de 2008 e o uso das redes digitais	55
Capítulo. 2: Ocupando os espaços e as redes: ampliação no conceito dos movimentos sociais e na produção de conhecimento	60
2.1. Crítica à Racionalidade Moderna na Produção do Conhecimento	61
2.1.1. A Racionalidade Moderna Como Influência Direta na Produção do Conhecimento	61
2.1.2. Complexificando a produção do saber: algumas das críticas à racionalidade moderna	65
2.1.2.1. A Falha da Modernidade em “purificar” a realidade: a proliferação dos híbridos	65
2.1.2.2. Complexificando a realidade: contra a visão totalizante da ciência moderna	68
2.1.2.3. Rastreamento das controvérsias: Planificar o “social” para uma “sociologia das associações”	72
2.1.2.4. Violência e Poder na tradição colonialista da ciência moderna: Da “Razão Indolente” à “Ecologia dos Saberes”	77
Capítulo. 2.2. Complexidade, Reticularidade e a Noção Ecológica da Comunicação e Ação nos Movimentos Sociais – A perspectiva Net-ativista como possibilidade de análise do movimento secundarista de São Paulo em 2015	80
2.2.1. A Cibercultura a partir de uma perspectiva complexa	80
2.2.2. A ecologia da comunicação e da ação: Por uma visão mais complexa na relação entre tecnologias e movimentos sociais - a perspectiva Net-ativista	87
3. “O Estado Veio Quente. Nós Já Tá Fervendo”^[1]: Escolas em Luta/Escolas de Luta - Secundaristas no Front e a construção de suas redes	101
3.1. Histórico das Ocupações	103
3.1.1. “(...) a ocupação é um resultado de 2013” : As Jornadas de Junho de 2013 como uma das bases do movimento secundarista de ocupações das escolas.	103
3.1.2. O Projeto de Reorganização Escolar do Estado de São Paulo e as Primeiras Manifestações dos Estudantes.	106

3.1.3. “VAMO OCUPA”: Primeiras experiências de Ocupações: E.E. Diadema e E.E. Fernão Dias Paes	112
3.1.4. “OCUPA TUDO”: A Expansão das Ocupações pelo Estado de São Paulo	123
3.1.5. Autonomia e Autogestão nas Ocupações: De uma agenda cultural à sua autodefesa como forma de organização horizontal	133
3.1.6. Controvérsias Políticas: O Comando das Escolas Ocupadas e o Boicote ao Saresp	133
3.1.7. O Governo até Tentou, mas o Apoio só aumentou	143
3.1.8. Qual o Próximo Passo da Luta? A Decisão dos Trancamentos das Vias.	148
3.1.9. Aproximando de uma Grande Vitória: Suspensão e Anulamento da Reorganização Escolar	152
3.2. Análise dos dados e o mapeamento das controvérsias (a importância do uso da Teoria Ator-Rede)	161
3.2.1. O Movimento “O Mal Educado “ e Seu Papel no Movimento de Ocupações de Escolas	163
3.2.2. A Página “Não Fechem Minha Escola” Durante as Ocupações de 2015	170
3.2.3. A Cobertura da Grande Mídia Durante as Ocupações das Escolas em 2015: O caso da Folha de São Paulo e do Estado de São Paulo	177
3.2.4. As Entrevistas Qualitativas: Diferentes pontos de vistas e os actantes mencionados	185
3.2.5. O Mapeamento Geral dos Dados Analisados	222
Conclusões: e o nosso papel a partir daqui	240
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	249

INTRODUÇÃO

Desde que me formei bacharel em Ciências e Humanidades e em Políticas Públicas na Universidade Federal do ABC, em 2014, eu já tinha vontade de seguir a carreira acadêmica, especialmente por ter participado de duas Iniciações Científicas e algumas outras pesquisas. Vinha trabalhando com a questão das novas tecnologias digitais e suas influências tanto nas produções e divulgações culturais quanto nas políticas culturais no geral. Nesse sentido, havia participado de algumas seleções de mestrado com um projeto focado em política cultural e novas tecnologias. Acabei não conseguindo ingressar, mas em 2015 algo ocorreu e não saiu mais da minha cabeça.

Em outubro de 2015 ocorreu um movimento de muito impacto e bastante criatividade no Brasil, e em específico no estado de São Paulo, quando estudantes secundaristas se organizaram em diversas manifestações e posteriormente resolveram ocupar suas escolas. Tais ações se dariam como uma forma de resistência contra um projeto de reestruturação escolar que seria imposto pelo governo do estado, e acabaria fechando 94 escolas, mudando milhares de estudantes de suas escolas de origem e afetando, de forma indireta, até um milhão de pessoas em todo o estado (MONTEIRO, 2015).

No dia 09 de Novembro, os estudantes da Escola Estadual Diadema, no município de Diadema (Grande São Paulo), resolveram ocupar a escola e logo no início do outro dia os estudantes da tradicional E.E. Fernão Dias, na Zona Oeste de São Paulo, também se estruturaram para tal. A partir daí as ocupações só cresceram, chegando a alcançar mais de 200 escolas de todo o estado de São Paulo. Muitas das ocupações foram ameaçadas pela Polícia Militar para reintegração de posse. Além disso, sofreram pressão judicial, foram duramente criticados, e por vezes caluniados pelos veículos de imprensa tradicionais. No entanto, os estudantes, mobilizados contra o projeto de reorganização das escolas de São Paulo, sempre responderam às críticas com o grito de: “Não tem arrego”, como coloca a publicação do *Le Monde Diplomatique Brasil* (2016).

Quando a segunda escola foi ocupada (E.E. Fernão Dias) esse movimento que já vinha me impactando até antes mesmo das ocupações, atingiu-me de forma mais pessoal, pois fiz meu ensino médio na Escola Técnica Estadual (ETEC) Guaracy Silveira, nas proximidades da Fernão Dias. Inclusive grande parte dos estudantes da Guaracy (ensino médio ou técnico) vieram da Fernão. Assim, o colégio de grande proximidade daquele do qual fiz parte estava ajudando a protagonizar um movimento ousado de lutas no nosso estado, e depois disso não

consegui mais parar de acompanhar os desdobramentos do movimento, inclusive fazendo com que eu mudasse o tema do meu projeto de pesquisa para o mestrado.

O movimento, então, formou redes de solidariedade (inclusive digitais) para fortalecer essa luta, produzindo contrainformação e galgando cada vez mais apoio inclusive da população no geral, afetando a taxa de rejeição do governador e conseguindo frear a reestruturação, até certo ponto.

O uso das redes por movimentos sociais vem ganhando bastante centralidade desde pelo menos meados da década de 1990, como bem aborda Scherer-Warren (2014), inclusive na importância do apoio de diferentes movimentos sociais e a construção de suas redes. Mas também nesse mesmo período começava a se dar bastante enfoque na questão das redes digitais, principalmente com o crescimento e difusão da internet. Para Massimo Di Felice (2014) essas transformações a partir da comunicação digital foram das mais importantes revoluções de nossa época, tanto por sua interatividade quanto por ter sido a primeira vez que se alterou a forma de transmissão das informações, não mais centralizadas em um único ou poucos emissores. Lévy (2003), afirma que essa rede das redes é baseada em uma concepção “anarquista” de cooperação de milhares de centros informatizados do mundo (ou seja, sem uma centralidade que comanda), e a Internet acabou se tornando o símbolo deste grande meio que ele designa como “Ciberespaço”.

Di Felice (2014) pontua que é nesse ambiente que os diversos atores produzem, difundem e ao mesmo tempo têm acesso a todas essas informações, sendo construído um ecossistema de construção de informação: “Trata-se, portanto, de uma lógica muito mais imersiva – eu diria ‘habitativa’ – de transmissão de informação” (DI FELICE, 2014, p. 8). Segundo Santos e Cypriano (2014) é possível ter uma noção do aumento de uso destas ferramentas nas redes digitais quando observamos as diversas redes sociais na Internet presentes no nosso cotidiano, colocado pelos autores como um fenômeno sem precedentes e cada vez mais intensificado.

A visão de Pierre Lévy (2003) é bastante otimista em vista dos desenvolvimentos das Novas Tecnologias de Comunicação. Segundo o autor (LÉVY, 2003), esses novos meios de comunicação poderiam ser a base para uma renovação profunda nas formas de laço social, num maior sentimento de fraternidade e na ajuda de resolução de problemas os quais a humanidade debate. Lévy (2003) também explicita a necessidade de se pensar essa revolução digital a partir de seus aspectos sociais, ou seja, pensar nas formas para “(...) modelar os equipamentos coletivos da sensibilidade, da inteligência e da coordenação que formarão no futuro a infra-

estrutura de um civilização mundializada” (LÉVY, 2003, p.13). Lévy (2003) vê como possível, a partir desse momento, pensar coletivamente para o desenvolvimento desses novos mundos. Milton Santos (2018) na década de 1990, ao se juntar a um coro crítico em relação à globalização hegemônica do momento, que chama de “globalização perversa” baseada na economia neoliberal, defende uma outra globalização, de baixo para cima, onde o uso das novas tecnologias de comunicação deveria ser apropriada pelas populações mais pobres, e que cabe bem nessa discussão que temos até hoje sobre a complexidade de tais ferramentas.

Como aponta Manuel Castells (2013) ao trabalhar com movimentos sociais mais contemporâneos (Primavera Árabe, *Occupy Wall Street*, Indignados, etc.), um dos pontos fundamentais em comum entre eles é que a confiança geral na sociedade havia desvanecido, e assim não havia mais perspectiva de mudança. Outro ponto de grande importância colocada pelo sociólogo espanhol é o papel crucial das redes sociais da internet para que esses movimentos crescessem e ganhassem reconhecimento global: “Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de poder” (CASTELLS, 2013, p.7). É possível, no entanto, perceber um otimismo em relação às redes sociais da internet por Castells nesse momento, algo que podemos problematizar também ao observarmos muitas ações autoritárias e limitadoras feitas por grandes redes sociais, como o Facebook (SILVEIRA, 2015).

Com o uso dessas tecnologias, os indivíduos foram se conectando e formando redes, e essa união os ajudou a superar os medos e partir rumo à mudança (CASTELLS, 2013). Interessante notar que esses movimentos foram se espalhando por “contágio” no mundo ligado pela internet com a característica de rápida difusão de informações, imagens e ideias. Sendo que se iniciaram quase ao mesmo tempo (principalmente no pós-crise de 2008) tanto no Sul (Tunísia) quanto no Norte (Islândia) (CASTELLS, 2013).

Uma característica interessante sobre os Movimentos Sociais trabalhados por Castells (2013) e que pode ser visto em muitos dos que vieram posteriormente – ou mais ou menos na mesma época –, é o fato de, em grande medida, ignorarem partidos políticos, desconfiarem da mídia, trabalharem de forma horizontal (não reconhecendo líderes) e terem uma organização sustentada pela Internet e em assembleias locais para o debate coletivo (CASTELLS, 2013). Di Felice (2014) também pontua que muitos desses Novos Movimentos Sociais são movimentos anônimos, onde recusam a forma hierárquica tradicional, e colocam como uma das questões fundamentais a colaboração para resolução de problemas. Para Pablo Ortellado (2013), esses

movimentos muitas vezes valorizam muito mais os processos do que os resultados, por isso acabam por trazer em voga a questão da horizontalidade e da democracia direta. É possível observar estes movimentos também pela concepção do comum (*commons*)¹, que já chega a ser utilizado para explicar movimentos sociais e protestos a partir de 2011, como os acontecidos na Espanha que se auto intitulavam como *en común* (SILVEIRA; SAVAZONI, 2018).

No caso das ocupações das escolas estaduais de São Paulo no ano de 2015, é possível ver muitas dessas características defendidas por grande parte dos participantes. Outro ponto colocado por Castells, também possível de se enxergar nas ocupações das escolas, é que embora comecem pela internet, por meio de redes sociais, são movimentos que partem para ocupar o espaço urbano, e para Castells (2013, p.160) “Esse híbrido de cibernética e espaço urbano constitui um terceiro espaço, a que dou o nome de espaço da autonomia (...)”, que é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede.

A partir do caso das ocupações das Escolas Estaduais de São Paulo, a dissertação aborda o uso das redes, com prioridade para as redes digitais, mas observando também a criação de outras redes naquele momento - em seus espaços de autonomia (CASTELLS, 2013). Assim, em conversas, entrevistas e projetos com alguns dos atores desse movimento, foram observadas a relevância dessas tecnologias e redes para o crescimento e fortalecimento da luta dos secundaristas naquele momento.

Além disso, o movimento das ocupações das escolas será relacionado com estudos de Novos Movimentos Sociais e o uso da internet e das redes digitais por outros movimentos pelo mundo, como bem aborda Castells (2013) e Di Felice (2012, 2013). A relação com esses movimentos trazidos por Castells (2013) e as noções de horizontalidade, democracia direta; assembleias democráticas; ocupações e os usos das TICs (ORTELLADO, 2013), também defendido por ativistas do comum (SILVEIRA; SAVAZONI, 2018). Será feita uma discussão sobre diferentes perspectivas sobre os movimentos sociais, fazendo uma crítica às perspectivas mais tradicionais onde dão pouca visibilidade ao uso das novas tecnologias digitais, ou então as veem somente como recursos utilizados mas com pouca centralidade.

Assim, fazendo uma crítica à perspectiva moderna da ciência, ainda muito marcante nos ambientes da academia, esse trabalho fará algumas discussões tanto teóricas quanto práticas nesse sentido. Como base teórica parto de uma crítica à racionalidade moderna (LATOUR,

¹ *Commons* está relacionado com a tradição inglesa na questão das terras comunais, ou seja, bens partilhados entre todos antes da consagração do que conhecemos como propriedade privada mais recentemente(SILVEIRA; SAVAZONI, 2018). Tal termo foi reapropriado por movimentos sociais mais recentes pela luta de direito à cidade e também pelos chamados “ciberativistas” considerando que as redes digitais, por serem descentralizadas e sem centro, tem em sua base os *commons* (SILVEIRA; SAVAZONI, 2018).

2012; 2016; MORIN, 2011; SANTOS, 2011; 2015), passando pelas teorias dos movimentos sociais, com foco no estudo dos novos e novíssimos movimentos sociais (GOHN, 2017). A perspectiva crítica se estende à abordagem da noção de comunicação e ação dentro de um contexto de complexidade (MORIN, 2011) usando como metáfora o termo ecologia - da comunicação (DI FELICE, 2012; 2013; SANTAELLA, 2010a) e de ação (DI FELICE, 2012; 2013). O trabalho irá tratar do conceito de Net-ativismo como movimentos sociais complexos e imbricados na discussão acerca das ecologias mencionadas.

Já na parte empírica, contando tanto as entrevistas qualitativas quanto com projetos em conjunto com as e os estudantes que ocuparam as escolas, a prática se difere das tradições da academia por se dar em uma produção coletiva do pesquisador com os “pesquisados”. Assim, tem como base aspectos da pesquisa-ação (BARBIER, 1977; THIOLLENT, 1986), da pesquisa-participante (BRANDÃO, 1981) mas principalmente no enfoque de uma *Produção Partilhada do Conhecimento* (BAIRON, LAZENEVO, 2012) onde a produção se dá para além das limitações da escrita da dissertação, sendo algo de interesse direto do grupo pesquisado e que será produzido de forma partilhada. Esta metodologia não teve como foco essencial o seu papel na escrita da dissertação, mas foi (e segue sendo) fundamental como parte do processo de pesquisa e aprofundamento nas relações, e até mesmo para futuros projetos em conjunto.

Por se tratar de um movimento que surgiu e durou dentro de um período, não existem mais os grupos da forma como apareceram no ano de 2015. Assim, a *Produção Partilhada do Conhecimento*, que não foi algo central enquanto objetivo do trabalho, mas sim como instrumento necessário para uma maior interação e participação junto de parte desses atores, se deu com dois grupos que se desdobraram do movimento de ocupações das escolas: o *Cursinho Livre Cláudia Silva Ferreira*, e o *Coletivo da Quebrada*. O cursinho surgiu em 2018 por iniciativa de alguns estudantes do bairro Jardim João XXIII na periferia da Zona Oeste de São Paulo, que por dificuldades para acessarem cursinhos pré-vestibulares nas regiões centrais da cidade, resolveram por conta própria formar um no bairro com a intenção também de seguir com a experiência horizontalizada e com uma pedagogia crítica. Além disso, fazem parte de uma rede de cursinhos livres, com muitos participantes das ocupações de 2015 e com uma forte ideologia libertária. Como colocado durante uma reunião (2018) por um dos participantes do cursinho que também participou das ocupações das escolas em 2015: “O cursinho é uma extensão das ocupações, e queremos expandir essa experiência”². Considerando que o pesquisador que aqui escreve vem acompanhando as discussões desse cursinho desde quase seu

² Informação verbal retirada pelo autor durante reunião no Cursinho Livre Cláudia Silva Ferreira

início, e inclusive faz parte do cursinho como professor de história, a produção partilhada foi baseada nas demandas do grupo e ações diretas, ao mesmo tempo em que foram analisadas suas redes e suas relações com o movimento das ocupações das escolas em 2015.

Além do “Cursinho Livre Cláudia Silva Ferreira” que comecei a participar ativamente a partir de meados de 2018 até hoje, como educador e também apoiador e membro, algumas pessoas que também faziam parte do cursinho e, portanto, também das ocupações de 2015, me convidaram para fazer parte do Coletivo da Quebrada para ajudar na parte de entrevistas do documentário que estavam produzindo com recursos do Edital VAI (Programa de Valorização de Iniciativas Artísticas) da prefeitura de São Paulo. Nesse sentido passei a ajudar ativamente na organização do documentário “Até Onde a Gente Vai?” (2020) que tratou da história de vida de três moradores do Bairro Jd. João XXIII e a vivência destes com o transporte público e o bairro. Baseado na perspectiva da Pesquisa Partilhada do Conhecimento, como fui convidado para ajudar na parte das entrevistas, entrei no grupo ajudando especificamente no que achavam que eu podia contribuir. Ao mesmo tempo pude conviver diretamente com a produção intelectual e artística deles e tivemos maiores possibilidades de trocas de conhecimento, interação e desenvolvimento de futuros projetos, sendo uma das demandas deles o compartilhamento de informações e técnicas de História Oral para construção de futuros trabalhos.

A partir do caso das ocupações das Escolas Estaduais de São Paulo, a dissertação aborda à constituição das redes (de forma ampla) e dos usos das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas redes digitais por esses atores, observando a relevância dessas tecnologias e redes para o crescimento e fortalecimento da luta dos secundaristas.

Desde o início esses estudantes utilizaram redes sociais para comunicação, obtenção e criação de informações e fortalecimento da luta, como com as páginas “O Mal Educado” e “Não fechem a minhas Escola” (e outras mais específicas de cada ocupação) e o uso de alguns grupos do *Whatsapp* para organização das ocupações e manifestações. Com inspiração na Teoria do Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour (2012), foram feitas descrições detalhadas sobre as ações a partir dos diferentes actantes, mapeando parte do movimento de ocupação, realizando entrevistas com importantes atores (pessoas que participaram das ocupações ou dos movimentos sociais envolvidos) e dessa forma seguiu-se a rede de associações buscando compreender a relevância e o papel das redes digitais e TICs para esses grupos.

Dentro da temática dos Novos Movimentos Sociais e usos das TICs, pode-se encontrar estudos sobre o papel dessas ferramentas na política institucional, mas principalmente nos

movimentos de sociedade civil pelo mundo (CASTELLS, 2013; HALBRITTER; NETO, 2015) e especificamente no Brasil, com ainda mais força no pós-junho de 2013 (ORTELLADO, 2013). A luta dos estudantes secundaristas do Estado de São Paulo que conseguiram alcançar grandes resultados, com uma atuação horizontal e autônoma, é ainda bastante recente. Dentro das páginas das redes sociais das ocupações, a partir de entrevistas, reportagens veiculadas pela mídia tradicional e reportagens feitas por mídias independentes, é possível ter uma noção geral de que o uso das TICs e das redes por esses jovens estudantes – muitos provenientes das periferias do estado – foi essencial para a luta.

Como se trata de um trabalho acadêmico sobre um movimento social específico e este ter demandado um maior contato com esses atores, viu-se como pré-condição para a realização de entrevistas uma relação de proximidade e de uma produção de conhecimento para além das formatações limitantes da academia, sendo tal pesquisa de algum tipo de ganho também para esses que não são somente objeto mas também atores. Assim, foi fundamental para o trabalho uma base de contatos a partir da *Produção Partilhada do Conhecimento (PPC)*, ou seja, uma troca e parceria com alguns desses estudantes para assim termos uma produção mais rica para além da dissertação, que possa demonstrar a complexidade da produção desses atores.

Busca-se assim uma produção mais coletiva, com autonomia dos participantes e sem hierarquização entre conhecimentos, inclusive fazendo na prática uma crítica às limitações de pesquisa no ambiente acadêmico calcado na racionalidade ocidental moderna. Sabendo da limitação em efetivar isso de fato na escrita da dissertação, foi feito um esforço neste sentido, especialmente em projetos que não são estritamente a escrita acadêmica, mas que a transpassou, como a minha participação no Cursinho Livre Cláudia Silva Ferreira e também no Coletivo da Quebrada onde se resultou em um documentário (*Até Onde a Gente Vai?*, 2020), por exemplo.

A relevância de um projeto sobre novos movimentos sociais e o uso das redes no geral e as digitais, em específico, numa atuação multimidiática – dentro da perspectiva da hipermídia (BAIRON, 2012) – se dá tanto pela contemporaneidade do assunto quanto pela crescente importância dessas atuações em âmbitos locais e globais. Além disso, busca-se uma troca efetiva de conhecimentos na *PPC* proposta como parte fundamental na aproximação e relação com os participantes.

Com inspiração na Teoria do Ator-Rede (TAR) desenvolvida por Bruno Latour (2012), o projeto fez um mapeamento das ocupações buscando observar e descrever a relevância das TICs e das redes para autonomia, organização horizontal e as efetivas ocupações por alguns dos atores dessas lutas. O objetivo geral do trabalho foi identificar e entender algumas das redes

que construíram e foram construídas nas ocupações. Assim, visou-se, com a presente pesquisa, identificar os “actantes” (LATOUR, 2012) a partir da observação das mais variadas fontes de informação (páginas em redes sociais de relevância para o movimento – “O Mal Educado” e “Não Fechem Minha Escola” –, além dos veículos tradicionais de imprensa (Folha de São Paulo; O Estado de São Paulo) e entrevistas com atores das ocupações para informações mais específicas e detalhadas (a partir das páginas das redes sociais mencionadas). Assim buscou-se formar uma rede de informações e mapear uma parte dessas manifestações de forma detalhada e descritiva.

O objetivo foi observar qual foi (e é) a importância dada às redes no geral - as TICs, redes sociais, etc.- para o fortalecimento, conquistas e reconhecimento nacional e internacional do movimento dos secundaristas, e suas potencialidades a partir da visão de seus atores e os materiais disponíveis. Para tal, a pesquisa também fez uma ampla pesquisa bibliográfica nas áreas relacionadas, a dizer: Novos Movimentos Sociais no Brasil e no mundo, com foco na perspectiva “Net-ativista”; o uso das TICs pelos movimentos sociais e a participação popular.

O momento de troca entre o saber científico da instituição de pesquisa e o saber dos estudantes secundaristas que ocuparam suas escolas, se deu em uma tentativa de maior aproximação entre os movimentos sociais da sociedade civil e a Universidade. Trazendo à tona a necessidade de uma ecologia dos saberes - que parte da ideia de que todas as formas de conhecimento devem ser consideradas *a priori*, evitando a invisibilização de saberes - em contraposição à monocultura do saber (SANTOS, 2015), a perspectiva da PPC (BAIRON; LAZANEO, 2012) se mostra como um importante instrumento.

Em relação a metodologia utilizada na pesquisa, teve-se um forte empenho na pesquisa qualitativa. Segundo Heloisa Helena T. de Souza Martins (2004) muitas vezes as ciências sociais como um todo, é acusada de ter uma base científica muito frágil já que seu objeto se trata do próprio ser humano. Ou seja, está sempre sujeita a modificações, além de ser feita por outro ser humano, falível.

Pelo fato das ciências sociais tratarem de fenômenos complexos e dentro do mesmo universo de experiências humanas, passa a ser muito difícil separar as motivações isoladas e exclusivas, ou seja, não é possível realizar experimentos em laboratórios, controlando as condições. Além disso, em uma pesquisa sociológica, a neutralidade não existe assim como a objetividade é relativa (MARTINS, 2004). Importante ressaltar a impossibilidade de neutralidade mesmo em outros trabalhos científicos, nesse sentido cabe bem as palavras de

Antônio Joaquim Severino: “A escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político” (2007, p.215).

Neste sentido aparece em entrevista feita com uma das participantes das ocupações de 2015 um sentimento relacionado à Universidade e seus vínculos com os movimentos sociais e a sociedade de forma geral:

(...) porque existia sempre uma lacuna entre a escola e a Universidade, sendo que na verdade não deveria existir. Ambas são instituições públicas e a Universidade deveria estar exatamente preocupada com o modelo, com a estrutura e pensando maneiras diferentes para aquilo, para escola, para ensino fundamental, ensino médio, esse deveria ser o papel da Universidade, principalmente das Faculdades de História, Geografia, de Sociais, de tudo, sabe? E essa lacuna criada entre a Universidade e escola é um problema muito grande, que a gente deixa que coisas bizarras aconteçam, e como a gente deixa que uma instituição pública não seja ocupada por essas pessoas, sabe? Como criamos esse vazio? Como não estamos nesses espaços, com essas pessoas? Como não criamos coisas novas com essas pessoas? Parecem que são coisas diferentes, níveis superiores ‘nossa sou da universidade e não pertencem mais à escola’ quando exatamente você deveria se preocupar com a escola por estar na Universidade (ENTREVISTA 1, 2018).

Pode-se observar na fala da primeira entrevistada, uma recorrente crítica ao modelo universitário e sua dificuldade de se relacionar com o “mundo real”, com a criação de barreiras entre o que se estuda nas Universidades e a vida cotidiana, no caso: as escolas públicas do país. Vê-se, então, a importância que se teria a Universidade ao lado desses movimentos, mas não atuando da forma como tem feito:

A aproximação do pesquisador em relação a seu objeto de pesquisa atende, antes de tudo, à necessidade de ele se colocar ao lado de movimentos sociais, realizando pesquisas que lhe sejam úteis. Tal compromisso, entretanto, não significa que o pesquisador não tenha que zelar pelo caráter científico de sua produção intelectual (MARTINS, 2004, p. 298).

É comum para muitos que a palavra “pesquisa” seja diretamente associada a trabalhos densos e abstratos, totalmente especializados, feitos por cientistas especialistas sobre temas complexos e distantes do conhecimento do senso comum, que devem ser redigidos com linguagem inacessível às pessoas de fora da academia (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1984). Além disso, em consonância com a fala da primeira entrevistada (2018), existe uma noção de que pesquisa é uma coisa de intelectual, de universitários, e que nada tem de relação com a vida cotidiana, ou daqueles que estão fora do ambiente universitário (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1984). Neste sentido a pesquisa teria um ideal positivista, onde tudo pode ser capturado, controlado e medido pela ciência, deixando de lado os questionamentos mais profundos dos fenômenos sociais e seus dinamismos internos (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1984):

Uma ciência que se limita à previsão e elaboração de resultados utilizáveis se presta facilmente a todo tipo de manipulação por parte dos que controlam os centros de decisão e de poder. Sua tendência será sempre reduzir a

complexidade do real a uma visão simplista e superficial, bem como congelar o dinamismo social numa fotografia estática. A redução do complexo ao simples e do dinâmico ao estático são típicas do pensamento conservador: sob esta ótica, o que existe hoje é o único real possível. Se a sociedade é desigual, hierarquizada e autoritária, pouco importa (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1984, p.23).

Segundo os autores, é papel do pesquisador apreender a rede de relações sociais e os conflitos de interesses que constituem a sociedade. É preciso também captar os conflitos e as contradições, explorar brechas que podem abrir caminhos para rupturas e até mesmo mudanças: “Eis o itinerário a ser percorrido pelo pesquisador que se quer deixar educar pela experiência e pela situação vividas” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1984, p.25). Nesse sentido, Poupart (2012) afirma que os textos dos pesquisadores não podem ser tratados como traduções da realidade independente da forma, como o positivismo tenta fazer, assim, cada texto só podem ser versões parciais e parceladas de tais realidades.

Esse saber complexo, que não nega as contradições, que não quer mutilar o conhecimento e nem tem interesse em um saber único, estável, ou até mesmo como o “verdadeiro”, pode ser visto no pensamento complexo de Edgar Morin (2011) ou na defesa de um relativismo mais profundo trazido por Paul Feyerabend (2010). Considerar as complexidades dessas ações e inclusive suas contradições, será fundamental para um mapeamento de controvérsias (LATOUR, 2012) para este trabalho.

Este trabalho, dentro de suas limitações, traz alguns questionamentos à tradição da academia, ainda muito calcada nas premissas da racionalidade moderna, desde sua discussão teórica, mas também em seu campo prático, onde, em trabalho conjunto com alguns dos grupos participantes, será reconstruída uma memória do processo. Para isso é composto de uma parte teórica sobre movimentos sociais, observando a importância das teorias e algumas de suas limitações. Porém, foi trabalhado a noção do “Net-ativismo” como uma análise das redes desses novos movimentos sociais de forma mais ampla e complexa em que também se faz uma crítica à racionalidade moderna. Teóricos críticos do positivismo também serão utilizados tanto como base para a parte teórica como para a parte prática em que se terá como base conceitos teóricos da Pesquisa-Ação (BARBIER, 1985), Pesquisa-Participante (BRANDÃO; OLIVEIRA, OLIVEIRA; BORDA, 1984) e Interdisciplinaridade junto da noção de PPC (BAIRON; LAZANEO, 2012; RAMOS, 2016; LAZANEO, 2012) ao longo de todo processo com os participantes contatados.

Além disso, ao se ter como objetivo observar e analisar o movimento de lutas dos secundaristas no estado de São Paulo contra a tentativa de reestruturação no ano de 2015, e a

construção de suas redes, este trabalho tende a identificar os actantes deste processo a partir da complexificação (MORIN, 2011) desses acontecimentos e contradições entre atores e acontecimentos (LATOUR, 2012).

Nesse sentido, o trabalho se foca em um desenvolvimento teórico sobre movimentos sociais, com foco nos mais contemporâneos, mas com o objetivo de complexificar muitas dessas teorias, não para negá-las, mas visando evitar teorias essencialistas. Por isso a crítica vai para além das teorias dos movimentos sociais e passa por uma crítica à racionalidade moderna na forma do conhecimento e consequentemente em muitas das formas de análise da vida e seus acontecimentos.

Para além de uma revisão bibliográfica, a metodologia desta pesquisa tem como recursos um misto de análise qualitativa com análise de dados mais abrangentes usando como referência recursos da TAR de Bruno Latour (2012). Tal metodologia tem como seus principais objetivos: viajar sem pressa por pequenos atalhos e a pé, ou seja, observando com calma todos seus detalhes, dos mais simples aos mais complexos, não querendo ver a ordem de antemão, mas sim procurar uma ordem depois que os atores já tiverem desdobrado todas suas controvérsias (LATOUR, 2012).

Observar com calma e com muito cuidado, não evitando as contradições, mas as observando e as descrevendo, pode trazer resultados mais lentos, mas também mais complexos e organizados. Ou seja, não simplificando as relações, mas procurando seus problemas, os deixando menos certos, mas também mais completos (MORIN, 2011).

Foi utilizado alguns dos instrumentos da TAR para análise e identificação de actantes, sabendo das limitações dessa técnica em um trabalho que possui limitação temporal e entendendo que o tema do trabalho é baseado em uma ação que já aconteceu, por isso se analisa somente a memória de participantes, documentos, páginas virtuais e históricos jornalísticos daquele período. Porém, assim se pode montar o mapeamento de controvérsias com as informações identificadas e ter uma noção de actantes fundamentais.

Neste sentido esse trabalho possui alguns passos, que não necessariamente são feitos em ordem, mas concomitantemente, coletando as informações disponíveis, através de fontes distintas, e montando um dos mapas de controvérsias desse movimento, que não se pretende completo e nem final, visto a impossibilidade de identificar todas as relações de um movimento tão amplo e descentralizado (especialmente no prazo de um mestrado).

Tal mapeamento de controvérsias (LATOUR, 2012) pode se relacionar com o que Pierre Lévy (2003) chama de “cinemapas”, que se trata de um mapa construído por um intelectual

coletivo que se entrega nas navegações dentro de um universo informacional móvel, e assim essa interação vai construindo esse “cinemapa”. Segundo o autor:

No cinemapa, o universo informacional (ou de banco de dados) não é estruturado *a priori*, seguindo uma organização transcendente, como o Território. (...) O cinemapa desenvolve o espaço qualitativamente diferenciado dos atributos de todos os objetos do universo informacional. A organização topológica deste espaço exprime a variedade de relações que os objetos ou atores do universo informacional mantêm uns com os outros” (LÉVY, 2003, p. 163-164).

O cinemapa, segundo Pierre Lévy (2003), é um mosaico móvel que está sempre em permanente recomposição, podendo ser transformado a qualquer momento por diversos outros atores, por isso faz parte do que ele chama de inteligência coletiva. Juntando características do “cinemapa” de Lévy (2003) com o mapa das controvérsias dentro da TAR de Bruno Latour (2012), será feito um mapa de interações de tais actantes, demonstrando a complexidade dessas relações e redes e extraíndo daí alguns dos actantes fundamentais e possíveis análises, tendo como intenção deixá-lo aberto para potenciais transformações ao longo do tempo posterior a este trabalho.

A partir de leituras prévias, análise de documentos e conversas com participantes, uma das partes fundamentais do trabalho foi o de procurar as principais páginas nas redes sociais de importância para tal movimento. Visto que foi no *Facebook*, observou-se duas das páginas mais citadas e com o maior número de curtidas nesta plataforma. A página “O Mal Educado” foi uma das analisadas, por ter sido fundamental especialmente por dois motivos: para o início das ocupações e, antes mesmo desse movimento, com a divulgação da tradução de um manual de como ocupar uma escola feita por estudantes do Chile e Argentina. Além disso, observou-se a página “Não Fechem Minha Escola” produzida durante o período de luta e que acabou sendo a página com maior engajamento nas redes sociais tratando do assunto.

Com o uso do software *Facepager* foram extraídas todas as postagens dos dias 9 de novembro até 10 de dezembro (data da primeira ocupação de escola na E.E. Diadema até o dia em que o Governo voltou atrás de sua tentativa de reorganização e as escolas foram sendo desocupadas). Observando o total de 502 postagens na “O Mal Educado” e de 559 na “Não Fechem Minha Escola”. Foi feita uma descrição detalhada de todas essas postagens, já observando as contradições e complexidades da luta e identificando actantes. Assim, foi feita a análise de conteúdo de tais informações, onde se baseia em uma metodologia de tratamento e análise de informações a partir dos diferentes discursos com linguagens diversas, tendo como objetivo compreender de forma crítica o sentido manifesto ou oculto das comunicações avaliadas (SEVERINO, 2007).

No fim desta etapa descritiva são apresentados dados sobre os recursos utilizados em cada uma das postagens, o número de interações, os links citados e os actantes identificados. Foram feitos mapeamentos individualizados de cada uma das páginas a partir do software de mapeamento *Gephi* e *Iramuteq*, mas que depois deve se juntar com o restante do material coletado (imprensa e entrevistas) para um mapeamento final. Além da análise das páginas de *Facebook* identificadas, também foram observados, dentro do mesmo período, o histórico de notícias de grandes veículos de mídia da época (Folha de São Paulo e Estado de São Paulo) e feitas as análises de suas reportagens, inclusive anotando os actantes nelas mencionados.

Como Latour (2012) coloca em relação à TAR: “A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las” (LATOUR, 2012, p. 44). Portanto, parte fundamental dessa análise esteve nas entrevistas com os participantes diretos dessas ações. Para que se possa ter uma relação mais direta e intensa dessas personagens, tais entrevistas foram realizadas a partir de alguns cuidados evidenciados pela Pesquisa-Participante, Pesquisa-Ação e Pesquisa Partilhada do Conhecimento. Foram realizados ao menos dois encontros com cada um dos entrevistados, para se ter uma maior aproximação, sendo o primeiro encontro uma conversa mais aberta e sem ferramenta de gravação, também assim se colocando aberto a possíveis projetos futuros em conjunto com os participantes dessa luta.

A partir da memória de alguns desses participantes, teve-se a ideia de partir de estudantes que se identificavam mais pelo campo autônomo politicamente e outros envolvidos com partidos políticos (duas das formas de atuação mais gerais observadas ao longo desse período). Assim se apresentaram duas vertentes e a partir de cada uma delas, foi se identificando outras referências, utilizando o método bola de neve, para alcançar um total de 10 pessoas entrevistadas. O segundo encontro era voltado para uma entrevista semi-estruturada, com mecanismos de gravação - de voz ou vídeo, de acordo com a autorização da pessoa entrevistada. Depois disso foram realizadas as transcrições de tais entrevistas e a análise e mapeamento de controvérsias de cada uma delas, focando nos actantes que emergiram na conversa com tais participantes.

Sabe-se que a entrevista do tipo qualitativo sempre sofre de certa ambiguidade, como coloca Jean Poupart (2012), pois de um lado ela é porta de acesso às realidades sociais, mas de outro essas mesmas realidades não se deixam facilmente apreender e serem transmitidas dentro do jogo de questões que a entrevista faz, trazendo ao jogo a necessidade de complexidade das

interpretações (POUPART, 2012). Com a realização de mais de um encontro, sendo o primeiro não estruturado ou registrado, e depois se colocando disponível para outras atividades conjuntas, tentou-se diminuir as dificuldades de acesso a tais informações.

Segundo Poupart (2012) existem pelo menos três tipos de argumentos para o uso de entrevista qualitativa: o primeiro diz respeito à possibilidade de se explorar com profundidade a perspectiva dos atores sociais, sendo essencial para uma compreensão mais próxima das condutas sociais; o segundo, de ordem ética e política, abre a possibilidade para conhecer e compreender dilemas e questões que são enfrentadas por tais atores sociais; enquanto o terceiro é mais um argumento metodológico, ou seja, observando tais entrevistas como “ferramentas de informação” para elucidar as realidades sociais, sendo principalmente um instrumento privilegiado de acesso às experiências dos atores (POUPART, 2012). Outro aspecto fundamental é que: “o recurso à entrevista em profundidade comportaria, contudo, a vantagem de permitir não apenas evidenciar o que essas pessoas vivenciam no cotidiano, mas igualmente dar-lhes a palavra e compensar, como já o sugeria Becher em 1967, sua ausência ou sua falta de poder na sociedade” (POUPART, 2012, p.220). Para tanto, é fundamental ter em conta não apenas na análise das entrevistas, mas, no trabalho como um todo, entender que os textos dos pesquisadores não podem ser tratados como traduções da realidade independentemente da forma, como o positivismo busca fazer, mas considerar que tais textos são parciais e particulares de tal realidade (POUPART, 2012), o autor complementa com o pensamento de Denzin (1994) que considera não poder existir, se não, múltiplas versões da realidade.

A construção do mapeamento de controvérsias foi feita não buscando abandonar a ordem, rigor ou padrão, mas sim posicioná-los (LATOUR, 2012). Assim, Latour (2012) afirma que a importância da abstração anterior se torna semelhante à ação de um cartógrafo, ou seja, de rastrear relações mais sólidas a partir de referências instáveis e mutáveis. Nesse sentido, o pesquisador se porta como um intelectual coletivo, aquele que "(...) entrega-se a navegações em um universo informacional móvel" (LÉVY, 2003, p.163).

Em outro momento da conversa na primeira entrevista, sobre a relação das Universidades com os movimentos sociais, ela pontua:

E eu sempre falo ‘ué, vocês estão aqui fazendo palestra, fazendo seminário [na Universidade] ... mas nunca vi vocês na quebrada, nas salas de aula, nunca vi vocês tentando fazer um projeto com os professores de história, nunca vi’. Então vocês sentam a bunda 10 horas pra estudar um texto, mas não ficam duas fazendo uma conferência, um projeto, uma conversa com o cara da quebrada, tá ligado? (ENTREVISTA 1, 2018).

Essa colocação serve como importante ponto de partida para que essa pesquisa não seja mais uma a utilizar da luta social de um grupo específico para chegar em conclusões necessárias para a minha pesquisa pessoal, e que não tenha nenhuma participação real do grupo do qual tenho interesse em pesquisar. Pode se somar a isso a visão crítica da oitava entrevistada (2020), também participante das ocupações de 2015, que em entrevista afirmou que acredita que a Universidade tenha importância na luta desses movimentos sociais, mas que precisa ir além dos vários pedidos de entrevistas que fazem para reviver todo aquele momento delicado e depois voltarem para as pesquisas de forma isolada, sem ajudarem em nada concretamente.

Como parte fundamental para o andamento do trabalho, portanto, teve-se a produção coletiva com um dos grupos a ser pesquisados - com maior participação das pessoas que fazem parte do “Cursinho Livre Claudia Silva Ferreira” no bairro Jd. João XXIII na Zona Oeste de São Paulo e também do “Coletivo da Quebrada”. Tal produção coletiva tem como base teórica algumas das perspectivas da Pesquisa Participante, Pesquisa-Ação, passando por trabalhos da psicologia comunitária, mas principalmente a Produção Partilhada do Conhecimento.

Tal etapa da pesquisa se baseia em uma necessidade de que os pesquisadores e pesquisados sejam sujeitos de um trabalho em comum (BRANDÃO, 1984). Trazendo, desta forma, a produção de conhecimento que discuta e interroge a oficialidade do discurso sociológico dominante (BARBIER, 1985). Segundo a perspectiva da PPC, as regras instituídas - de onde o discurso oficial faz parte - impossibilitam o acesso à diversidade dos discursos daqueles que não correspondem aos requisitos estabelecidos (RAMOS, 2016).

Michel Thiollent (1986) faz uma diferenciação entre a chamada Pesquisa-Participante e a Pesquisa-Ação considerando que esta vai além da participante pois supõe uma ação planejada de caráter social, educacional, técnica ou outra, que não necessariamente seria o objetivo da Pesquisa-Participante. Thiollent (1986) coloca que de fato a Pesquisa-Ação é também de tipo participativo, mas a Pesquisa-Participante em sua concepção é baseada em uma metodologia de observação participante. Nesta, os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com as pessoas do grupo a ser pesquisado com um intuito de serem mais bem aceitos, não tendo necessariamente uma ação como produção conjunta a partir de um problema identificado.

Thiollent (1986) reconhece que tanto a Pesquisa-Participante quanto a Pesquisa-Ação buscam como objetivo geral alternativas ao padrão de pesquisa convencional. Nesse sentido enxergo que a Produção Partilhada do Conhecimento possui um pouco da Pesquisa Participante, pois de fato uma produção partilhada precisa ser feita de forma participativa e bem aceita pelo grupo, e também um pouco da Pesquisa-Ação, pois estão focados em uma ação em conjunto,

de forma partilhada. A diferença reside no fato de a ação ser uma produção de um conhecimento partilhado, que consiga ir além do saber científico limitado, e que seja benéfica tanto para o pesquisador da academia, quanto para o grupo em si.

Nessa perspectiva a Produção Partilhada do Conhecimento traz uma forte crítica aos discursos únicos e vê como necessário um pensamento complexo (MORIN, 2011), diverso, e que se multiplique como produção científica somado à diversidade de saberes que podem existir, próximo ao que Boaventura de Sousa Santos (2015) chama de “ecologia dos saberes”. Essa é uma forma reticular de produção de conhecimento que questiona as estruturas rígidas e formais da produção do conhecimento científico que elegem as narrativas acadêmicas como a protagonista, e praticamente única forma de saber (BAIRON; LAZANEO, 2012).

Portanto, depois de mais de um ano participando de reuniões e formações feitas pelos idealizadores do “Cursinho Livre Claudia Silva Ferreira”, passei também a dar aulas de história, começando um importante processo de troca de conhecimento. Assim como também participei como colaborador do “Coletivo da Quebrada” onde por demandas do próprio grupo ajudei em algumas questões principalmente no campo das entrevistas para o documentário realizado por eles. Nesse sentido, fazendo as atividades do grupo e trocando saberes, como coloca Marta Simões Peres (2016), e também tendo maior aceitação e acolhimento pelo grupo, como bem coloca Caio Lazaneo (2012). O aprendizado sobre uma educação sem hierarquias, num coletivo sem líderes e organizado em comissões compostas de estudantes e professores - experiências que estes tiveram com grande intensidade ao longo das ocupações de escolas em 2015 - já tem ensinado muito como forma de uma outra pedagogia ao pesquisador que aqui escreve.

A PPC foi sendo estruturada tanto para que se pudesse conhecer com maior qualidade as redes que faziam parte das ocupações a partir deste grupo em específico e também para a produção em conjunto de algo que possa ser de proveito para o grupo em questão. Mas o tema da PPC não foi necessariamente sobre o uso das redes (como é o tema da pesquisa) nas ocupações, pois, primeiro: não poderia impor o tema da minha parte para a base da produção, já que essa é participativa e partilhada, e também por ir contra a base metodológica da TAR (LATOUR, 2012) de observar se a questão das redes e TICs aparecem nas conversas de forma espontânea, para poder saber se são de fato actantes fundamentais ou não para a luta.

CAPÍTULO 1 “SEM CAOS NÃO HÁ MUDANÇAS”³ - CRÍTICAS E ANÁLISES PARA COMPREENSÃO DOS MOVIMENTOS CONTEMPORÂNEOS E AS REDES COMO ARMAS DE LUTA.

1.1. “SEMPRE QUIS MUDAR O MUNDO COMO ELE É POSTO”⁴ - MOVIMENTOS SOCIAIS E DIFERENTES PERSPECTIVAS: DOS CLÁSSICOS AOS NOVÍSSIMOS MOVIMENTOS SOCIAIS

“Você muda uma relação estrutural de autoritarismo dentro da sala de aula, e de sucateamento da educação, no sentido de colocar o aluno como sujeito. Como o maquinista de sua própria história. A partir disso ele tem consciência dele como sujeito, como ser, apesar de ser uma visão burguesa, uma questão de sujeito de direito, mas mais que um sujeito de direito, um sujeito que as suas ações revelam resultados no mundo. O que eu faço gera algo. Acho que uma visão um pouco desse tipo, uma visão coletiva. Então foi sem dúvida essencial para quem participou assim. Eu mesmo sofri naquele período, foi difícil, muitas vezes angustiante, cansativo, mas hoje sem dúvida foi uma lição esplêndida.”

ENTREVISTA 6 – Estudante que participou das ocupações (2020)

Indignação, sentimento intenso e perceptível em grande parte dos alunos secundaristas que seriam afetados pela ação vinda de cima para baixo por parte do governo do estado de São Paulo com a política de “reestruturação escolar” imposta no ano de 2015 a diversas escolas de ensino médio de todo o estado. A proporção de tal ação, que aconteceria em pouco tempo e afetaria a vida daquelas pessoas de forma intensa, seria enorme: resultaria no fechamento de mais de 90 escolas e traria mudanças que afetariam mais de 1 milhão de estudantes, direta e indiretamente. No entanto, não se esperava que daquela ação surgiria uma reação à altura, esta, derivada da necessidade de mudança daquela realidade posta. A necessidade de lutar por uma outra realidade.

De forma geral os movimentos sociais surgem buscando mudanças em relação à realidade posta. Podem ser mudanças das mais diversas, mas desde as primeiras manifestações

³ Frase retirada de um cartaz em uma das ocupações das escolas em 2015 no Estado de São Paulo.

⁴ Frase retirada de entrevista com estudante secundarista ENTREVISTA 1 (2018)

essa vontade geral se colocou como o pontapé inicial para sua organização. Pode-se observar tal constatação em questões bastante contemporâneas como foi dito pela estudante secundarista que participou das ocupações de 2015 em São Paulo:

Sou uma menina muito preocupada com as questões do mundo, sempre quis mudar o mundo como ele é posto, desde criança tenho várias perguntas sobre o mundo, como as coisas são e o porquê de elas serem assim, e desde criança trago isso comigo. Sempre vi o mundo como uma forma que pode ser modificado, sempre achei que as coisas poderiam mudar para melhor, que as pessoas poderiam ser mais bem representadas de alguma forma. E a partir desse olhar crítico do mundo, desde criança, eu comecei a entrar em vários projetos, várias situações, várias manifestações, várias organizações que de alguma maneira interferissem no mundo como ele é, e de alguma maneira modificá-lo, ou que trouxesse essa proposta de mudança do mundo (ENTREVISTA 1, 2018).

Além do sentimento da necessidade de mudança, existem outros motivos para o surgimento de tais movimentos, inclusive no tratamento teórico. Como coloca Maria da Glória Gohn (2014a) a preocupação sobre teorização de movimentos sociais ocorre pelo fato de, por um lado, estes ganharem visibilidade na sociedade na qualidade de fenômenos históricos concretos. Mas, por outro lado: “(...) o desenvolvimento das teorias sobre o social colocou as ações coletivas num outro patamar, num universo mais amplo, reconstruindo e construindo novas teorias sobre a sociedade civil” (GOHN, 2014a, p. 11). De forma geral, pode se colocar que:

O termo movimentos sociais diz respeito aos processos não institucionalizados e aos grupos que os desencadeiam, às lutas políticas, às organizações e discursos dos líderes e seguidores que se formaram com a finalidade de mudar, de modo frequentemente radical, a distribuição vigente das recompensas e sanções sociais, as formas de interação individual e os grandes ideais culturais. (ALEXANDER, 1998, p. 1).

Ao falarmos sobre questões políticas e movimentos da sociedade civil mais atuais no país, mais precisamente o movimento secundarista de ocupações das escolas no estado de São Paulo a partir do ano de 2015, vê-se como imprescindível realizar uma retrospectiva sobre as diferentes perspectivas teóricas sobre movimentos sociais. Desta forma, pode-se perceber as mudanças ao longo dos anos, além de importantes considerações que ainda percorrem os diferentes movimentos mais contemporâneos, não os observando de forma estanques ou objetivas, mas os considerando como complexos e em perspectiva histórica possíveis de serem tratados dentro das diferentes noções que também se transformam e se complexificam.

Além disso, é importante explicitar a crítica às perspectivas mais clássicas e seus debates, passando pela noção de Novos Movimentos Sociais – a partir da década de 1960, com um foco mais culturalista – indo para mudanças importantes ao longo do fim da década de 1980, passando os anos 1990 e início dos anos 2000 – com a entrada da Globalização e novas tecnologias no jogo – até às perspectivas mais recentes, chamadas por alguns de Novíssimos Movimentos Sociais (GOHN, 2017), que abarcam movimentos mais contemporâneos críticos à política tradicional e altamente inseridos nas tecnologias digitais, com uso intenso das redes sociais .

É possível, inclusive, observar o movimento secundarista mais recente nessa perspectiva. Mas, mesmo na perspectiva dos Novíssimos Movimentos Sociais, pode se perceber que as redes e o uso das novas tecnologias são analisados de forma mais instrumentalizadas, não dando um foco na complexidade de tais redes e tecnologias no cerne desses movimentos contemporâneos. Nesse sentido será analisado, no capítulo posterior a esse, a perspectiva Net-ativista como uma possibilidade de análise desses movimentos em uma noção mais complexa, reticular e ampla.

1.1.1 A PERSPECTIVA CLÁSSICA DE MOVIMENTOS SOCIAIS

A perspectiva clássica ocidental de movimentos sociais vem desde uma noção revolucionária (ALEXANDER, 1998), tendo como referência Karl Marx no século XIX e sua visão de classes sociais a partir da necessidade da classe proletária se organizar para, a partir de uma Revolução, tomar o poder da classe detentora do capital. Movimentos Sociais nesse período eram relacionados diretamente àqueles de mobilizações de massa com intuito de se apossar do Estado (ALEXANDER, 1998). Segundo Alexander (1998), dentro dessa perspectiva o objetivo dos revolucionários se dava em substituir uma forma de opressão por uma outra forma de poder, mesmo que utilizando meios semelhantes. De forma geral, o modelo clássico de interpretação dos movimentos sociais:

(...) é fortemente impregnado de materialismo ontológico e realismo epistemológico, ênfases derivadas da noção de senso comum das raízes práticas da mudança radical que se desenvolveu nos últimos três séculos, e de uma especial inflexão conferida a esse empirismo filosófico pela emergência da sociedade industrial. Os intelectuais responsáveis pela organização e pelo conteúdo ideológico dos movimentos revolucionários geralmente os concebiam de maneira instrumental, isto é, como o meio mais eficiente para alcançar a distribuição radical dos bens. Aceitavam como uma inevitabilidade histórica o fato de que essas lutas dependiam da coerção e da violência. (ALEXANDER, 1998, p.1).

Segundo Alexander (1998), pode-se observar dentro dessa perspectiva tanto a Revolução Francesa (1789) quanto a Revolução Russa (1917), onde os dirigentes recorreram a todos meios possíveis para impedir que inimigos tomassem o poder. O próprio Alain Touraine, segundo Alexander (1998), afirmou que tais movimentos se centravam no controle do poder a partir de imagens simbólicas voltadas para a violência, como por exemplo a ocupação da Bastilha (Revolução Francesa) ou a tomada do Palácio de Inverno (Revolução Russa). Além disso, Touraine (apud ALEXANDER, 1998) coloca que tais manifestações de massa eram frequentemente dissolvidas de forma violenta pela polícia, além de existirem ocupações de fábricas e greves gerais (nesse sentido não se distancia muito de movimentos mais contemporâneos como os que aconteceram no início de Junho de 2013 ou até mesmo as ocupações das escolas em 2015, ou seja, em ambos os casos de violência policial ainda se encontram de forma bastante intensa e as ocupações são instrumentos fortemente presentes). Segundo Alexander (1998) os líderes revolucionários concebiam os movimentos sociais como meios instrumentais que dependiam de coerção e força.

É a partir dos estudos revolucionários de Marx no século XIX que se começa a trabalhar a questão das insurgências e de movimentos sociais – proletários – na sociedade em busca de soluções sociais, a partir da Revolução:

Karl Marx, o primeiro e mais importante ideólogo de um movimento revolucionário do século XIX, contribuiu mais do que qualquer outro contemporâneo para firmar o prestígio do modelo clássico ao elaborar uma narrativa meta-histórica que deu ênfase aos interesses econômicos e materiais e colocou em segundo plano a reflexão moral e a solidariedade, como questões a ser consideradas em um momento histórico posterior. Pode-se demonstrar que, em vez de a realidade social ter sido o fator determinante do desprezo da subjetividade dos movimentos sociais, o quadro de referências materialista nasceu de alterações no modelo teórico aplicado pelo próprio Marx (ALEXANDER, 1998, p.2).

Só depois de absorver totalmente a lógica teórica da economia política que a visão revolucionária de Marx mudou: começou a desenvolver uma teoria dos movimentos sociais revolucionários que excluía aspectos imaginários e normativos, adotando assim a postura do positivismo científico (ALEXANDER, 1998).

Partindo de Marx e outros pensadores referenciados, e passando por algumas perspectivas mais conservadoras sobre a multidão como problema, pode ser observado em estudos de Gustave Le Bon, do início do século XX, uma visão sobre a ação das multidões

como algo destruidor, nunca como possibilidade de criação (LE BON, s/d). Isso se dá porque na multidão só poderia existir ignorância, já que são muito aptas para a ação e pouco aptas ao raciocínio (LE BON, s/d). Pode-se também observar a mesma questão em Scipio Sighele (1954) que trata da “multidão criminosa” e até mesmo em Freud, que diz que o indivíduo se modifica psicologicamente quando em coletivo (FREUD, 2013). Estudos específicos sobre movimentos sociais, no entanto, só surgiram um pouco mais tarde.

Da abordagem clássica dos movimentos sociais que se originam grande parte das mais influentes teorias das ciências sociais sobre movimentos revolucionários. Teóricos mais contemporâneos de certa forma “secularizaram” o modelo clássico, desconsiderando a base revolucionária, mas conservando a teoria explicativa firmemente racional, distributiva e materialista, com inspiração em Marx, Weber e outros. Tais teóricos adotaram a teoria do conflito influenciados pela teoria da escolha racional, individual e coletiva (ALEXANDER, 1998).

Segundo Alexander (1998) a hegemonia da secularização dessas teorias evidenciou-se a partir do momento em que se começou a introduzir uma abordagem mais cultural, buscando oferecer, a princípio, uma alternativa às perspectivas de escolhas racionais. De forma contrária, acabaram por excluir todos os aspectos simbólicos ou utópicos, dando grande ênfase aos aspectos práticos. Nos EUA crescia muito o pragmatismo na análise desses movimentos sociais, sendo o behaviorismo a maior expressão disso.

Um dos pesquisadores que especificamente tratou dessa temática, e de forma secularizada, segundo Alexander (1998), foi Charles Tilly, que via a violência como recurso político eficaz para defesa de interesses, sendo este mais ou menos rotineiro uma vez que é um recurso vantajoso quando observado em uma perspectiva de análise de custos e resultados. Assim, já que a violência é tão rotineira e racional, ele só pode concluir que "a repressão funciona". Segue-se logicamente que "a imposição de penalidades violentas dano ou confisco de pessoas ou objetos à ação coletiva diminui sua frequência e intensidade" (TILLY, 1975, apud ALEXANDER, 1998, p.4). Percebe-se, nessa visão de início de seus estudos na temática, uma tentativa de maior racionalidade nos estudos sobre movimentos sociais, tendo inclusive grande influência da área de administração, especificamente administração de empresas quando trata os representados dos movimentos sociais como “clientela”.

Segundo Maria da Glória Gohn (2014a), a maioria dos autores que estudam os movimentos sociais os colocam, de forma teórica, como uma teoria da ação social, caso de: Smelser, Tilly e Touraine, por exemplo. No século XX:

(...) o grande ponto de destaque nos estudos clássicos norte-americanos sobre as ações coletivas foi a ênfase na abordagem sociopsicológica, também chamada de teoria da privação relativa. Herdada da escola de Chicago, ela formou uma tradição ao explicar o comportamento coletivo das massas por meio da análise das reações dos indivíduos, enquanto seres humanos com certas características biológicas e cultura, às privações a que estavam submetidos (GOHN, 2014a, p.23)

Na perspectiva de tais autores, tentava-se observar de forma mais objetiva a organização, funções e objetivos de tais movimentos. Por isso, alguns tratavam da questão de mobilização de recursos (McCarthy-Zald), outros os analisavam como instituições organizadas (Tilly) – por vezes nos próprios moldes de organização empresarial-, e alguns de forma bastante pragmática. Tais autores foram muito fortes nos estudos estadunidenses sobre movimentos sociais e tiveram grande importância até pelo menos boa parte dos anos 1970, tendo alguns desses debates até anos mais à frente.

Especificamente em relação à América Latina Alain Touraine (1989) explica que historicamente os donos das terras da região quase não foram incomodados pelos representantes da lei, que quase sempre mais os defenderam de quem tentasse os incomodar, utilizando inclusive de grande violência para tal. Assim, no contexto latino-americano: “A violência está em toda parte onde o poder é local, onde o poder central não penetra e onde as regras gerais do direito não se aplicam” (TOURAINÉ, 1989, p. 169).

A violência que cerca as sociedades latino-americanas é bastante difusa, não se separa o conflito político de motins de rua. Assim, visando controlar as populações tidas como marginais - ideia próxima às de Le Bon (s/d) e de Sighele (1954) -, muitos regimes o faziam de forma bastante repressiva e agressiva (TOURAINÉ, 1989). Os protestos que surgiam nesse período eram também violentos, como uma resposta radical a forma também violenta como a sociedade se estruturava: “Por seu lado, o protesto popular, que não dispõe de nenhum canal institucional de expressão, transforma-se em violência urbana: são erguidas barricadas de pneus que se incendiam, pedras são atiradas contra a polícia, de uniforme ou à paisana” (TOURAINÉ, 1989, p. 173). A vida política e social, então, mostrava grande contraste entre

um excesso de “civildade” e uma forte marginalização que resultava em violência (TOURAINÉ, 1989).

Especificamente sobre o movimento juvenil da América Latina, Enzo Falleto (1986) afirma que estes se iniciaram quase concomitantemente em todos os países da região, nos anos 1920 num momento de fim de oligarquias. Ganharam grande relevância, de fato, a partir da década de 1960, com o fim do chamado ciclo populista. No período anterior, a Reforma de Córdoba - reforma esta focada no Ensino Superior e de forte influência argentina- foi a chave para o surgimento de uma ideologia juvenil. Antes disso existiram importantes movimentos juvenis militarizados, como foi o caso da Revolução Tenentista⁵ no Brasil em 1924.

Segundo Falleto (1986) de forma geral, tais movimentos lutaram contra as oligarquias, tendo os jovens interesse em uma perspectiva liberal. No entanto, a experiência da Primeira Guerra Mundial acabou atingindo os valores desse liberalismo europeu, já que o exemplo que se tinha de civilidade europeia acabou resultando na violência extrema de uma Guerra Mundial. Outras influências foram dos movimentos operários, com destaque para o pensamento anarquista (FALLETO, 1986).

Falleto (1986) coloca que com a Reforma de Córdoba e o liberalismo europeu sendo atacado, começava um novo período de pensamento na América Latina, pensando numa forma mais original da região. Nesse sentido, dois eixos foram significativos: a “Consciência Americana” se deu em exílio; e a tomada de consciência se deu através da literatura (FALLETO, 1986). A partir disso a ideologia latinomericana teria vários desenvolvimentos. Alguns irão buscar pela autenticidade e identidade, enquanto outros pela construção de uma ideologia anti-imperialista das juventudes. Nessa perspectiva, o povo vai se formando contra as oligarquias. Junto disso várias condições éticas se desenvolvem: solidariedade e honestidade, por exemplo, permitindo refundar a nação frente a corrupção oligárquica (FALLETO, 1986). É nessa perspectiva que surge a ideia de justiça e socialismo como fundamentais em muitos dos movimentos de juventude da América Latina.

Segundo Falleto (1986) a crise econômica de 1929 (iniciada com a quebra da Bolsa em Nova Iorque) foi muito importante, principalmente por fundamentar uma crítica ao modelo liberal. Nesse período os estudantes foram sendo identificados como a “*intelligentsia*

⁵ Jovens militares das classes menos privilegiadas se organizaram contra o governo da República Oligárquica do Brasil.

revolucionária” que iria mobilizar o povo. Assim, foram percebendo o papel de promotores do processo de transformação e desenvolvimento, além de portadores da nova ciência e técnica (FALLETO, 1986).

De forma geral, trazendo à tona a ideia de que tais perspectivas teóricas não cessam por completo e que é possível encontrar movimentos com características de tais movimentos clássicos, Maria da Glória Gohn (2017) identifica que hoje podemos encontrar estas características nos sindicatos, nos movimentos dos sem-terra, nos movimentos estudantis (as agremiações mais tradicionais, como grande parte dos diretórios centrais e uniões de estudantes), movimentos populares e comunitários de bairros, movimentos por moradia, etc.

Segundo Angela Alonso (2009), entre os anos 1930-60 muitos autores começaram a jogar baldes de água fria sobre a questão da revolução em mobilizações sociais – autores distintos como Riesman e Adorno viam uma desmobilização política generalizada. A explicação estaria na cultura, estrutura de personalidade e sociedade além do individualismo exacerbado com cada vez mais personalidades narcisistas de costas para a política. O caráter cômodo sobre a dominação do capitalismo tardio (sociedade de massas) ganhava cada vez mais força, e as explicações versavam sobre questões psicossociais, emoções coletivas e avanço de regimes totalitários (ALONSO, 2009).

1.1.2 A PERSPECTIVA CULTURALISTA: OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

A partir da década de 1960 o mundo passa por grandes movimentações e muitas transformações sociais, culturais e políticas; grandes revoluções culturais e comportamentais nos hábitos de uma geração que clamava por um novo modo de vida (GOHN, 2014b). A recente Revolução Cubana (1959) demonstrava a possibilidade de um socialismo a partir de um movimento revolucionário de bases latino-americanas; a contracultura nos EUA ganhava centralidade – questões culturais, sexuais e do uso livre de drogas – e protestos contra a Guerra do Vietnã, além de movimentos civis se mostraram de grande importância.

Na América Latina se iniciava um período autoritário, com ditaduras militares em diversos países (Argentina, Brasil, Uruguai, etc.). Na Europa ocorriam os protestos de maio de 1968, com frases, cartazes, uso de muros para divulgar tais mensagens, além da televisão como importante fator para divulgação dos fatos impactantes pelo mundo (GOHN, 2014a). Maria da

Glória Gohn (2014a) coloca que os jovens nesse período criaram muitas utopias e buscavam se engajar politicamente de uma forma diferente, nova.

As teorias também passaram a se desenvolver para além das classes sociais, em um momento em que começava a surgir os movimentos ditos “identitários” ou “pós-materialistas” (BACHINI; CENEVIVA, 2017). A tese de desmobilização foi colocada em questão com as mudanças na década de 1960. Tanto na Europa quanto nos EUA surgiram mobilizações novas, sem bases na tradicional divisão de classes, mas com foco em etnia, gênero e estilos de vida - como o movimento hippie principalmente nos EUA. Além disso, estes movimentos não viam necessidade de uma revolução política no sentido de uma tomada de poder, e não eram movimentos individualizados, mas sim com bases solidárias e ordeiras, envolvendo milhares de pessoas (ALONSO, 2009). Segundo Alonso (2009), foram movimentos que não cabiam nem no marxismo e nem no funcionalismo.

Nesse período, inclusive, já se viam as lutas pelo direito à cidade, sendo esta ainda muito intensa na contemporaneidade, como por exemplo a explosão das revoltas de junho de 2013 no Brasil a partir da pauta por questões urbanas feita pelo Movimento Passe Livre (MPL). Foi no ano de 1967 que Henri Lefebvre, na França, lançou seu livro “O direito à cidade” que viraria pauta de muitos dos movimentos de maio de 1968. Tal direito, trazido por Lefebvre, segundo David Harvey (2014), era uma queixa, mas também uma exigência:

A exigência era, na verdade, uma ordem para encarar a crise nos olhos e criar uma vida urbana alternativa que fosse menos alienada, mais significativa e divertida, porém, como sempre em Lefebvre, conflitante e dialética, aberta ao futuro, aos embates (tanto temíveis como prazerosos), e à eterna busca de uma novidade incognoscível (HARVEY, 2014, p.11).

As lutas urbanas também vão crescendo nesse período, trazendo para as ruas não somente operários fabris, mas também uma classe trabalhadora urbana, com estudantes e diversos outros grupos, colocava Lefebvre (apud HARVEY, 2014). Tais grupos começaram a se auto organizar de um modo a constituir, de fato, uma força revolucionária (HARVEY, 2014).

Maio de 1968 teve forte influência dos estudantes que queriam uma mudança radical da vida (GOHN, 2014b), e para Touraine o movimento não foi uma recusa à sociedade industrial e sua cultura, mas uma revelação clara de suas contradições e a implosão de diversos novos conflitos (apud GOHN, 2014b):

O maio francês, pelo seu conteúdo libertário, tornou-se o mais emblemático símbolo das lutas de 1968, que eclodiram em outras partes do globo, como a dos negros nos Estados Unidos, as opressões políticas nos regimes militares da América Latina ou, no Leste europeu, a Primavera de Praga (GOHN, 2014b, p.84).

Começava-se, nesse período, a se considerar outras questões para além das classes sociais, dando um foco maior nas perspectivas culturalistas, inclusive nos estudos sobre movimentos sociais. Importante nome nesse período foi Alain Touraine que deu foco às questões dos chamados “Novos Movimentos Sociais”. Alain Touraine, segundo Alexander (1998), foi o primeiro a problematizar a concepção de “movimento clássico”, criando assim um modelo historicista de mudança social para os novos movimentos sociais. Desta forma:

(...) caracterizou sua visão mais subjetiva e centrada no ator dos movimentos sociais como sendo motivada por mudanças empíricas nos objetos de análise, em vez de por alterações teóricas na própria análise. Embora ele se refira pejorativamente ao "modelo revolucionário", afirma que foi o "declínio" histórico da revolução como modalidade de prática, não as deficiências do modelo revolucionário como teoria, que levou os pensadores contemporâneos a conceder "o papel central aos movimentos sociais e não aos arranjos institucionais" (Touraine, 1985, p. 281). Touraine critica o modelo clássico por sua miopia em relação às instituições (p.10).

Na perspectiva de Touraine, vê-se que os novos movimentos sociais estão bem distantes do modelo revolucionário e é a partir daí que o autor formula a “teoria da ação” (ALEXANDER, 1998).

Depois dos anos 1960 aparecia esse novo padrão de sociedade, que Touraine chama de “sociedade programada”, posteriormente chamando de “sociedade pós-industrial” (apud ALONSO, 2009). Segundo Alonso (2009) os conflitos do mundo do trabalho teriam se diluído com o crescimento dos direitos sociais e a dominação tornara-se, em essência, cultural a partir do controle da informação por uma tecnocracia. Atores das novas mobilizações sociais viriam pelas diferentes formas de vida - contestação aos poderes instituídos, governantes contra governados, mulheres contra o poder patriarcal, jovens contra adultos, etc. As perspectivas baseadas somente em classes sociais seriam colocadas de lado, agora seriam minorias excluídas e suas lutas variadas que seriam centrais, ganhando mais força assim os movimentos feminista e ambientalista, por exemplo (ALONSO, 2009).

Como Maria da Glória Gohn (2014a) pontua, a teoria da ação social, ou acionalismo, tem como um dos pressupostos básicos o que toda ação é uma resposta de um estímulo social. Sobre a “teoria da ação”, Touraine traz uma explicação mais coletiva voltada ao aspecto

cultural, assim coloca que na sociedade pós-industrial em que viviam, existia de fato uma maior criatividade e expressividade.

A sociologia da ação touraineana busca integrar diversas abordagens em uma representação geral da vida social, que é definida como autoprodução conflitiva (GOHN, 2014a): “Nessa visão o próprio centro da vida social é a luta permanente pelo uso de novas tecnologias e pelo controle social das próprias capacidades de transformação da sociedade. Por esse motivo, os movimentos sociais, considerados agentes essenciais do conflito, são a importante preocupação” (GOHN, 2014a, p. 93).

Segundo Alexander (1998) Touraine formulou, ao mesmo tempo, uma crítica da teoria neomarxista e da teoria funcionalista. Além disso, Touraine coloca também como centrais as esferas de religião, família, gênero, raça, ciência e política – que se originam de orientações culturais gerais –, mas reconhece que nem todas essas esferas resultam em movimentos sociais tão fortes quanto os de classe (ALEXANDER, 1998).

A existência de um Movimento Social, para Touraine, necessita de um tríade de condições “I-O-T”: a identidade do movimento (I); a de seus adversários (O); e as apostas da luta, a totalidade (T). Assim, identifica enquanto relevante a definição de uma fronteira entre “nós” e “eles” no conflito, entendendo que não apenas as relações estruturais ou do contraste de interesses explicam-na, mas a própria ação coletiva pode gerar o sentimento de identidade para o movimento. (TOURAINÉ, 1981 apud BACHINI; CENEVIVA, 2017)

Alexander (1998) afirma que Touraine não se desvincilhou completamente do conceito de sociedade civil, ele o transforma numa expressão “da ideologia anti estatal da liberdade” (p.16) que segundo o autor caracteriza o capitalismo contemporâneo e é a especificação que diferencia os novos dos velhos movimentos sociais. Assim, a nova sociedade civil surge do vácuo do espaço público na sociedade pós-industrial. Os Novos Movimentos Sociais então reivindicam autocontrole e autogestão, bases para uma sociedade mais reflexiva, antiessencialista e contingente (ALEXANDER, 1998).

Assim, pode-se ver que os Novos Movimentos Sociais não lutam para dominar o estado ou combatê-lo, mas recorrem a formas de ação direta, são agentes de pressão social, voltados para persuadir a sociedade civil (ALONSO, 2009). Então:

Em vez de demandar democratização política ao Estado, demandariam uma democratização social, a ser construída não no plano das leis, mas dos

costumes; uma mudança cultural de longa duração gerida e sediada no âmbito da sociedade civil. (ALONSO, 2009, p.61).

A perspectiva dos Novos Movimentos Sociais foi ganhando maior relevância nesse debate ao longo das décadas de 1960-70 até posteriormente, colocando a Europa novamente como importante centro de teorias sociológicas dos movimentos sociais. Os EUA continuavam com os debates mais objetivos das organizações sociais, mas percebeu-se também influências das questões culturalistas em suas teorias. O estudo dos Novos Movimentos Sociais, segundo Alexander (1998) parece vir da necessidade de atualização (histórica e teórica) do enfoque clássico incluindo nele a questão identitária, cultural e psicológica.

Em tais estudos a perspectiva leva em conta a contingência e subjetividade dos diferentes atores e mostrando uma forte sensibilidade para questões históricas e institucionais (ALEXANDER, 1998). Para Alexander (1998) a centralidade da subjetividade dos movimentos sociais se mostra contra o modelo teórico focado em ontologias e realismo epistemológico. Assim se percebe o momento de passagem de uma sociedade industrial para uma pós-industrial onde as transformações históricas a partir da produção material tornaram-se quase que obsoletas e os movimentos revolucionários de classe vão perdendo centralidade, dando-se um foco nas subjetividades e identidades psicológicas (ALEXANDER, 1998). Segundo Alexander (1998) pode se dizer que a teoria dos Novos Movimentos Sociais se debruça sobre a subjetividade, não abandonando a visão instrumental e materialistas que possam impulsionar tais movimentos (centro das análises clássicas). Nessa perspectiva, o modo de produção mudou, privações novas foram surgindo e com estas mudanças, surgiram também os novos movimentos sociais.

Os novos movimentos não se centram somente em reivindicar redistribuição de recursos, mas também os códigos, conhecimentos e a linguagem: “O conflito baseado na opressão torna-se simbólico, e sua análise requer métodos interpretativos, não somente modelos explicativos.” (ALEXANDER, 1998, p.9). A partir daí, os conflitos se centram no terreno do simbólico e a questão da eficácia ou sucesso foram deixando de ser considerados, já que passava a se dar maior valor ao processo além de seus resultados.

Ao longo dos anos continuaram tendo foco na academia as questões mais “identitárias” ou culturalistas dos movimentos sociais. É importante ressaltar, no entanto, que todas as perspectivas, desde as clássicas até as dos Novos Movimentos Sociais, ainda podiam ser observadas em diferentes movimentos sociais: não existiram rupturas completas com as

perspectivas anteriores, apenas passam a ter novas questões e novas centralidades. Além disso, ao longo dos anos os próprios movimentos iam se transformando, nunca totalmente estagnados.

A partir de Alain Touraine (1989) tem-se ainda uma crítica ao modelo ocidental que se define como uma forma de modernização com herança do período Iluminista. O autor não aceita essa pretensão do Ocidente de se identificar com a modernidade, pois segundo ele: “Ela não é mais admissível depois de tantas guerras intra-européias ou coloniais, da crise dos anos trinta e dos horrores do nazismo” (TOURAINÉ, 1989, p.15). Dessa forma, passa a tratar da história social peculiar da América Latina, passando pelos seus modos políticos, de desenvolvimento, cultural e suas mobilizações sociais ao longo dos anos.

Segundo Perez e Souza (2017) ao longo da década de 1970 também se teve, no Brasil, movimentos identificados enquanto Novos Movimentos Sociais, e:

Conforme um estudo que é referência no assunto (SADER, 1988) os movimentos daquela época produziram um novo sujeito coletivo pautado em novos padrões de sociabilidade, mais horizontais e cientes do que lhes é de direito. Diferentes dos movimentos sociais anteriores à ditadura que lutavam por mais serviços, os novos movimentos sociais almejavam a conquista de direitos, inclusive o direito a participar das decisões públicas. (PEREZ; SOUZA, 2017, p.6).

Ao longo das décadas de 1980 e 1990 o mundo passava por outras grandes transformações. A abertura da União Soviética (URSS), a queda do Muro de Berlim e, posteriormente, o fim da URSS. Com essas grandes transformações, além do fim das ditaduras militares em diversos dos países latino-americanos, os movimentos sociais também se transformaram. Aqueles movimentos ainda existentes, focados na luta de classes, foram sentindo a necessidade de abordar também outras lutas, de diferentes opressões – que já vinham da base identitária de alguns anos antes na perspectiva dos Novos Movimentos Sociais – e foi-se tendo novamente força ainda maior da agenda identitária. Movimentos feministas, negros, LGBT, etc. se expandiram por todo o mundo ao longo da década de 1990.

1.1.3 GLOBALIZAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS ENTRANDO EM CENA: A IMPORTÂNCIA DAS REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Outra questão fundamental que se tornaria central em tais debates foi a globalização e, posteriormente, a crítica de muitos movimentos sociais mais progressistas às negociações do

Consenso de Washington e a posterior agenda neoliberal que acometia grande parte dos países menos desenvolvidos do mundo. Também se teve uma maior democratização e desenvolvimento das tecnologias digitais, das redes e, principalmente, da internet.

Um importante movimento social surgido nesse período, e que abarcou em diferentes proporções todas essas características, foi o Movimento Zapatista no México. Tal movimento, formado por diferentes etnias indígenas da região de Chiapas e Oaxaca no México, organizou-se de forma autônoma e utilizando as tecnologias digitais, a partir dessa identidade social, indo contra a agenda neoliberal à qual o país vinha aderindo. Assim, conseguiram o apoio de diversos movimentos sociais por todo o mundo, dando base para os posteriores movimentos em rede: o ciberativismo ou até mesmo o net-ativismo.

A partir dos anos 1990 o campo temático das lutas sociais foi desprivilegiando a cultura e valores - muito forte nos anos 1960 - e também não se retomava com muita força as lutas proletárias (GOHN, 2014b). Dessa forma: “Os repertórios focalizaram as políticas macroeconômicas e seus efeitos no mundo globalizado e clamaram: ‘um outro mundo é possível’” (GOHN, 2014b, p.14). Movimentos Altermundialistas, que acreditavam em uma outra globalização, ou se posicionavam contra tal globalização desigual que se tinha ao longo dos anos 1990, começaram a se organizar em diversas partes do mundo (SANTOS, 2018). Outro importante acontecimento a partir desses movimentos foi a chamada Batalha de Seattle, um movimento organizado em oposição à reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) em 1999 e depois disso a organização do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, no Brasil, que trazia ao debate diversos movimentos progressistas de todo o mundo (desde partidos políticos mais clássicos até movimentos ciberativistas, identitários, etc.) em contraposição ao Fórum Econômico Mundial. O Fórum Social Mundial tornou-se assim um importante evento para debates progressistas contrários ao modo como a globalização, e o neoliberalismo, se espalharam de forma desigual pelo mundo.

As novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como já dito anteriormente, também foram mecanismos centrais utilizados pelos diferentes movimentos sociais, e se tornaram fundamentais no mundo globalizado, trazendo a heterogeneidade de causas, o ativismo digital e até mesmo as identidades multirreferenciais - identidade diversas que se sobrepõem (BACHINI; CENEVIVA, 2017). É nesse contexto que a internet entra em cena, mexendo com o cotidiano das pessoas, dando a possibilidade de relacionamentos para além dos territórios e de suas posições geográficas. Segundo Bachini e Ceneviva (2017) os

sujeitos começam a se sentir próximos de diversas coletividades distintas ao mesmo tempo, trazendo uma grande solidarização entre movimentos, juntamente de uma diferenciação entre cada um deles (BACHINI; CENEVIVA, 2017).

Esse é o momento em que a comunicação começa a se descentralizar de forma reticular, ou seja, em uma organização sem centros, reforçando práticas colaborativas para o surgimento de uma inteligência coletiva (LÉVY, 2003). Isso foi essencial para o fortalecimento do chamado ativismo digital ou ciberativismo, sendo que este abarca tanto aqueles que utilizam a internet como uma ferramenta para comunicação e mobilização, como os que surgem a partir da internet produzindo informações (os midiativistas), ou ainda os que na rede atuam como hackativistas, combatendo o sistema a partir das tecnologias (MATTONI, 2013, apud BACHINI; CENEVIVA, 2017).

O movimento que inaugurou essas perspectivas numa tendência global foi a já citada Revolta Zapatista no ano de 1994, no México, usando as tecnologias como ferramenta de resistência. Mas o primeiro grupo a de fato se referenciar como ciberativista foi o chamado “Electronic Disturbance Theater” que: “(...) ocupou o site do governo mexicano (sit-ins) em solidariedade aos zapatistas, utilizando para tanto o seu software, o FloodNet. A partir de então, observaram-se inúmeras manifestações desse tipo de desobediência civil na rede” (WREY, 1998 apud BACHINI; CENEVIVA, 2017).

Outras importantes manifestações globais nessa tendência foram as chamadas manifestações infoguerra, como foi considerada a Batalha de Seattle (1999). Na literatura, tais movimentos são caracterizados por identidades múltiplas ou multirreferenciais, com a recusa de elaborar identidades próprias ou relações de hierarquia nos movimentos, além de se negarem a agir com bandeiras (BACHINI; CENEVIVA, 2017). Já se pode observar nesse período algumas características que tomariam força novamente mais adiante. Este foi o caso das manifestações pelo mundo a partir de 2010, que se deram no Brasil em 2013 com movimentos mais descentralizados, multi-identitários e com pouca simpatia a movimentos e partidos políticos tradicionais, o que se observou também com as ocupações das escolas em São Paulo no ano de 2015. Outra ação muito importante feita no início dos anos 2000 por essa diversidade de movimentos globais que se colocavam como altermundialistas ou antiglobalização foi com a organização do Fórum Social Mundial acontecido em 2001 na cidade de Porto Alegre no

Brasil (cidade essa com uma prefeitura progressista e que tinha inaugurado o importante instrumento reconhecido internacionalmente, o Orçamento Participativo⁶).

Na chamada sociedade civil global, estes traziam como tendência o protagonismo de seus atores sociopolíticos que se transformaram em novos sujeitos de poder (GOHN, 2005). No Brasil nesse período teve uma explosão de movimentos da sociedade civil, além de um aumento da relação destes com o Estado, desenvolvendo-se assim uma nova esfera-pública (GOHN, 2005). Segundo Gohn (2005) foi se tendo uma retomada dos atos de pressão direta a partir dos movimentos sociais urbanos, algo que havia perdido um pouco a visibilidade, pelo menos por parte da mídia, ao longo dos anos 1990, momento em que os movimentos rurais se mostravam mais fortes, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil.

Para Maria da Glória Gohn (2005) neste período o urbano passou a ser central na questão social brasileira, reduzindo o papel do rural. Além disso, a autora coloca que o tripé dos problemas surgidos foram: violência urbana, questão das drogas e a existência de poderes paralelos. Tais questões demonstraram uma realidade bastante violenta do país, o que não desmente o que Touraine (1989) já vinha dizendo desde a década de 1980 sobre a história do continente latinoamericano.

Nessa nova conjuntura, como vê Gohn (2005), foi sendo gerado no Brasil uma maior articulação entre movimentos urbanos e rurais, criando-se redes e fóruns. Este foi o caso da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) no ano de 2003, dos fóruns de cooperativismo, entre outros. Nas zonas periféricas das grandes cidades também havia muita movimentação, com pautas das mais diversificadas. Mas foi também nesse momento que as Organizações não Governamentais (ONGs) explodiram por todo o país, tendo assim uma articulação de diferentes redes (GOHN, 2005). Na visão de Ilse Scherer-Warren (2014), nesse período começava a se ter um maior reconhecimento da importância das articulações, intercâmbios e a formação de redes, que podiam ser temáticas ou organizacionais. Traz assim a ideia de “redes de movimentos sociais”, que posteriormente só se complexificariam, principalmente com o advento cada vez mais intenso de novas tecnologias. Para Scherer-Warren:

A ideia de ‘rede’ implica pensar, de um ponto de vista epistemológico, na possibilidade de ‘integração da diversidade’ (ARCHER, 1991). Distingue-se da ideia de ‘unicidade’ totalizadora, comum em interpretações do marxismo

⁶ Orçamento Participativo é um mecanismo de democracia participativa onde a população é chamada para discutir e deliberar sobre os orçamentos públicos, em grande parte voltado para os governos locais e/ou municipais.

positivista acerca da necessidade de articulações das lutas sociais. A análise em termos de ‘redes de movimentos’ implica buscar as formas de articulação entre o local e o global, entre o particular e o universal, entre o uno e o diverso, nas interconexões das identidades dos atores com o pluralismo (SCHERER-WARREN, 2014, p.10).

Tal perspectiva se mostra bastante relacionada com um mundo cada vez mais interdependente, intercomunicativo e com movimentos cada vez mais transnacionais (uma vez que o livro foi escrito originalmente no início da década de 1990). Dessa forma, a noção de redes permite diálogo com a diversidade de movimentos daquele período, traçando uma crítica crescente às tendências mais tradicionais; uma maior importância das identidades; da discussão entre local e global, já havendo impacto com o uso de novas tecnologias de comunicação.

Com a noção de redes de movimentos sociais, Scherer-Warren (2014) coloca que se passa de uma análise dos movimentos sociais específicos e fragmentados que vinham do fim dos anos 1980 e meados dos anos 1990 - especialmente na América Latina e no Brasil - para a tentativa de uma compreensão do movimento real que ocorria na articulação dessas organizações em redes de movimentos. Em tal perspectiva,

(...) mais apropriado do que falar em novos movimentos sociais e velhos movimentos sociais, o que implicaria uma ênfase na organização ou tipo de movimento, é analisar os novos elementos culturais emergentes nos movimentos, tanto nos tradicionais (sindicatos, etc.) (vide Souza, 1990). Entre estes elementos têm sido destacados elementos étnicos e de cultura política, os quais frequentemente se apresentam interconectados na utopia dos movimentos: a sua natureza cívica e pacífica, o comprometimento com a descentralização e autonomia, a tolerância pluralista fundada na diversidade cultural e humana, paz com justiça social e respeito à natureza, democracia mais participativa e direta (cf. síntese de Fals-Borda, 1990) (SCHERER-WARREN, 2014, p.24).

Pode-se observar a importância dada pela autora para a pluralidade, tanto identitária e política no conteúdo dos movimentos, quanto de referências teóricas e analíticas ao ver a existência de relações tanto de movimentos ditos tradicionais quanto os mais recentes, da década de 1990. Importante ressaltar que Scherer-Warren (2014) também já considerava as tecnologias de informação e os meios de comunicação de massa como influências na formação da sociedade civil.

Para Gohn (2005) a noção de redes também se mostra importante na análise de relações sociais em determinado território ou de comunidade de significados. Para a autora, foi Manuel Castells quem de fato trouxe a questão das redes para o cenário das ferramentas metodológicas

contemporâneas quando passou a tratar a sociedade globalizada como uma rede (GOHN, 2005). Assim: “Numa sociedade fragmentada e polimorfa a tendência dos grupos sociais organizados é se articularem em redes e criarem fóruns a partir dessas redes” (GOHN, 2005, p.60), como por exemplo aconteceu com o Fórum Social Mundial a partir de 2001, ou fóruns e debates globais e em rede ocorridos na própria internet ou em diversos outros encontros pelo mundo.

1.1.4 OS NOVÍSSIMOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Considerando que tais movimentos se transformam ao longo do tempo, mantendo também características de diferentes períodos, as questões trazidas ao longo dos anos 1990 ficaram em pauta até o início dos anos 2000. Ao longo desse período deu-se início à Guerra ao Terror nos EUA; um período de governos populares em países da América Latina e o aprofundamento de movimentos de diversidades pelo mundo, com o uso cada vez mais intenso das novas tecnologias de informação e comunicação. Com a difusão da web 2.0 (ou seja, uma maior facilidade no compartilhamento de arquivos em rede), por exemplo, passou-se a ter as redes de internet sem fio e uma maior popularização dessas ferramentas, principalmente os dispositivos móveis. Desta forma, o potencial comunicativo da rede foi, de fato, crescendo, e seu uso para organização de mobilizações e protestos, também. Isso se deu em 2001 nos protestos que levaram ao afastamento do presidente filipino Joseph Estrada, ou ainda em 2004 e 2005 em Madri e na França, respectivamente (BACHINI; CENEVIVA, 2017).

A partir do ano de 2008, depois da crise econômica que atingiu os EUA e posteriormente o resto do mundo, começaram a se deflagrar diversos novos protestos e movimentos sociais em diferentes países. A partir de 2010 explodiram protestos em locais pouco prováveis como no Egito e na Líbia (devido às suas rígidas ditaduras), dando bases para a chamada Primavera Árabe. Concomitantemente, foram sendo organizados movimentos sociais em diversas outras partes do mundo como na Islândia, na Inglaterra, com os *Indignados* na Espanha, o *Occupy Wall Street* nos EUA, em Hong Kong e, no ano de 2013, no Brasil, com características e demandas específicas, mas com semelhanças interessantes, descritas a seguir.

Na perspectiva de Gohn (2014b), os movimentos passaram de antiglobalização para a negação de uma globalização específica e seus efeitos sobre a economia e o social, trazendo à tona o precariado como nova denominação dada aos cidadãos do novo século, ou seja: “(...) os filhos de uma sociedade precária onde impera a desigualdade social e econômica, onde há perda de direitos sociais e políticos, exclusão de imigrantes, etc. É um novo proletariado, do setor

informal, trabalhando em empregos terceirizados, flexibilizados, sem garantias legais” (GOHN, 2014b, p.16). Será, em grande medida, o precariado parte importante das revoltas sociais ocorridas pelo mundo a partir desse período.

Manuel Castells (2013), refletiu acerca destes movimentos, e em suas reflexões tratou do termo confiança. Segundo o sociólogo (CASTELLS, 2013), a confiança havia desaparecido neste período, e como, ao seu ver, é a confiança que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições, nada mais poderia funcionar tranquilamente. A partir de uma situação como essa, e com um uso cada vez mais intenso das redes sociais da internet, tinham início organizações autônomas em diferentes localidades pelo mundo, descontentes com o caminho que a política seguia (CASTELLS, 2013). A internet se mostra importante por ser o local em que ainda havia alguma autonomia em contraposição aos monopólios dos canais de comunicação tradicionais, possibilitando esta organização reticular. Dessa forma, diferentes pessoas começaram a se conectar entre si “(...) e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais” (CASTELLS, 2013, p.8).

Tais movimentos ainda se assemelhavam em muitas características aos chamados Novos Movimentos Sociais, ou seja: com bastante foco em questões identitárias (não se limitando a estas), pouca aproximação com poderes centralizados e uma organização horizontalizada, mas também tinham outras peculiaridades. Alguns autores passaram a usar outros termos, como “Novíssimos Movimentos Sociais” (GOHN, 2017). Esses movimentos se colocaram contra a política institucional tradicional, organizaram-se pelas redes digitais e de forma horizontal. Além disso, não achavam necessário terem interlocutores, viam como grande importância as ocupações como instrumento de luta e se colocavam, em grande parte, como autônomos. Como afirma Manuel Castells (2013, p.8), os diferentes movimentos nesse período: “(...) espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias”.

Tais movimentos conectados em rede começaram a se espalhar primeiramente no mundo árabe (Primavera Árabe), tendo sido confrontados com uma violência brutal pelas ditaduras locais (CASTELLS, 2013). Estes movimentos de indignação passaram também a acontecer na Europa, como foi o caso da Islândia e dos Indignados na Espanha, seguindo posteriormente para os EUA, com o *Occupy Wall Street* (CASTELLS, 2013; GOHN, 2014b).

Manuel Castells (2013) também traz as relações de poder como fundamentais para compreender esses movimentos contemporâneos: estas são constitutivas da sociedade, pois os que possuem o poder constroem as instituições a partir de seus valores e interesses. Assim, o poder acaba sendo exercido a partir da coerção ou pela construção de significado na mente das pessoas a partir de mecanismos de manipulação simbólica. Porém, as sociedades são contraditórias e conflitivas, e, além disso: “(...) onde há poder há também contrapoder” (CASTELLS, 2013, p.10), sendo a partir daí que os movimentos sociais vão surgindo e expressando suas lutas sociais.

Outra forma de organização da sociedade civil que busca lutar por direitos são os chamados “coletivos” - cada vez mais presentes na contemporaneidade. Um coletivo é um tipo de mobilização social que vem ganhando destaque nas Universidades e redes sociais digitais (PEREZ; SOUZA, 2017). Perez e Souza (2017) colocam que questões como feminismo e racismo são muito frequentes como cerne destas organizações e, entre tantas outras coisas, de forma geral organizam rodas de conversas nas universidades e redes sociais, compartilhando reflexões sobre o tema. Diversos grupos que promovem espetáculos artísticos também se organizam como coletivos. Esta não é uma nomenclatura nova, mas vem crescendo muito, como se fosse uma forma de organização política diferente e insurgente, contra hierarquias e padrões institucionais (PEREZ; SOUZA, 2017). São poucos os estudos que tratam deste tema, mas, de forma geral, grande parte os identificam a partir de: pautas múltiplas, horizontalidade, fluidez e forte presença de mídias digitais (PEREZ; SOUSA, 2017). Assim, pode-se relacioná-los com os chamados Novíssimos Movimentos Sociais (GOHN, 2017):

O canadense Richard Day (2005) argumenta que os movimentos criados após a década de 1980 (movimentos de resistência indígena, organizações feministas e ativismos antiglobalização) devem ser considerados novíssimos movimentos sociais, pois seguem a lógica da afinidade e não da hegemonia. (PEREZ; SOUZA, 2017, p.7).

Sobre esses coletivos, podemos observar importante presença deles também no movimento de ocupações de escolas em 2015, com a participação do Coletivo “O Mal Educado” antes e durante o processo e também no surgimento de novos coletivos posteriormente ao acontecido (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020).

Os Novíssimos operam a partir de uma lógica de afinidade, tendo como base noções de autonomia desenvolvendo novas formas de auto-organização (PEREZ; SOUZA, 2017). Com proximidade à perspectiva de “Novíssimos Movimentos Sociais”, mas sem colocar nesses termos, Manuel Castells coloca que de forma geral, esses movimentos: “(...) ignoravam partidos

políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal, sustentando-se na internet e em assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões” (2013, p. 9).

Para Gohn (2017) a construção de identidade dos Novíssimos Movimentos é complicada, por serem muito diversificados. Assim, a forma movimento foi deixando de ser hegemônica e se tornando aglutinadora de distintas formas de luta. Nessa perspectiva, Gohn (2017) traz a importância das organizações de jovens em coletivos ao invés de movimentos sociais tradicionais, uma vez que tais jovens observam os movimentos sociais mais tradicionais como engessados e com estruturas centralizadoras, enquanto:

Os coletivos, ao contrário, são vistos como agrupamentos fluidos, fragmentados, horizontais, e muitos têm a autonomia e a horizontalidade como valores e princípios básicos. Coletivos autodenominam-se como ativistas, e não militantes de causas, vivem experiências e experimentações que podem ser tópicas ou mais permanentes; fragmentadas ou mais articuladas (GOHN, 2017, p. 23).

Outra questão fundamental sobre os Novíssimos Movimentos Sociais é o destaque das novas tecnologias com foco especial à internet e o uso de aparelhos móveis, que, na perspectiva de Gohn (2017, p.24): “(...) são na atualidade geradoras de grande potencial de mobilização da sociedade civil, criam novas formas de sociabilidade longe das estruturas estatais institucionalizadas”. Por existir cada vez mais uma pluralidade de atores e agentes disputando a interpretação e o significado dos fatos e dados, essa forma aparece como fundamental já que os Novíssimos Movimentos têm grande poder de formação da opinião pública, e irão, além de decodificar as informações, codificar os problemas e conflitos a partir de temáticas, criando narrativas sobre o assunto: “Por isso os novíssimos movimentos sociais criados na era da internet são, de um lado, plurais, mais autônomos, mais horizontais porque nascem de redes de grupos ou coletivos. Mas, de outro lado, a própria rede atua como uma organização-suporte por ser a rede de interação e compartilhamento de crenças e valores” (GOHN, 2017, p.24).

Outro fenômeno em comum aos Novíssimos Movimentos Sociais é o uso das redes digitais em consonância com a ocupação dos espaços públicos, tanto para manifestação quanto para organizações de assembleias ou ocupações, como resistência (GOHN, 2014b). Trata-se, também, de uma luta pelo direito à cidade (HARVEY, 2014). É o caso da praça *Tahir* no Cairo, praça *Puerta del Sol* em Madri, Parque Zuccotti em *Wall Street* (GOHN, 2014b), ou até mesmo as ocupações das escolas em São Paulo no ano de 2015.

De forma geral, as características dos Novíssimos Movimentos Sociais são: articulação pelas redes sociais; composição por ativistas que não possuem pertencimento permanente em dados grupos; colocam-se como coletivos, em grande parte; possuem pouca visibilidade para estruturas político-partidárias; são compostos por jovens em grande medida de classe média; baseados em utopias libertárias; têm a liberdade de expressão como grande eixo aglutinador para reivindicações; defesa de uma democracia plena; demandam fim da repressão policial; criação de novos espaços colaborativos; grandes marchas e ocupações como novas formas de fazer política para além da política partidária; solidariedade em relações diretas ou virtuais; espaços de aprendizagem não-formal; etc. (GOHN, 2014b). Alguns analistas como Mike Davis e Slavoj Žižek colocam críticas importantes sobre tais movimentos, principalmente pela falta de definições estratégicas, programáticas e teóricas de longo prazo (GOHN, 2014b). No entanto, o objetivo de tais movimentos parece ser exatamente não serem tão engessados nas práticas vistas até então.

No Brasil, as chamadas Jornadas de Junho de 2013 tiveram muitas das características dos Novíssimos Movimentos Sociais. Deram-se a partir de uma pauta de mobilidade urbana, por um grupo político autônomo, o Movimento Passe Livre (MPL). Depois de algumas passeatas violentamente atacadas pela Polícia Militar, o movimento foi ganhando apoio crescente, principalmente com o uso das redes sociais digitais, uma vez que a grande imprensa se colocava contra o movimento de início. No dia 17 de junho houve uma explosão na participação nos protestos em diversas partes do país. Nesse momento, a pauta de mobilidade urbana vai se esvaindo e se tem uma chuva de pautas (por vezes contraditórias), forçando os governos a recuarem em relação ao aumento dos preços das passagens e trazendo para as ruas um enorme descrédito às forças políticas institucionalizadas. Alguns pesquisadores não vêem grandes rupturas na abordagem desses movimentos sociais mais atuais ao olharem em comparação com o fim da década de 1990 e início dos anos 2000. Este é o caso de Henrique Parra (2013) que coloca que os protestos de 2013 participam do ciclo estético-político das manifestações contra a globalização do início dos anos 2000 – colocando novas pessoas, grupos e formas diversas de expressões nas ruas.

O sentimento de indignação, como Castells (2013) utiliza para tratar dos movimentos que eclodiram a partir de 2010 pelo mundo, também é explicitado por Gohn (2017) em relação ao Brasil a partir de 2013. Tal indignação foi central nos protestos, que combinavam a raiva com os valores morais (GOHN, 2017). Segundo Maria da Glória Gohn (2017) o MPL nas

manifestações de junho havia recolocado questões de ética na política além de negarem a política partidária, focando na forma como estas eram praticadas no país, mas sem se definirem como apolíticos. Porém:

Os manifestantes plantaram e difundiram a semente da não política como um valor associado à ideia de ética, e uma nova cultura política formou-se a partir desse valor. Em curto prazo essas transformações geraram novos enunciados e outras correntes político-ideológicas surgiram, como o VPR (Vem Pra Rua) e o MBL (Movimento Brasil Livre), introduzindo novidades na performance dos protestos, com outros focos e alvos em suas ações, trabalhando o repertório da não política, focalizando a luta contra a corrupção (GOHN, 2017, p.10).

Começava, a partir daí, a surgir movimentos tanto conservadores quanto progressistas que voltaram a tomar as ruas como forma de luta. Muitos desses movimentos não se viam representados pelos poderes instituídos, e é a partir disso – e neste caso com grande apoio da mídia tradicional e uso intenso das redes sociais – que começaram a surgir movimentos contrários à presidenta Dilma Rousseff (PT), que acabaria por ajudar no movimento de *impeachment* em 2016. Movimentos contrários ao *impeachment* surgiram também. Para Gohn (2017) surgiram dois grandes blocos dos Novíssimos com correntes políticas, culturais e ideológicas, além de campos de ação, repertórios e práticas distintas que se destacaram, no caso: o MPL em 2013 e o VPR e MBL entre 2015 e 2016.

No entanto, também surgiram movimentos mais progressistas com forte influência das Jornadas de Junho de 2013, o que pode ser visto com as ocupações de escolas em 2015 (GOHN, 2017) e também com a chamada “primavera feminista” (PINHEIRO-MACHADO, 2019). O movimento dos secundaristas surgiu a partir de uma política imposta pelo então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin: mais de 90 escolas seriam fechadas, sendo realizada uma enorme reorganização escolar que afetaria grande parte dos estudantes do estado. Tal política tentou se estabelecer de forma rápida, mas estudantes indignados começaram a se organizar a partir das redes sociais e de encontros presenciais, e começaram a protestar em diversas ocasiões. Ao não verem respostas a essas manifestações, passaram a ser mais radicais, surgindo a ideia das ocupações. Estas se deram a partir de uma cartilha produzida por secundaristas chilenos e argentinos, por conta da Revolta dos Pinguins⁷ em 2006, traduzida pelo coletivo O Mal Educado e distribuída pelas redes aos estudantes secundaristas brasileiros.

⁷ Revolta de estudantes secundaristas no Chile ocorridas no ano de 2006. De início com pautas mais específicas como o “passe livre estudantil” e a gratuidade no exame para entrar na Universidade, posteriormente as pautas

Segundo Maria da Glória Gohn, o movimento secundarista a partir de 2015, da mesma forma como diversos coletivos organizados nas jornadas de junho e o MPL, tinham a autonomia, horizontalidade e redes de solidariedade direta como seus princípios essenciais

(...) numa trama de redes de sociabilidade que tem na contracultura e no anarcossocialismo suas matrizes discursivas. Aparentemente separadas das megamanifestações, demonstra-se que as atuais lutas pela educação têm ligações tanto com os jovens ‘românticos’ de 2013 (vínculos de apoio direto), como há conexões entre propostas de alguns dos ‘novíssimos’ movimentos, como o Projeto de Lei da Escola Sem Partido, que mobilizou debates e polêmicas que extrapolaram a área educacional criando correntes e contracorrentes a respeito (GOHN, 2017, p.11-12).

As ocupações surgiram de forma autônoma e se espalharam por todo o estado de rapidamente, atingindo quase 200 escolas. Tais ocupações eram organizadas, em grande medida, de forma autônoma e sem hierarquias, a partir de assembleias e horizontalmente, não deixando que partidos políticos ou movimentos sociais mais tradicionais se colocassem como porta-vozes ou lideranças. A questão da autonomia desses movimentos pode se relacionar ao uso das novas tecnologias, principalmente no caso de documentação e compartilhamento de informações por eles mesmos e difundidas nas redes sociais. Estas informações eram organizadas em páginas específicas de cada ocupação (principalmente no Facebook), evitando assim que se tivesse disponível somente informações veiculadas pelo viés das mídias tradicionais. Um exemplo do uso dessas tecnologias para documentação do que se tinha já nas escolas assim que passaram a ocupá-las se deu, por exemplo, em uma publicação da página da Escola Estadual Clotilde Peluso no dia 27 de novembro de 2015 em que colocam:

Estudamos em situação precária, do jeito que podemos, em situação que coloca em risco nossa saúde. Tirando o direito do ser humano. [...] Nas fotos vemos a quadra e o espaço ao seu redor com gramas e moitas com um grande volume (o que pode trazer pragas urbanas, trazendo doenças ou até podendo ferir algum aluno ou funcionário). Infiltrações por toda a escola. Água sai pela fiação das lâmpadas das salas de aulas. Buracos nas paredes com ‘remendos’, mas em uma manutenção devida (...). Uma palavra para definir isso: IRRESPONSABILIDADE! Como o governador quer uma reorganização, sendo que nem o que há está organizado? Reflitam sobre isso. (Apud. CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 38).

aumentaram para uma demanda por uma educação pública. As revoltas chegaram no país inteiro, com participação de muitos movimentos sociais. Parte importante da luta foram as ocupações das escolas por todo o país. O termo “pinguins” vêm do uniforme social dos estudantes (ZIBAS, 2008).

O uso intenso de novas tecnologias, a organização horizontalizada, a tática de ocupações, a pouca confiança nos poderes institucionalizados, a criatividade na produção de materiais e difusão de informações e a clara influência do movimento de 2013 evidencia no movimento das ocupações muitas das características dos chamados Novíssimos Movimentos Sociais. Inclusive foi possível observar até mesmo conflitos e debates intensos entre movimentos mais institucionalizados (Como a UNE, Ubes e Partidos Políticos) e os movimentos autônomos dos secundaristas, como o que foi relatado pela página do Grupo Autônomo Secundarista (G.A.S.) no Facebook no dia 09 de outubro de 2015:

Estudantes fizeram mais um ato grande e autônomo. Mostrando que a cidade vai parar se o governador não revogar. No começo a *Umes* chegou com carro de som tentando liderar a manifestação e decidir eles mesmos o trajeto, porém perderam a legitimidade quando foi feita uma assembleia autônoma e horizontal mostrando que a luta é dos estudantes pelos estudantes (apud. CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 38).

Ou até mesmo na letra de uma versão do funk “Baile de Favela” feita pela dupla de Mcs Foice e Martelo sobre a luta dos secundaristas (intitulada de “Escolas de Luta”) em que em determinado momento falam: “FOICE: Estudante tudo zica, mano, só luta autônoma organizada, nós tem que incentivar essa porra, tio” e o Martelo coloca: “É isso, tio, é nós por nós, né mano? Porque tá fudendo pro nosso lado, se nós não se organizar, mano, cê é loko, tio (...)” (apud. CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 78).

Para que tal movimento não seja colocado de forma objetiva erroneamente dentro de uma estrutura teórica específica, é importante ressaltar que as diferentes perspectivas teóricas dos movimentos sociais podem ser úteis para analisar os diversos movimentos, não tendo apenas uma perspectiva a capacidade analítica de todos os movimentos de um período. Nesse sentido as caracterizações podem ser positivas para explicar características em comum e estudar acontecimentos, mas podem ser negativas ao fecharem os olhos a algumas questões e se limitarem a outras.

Dessa forma, é importante fazer o panorama das diferentes perspectivas teóricas dos movimentos sociais, mas não as enxergando como parte de um caminho progressivo e contínuo, pois é possível encontrar movimentos sociais dentro das mais diferentes perspectivas, sendo que inclusive dentro de cada um deles é possível observar distintas características. Por isso é fundamental considerar tais debates de forma complexa, não impondo características universais, lineares e unidirecionais. Por isso, no capítulo 2 será tratada a perspectiva Net-

ativista a partir de uma crítica à racionalidade moderna, para uma visão mais complexa sobre os novos movimentos sociais e o uso das redes, que não necessariamente irão negar questões trazidas pela teoria dos Novíssimos Movimentos Sociais, por exemplo, mas irá complexificar ainda mais estes em uma relação simbiótica entre as redes digitais e as redes orgânicas, não observando as novas tecnologias somente como instrumentais, mas também como importantes actantes da ação social (LATOUR, 2012; DI FELICE, 2017).

1.2 “NÓS SOMOS A REDE SOCIAL”⁸: REDES E AS NOVAS TECNOLOGIAS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

*“Há um tempo atrás se falava em bandidos
Há um tempo atrás se falava em solução
Há um tempo atrás se falava em progresso
Há um tempo atrás que eu via televisão”*

*Chico Science & Nação Zumbi – “Monólogo ao Pé do Ouvido” – “Da Lama Ao Caos”
(1994).*

No final de setembro de 2015, logo após o anúncio do secretário de educação do estado de São Paulo, Herman Voorwald, sobre a reestruturação escolar sem consulta aos principais envolvidos (estudantes e comunidade escolar), iniciava-se um sentimento de indignação que, com ajuda das redes sociais digitais, foi compartilhada e difundiu-se. Um exemplo disso se deu nos debates feitos pela internet por alunos da Escola Estadual Carlos Gomes em São Miguel Paulista (Zona Leste de São Paulo), quando cinco deles criaram um evento no Facebook intitulado “Lute Pela Educação” e, a partir disso, muitos alunos passaram a utilizar a página para discussões sobre o assunto, começando a se organizar em relação às providências a serem tomadas (CAMPOS, MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Outro exemplo foi o do uso das redes como ferramenta de protesto por parte dos alunos da E.E. Carlos Gomes que logo no dia posterior ao comunicado do secretário de educação uma das alunas lançou diversas hashtags, como: #NossoCarlão, #AEscolaÉNossa, #ÉNóisQueManda, etc. o que acabou ajudando na organização de manifestações, sendo as hashtags compartilhadas por diversas pessoas (CAMPOS, MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

⁸ Frase retirada de cartaz durante manifestação das “Jornadas de Junho de 2013” em São Paulo.

O uso do *Whatsapp*, assim como de outras redes, também foi fundamental para o aprofundamento e rapidez do crescimento da luta dos secundaristas, como relatado em Entrevista 1 (2018); Entrevista 2 (2019); Entrevista 3(2019); Entrevista 9 (2020); Entrevista 6 (2020), etc., em documentários como o “Escolas de Luta” (2017) e outros relatos, no período anterior às ocupações e também durante, por conta das facilidades na comunicação. Outro fator fundamental foi o compartilhamento de um manual traduzido pelo coletivo O Mal Educado, produzido por secundaristas do Chile em 2006, na chamada Revolta dos Pinguins. Esse manual traduzido foi distribuído pelas redes, principalmente por *Whatsapp* e em manifestações de rua, e como bem falou a primeira entrevistada (2018) em entrevista, foi fundamental para que os estudantes chegassem à conclusão de ocupar as escolas.

A partir dessas percepções, é possível identificar o que André Lemos (2008) afirma quando diz que existe uma relação simbiótica entre o homem, a natureza e a sociedade, entendendo que em cada época da história da humanidade existe uma correspondência com alguma cultura técnica particular. Esta visão fica visível nas experiências dos secundaristas com o uso das redes, além de ser também perceptível que hoje é quase impossível analisar as lutas sociais sem se atentar ao uso das novas tecnologias. Tal uso tem se tornado cada vez mais frequente em escala global e é analisado por diferentes perspectivas desde a década de 1990, quando se começava a observar os primeiros grupos tidos como ciberativistas.

1.2.1. OS PRINCÍPIOS DA INTERNET

Práticas de comunicação que ocorriam a distância pelo transporte e por mensagens já aconteciam desde, pelo menos, o fim do século XIX e início do século XX, tendo aprofundamentos tecnológicos ao longo dos anos. Como coloca Manuel Castells (2016) foi com o advento das tecnologias de comunicação operadas eletricamente (caso do telégrafo e telefone) que a simultaneidade à distância foi introduzida nas relações sociais.

Os computadores foram criados e usados intensamente por cientistas para cálculos matemáticos mais complexos desde, pelo menos, metade do século XX. Porém, seu desenvolvimento maior, principalmente na área de informática e cibernética (LEMOS, 2008), se deu a partir da década de 1970, quando tanto os cientistas quanto os militares norte-americanos passaram a demandar uma rede onde poderia se trocar informações confidenciais sem possibilidade de destruição por bombas, considerando estarem em contexto da Guerra Fria. Assim, criaram uma rede de redes, sem centros, onde as informações ficassem armazenadas de

forma descentralizada, sem estarem necessariamente em um espaço físico e resistindo a ataques físicos. Nesse sentido, as primeiras redes que dariam bases ao que conhecemos da internet surgiam da ousadia de alguns cientistas, a partir de uma necessidade militar, mas sua difusão e ideologia libertária vieram fortemente da contracultura californiana presente naquele período, ainda com o movimento *hippie*, mas também com fortes movimentos estudantis (por conta de importantes universidades na região), e consequentemente um pensamento mais progressista e libertário (CASTELLS, 2016).

Com o tempo, os computadores foram se desenvolvendo, diminuindo seu tamanho e aumentando sua capacidade, e por eles mais empresas foram se interessando. Assim houve uma difusão desta tecnologia, surgindo o *Personal Computer* (PC), lançado em 1981 pela IBM. Neste momento é que de fato se deu uma grande revolução e os computadores passaram a ser de uso pessoal, entrando nas casas das pessoas. Entre fins da década de 1980 e meados da década de 1990, os PCs se difundiram mais, enquanto a internet passava a ser mais acessada.

Ainda de forma bastante limitada, a internet passa a se difundir, tendo impactos importantes na vida social de grandes cidades: na forma de trabalho, no acesso a informações e, inclusive, para alguns movimentos sociais. Segundo Sérgio Bairon (2012) ainda na década de 1980 teve início a criação da base fundamental do que viria a ser a internet como se conhece hoje, quando no interior da CERN (Organização Europeia para a Investigação Nuclear, na Suíça) um de seus pesquisadores, Tim Berners-Lee, construiu um sistema de nome *Enquire*, que tinha como objetivo facilitar o compartilhamento de informações, documentos e pesquisa no geral. A partir dessa construção criou-se a *World Wide Web* (WWW) entre os anos de 1990 e 1991, o que uniu as características do hipertexto (quebra da linearidade do texto a partir do uso de links, ou até mesmo das notas de rodapé) e hipermídia (produção multimidiática a partir dos usos das redes digitais) com a internet (BAIRON, 2012). Segundo Bairon (2012) a expansão do WWW esteve diretamente relacionada ao fato de não ser um sistema proprietário. Sendo livre, não se tinha a necessidade de nenhum licenciamento (BAIRON, 2012), e, além disso, o formato do WWW ajudou a facilitar muito as pesquisas pela internet (CASTELLS, 2016), por conta de seu novo *design* mais acessível. Começava, nesse período, a ideia de uma Sociedade em Rede, como aponta Manuel Castells (2016) e a noção de cibercultura (LÉVY, 1999).

1.2.2. A SOCIEDADE EM REDE E AS POSSIBILIDADES DE UMA INTELIGÊNCIA COLETIVA

André Lemos (2008), ao abordar o desenvolvimento e crescimento das tecnologias do digital, afirma não acreditar em determinismo social, e sim na existência de uma sinergia entre o tecnológico e o social: “A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberspaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.) vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura” (LEMONS, 2008, p.15).

Manuel Castells (2016) afirma que redes já existiam nas antigas formas de organização humana (como as redes de telefonia, por exemplo) mas as tecnologias digitais de formação das redes são características da Era da Informação, uma vez que essas:

(...) alimentaram as redes sociais e organizacionais, possibilitando sua infinita expansão e reconfiguração, superando as limitações tradicionais dos modelos organizacionais de formação de redes quanto à gestão da complexidade de redes acima de uma certa dimensão. Como as redes não param nas fronteiras do Estado-nação, a sociedade em rede se constitui como um sistema global, prenunciando a nova forma de globalização característica de nosso tempo (CASTELLS, 2016, p.12).

Mesmo que essas transformações possam (e puderam) ser sentidas em perspectiva global, estas não eram recebidas de forma igualitária em todas as partes. Além disso, sempre existiram aqueles completamente excluídos desses efeitos, o que gerou uma exclusão social ainda mais profunda, considerando o impacto de tais transformações nas mais diversas atividades pelo mundo (CASTELLS, 2016). A problemática maior se dá pois: “Quando a Rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social” (CASTELLS, 2016, p.80). No Brasil, segundo a pesquisa TIC Domicílios do Comitê Gestor da Internet (2017), 67% da população tinha acesso à Internet, sendo que metade dessa população com acesso, o tem exclusivamente por aparelhos móveis.

Néstor Garcia Canclini (2015) também faz uma crítica à visão extremamente otimista em relação às redes ao afirmar que existiam, e ainda existem, muitas desigualdades inclusive no interior dos diferentes países tanto na conexão da internet, quanto no próprio acesso a redes. Nessa perspectiva Canclini (2015) coloca como importante reconhecer as diferenças e corrigir as desigualdades para que assim se possa de fato conectar as maiorias nas redes globalizadas. Os incluídos, hoje, são os que estão conectados, enquanto que os excluídos são os que se veem rompidos de seus vínculos ao ficarem sem trabalho, casa e conexão (CANCLINI, 2015).

Segundo Canclini (2015), nesse mundo de conexões quem não está conectado é colocado na condição de explorado, o que antes era apenas definido no âmbito do trabalho: “agora, o mundo apresenta-se dividido entre os que têm domicílio fixo, documento de identidade, cartão de crédito, acesso à informação e dinheiro, e, por outro lado, os que carecem de tais conexões” (CANCLINI, 2015, p.92). A exploração vai se fortalecendo em um mundo de conexões, onde o forte passa a ser aquele que consegue se manter conectado em caminho de aumentá-las: “Agora, o capital que produz a diferença e a desigualdade é a capacidade ou a oportunidade de mover-se, manter redes interconectadas. As hierarquias no trabalho e no prestígio estão associadas não só à posse de bens localizados, mas também ao domínio de recursos para conectar-se” (CANCLINI, 2015, p.95).

Sobre as características mais técnicas dessas redes e sua base colaborativa está o hipertexto que foi ganhando maior relevância quanto mais a internet ia se expandindo, ao longo da década de 1990. O interessante do hipertexto é a sua tendência colaborativa - assim como as bases da internet - o que, segundo Ted Nelson faz com que no mundo cibercultural não possa existir a última palavra (apud BAIRON, 2012), ou seja: “Não pode haver uma última versão, um último pensamento. Sempre há uma nova versão, uma nova ideia, uma nova interpretação” (BAIRON, 2012, p.25). Nessa perspectiva se dá a possibilidade de que o leitor interaja, não mais limitando todo o sentido textual somente ao autor (BAIRON, 2012). Indo para além dos textos, deu-se, de forma geral, uma possibilidade de interação multidirecional, onde o receptor, além de interagir diretamente com o emissor, pode também criar e distribuir conteúdo pela rede, dando uma nova dinâmica onde a interatividade tornou-se marca (PENTEADO, 2012).

Segundo André Lemos (2008), a revolução digital que ocorre nesse período, na realidade implicou progressivamente na passagem do *mass media* (principalmente TV, rádio, imprensa e cinema) para formas mais individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. A partir desse momento, a circulação de informações não obedecia mais uma hierarquia da árvore (de um para todos) mas sim uma multiplicidade, representada na imagem de um rizoma, ou seja, de todos para todos (LEMOS, 2008). Para Massimo Di Felice (2014) o advento da comunicação digital é uma das mais importantes revoluções de nosso período, por conta de sua arquitetura informativa, da facilidade de distribuição de informações e da possibilidade interativa que ela traz, sendo um marco por afetar expressivamente a forma de transmissão das informações.

A partir da década de 1990 houve uma fusão entre a mídia de massa personalizada globalizada com a comunicação mediada por computadores, e essa junção trouxe à tona um novo sistema, que, segundo Castells (2016), é caracterizado pela integração de diferentes veículos de comunicação com seu potencial interativo. Surgia aí a *Multimídia*, que estende o âmbito da comunicação eletrônica para todo o domínio da vida (CASTELLS, 2016). As tecnologias se tornaram praticamente onipresentes, misturando-se de forma bastante radical e imperceptível à nossa cultura através do que André Lemos (2008) afirma ser um *devir* micro (tornando-se invisível) e do *devir* estético. Assim: “Este movimento vai, como veremos, aproximar a tecnologia contemporânea do prazer estético e do compartilhamento social” (LE MOS, 2008, p.17).

A conectividade global ocorreu, em grande medida, a partir de uma convergência de tecnologias, passando, principalmente, da comunicação analógica para a de uma base única, a digital, facilitando muito esse processo (PENTEADO, 2012). Este momento em que os mais diversos tipos de informação passavam a ser digitalizados ou produzidos diretamente de forma digital, ocorreu devido a uma onda de fundo tecnológico e que cada vez mais atingia a atividade humana (LÉVY, 2003).

Para Lévy (2003) com uma maior intensidade de conexões e memórias informatizadas a extensão das redes digitais se expandiu tanto que atingiu “(...) um ciberespaço mundial no qual todo elemento de informação encontra-se em contato virtual com todos e com cada um” (LÉVY, 2003, p. 11). Tal crescimento ocorreu de forma exponencial: foram sendo criadas redes de redes baseada em uma cooperação distribuída de milhares de centros informatizados pelo mundo, dando bases para internet como conhecemos, tornando-a o símbolo do que chamamos ciberespaço (LÉVY, 2003).

Pierre Lévy (2003) ainda questiona se essas novas tecnologias não acabariam por trazer um maior abismo entre ricos e pobres. Apesar de identificar a possibilidade, traz uma análise mais otimista. Lévy (2003) coloca que, ao contrário do que nossa espécie fez com o momento de seu nascimento (no caso a primeira grande mutação antropológica do neolítico que se via surgir a pecuária, agricultura, cidade, escrita, etc.), agora temos “(...) a possibilidade de pensar coletivamente essa aventura e influenciá-la” (LÉVY, 2003, p.15). Mas para além das transformações dos instrumentos de comunicação e do pensamento coletivo, acredita na necessidade de uma reinvenção da democracia, com uma que possa ser distribuída por toda

parte, de forma ativa e molecular (ultra rápidas e precisas) (LÉVY, 2003). Desta forma se construindo e ajudando a desenvolver uma inteligência coletiva.

De forma geral, a inteligência coletiva seria: “(...) uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2003, p.28). Assim, um coletivo inteligente seria aquele em que a comunidade assumisse como objetivo uma negociação permanente da ordem estabelecida, sua linguagem, o papel de cada participante, o discernimento, a definição dos objetos e a própria reinterpretação de sua memória (LÉVY, 2003). Nessa perspectiva, nada é fixo, não significando que tudo seja um completo caos, pois os atos devem ser coordenados e avaliados em tempo real a partir de critérios que são constantemente reavaliados e contextualizados (LÉVY, 2003).

O desafio para a concretização de uma inteligência coletiva, segundo Claudio Luís Penteado (2012), se dá em inventar uma linguagem que atue para além da escrita, para que assim o processo de comunicação consiga ser tratado de forma livre e seja facilmente distribuído para todos os membros da rede. Assim, seria possível criar condições para as pessoas trabalharem em comum acordo. Segundo Penteado (2012): “Em uma sociedade conectada pelas TICs, o conhecimento distribuído por todas as partes pode estar constantemente em interação. Nesse coletivo inteligente, a comunidade assume o papel de valorizar a troca e a construção em conjunto de formas de saber” (PENTEADO, 2012, p.103). É fato que, para isso se concretizar, é preciso uma democratização de acesso às TICs, além da incorporação e qualificação destas pessoas incluídas, para que possam efetivamente participar desse tipo de coletivo rico em informações processadas de forma coletiva, estimulando mais pessoas para a formação de uma ética em prol do conhecimento igualitário (PENTEADO, 2012).

Di Felice (2014) afirma que a forma de produção de conhecimento mais recente está baseada no diálogo, ou seja, não está predeterminada e, portanto, deve ser construída colaborativamente. A internet aproxima ainda mais a possibilidade de construção de conhecimento a partir do diálogo, dando ainda a possibilidade de agregação imediata e instantânea de saberes distantes (DI FELICE, 2014). Para André Lemos (2008) o desenvolvimento tecnológico está longe de ser apenas agente de separação, alienação e esgotamento das diferentes formas de solidariedade sociais, na realidade, pode ser “(...) como instrumento de cooperação mútua e de solidariedades múltiplas” (LE MOS, 2008, p. 20).

Sobre as possibilidades participativas das redes, Derrick de Kerckhove (2008) fala sobre a ciberdemocracia. Para o autor as redes possuem uma qualidade essencialmente democrática, e por isso acredita que a internet diverge da imprensa, dando ao indivíduo o poder do controle e do domínio sobre a linguagem. Mas Kerckhove (2008) também lembra um problema central, que pode trazer um perigo real, se parte dos cidadãos deixarem a gestão de questões nacionais, internacionais e das redes inteiramente nas mãos dos governos que poderiam ser acobertados pelo segredo nacional. Assim, o autor traz a importância de exemplos de transparência nos serviços públicos para uma possibilidade de ciberdemocracia (KERCKHOVE, 2008).

A inteligência coletiva (LÉVY, 2003) e até mesmo a ciberdemocracia (KERCKHOVE, 2008) podem ser percebidas, não necessariamente em aspectos gerais, mas em experiências mais limitadas, já nos anos 1990 com movimentos sociais que usaram essas tecnologias. Foi o caso do movimento zapatista em 1994 no México, que a partir de uma luta constituída por diferentes etnias indígenas na região de Chiapas, conseguiu apoio internacional com grupos tidos como ciberativistas de todo o globo. A partir daí, tiveram diversas vitórias, com a construção de uma luta social coletiva usando as redes digitais.

Além do desenvolvimento de uma inteligência coletiva, o uso das redes pelos movimentos sociais ajuda, de uma forma rápida e autônoma, na difusão de informações inclusive para a própria segurança dos grupos. Não é à toa que, no caso das ocupações das escolas em São Paulo em 2015, os estudantes difundiram a todos a necessidade de sempre estarem com o celular em mãos para filmar qualquer ação abusiva de algum agente do Estado, principalmente a polícia militar, e divulgarem o mais rápido possível, mostrando o seu lado da história. Esse tipo de ação ocorreu em diversas escolas, como por exemplo na E.E. José Lins do Rego: segundo um aluno, depois de uma ação repressiva da polícia em sua escola, a única coisa que conseguiram fazer foi “(...) pedir pro pessoal que filmou compartilhar o vídeo no Facebook, (...) que alguma atitude fosse tomada...” (apud. CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

O uso de *smartphones*, portanto, substitui o papel importante que tiveram as *lan houses* para uma democratização de acesso às redes (LEMONS, 2014). Em uma sociedade de hipercomunicação, o telefone celular foi ganhando maior capacidade de processamento, passando a ser como um computador (SILVEIRA, 2012). Assim, a facilidade de cada um filmar a partir de seus aparelhos móveis e a fácil e instantânea difusão dessas imagens e outras informações, ajuda a demonstrar que, como afirma Ronaldo Lemos (2014), estamos entrando

em uma era cada vez mais multimídia. Dando frutos tanto numa produção cultural periférica que atinge os centros das cidades, como funk ostentação em São Paulo ou o tecnobrega no Pará (LE MOS, 2014), quanto na luta política no caso das ocupações das escolas. Todas essas produções vão circulando pelo *Youtube* e em diferentes redes sociais, trazendo um efeito descentralizador na forma como a cultura é criada e distribuída, afirma Ronaldo Lemos (2014).

Mesmo com muito otimismo diante das potencialidades das redes digitais, também é necessário observá-las de forma crítica, como já colocado por Castells (2016). Desde que as redes começaram a se difundir de forma rápida pelo mundo, começou a se ter também um problema diante daqueles que continuavam excluídos, ou seja, os que ficavam de fora desse processo se afundavam cada vez mais em abismos de desigualdade (CASTELLS, 2016). Além disso, outras questões fundamentais desse período se deram com a facilidade com que empresas de comunicação e tecnologia tem em conseguir se apropriar dos dados pessoais de seus usuários, além da facilidade para espionagem do próprio governo em relação à sua população.

O controle da população tem ficado cada vez mais facilitado a partir do momento em que todos colocam tudo nas suas redes sem se preocuparem com a segurança de seus dados. Outro fato importante é que mesmo com as potencialidades de liberdade nas redes, grandes empresas as têm dominado, como *Facebook* ou *Google*, fazendo com que suas lógicas empresariais internas imperem, já que muitos estão se limitando a usar somente seus aplicativos e ferramentas. Como pode ser visto em grande parte dos movimentos sociais contemporâneos pelo mundo, inclusive no caso das ocupações das escolas, o *Facebook* se mostrou como rede social essencial, mas é importante ressaltar que o formato dessa rede tem seus casos de censura privada que acaba sendo feito de forma arbitrária (SILVEIRA; 2015).

Além disso, sabe-se da importância do *Facebook* para os debates públicos atuais, mas o grande problema segundo Sergio Amadeu da Silveira (2015) é que essa plataforma que exerce importante papel de local virtual público de debates e articulações possui um estatuto privado, o que dá poder a estes de bloquearem ou removerem conteúdos por conta própria. Inclusive, toda lógica libertária e descentralizada das bases das redes da Internet é quebrada dentro do “jardim murado” dessas grandes redes sociais como o Facebook que são altamente centralizadas e pré-definidas (SILVEIRA, 2015). Nessa mesma perspectiva temos também a explosão de notícias falsas sendo distribuídas incessantemente e influenciando inclusive eleições de grandes países, como o caso dos EUA e Brasil.

1.2.3 O SURGIMENTO DOS MOVIMENTOS CIBERATIVISTAS

Como pode ser percebido, o uso das redes para os movimentos sociais foi se desenvolvendo, porém boa parte de suas bases é semelhante: maior facilidade de comunicação, autonomia no compartilhamento de informações e maior visibilidade. Segundo Castells (2016), a interatividade que a rede mundial de computadores possibilita faz com que movimentos sociais ganhem uma nova dimensão, passando a funcionar num formato de rede. Segundo Penteado (2012, p.100):

Essas redes, estruturadas em identidades sociais e culturais, se articulam em âmbito local, regional, nacional ou mesmo transnacional, e tem na comunicação uma ferramenta estratégica tanto para a visibilidade e legitimidade do grupo, como para o desenvolvimento de formas de ação política.

Nos anos 1990 diversos movimentos que se colocavam como de ação direta, com suas práticas sociais e comunicativas, começaram a utilizar as redes, trazendo novas formas de relações e conflitualidades (DI FELICE, 2017). Segundo Massimo Di Felice (2017) a emergência de tais grupos nesse período trouxe novos movimentos e novas formas de participação que se baseavam fortemente em questões globais (mas não somente). Isso era facilitado pela utilização das novas arquiteturas informacionais digitais que se ampliavam na época, facilitando a divulgação, o compartilhamento de informações e as novas práticas experimentais de conflito. Tinha-se início “(...) uma concepção de luta no interior dos *bits* e dos circuitos informativos digitais” (FELICE, 2017, p. 138).

Os novos movimentos que surgiam com uso intensivo das tecnologias digitais passaram a se colocar como *internet activism*, *electronic advocacy*⁹ ou ciberativismo (DI FELICE, 2017). O termo ciberativismo surge na década de 1990 como uma forma de indicar uma ampla e heterogênea quantidade de movimentos que tinham como característica um novo tipo de participação, fortemente voltados para as tecnologias digitais e que se manifestavam por diferentes partes do globo (DI FELICE, 2017). Nessa forma de ativismo, tinha-se o uso das tecnologias para reforçar suas organizações tanto local quanto globalmente, conseguindo com mais facilidade a coordenação internacional de campanhas e protestos, além da facilidade de difusão de informações, denúncias e petições (DI FELICE, 2017).

⁹ Ativismo de Internet, ou seja, uso das tecnologias de comunicação eletrônicas para algum tipo de ativismo.

Mas, segundo Di Felice (2017), não é somente a simples integração da Internet nos processos comunicativos que caracteriza o ciberativismo, pois neles a própria arquitetura comunicativa das redes transforma suas formas de ativismo, participação, espaços de debate, identidades coletivas e até estratégias de conflito. Ou seja, o uso dessas tecnologias mexe nas estruturas de todo processo de lutas desses movimentos. Alguns exemplos trazidos pelo autor de formas de protesto online onde as redes digitais não foram utilizadas somente como instrumentos de difusão de conteúdo, mas também com os próprios lugares de escolha fazendo parte da forma de interação com novas formas mais experimentais, podem ser vistos nas figuras de Hakin Bey e Luther Blisset, que eram personagens midiáticos sem uma identidade: “(...) dois nomes coletivos utilizados por muitos ativistas que em muitos países e em modos diversos começaram a fazer experimentações de participação informativa, teorizando novas formas de protagonismo ecológico-comunicativo” (DI FELICE, 2017, p.141). É possível ver semelhanças desse tipo de movimento com o movimento mais recente dos *Anonymous* que acabou se difundindo por diversas partes do mundo em manifestações tanto online quanto nas ruas.

Segundo Bachini e Ceneviva (2017) o ciberativismo engloba um número grande e diverso de movimentos, que podem ser desde aqueles que apenas utilizam das redes como recurso de mobilização e comunicação, o que eles denominam como ativismo computadorizado, passando por aqueles que se formam a partir da internet e a instrumentalizam para produção de informação contra hegemônica, os chamados midiativistas, ou até aqueles que realmente possuem grande conhecimento das tecnologias e programação e fazem um combate interno, considerando como principal ferramenta contra o sistema capitalista, os chamados hacktivistas.

Os principais grupos que se colocavam como ciberativistas (ou que viam essas tecnologias como ferramentas importantes para suas lutas) eram de países mais desenvolvidos. Muitos grupos altermundialistas usavam essas tecnologias para se comunicar em diferentes países, sendo o caso da manifestação em Seattle no ano de 1999 muito importante para que os diferentes grupos pelo mundo se organizassem (BACHINI; CENEVIVA, 2017).

Segundo Bringel e Muñoz (2010), dez anos depois da queda do muro de Berlim um novo muro havia caído: o muro do silêncio, com as manifestações ocorridas em Seattle no ano 1999 contra o neoliberalismo e a afirmação do “*There’s no alternative*”¹⁰. Os Protestos de

¹⁰ “Não Há Alternativas”, baseado na ideia das grandes potências econômicas e a defesa da Agenda Neoliberal a partir do Consenso de Washington de 1988. E também a noção de que com o fim da URSS teríamos chegado ao

Seattle ajudaram no nascimento do movimento antiglobalização, que trouxe uma importante mudança tanto na sociedade internacional quanto nas formas de mobilização política (levando a ação política para níveis internacionais) (BRINGEL; MUÑOZ, 2010).

Algumas características desse movimento antiglobalização, segundo Bringel e Muñoz (2010) são: em primeiro lugar uma enorme heterogeneidade na união de diversos setores de esquerda e diversas lutas; em segundo um caráter espetacular de seu repertório de ações coletivas, os ajudando a chegar na mídia; em terceiro:

(...) a utilização das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, com iniciativas que surgem desde Seattle [...] ou os diferentes canais de contra-informação, os quais se constituíram em ferramentas-chave em todo o mundo para canalizar a informação contada pelos próprios movimentos sociais, mas que também funcionam como instrumentos de participação, mobilização e criação de identidade (BRINGEL; MUÑOZ, 2010, p.30).

A quarta característica é a horizontalidade como forma de organização política e um sistema de tomada de decisões a partir de assembleias e por consenso; já a quinta traz a importância da conexão global, ou seja, “pensar globalmente, atuar localmente”, sendo esse o impulsor que identifica a globalização neoliberal como causa principal de diversos conflitos locais, com importância a visibilidade global; o sexto, por fim, se trata da radicalidade reivindicativa frente a um modelo socioeconômico que se coloca como infalível, trazendo à tona que um outro mundo é possível (BRINGEL; MUÑOZ, 2010).

Observando tais características, é possível perceber diversas semelhanças com os movimentos globais recentes, inclusive as Jornadas de Junho de 2013 e as ocupações das escolas em 2015, principalmente nas características três e quatro, (uso das TICs e horizontalidades e decisões a partir de assembleias e consenso). Muito por conta dessas características que Henrique Parra (2013) afirma que os movimentos de Junho de 2013, e os que explodiam pelo mundo naquele período, eram vistos por ele como uma certa continuação dos movimentos antiglobalização do período anterior, diferentemente de Maria da Glória Gohn (2017) que enxerga uma mudança de períodos, com características distintas, nomeando essa nova fase de a dos novíssimos movimentos.

Com a explosão dos movimentos antiglobalização, também surgia o Fórum Social Mundial, que segundo Bringel e Muñoz (2010) era visto como uma tática mais reformista do

fim da História e que agora o capitalismo venceu e viveríamos o mundo todo regidos por ele, como defendeu o cientista político Francis Fukuyama em sua obra de 1992.

movimento, apostando em respostas institucionalizadas para reformar a globalização neoliberal. Uma construção mais revolucionária associava-se majoritariamente à Ação Global dos Povos, com maior participação de movimentos de base e com uma ideia chave voltada ao conflito social (BRINGEL; MUÑOZ, 2010). Porém, mesmo no Fórum Social Mundial, desde sua primeira edição (2001) já se via as tecnologias de informação e comunicação como importantes e inclusive tiveram a participação de movimentos tidos como ciberativistas.

Segundo George Yúdice (apud CANCLINI, 2015) os movimentos desse período ofereceram de fato grandes críticas às privatizações, aos programas de austeridade do Banco Mundial e FMI, aos efeitos do neoliberalismo no meio ambiente, mas não chegaram a encarar de fato as questões culturais e comunicacionais, quando o fizeram foi de forma bastante superficial. Assim, Yúdice (apud CANCLINI, 2015) afirma que careciam propostas para circulação democrática e mais equitativa dos bens simbólicos, num período que ele considerava que a multiculturalidade não iria desaparecer mas ser administrada de forma seletiva pela lógica da transnacionalização econômica.

Também nesse período uma variedade de lutas plurais utiliza das novas redes para aprofundar a ideia de pertencimento e de suas lutas. Isso pode ser visto desde fins da década de 1990 até os dias atuais em movimentos LGBTQI+, indígenas, negros, feministas, etc. utilizando dessas novas tecnologias para aprofundarem suas lutas (CASTELLS, 2016; PENTEADO, 2012). Ou até mesmo o fundamentalismo religioso, o crime organizado, terrorismo ou movimentos xenófobos e racistas pela facilidade de se encontrarem em rede, difundirem ideais e se fortalecerem sem estarem necessariamente no mesmo território (CASTELLS, 2016), o que ajuda a perceber que as contradições de tal acontecimento demonstram a complexidade do assunto.

Ao longo dos anos 2000 as redes de internet foram se desenvolvendo cada vez mais: com a difusão da web 2.0, a possibilidade de distribuição de arquivos, documentos e informações mais complexas de forma muito mais intensa e a rápida ampliação na democratização de tais tecnologias. Quase todas as atividades nas sociedades mais urbanizadas foram se digitalizando, o aumento do acesso foi bastante grande, e, no entanto, os que não tinham, ou ainda não têm, acesso entram em uma exclusão cada vez mais profunda.

1.2.4 OS MOVIMENTOS PÓS-CRISE DE 2008 E O USO DAS REDES DIGITAIS

Com a crise de 2008 nos EUA e com o aumento de protestos e manifestações em escala global a partir dos anos 2010, nota-se que muitas dessas manifestações tiveram como base fundamental o uso das redes sociais, principalmente a partir do uso massivo de redes móveis (CASTELLS, 2013; BACHINI; CENEVIVA, 2017). Algo importante a se notar é que muitos desses movimentos surgem concomitantemente, de forma rápida e autônoma, algo que dificilmente poderia ocorrer em tamanha escala sem o uso intenso das redes sociais digitais. Movimentos no Oriente Médio, Europa, Estados Unidos e América Latina, inclusive no Brasil, que teve como marco as manifestações de junho de 2013.

Segundo Manuel Castells (2013), as manifestações desse período surgiram quando o sentimento de confiança havia se desvanecido, dificultando o funcionamento das instituições. A partir das conexões entre diferentes pessoas e diferentes lutas pelas redes sociais, foram sendo construídos projetos a partir de múltiplas fontes do ser (ou seja, da diversidade de demandas e lutas), fazendo com que os indivíduos formassem redes que não necessariamente tivessem um mesmo ideal e nem filiações organizacionais (CASTELLS, 2013). Castells (2013) enxerga então, uma união de sujeitos e lutas para superar o medo que ocorre em muitos desses novos movimentos, incluindo as ocupações das escolas que utilizavam as ocupações como união mesmo havendo o medo, e a população que fazia vigília em volta de várias das escolas demonstrava também a força dessa união.

Esses movimentos foram se espalhando “por contágio”, pelo mundo cada vez mais interconectado e com rápida difusão de imagens e ideias (CASTELLS, 2013). Este processo teve início quase ao mesmo tempo nos países do Sul e do Norte global (Tunísia e Islândia¹¹) e depois foram se espalhando por diversas partes. Dessa forma, pode se dizer que os movimentos sociais conectados em rede deram as bases para a chamada Primavera Árabe, passando pelos *Indignados* da Espanha, o *Occupy Wall Street* dos EUA, por países como Chile, chegando também ao Brasil com as Jornadas de Junho de 2013.

¹¹ Na Tunísia se iniciaram depois que Mohamed Bouazizi, um jovem vendedor ambulante, autoimolou-se em frente a um prédio do governo como forma de protesto por ter sido confiscada sua barraca de vendas e por ter se negado a pagar propina. O seu primo filmou essa forte ação, que foi divulgada pelas redes e logo começaram as explosões de protestos por todo o país, que culminariam na chamada “Primavera Árabe”. No mesmo período, os cidadãos islandeses também estavam passando por problemas com o governo de seu país, mas por este ter sido o primeiro a ser afetado pela Crise Global em 2008, acabaram fazendo amplos protestos não apenas contra o governo mas também os bancos, negando-se a pagar a dívida externa (CASTELLS, 2013).

Como coloca Castells (2013) a constituição de redes se dá pelo ato da comunicação.

Para o autor:

Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança (CASTELLS, 2013, p.11).

Assim, a transformação do ambiente de comunicação acaba afetando diretamente as normas de construção do significado, o que acaba afetando a própria produção de relações de poder.

Levando em consideração essas transformações na comunicação, Castells (2013) afirma que a mudança fundamental neste domínio foi com a chamada autocomunicação, onde se coloca o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação, sendo essas a fonte de comunicação e informação principal dos ativistas, que foram contra a mídia hegemônica (CASTELLS, 2013). Assim: “A autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013, p.12). Desse modo, o autor vê as redes de comunicação como fontes decisivas da construção de poder.

As Jornadas de Junho de 2013 vieram nesse contexto global de mobilizações com forte uso das redes sociais. De fato, as mobilizações de Junho de 2013 no Brasil tiveram forte repercussão pelas redes, atingindo uma diversidade de pessoas e lutas, principalmente em um segundo momento das mobilizações. No entanto, segundo um estudo de Lincoln Secco (2013), por mais que a maioria dos jovens manifestantes estivessem usando a internet para combinar os protestos, quem ainda continuava dando os grandes temas, inclusive de luta, eram os veículos de imprensa tradicionais. Além disso, Secco (2013) recorda que a internet também serve como um espaço de interação de indivíduos mediado pelo mercado e vigiado pelo governo. Dessa forma, mesmo que sejam lutas disseminadas pelas redes virtuais e agindo pelas singularidades das pessoas que participam, o conjunto ainda foi construído pelos donos do poder, ou seja, a potencialidade revolucionária dessas tecnologias acabou sendo cooptada (SECCO, 2013; LIMA, 2013).

Outra questão fundamental é perceber que o uso das redes por mobilizações no Brasil foi apropriado tanto para lutas mais progressistas quanto para lutas conservadoras (GOHN,

2017b). Isso foi visto desde junho de 2013, mas se aprofundou com grupos como Movimento Brasil Livre (MBL) ou Revoltados Online (na perspectiva mais conservadora) e as ocupações das escolas a partir de 2015 (em uma perspectiva mais progressista) (GOHN, 2017a).

Na perspectiva de Maria da Glória Gohn (2017a) o ambiente virtual para tais movimentos é somente uma ferramenta de apoio, e não um veículo básico de comunicação, adesão e interação. A autora concorda, no entanto, que de fato as novas tecnologias (principalmente internet e aparelhos móveis) são geradoras de um grande potencial de mobilização da sociedade civil, pois “(...) criam novas formas de sociabilidade longe das estruturas estatais institucionalizadas” (GOHN, 2017a, p.24). Os Novíssimos Movimentos Sociais entram aqui como atores importantes, pois utilizam essas tecnologias e se colocam como relevantes para construção de significados e decodificadores de informações nesse período de cacofonia de informações.

Nesse aspecto teço algumas considerações, pois existem aqueles que não enxergam o ambiente virtual somente como uma ferramenta de apoio para esses movimentos mais recentes. A partir de considerações como essas, no capítulo seguinte será colocada a teoria do “Net-ativismo”, que observa esses novos movimentos em uma perspectiva mais ampla, complexa a partir das metáforas de ecologias da ação e da comunicação (DI FELICE, 2017; SANTAELLA, 2010a) e não opondo o ambiente real e suas redes da reticularidade dos espaços digitais, as vendo mais como complementos uns dos outros.

No caso das ocupações das escolas em São Paulo, os estudantes começaram a se organizar também a partir das redes sociais com grupos específicos de cada escola, mesmo antes das ocupações, tendo também grupos para discussão de diferentes escolas para organização das manifestações integradas. Outro fato importante foi a distribuição do manual “Como ocupar uma escola” a partir de grupos do *Whatsapp*, bem como outros materiais. É como um aluno da E.E. Maria José falou: “A gente filma, tira foto, faz publicação na página do Facebook que é na página ‘Ocupação Maria José’ e a gente também pega depoimentos de pessoas que vão mudar de escolas, e também daquelas que não vão mais apoiar de alguma forma, colocamos nas redes sociais” (ANJOS REBELDES, 2015). A atualização das páginas durante as ocupações passou a ser uma função importante, como também pontua uma das estudantes do E.E. Fernão Dias Paes:

Como eu disse, criamos as páginas das escolas... então, tudo que a gente fazia a gente tinha essa preocupação de sempre estar alimentando a página por uma

questão de segurança e também visibilidade, pois as pessoas precisavam ver e entender o que estava acontecendo ali dentro, até porque era incrível, as pessoas precisavam saber que o que estava passando pela TV, na internet, era mentira, que ali dentro estava acontecendo uma coisa incrível. (ENTREVISTA 1, 2018).

Os secundaristas também sabiam dos riscos do uso de qualquer plataforma digital para organização ou desenvolvimento de novas táticas de luta, é por isso que segundo a primeira entrevistada (2018), utilizavam essas redes sociais mais para distribuição de informações, compartilhamento de matérias jornalísticas e atualizações sobre as ocupações, evitando o uso para tratar dos futuros passos, pois sabiam que poderiam ser facilmente rastreados ou grampeados. Essa pode ser vista como uma das problemáticas bastante complexas trazidas pela tecnologia e configuração em rede, que além das suas possibilidades positivas para a diversidade de indivíduos, traz como possibilidade negativa a fácil possibilidade de perda da privacidade (LEMOS, 2014).

Outra crítica importante trazida por Ronaldo Lemos (2014) é o fato de substituirmos a cidade pelo condomínio fechado, tal metáfora o autor leva para o *Facebook* (que possui hegemonia nas redes sociais) pois este não é como a praça da cidade, mas sim como a praça de um shopping, “(...) ele não é a cidade caótica, aberta, livre, desorganizada, mas o condomínio fechado onde existe uma inteligência central ou várias inteligências centrais que, no final das contas, decidem o que circula e o que não circula” (LEMOS, 2014, p.29-30).

Os movimentos sociais mais recentes não são necessariamente ciberativistas, mas também não podem ser compreendidos sem o uso de tais tecnologias. Importante ressaltar que muitos desses são organizados de forma autônoma, sem uma grande instituição (partidos, sindicatos ou movimentos sociais mais tradicionais) e conseguem fazer isso com a ajuda das facilidades das redes e com sua democratização de acesso cada vez maior.

Pelo rápido desenvolvimento que as redes tiveram desde a década de 1990, não se pode colocar que todos os movimentos sociais que surgiram naquele momento e os atuais faziam os mesmos usos das tecnologias de informação e comunicação. Tais usos foram se complexificando, e mesmo os diferentes movimentos atuais não as utilizam das mesmas formas, sendo importante observá-los a partir de seus contextos e especificidades.

Ponto importante é o fato de que em um contexto de muita interatividade digital e pouco contato humano muitas pessoas foram tendo dificuldades na criação de vínculos afetivos reais

(PENTEADO, 2012), por isso: “A cultura da interatividade somente se realiza dentro de um campo híbrido que envolve a vida social do contato direto e as relações do mundo virtual” (PENTEADO, 2012, p.121). Tal tipo de interatividade foi possível de ser observada nas diversas manifestações pelo mundo ao ocupar praças públicas, como na Espanha e nos EUA (CASTELLS, 2013), mas também com bastante profundidade no caso das ocupações das escolas em 2015 no estado de São Paulo.

Além disso, mostra-se importante ler esse mundo considerando os diferentes, os desiguais e os desconectados (CANCLINI, 2015). Para Canclini (2015, p.99): “O predomínio das redes sobre as estruturas localizadas torna invisíveis formas anteriores de mercantilização e exploração - que não desapareceram - e engendra outras”. Assim, do ponto de vista conceitual, os três modelos por ele colocados não são opcionais e por esse motivo devem ser pensados simultaneamente, ou seja, diferentes-integrados, desiguais-participantes e conectados-desconectados pois: “Num mundo globalizado, não somos só diferentes, só desiguais ou só desconectados. As três modalidades de existência são complementares” (CANCLINI, 2015, p.100).

CAPÍTULO. 2: OCUPANDO OS ESPAÇOS E AS REDES: AMPLIAÇÃO NO CONCEITO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

*“E é Di Cavalcanti, Oiticica e Frida Kahlo
Têm o mesmo valor que a benzedeira do bairro”*

Criolo – “Sucrilhos” – “Nó na Orelha” (2011)

Ao fazer um trabalho científico calcado em uma tentativa de produção não hegemônica, a teoria e epistemologia precisam estar bem relacionadas com a prática. Por se tratar de um trabalho com um movimento social e político, com um grupo de ativistas de uma luta social específica, e a partir de perspectivas de pesquisa como a “Pesquisa-Ação” (BARBIER, 1985; THIOLENT, 1986), “Pesquisa-Participante” (BRANDÃO, 1984) e da “Produção Partilhada do Conhecimento” (BAIRON; LAZANEO, 2012) vê-se como fundamental o aprofundamento nas perspectivas teóricas críticas que possam basear essas diferentes formas de pesquisa.

Foi feito, aqui, uma crítica à ciência moderna (que ainda se encontra como hegemônica na academia) mas ao mesmo tempo fortalecendo suas bases teóricas - não querendo sair da cientificidade de tal trabalho. Assim, será visto, neste capítulo, algumas perspectivas teóricas mais aprofundadas de crítica à racionalidade moderna de uma forma geral (LATOUR, 2012; 2016; MORIN, 2011; SANTOS, 2011; 2015; FEYERABEND, 2011; DELEUZE, GUATTARI, 2011; FOUCAULT, s/d). Assim serão observadas algumas diferentes perspectivas críticas, mas que têm em comum demonstrações das limitações de tal noção hegemônica, ao se perceber as relações de poder, as desigualdades, a necessidade de outros saberes e levando em consideração as contradições que a noção moderna segue ignorando.

Em consonância com essas perspectivas contra-hegemônicas, será aprofundada também uma noção mais ampla sobre movimentos sociais e uso das redes digitais, como uma perspectiva complexa, que leva em consideração a ação de diferentes actantes e não evitando as contradições dos movimentos sociais, por isso a noção do “net-ativismo” (DI FELICE, 2017) como uma possibilidade crítica, mais ampla e complexa para tratar do movimento secundaristas de 2015 em São Paulo, e com maiores aberturas as perspectivas de pesquisa mais participativas.

2.1. CRÍTICA À RACIONALIDADE MODERNA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

“Este monismo o idealismo total invalida la ciencia”

Jorge Luís Borges – Ficciones: “El Jardín de Senderos Que Se Bifurcan” (2018)

A modernidade, baseada na racionalidade europeia desde o século XV, mesmo tendo passado por diversas transformações, ainda tem sua base como hegemônica na produção científica contemporânea. Ao observar as limitações possíveis dentro de tal perspectiva, levando em consideração a desigualdade de poderes, o eurocentrismo e o antropocentrismo, será feita uma breve análise de tal perspectiva até chegarmos em diferentes teorias críticas que demonstram as limitações de tal noção hegemônica, com a necessidade de se ampliar para diferentes saberes (SANTOS, 2011), não mais mutilados (MORIN, 2011) e levando em conta as contradições, transformações e movimentos, já que a “realidade” não deve ser vista como algo fechado, estanque e totalmente controlável.

2.1.1. A RACIONALIDADE MODERNA COMO INFLUÊNCIA DIRETA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Edgar Morin (2011), com o seu pensamento complexo, irá se colocar contra uma visão de verdade universalista e de possibilidade de totalidade, presente no pensamento moderno cartesiano sobre uma verdade certa e distinta (DESCARTES, 1973) e no universalismo também presente em Immanuel Kant (s/d). Nesse sentido irá retomar uma frase de Adorno: “A totalidade é a não verdade”, demonstrando assim que o pensamento complexo reconhece as contradições e incompletudes de qualquer conhecimento, em contraposição aos objetivos gerais da racionalidade moderna. Reconhecendo que na ciência existe um predomínio cada vez maior de métodos de verificação tanto empíricas quanto lógicas, e que essas existem à luz da razão no intuito de atingirem a verdade. Porém, para Morin (2011), nesses procedimentos é possível encontrar por todo lado, juntamente com a produção do conhecimento, também: o erro, a ignorância e a cegueira.

Outra questão trazida por Morin sobre ciência ocidental, é a difícil relação entre o sujeito e o objeto a ser pesquisado: “Assim, na ciência do Ocidente, o sujeito é o *tudo-nada*; nada existe sem ele, mas tudo o exclui; ele é como o sustentáculo de toda verdade, mas ao mesmo tempo ele não passa de ‘ruído’ e erro frente ao objeto” (MORIN, 2011, p.42). Vê-se aqui algumas das contradições observadas na ciência moderna que além de ocidental é também antropocêntrica,

mas ignora a relação do sujeito com o objeto quando analisado - esse poderia ser um exemplo de cegueira contida na ciência tradicional.

A ciência moderna também foi, ao longo do tempo, cada vez mais se fragmentando e criando especialidades para se atingir a verdade. Mas isso é um erro para Morin (2011), que considera que dessa forma os cientistas tentam fugir da complexidade e contradições e acabam mutilando o conhecimento e suas relações mais diversas. Nesse sentido é possível ver como a ontologia do Ocidente estava baseada em entidades fechadas: “(...) como substância, identidade, causalidade (linear), sujeito, objeto” (MORIN, 2011, p.54). Importante ressaltar que tais entidades não se comunicavam entre elas e qualquer tipo de oposição ou contradição provocavam repulsão e até a anulação de certos conceitos, assim: “(...) a ‘realidade’ podia, pois, ser circunscrita pelas ideias claras e distintas” (MORIN, 2011, p.54). É por esse motivo que Morin (2011) afirma que a metodologia científica era reducionista e quantitativa, e que ao contrário dela, o pensamento complexo compreende que jamais poderemos escapar das incertezas que nunca iremos atingir um saber total.

Edgar Morin (2011) tenta então se atentar ao termo razão e posteriormente às diferenças entre racionalidade e racionalização, em suas concepções. Nesse sentido, coloca que a razão seria a vontade de se ter uma visão coerente dos fenômenos e do universo como um todo, ou seja, nessa existe um aspecto lógico, mas depois parte para a distinção entre racionalidade e racionalização. A racionalidade para Morin (2011) não seria um problema, ela será o jogo do diálogo incessante de nossa mente, criando estruturas lógicas, que acaba aplicando e dialogando com o mundo real. Nesse sentido afirma: “A racionalidade, de todo modo, jamais tem a pretensão de esgotar num sistema lógico a totalidade do real, mas tem a vontade de dialogar com o que lhe resiste” (MORIN, 2011, p.70).

A racionalização é que será um problema maior, segundo Morin (2011), uma vez que esta procura prender a realidade em um sistema coerente, e tudo que acabar por contradizer esse sistema deverá ser colocado de lado. Assim, afirma: “Aqui nos damos conta de que racionalidade e racionalização têm exatamente a mesma fonte, mas ao se desenvolverem tornaram-se inimigas uma da outra” (MORIN, 2011, p.70). Morin (2011) irá, porém, reconhecer a dificuldade de se saber o momento exato em que passamos da racionalidade para a racionalização, já que não existem fronteiras claras em relação a isso. Portanto, reconhece que com bastante frequência a racionalização se desenvolve na mente dos próprios cientistas.

A modernidade, que tem a racionalização como regra, é, segundo Bruno Latour (2016) muitas vezes definida pelo humanismo como sendo o nascimento do homem ou mesmo o

anúncio de sua morte. Segundo o autor (LATOUR, 2016), no entanto, essa concepção esquece do nascimento da não humanidade de todas as outras coisas em consequência, inclusive, dessas transformações do homem. Parte fundamental da modernidade está na separação completa dos saberes. A ciência moderna então irá tentar tratar tudo de forma separada, porém, por baixo de tudo isso irá continuar a se proliferar os híbridos (LATOUR, 2016). Tenta-se separar, de forma bastante contundente, os humanos dos não humanos, e essa será a atividade da chamada “Constituição Moderna”, que será o nome dado a estas separações, que na visão de Bruno Latour (2016) é somente uma tentativa que nunca foi de fato realizada.

Na “Constituição Moderna” (como Bruno Latour chamará os ditames modernistas) será inventada uma separação entre o poder científico e o poder político, sendo o primeiro para representar as coisas enquanto o segundo representaria os sujeitos (LATOUR, 2016). Mas Bruno Latour, de forma desconfiada afirma:

Este é todo o paradoxo moderno: se levamos em consideração os híbridos estamos apenas diante de mistos de natureza e cultura; se considerarmos o trabalho de purificação, estamos diante de uma separação total entre natureza e cultura. É a relação entre os dois processos que eu gostaria de compreender (LATOUR, 2016, p. 35).

Segundo Latour (2016), a não humanidade da natureza e a humanidade do social não devem ser vistas separadamente, pois ambas foram criadas juntas e sustentam-se mutuamente, servindo-se de contrapeso mútuo.

Outra característica fundamental da modernidade, segundo Bruno Latour (2016), está na questão do afastamento completa da ideia de Deus, ou seja, o tornando no “Deus suprimido da metafísica”. Nesse sentido, os modernos aplicam ao Deus Suprimido os desdobramentos que haviam aplicado tanto à natureza quanto à sociedade. Assim:

Torna-se possível, para os modernos, serem ao mesmo tempo laicos e piedosos. A garantia constitucional não era dada por um Deus supremo, mas sim por um Deus ausente - e, contudo, sua ausência não impedia que dele se dissipasse à vontade na intimidade do coração. Sua posição tornava-se ideal, uma vez que era colocado duas vezes entre parênteses. Não mais atrapalharia o desenvolvimento dos modernos ao mesmo tempo em que permanecia eficaz e fraternal no espírito dos humanos (LATOUR, 2016, p. 39).

A Constituição Moderna procura acabar de vez com a existência dos híbridos aos separá-los completamente, porém, pelo contrário, ela acaba permitindo a proliferação de híbridos (LATOUR, 2016).

Latour (2016) expõe sua concepção de uma forma ainda mais radical, ao dizer que na realidade o mundo moderno nunca existiu, pelo menos dentro das regras de sua própria constituição. Por isso diz que “Jamais Fomos Modernos”, já que:

(...) a Constituição forneceu aos modernos a audácia de mobilizar coisas e pessoas em uma escala que seria proibitiva sem ela. Esta modificação de escala não foi obtida, como os modernos acreditam, através da separação dos humanos e não-humanos, mas sim, pelo contrário, pela amplificação de sua mistura (LATOUR, 2016, p. 45).

A sociologia tida como tradicional é fruto da racionalidade moderna. Tal sociologia, Bruno Latour (2012) chama de “Sociologia do Social”, que tenta seguir o máximo possível os pressupostos das ciências naturais tentando atingir uma maior objetividade possível, principalmente com ferramentas quantitativas. Mas, os estudos sociais são complexos, e se limitam dentro de somente estas técnicas (LATOUR, 2012). Na perspectiva tradicional, a sociologia tenta restringir o social, evitar suas controvérsias e com isso sua complexidade. Tal perspectiva não se preocupa com o papel das associações (LATOUR, 2012). De forma geral, a Sociologia do Social “(...) tenta manter reunidos tão firmemente quanto possível e por maior tempo possível, elementos que ela afirma serem feitas da mesma matéria homogênea” (LATOUR, 2012, p. 230).

A tentativa da racionalidade moderna de se atingir o máximo de objetividade, excluindo a subjetividade, contradições e complexificações se mostra bastante limitada em diversas áreas do saber, mesmo essa ainda sendo a hegemônica dentro dos principais centros científicos da atualidade. Sua tentativa de uma verdade única se mostra desigual e bastante parcial, sendo muitas vezes o resultado de um poder concentrado, por isso a crítica feita por Boaventura de Sousa Santos (2011; 2015); além disso, se mostra pouco flexível para atingir a complexidade da realidade (MORIN, 2011) querendo se organizar de forma bastante irreal como se estivesse em um laboratório e pudesse dividir e explicar o mundo de forma concreta, sendo que na verdade o que se vê é cada vez mais grandes números de híbridos onde a separação se mostra impossível, demonstrando que na realidade “jamais fomos modernos” (LATOUR, 2016). Nesse sentido serão abordadas algumas destas noções críticas à racionalidade moderna para poder ser melhor absorvido ao longo do trabalho aqui feito. Tanto na ampliação das formas de saberes, quanto na complexidade observada dos movimentos analisados e da sociedade como um todo.

2.1.2. COMPLEXIFICANDO A PRODUÇÃO DO SABER: ALGUMAS DAS CRÍTICAS À RACIONALIDADE MODERNA

*"Deixar que os fatos sejam fatos naturalmente
Sem que sejam forjados para acontecer
Deixar que os olhos vejam os pequenos detalhes lentamente
Deixar que as coisas que lhe circundam estejam sempre inertes
Como móveis inofensivos, para lhe servir quando for preciso
E nunca lhe causar danos, sejam eles morais, físicos ou psicológicos"*

Chico Science & Nação Zumbi - "Corpo de Lama" – Da Lama ao Caos (1994)

2.1.2.1. A FALHA DA MODERNIDADE EM "PURIFICAR" A REALIDADE: A PROLIFERAÇÃO DOS HÍBRIDOS

Ao observarmos a perspectiva da racionalidade moderna e sua tentativa de colocar o conhecimento das coisas em si dentro dessa noção, percebemos a necessidade, dentre outras, de uma separação total entre saberes (existindo inclusive uma hierarquia destes) para que se possa atingir a verdade da forma mais objetiva possível. Mas será que isso de fato é possível?

Bruno Latour, em *Jamais Fomos Modernos* (2016), começa sua obra falando sobre uma de suas leituras cotidianas de um jornal. Ao tempo em que lê este jornal, vai falando sobre a multiplicidade de temas que nele existem e faz a seguinte pergunta: como separá-los? O que o autor demonstra é que mesmo em uma atividade cotidiana simples, como ler um jornal, já existem uma enormidade de mistura de atores dos quais parece ser muito difícil separar. Nesse sentido, Latour (2016) já coloca a existência muito presente dos híbridos na vida social. O que ele traz é que a tarefa da racionalidade moderna de separação dos saberes para melhor compreendê-los, na realidade ainda não conseguiu efetivamente ser feita, já que o que mais vemos é a proliferação de híbridos (LATOUR, 2016).

Néstor Garcia Canclini (2013) fala sobre hibridação dentro de uma concepção sobre cultura e identidade, mas enxerga esta como cada vez mais presente no mundo contemporâneo a partir da facilidade do acesso à diversidade cultural de todo o planeta. Logo na introdução de seu livro, deixa claro que a "hibridação" para ele não se trata de um sinônimo de fusão de culturas sem suas contradições, ou seja, leva em conta os conflitos e contradições de todas essas hibridações (CANCLINI, 2013). Em um primeiro momento define: "entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI, 2013,

p.XIX). Com a globalização e o advento das tecnologias digitais de forma cada vez mais ampla, tal hibridização só tende a aumentar (CANCLINI, 2013), portanto, mesmo que Canclini não esteja aqui falando dos mesmos objetos híbridos que Bruno Latour (2016), é importante ressaltarmos que a noção de híbridos, nas diferentes concepções, na realidade tem cada vez mais se expandido, ao invés das simples separações e objetividades que a racionalidade moderna desejava.

A ciência moderna considerou separar os saberes da forma mais objetiva possível, mas uma coisa não pode ser reduzida nem em uma coisa e nem em outra, sendo que as áreas e as coisas se transpassam e se influenciam (LATOURE, 2016). Um pensamento mais crítico surgiu para questionar isso, críticos que na visão de Bruno Latour construíram três diferentes repertórios para falarem do mundo: “naturalização”; “socialização” e “desconstrução”, segundo o autor, cada uma delas é potente em si mesma, mas não podem ser combinadas entre si, no entanto, pontua:

ora, de duas coisas uma: ou as redes que desdobramos realmente não existem, e os críticos fazem bem em marginalizar os estudos sobre as ciências ou separá-los em 3 conjuntos distintos - fatos, poder, discurso - ou então as redes são tal como as descrevemos, e atravessam a fronteira entre os grandes feudos da crítica - não são nem objetivas, nem sociais, nem efeitos de discurso, sendo ao mesmo tempo reais, coletivas, e discursivas. Ou nós devemos desaparecer, portadores de más notícias que somos, ou então a própria crítica deve entrar em crise por causa destas redes contra as quais ela se debate (LATOURE, 2016, p.11-12).

Nesse sentido, Latour faz importantes questionamentos também as perspectivas mais críticas, já que acredita que as coisas são entrelaçadas, que não tem como separá-las, até mesmo dentro de suas análises críticas.

O que se vê nas bases para a construção de uma sociedade moderna é a necessidade da purificação dos híbridos (separação do sujeito e da natureza, por exemplo), mas na realidade há ainda uma grande proliferação de híbridos, contrariando assim a modernidade tão defendida até então e da qual Latour (2016) acredita que nem mesmo conseguimos atingir. O que mais se vê é o surgimento de quase-objetos, e também os quase-humanos, ou seja, híbridos por essência. Tal proliferação dos quase-objetos foi por três diferentes estratégias: dentre elas a primeira seria a separação cada vez maior entre o polo da natureza do polo da sociedade ou do sujeito, e a segunda seria a automatização da linguagem ou do sentido, trazendo assim a desconstrução da metafísica ocidental (LATOURE, 2016).

Para exemplificar de uma forma ainda mais intensa, podemos falar sobre a existência dos corpos híbridos, que têm relação com a noção do pós-humano, e as transformações cada vez mais comuns do corpo humano a partir de próteses tecnológicas, os chamados *cyborgs*, que estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia (SANTAELLA, 2010a). Esse exemplo já demonstra como cada vez mais entramos na hibridação até mesmo em nossos corpos, quando não conseguimos mais distinguir de forma clara o que é o nosso corpo por “natureza” e o que são os transplantes tecnológicos colocados nele.

Latour (2016) afirma que a partir da modernidade, costumamos separar de forma bastante radical os nossos desejos com as coisas, nosso sentido com o social e o coletivo com as narrativas, mas como seguimos atentamente qualquer quase-objeto, conseguimos ver que este pode ser as vezes percebido como coisa, outros como narrativa e até mesmo como laço social, mas o mais importante é que nunca devemos reduzi-lo a um simples ente (LATOUR, 2016). O autor então complexifica a realidade simplificada dentro dos padrões da modernidade ocidental que ainda imperam. Tentando acabar com o antropocentrismo e da tentativa de simplificação que vêm da modernidade, Latour (2016) então coloca:

vamos dizer apenas que os quase-objetos e quase-sujeitos traçam redes. [estes] São reais, bem reais, e nós humanos não os criamos. Mas são coletivos, uma vez que nos ligam uns aos outros, que circulam por nossas mãos e nos definem por sua própria circulação. São discursivos, portanto, narrados, históricos, dotados de sentimento e povoados de actantes com formas autônomas (p.88).

Lucia Santaella (2013) sobre essa obra de Latour, diz que os artefatos (objetos), até mesmo as máquinas inteligentes, eram, antes, considerados como materiais inertes, ou meras ferramentas, mas passam a se juntar com os humanos na constituição de coletivos pensantes. Dessa forma: “Híbridos não resultam de misturas entre entidades puras, humanos e objetos que entram em relação, mas amálgamas de coletivos sociotécnicos” (SANTAELLA, 2013, p.123). André Lemos (2013) nesse sentido diz que por mais que a racionalidade tente, não existe fenômeno que não atravesse todas estas fronteiras arbitrárias. E também afirma: “Só há híbridos e devemos parar de tentar purificá-los” (LE MOS, 2013, p. 92).

A própria separação, típica da modernidade ocidental, tem em si um papel hierárquico e até mesmo colonial e Bruno Latour (2016) demonstra essa noção ao citar uma frase bastante comum nesses ambientes que seria: “nós ocidentais somos completamente diferentes dos outros”. Mas quem seriam os outros desta frase? Todo o resto do mundo. Mas por que motivo o Ocidente se vê como uma cultura enquanto o restante das culturas no mundo são englobadas

todas como o “outro”? Bruno Latour (2016) diz que para compreender esta divisão entre “eles e nós” é preciso que retornemos a uma outra grande divisão: a de humanos e não-humanos. Assim:

A grande divisão interior explica, portanto, a Grande Divisão exterior: apenas nos diferenciamos de forma absoluta entre a natureza e a cultura, entre a ciência e a sociedade, enquanto todos os outros, sejam eles chineses ou ameríndios, Zandés ou barouyas, não podem separar de fato aquilo que é conhecimento do que é sociedade, o que é signo do que é coisa, o que vem da natureza como ela realmente é daquilo que suas culturas requerem. Não importa o que eles fizerem, por mais adaptados, regrados e funcionais que possam ser, permanecerão eternamente cegos por esta confusão, prisioneiros tanto do social quanto da linguagem (LATOUR, 2016, p.99)

Essa visão de Latour (2016) demonstra como a modernidade ocidental que se divide entre o “nós e eles”, se vê em uma posição superior do saber, colocando sua forma de saber como a única que pode chegar à verdade, enquanto todos os outros (que são múltiplos) se perdem em suas confusões.

De forma geral, a racionalidade moderna irá combinar uma ontologia monovalente (ou seja, o ser é, e o não ser não é) com uma lógica bivalente (de verdadeiro ou falso), assim, a metafísica clássica irá mostrar uma inabilidade total em descrever de forma adequada fenômenos culturais como ferramentas, signos, máquinas, etc. (SANTAELLA, 2010a). Essa total inabilidade se dá pois:

(...) as oposições costumeiramente fundamentais entre mente e coisa, espírito e matéria, sujeito e objeto, liberdade e mecanismo não estão aptas a descrever fenômenos dessa ordem, pois eles são, em sua própria constituição, fenômenos híbridos com componentes espirituais e materiais. Daí que qualquer tentativa de afirmar o que eles autenticamente são, dentro de uma lógica bivalente e uma ontologia monovalente, leva de maneira inevitável a reducionismos (SANTAELLA, 2010a, p.47).

Assim, Lúcia Santaella (2010b) se coloca contra qualquer tipo de cenário que se tente fixo e eterno, dando assim maior atenção para aqueles que levam em consideração as multiplicidades, contradições, dentro do que ela irá chamar de “ontologia das instabilidades”.

2.1.2.2. COMPLEXIFICANDO A REALIDADE: CONTRA A VISÃO TOTALIZANTE DA CIÊNCIA MODERNA

As perspectivas dos autores aqui colocados vão no sentido de criticar a racionalidade moderna pois enxergam a necessidade de um pensamento mais complexo, que não se pretende totalizável e nem mesmo estanque. É isso que Edgar Morin (2011) defende em seu pensamento complexo. Para o autor a noção de complexidade se dá levando em consideração também a

confusão, incerteza e a desordem. No pensamento complexo, diz Edgar Morin (2011), não se tem a ambição do pensamento simples (podemos colocar aqui a ciência moderna como um todo) de controlar e dominar o real, mas sim de um pensamento que possa lidar com o real, até mesmo dialogar e negociar com ele.

A complexidade não elimina a simplicidade, ela simplesmente vai contra o pensamento simplificador, pois enquanto: “(...) o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade” (MORIN, 2011, p.6). Alguns também cometem o erro de achar que o pensamento complexo procura a completude do saber, o que não se configura, pois, a complexidade de fato vai contra as divisões nos campos disciplinares do saber - que mutilam a realidade - mas aspira por um conhecimento multidimensional (MORIN, 2011). Tal pensamento multidimensional sabe que o conhecimento completo é impossível, por isso: “um dos axiomas da complexidade é a impossibilidade, mesmo em teoria, de uma onisciência” (MORIN, 2011, p. 6).

O pensamento complexo trará grandes críticas à racionalidade moderna que necessita da separação dos saberes em diferentes disciplinas, além da hierarquização dos saberes, sem contar na pretensão em atingir a verdade como um todo. Pelo contrário, o pensamento complexo: “(...) também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento” (MORIN, 2011, p. 7). Boaventura de Sousa Santos (2015) faz também uma importante crítica a o que ele chama de “razão metonímica”, ou seja, aquela que tem a ideia de totalidade. Na visão de Santos essa é uma ideia muito reducionista, pois deixa de fora muita realidade que não é considerada relevante, que para Boaventura de Sousa Santos (2015) está mais para um pensamento preguiçoso, levando a uma racionalidade muito estreita, por isso também defende a necessidade uma racionalidade mais complexa (SANTOS, 2015).

Paul Feyerabend (2010) traz algumas ideias próximas a essas quando diz que até mesmo os critérios de aceitação dos cientistas tradicionais vão mudando a depender do caso e mesmo o autor aceitando que a partir dela tivemos resultados de fato surpreendentes, não devemos tratá-las como universais, pois até mesmo o bem-estar varia de contexto a contexto. Além disso,

Feyerabend vai ser contra a ideia de que a ciência invalida todos outros tipos de conhecimentos a partir de sua metodologia, pois:

(...) a unidade fictícia ‘ciência’, que supostamente exclui tudo o mais, simplesmente não existe. Cientistas adotaram ideias de muitos campos diferentes, suas ideias muitas vezes colidiram com o senso comum e com doutrinas estabelecidas e eles sempre adaptaram seus procedimentos à tarefas a serem realizadas (FEYERABEND, 2010, p.47).

Santos (2011) problematiza o que chama de “rigor científico”, já que em sua concepção o que colocam como “conhecer” significa quantificar, assim será o rigor das medições que irá levar ao rigor científico, dessa forma: “as qualidades intrínsecas do objecto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade” (SANTOS, 2015, p. 63).

Próxima a essas colocações, Edgar Morin (2011) também demonstra uma insatisfação sobre a hierarquização dos saberes - como quando diz que existe um obscurantismo científico que acaba por formar especialistas ignaros, que além de tudo querem monopolizar a cientificidade, ou seja, “(...) como se a verdade estivesse fechada num cofre-forte de que bastaria possuir a chave” (MORIN, 2011, p. 13) e os únicos que teriam essa chave seriam os ditos cientistas tradicionais - além disso, afirma que o pensamento complexo quer sim levar em conta as contradições, incertezas, indeterminações e os fenômenos aleatórios do mundo real, não os ignorando, dessa forma não querendo atingir um saber total, mas o mais completo e detalhado possível, próximo da chamada sociologia das associações defendidas por Bruno Latour (2012).

De forma geral, Edgar Morin (2011) traz ao mesmo tempo a unidade da ciência (ou seja, acabar com a divisão falsa da disciplinaridade) e junto disso uma teoria da mais alta complexidade humana. Assim afirma:

Para mim, a ideia fundamental da complexidade não é a de que a essência do mundo seja complexa e não simples. É que essa essência seja inconcebível. A complexidade é a dialógica ordem/desordem/organização. Mas, por trás da complexidade, a ordem e a desordem se dissolvem, as distinções se diluem. O mérito da complexidade é o de denunciar a metafísica da ordem (MORIN, 2011, p.104).

Massimo Di Felice (2017) ao abordar o trabalho de Edgar Morin, diz que este em sua teoria se distanciou das distinções e definições absolutas originadas pelo método cartesiano, assim, Morin propõe um novo paradigma epistêmico que recusa uma totalidade, já que a totalidade

seria uma simplificação e aí a redução da complexidade. Pelo contrário: “(...) deve optar por apresentar-se como um não sistema e uma não totalidade, ou seja, como um instrumento de interpretação aberto e conceitual” (DI FELICE, 2017, p. 231).

Em uma visão até mais radical, Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) no projeto de seus “Mil Platôs” colocam que este tem uma base “construtivista”. Nesse sentido, estão dizendo que tratam de uma teoria das multiplicidades por elas mesmas, ou seja, chegando a um ponto onde o múltiplo passa ao estado do substantivo (DELEUZE; GUATTARI, 2011). A radicalidade desse pensamento, mesmo que tendo proximidades com aqueles aqui abordados (MORIN, 2011; LATOUR, 2012; 2016; SANTOS, 2015) está no fato de tais filósofos afirmarem que: “as multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 10).

Para tratar de tais multiplicidades, Deleuze e Guattari (2011) colocam o termo “rizoma” que trata do múltiplo, mas não querendo sempre acrescentar uma dimensão superior, mas sim colocá-los sempre ao nível das dimensões de que se dispõe, ou seja, sempre “n-1” - pois: “é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 21). Os princípios do “rizoma” são, então, os de conexão e heterogeneidade, ou seja: “(...) qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.22). O outro princípio dos “rizomas” é especificamente o da multiplicidade, pois:

(...) é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudo multiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 23).

Para que se possa aumentar as conexões múltiplas dos rizomas, têm-se o “agenciamento que é: “(...) precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24). E a radicalidade de tais autores chega ao ponto de afirmarem não reconhecerem nenhuma cientificidade e nem ideologia, mas somente agenciamentos, afirmam:

“O que existe são os agenciamentos maquínicos de desejo assim como os agenciamentos coletivos de enunciação” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 45).

2.1.2.3. RASTREANDO AS CONTROVÉRSIAS: PLANIFICAR O “SOCIAL” PARA UMA “SOCIOLOGIA DAS ASSOCIAÇÕES”

A crítica feita à ciência tradicional por Edgar Morin (2011) não se distancia tanto das críticas feitas por Bruno Latour (2012) sobre a chamada “sociologia do social”. Tal perspectiva é baseada na “Constituição Moderna” (LATOUR, 2016) que tenta dividir ao máximo a realidade para que se possa ter o entendimento e controle dela. Segundo Bruno Latour (2012), o significado do “social” foi se restringindo, acabando por se chegar em uma tendência de limitá-lo a interações entre humanos, sendo que, na visão do autor, ele é algo muito mais amplo que isso.

Para Latour (2012) o adjetivo “social” traz em si dois fenômenos distintos: substância (como matéria) e, ao mesmo tempo, movimento (entre elementos não sociais), porém, quando de fato vai se avaliar essas duas formas, em ambos os casos o social acaba por desaparecer, pois: “tomado como um sólido, ele perde sua capacidade de associar-se; tomado como um fluído, o social torna a desaparecer porque só relampeja brevemente no momento fugaz em que novas associações estão reunindo o coletivo juntas” (LATOUR, 2012, p. 229). Assim evidenciam-se as dificuldades de se encontrar o objeto das ciências sociais, pois este acaba sendo rastreável apenas quando está sendo modificado (LATOUR, 2012).

Bruno Latour (2012) concorda que em muitas situações é sensato e até indispensável recorrer à Sociologia do Social (também chamada de sociologia tradicional), pois ela acaba por oferecer de forma prática e oportuna uma designação para todos aqueles elementos já tradicionalmente aceitos na esfera coletiva. Porém, em situações tidas como mais novas, onde inovações não param de proliferar, a metodologia da Sociologia do Social se mostra limitada já que não consegue encontrar novas associações. É por isso que “o recurso oportuno do social tem de ser substituído pelo método mais complexo e penoso de suas associações” (LATOUR, 2012, p. 31). Ou seja, o autor não está aqui querendo excluir por completo a Sociologia do Social, mas sim complexificá-la a partir de suas associações, surgindo assim a chamada Sociologia das Associações.

Nesse sentido, para renovar a sensação das conexões sociais, Latour (2012) teve que opor dois tipos de métodos diferentes: a Sociologia do Social que “(...) tenta manter reunidos

tão firmemente quanto possível e por maior tempo possível, elementos que ela afirma serem feitos da mesma matéria homogênea” (LATOUR, 2012, p.230) enquanto que por outro lado se utiliza da Sociologia das Associações que: “tenta entender controvérsias sobre o âmbito de elementos heterogêneos que podem ser associados” (LATOUR, 2012, p. 230). Assim: “Num caso, sabemos aproximadamente de que é feito o mundo social - ele é feito ‘do’ ou ‘no’ social; no outro, sempre devemos começar não sabendo do que ele é feito” (LATOUR, 2012, p.230). É por esse motivo que Latour afirma que entramos num mundo que deixou de ser rastreável. Pois, por se estabilizar evita os movimentos constantes.

Considerando que muitos cientistas sociais quando optam por colocar o termo “social” em algum fenômeno qualquer estão tentando passar um status de estabilidade ao fenômeno, Bruno Latour (2012) pretende não aceitar a simplicidade de tais estabilidades, e assim coloca: “tenciono, pois, redefinir a noção do social remontando ao seu significado primitivo e capacitando-o a rastrear conexões novamente” (LATOUR, 2012, p.18). Nesse sentido Latour (2012) traz a noção da “Sociologia das Associações” que não deve se basear em pressupostos, mas seguir os rastros e as associações da vida em comum, e conseguir retirar dela o máximo de detalhes e complexidades possíveis, não tentando estanca-la para compreendê-la, mas sim perceber suas controvérsias e não dar saltos conceituais para tentar conectar a vastidão da sociedade em traços comuns, pois isso acaba por trazer mais irreabilidade do que realidade ao conhecimento da sociedade.

É possível relacionar a “sociologias das associações” de Latour (2013) com o pensamento da multiplicidade de Deleuze e Guattari (2011) quando se falam dos “rizomas” e possibilidades de “agenciamento”, pois segundo os autores a ideia de se observar as multiplicidades, é ter a possibilidade e necessidade de: “(...) achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.25). Isso pode facilitar a análise das multiplicidades, considerando suas complexidades e não negando suas contradições. André Lemos (2008) quando abordando do ciberespaço (e sua concepção de rede de redes) fala como a base rizomática pode caber bem aos modelos de rede digital reticulares, pois para os rizomas não podemos ver as coisas a partir de uma hierarquia superior que determine um sistema centralizado, nesse sentido, de forma mais ampla:

O modelo da árvore dominou, segundo os filósofos franceses, todo o pensamento ocidental. A crise da modernidade obriga-nos a fazer com que o modelo de árvore [centralizado] ceda lugar ao rizoma, que pulsa lateralmente,

sem controle e sem eixo gerador, e que se espalha horizontalmente como canais de Amsterdã (LE MOS, 2008, p. 136).

Pode-se observar aqui mais uma crítica às limitações e hierarquizações da ciência moderna (e Ocidental) que acabam por “escolher” o que são e o que não são relevantes para o entendimento da realidade, dando saltos no entendimento e evitando contradições ou multiplicidades sem fim.

O rizoma e seus caminhos reticulares distribuídos, ajudam a demonstrar como a realidade além de dinâmica é também plural e com infinitudes de possibilidades. Tais possibilidades de transformação futura têm relação com os agenciamentos, mas principalmente com a noção do *devir* que seria a passagem, possibilidade de transformação em algo dentro das suas infinitudes, ou melhor, uma extensão de cada um. Por isso Deleuze e Guattari (2011) falam de *devir-Animal*; *Devir-moleculares*; entre uma infinidade de outros. Tanto nós, quanto os animais ou diferentes objetos, possuímos infinitudes de *devires*, resultando em transformações e ações muito distintas entre si. O *devir* tem relação com as multiplicidades, e sua síntese não pode ser compreendida apenas pelos jogos combinatórios das estruturas formais (CASTRO, 2015), é mais complexo que isso.

No conceito do *devir*, (DELEUZE; GUATTARI, 2011) podemos enxergar algumas relações com a existência e proliferação de híbridos que Bruno Latour (2016) afirma, pois como os *devires* são múltiplos e podem relacionar humanos com objetos ou animais, isso se mostra um movimento de maior hibridação, indo contra a purificação da modernidade. Uma das grandes divisões para se atingir a purificação da modernidade é algo que vem antes disso, é o que Massimo Di Felice (2009) chama do “mito do antropocentrismo”, segundo o autor, tal mito surge desde Sócrates e a filosofia platônica, tendo como principal objetivo o afastamento do sujeito da natureza, nesse formato acabaram também deixando de lado toda a experiência mística e diferentes formas de transe. Algo que tal mito aprofundou foi a linguagem escrita, que acabou: “(...) espalhando uma cultura antropocêntrica e logocêntrica que impossibilitou, com poucas exceções, pensar o mundo além do homem” (DI FELICE, 2009, p.28). Esta foi a marca das diretrizes históricas do pensamento ocidental, eurocêntrico, helenístico e judaico-cristão (DI FELICE, 2010) que só se aprofundaram com o passar do tempo, chegando em seu extremo com a modernidade.

Para possibilitar uma perspectiva além do antropocentrismo, Bruno Latour traz a noção de rede que terá como função fazer o vínculo com elementos híbridos, orgânicos, inorgânicos, humanos e também técnicos (DI FELICE, 2015). Essa noção de rede trazida por Latour (2012)

que considera os diferentes atores de uma forma complexa, pode ser visto como influenciado e bem próximos da noção de rizoma trazida por Deleuze e Guattari (2011), já que são redes que se abrem para a infinidade dando possibilidade à muitos devires. Porém: “os princípios de funcionamento do rizoma - conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura e cartografia - são reinterpretados por Latour para destacar as características da rede como mapa, aberta e heterogênea, do modo que seja possível estabelecer todo e qualquer tipo de conexão” (DI FELICE, 2009, p.282).

Com a Teoria Ator-Rede, Bruno Latour faz o esforço de pensar a realidade levando em consideração todas suas complexidades e contradições e por isso colocando como fundamental o papel da hibridação (DI FELICE, 2009), ou seja, indo contra as divisões estanques da modernidade. “O ‘ator’, na expressão hifenizada ‘ator-rede’, não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção” (LATOUR, 2012, p. 75). Para Latour (2012) o termo “ator” nunca deixa totalmente claro quem ou o que exatamente está atuando, pois no palco ele nunca está sozinho a atuar (não existe purificação), assim, a ação é deslocada como fonte de incerteza e como tal essa precisa permanecer. Nesse sentido não será nós - de fora - que iremos dizer assertivamente o porquê de determinada ação (LATOUR, 2012). O autor então traz um grande equívoco dentro das ciências sociais, que seria o de dar atenção às produções complicadas sobre certas questões ao invés das próprias complexidades que o ator pode trazer e complementa dizendo que infelizmente este é o equívoco mais comum e ao mesmo tempo considerado o mais “científico” (LATOUR, 2012).

Bruno Latour (2012) acredita que o fato de os objetos não serem considerados nas análises sociológicas não é somente pelo modo como o social é usado pelos sociólogos, mas também pela definição de “ator” para estes. Assim, a ação acaba por se limitar somente ao que o humano faz, não dando a possibilidade de se pensar que os objetos também podem agir, mas assim afirma: “Em contrapartida, se insistirmos na decisão de partir das controvérsias sobre atores e atos, qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é ator - ou, caso ainda tenha figuração, um actante” (LATOUR, 2012, p. 108). Latour (2012) diz em sua teoria, que o ator-social deve ser ampliado para além das ações produzidas por sujeitos-humanos, por isso: “‘ator’ é tudo que age, deixa traço, produz efeito no mundo - incluindo pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas, enfim, humanos e não-humanos” (DI FELICE, 2009, p. 283). Nesse sentido Bruno Latour (2012) substitui o termo “ator” por “actante”, considerando essa ampliação.

Assim, enquanto a função da sociologia do social está em estabilizar os conceitos para compreender a sociedade, muitas vezes os conceitos abrangentes vindos daí são na verdade “caixas pretas” (LEMOS, 2013) já que são há tanto tempo considerados normais que as suas dinâmicas internas não são claras. Dada essa aparente normalidade, ninguém ousa mexer em suas estabilidades. No caso dos sociólogos das associações vê-se o contrário: já que partem das controvérsias e instabilidades, seguindo suas associações e compreendendo suas complexidades e contradições, e não tentando trazer uma explicação definitiva (estabilizada/estaque) para tais acontecimentos. O movimento e as transformações são essenciais para os sociólogos das associações (LATOUR, 2012) já que a partir das controvérsias a “caixa-preta” será aberta para a suas redes, revelando associações que até então estavam estáveis, aceitas ou invisíveis (LEMOS, 2013). Sobre isso, André Lemos afirma: “Se partirmos para essências e estruturas perdemos as associações (o social que de fato está se fazendo) e as redes que aí se formam” (2013, p.24). Mas nesse sentido a sociologia do social tenta sempre limitar o volume de ações “realmente influentes” no mundo para que assim possam libertar os atores da ilusão e preparem o ambiente para a engenharia social em uma grande escola, dessa forma segundo o caminho da modernidade (LATOUR, 2012).

Porém, as ações são diversas, e as controvérsias delas não devem ser colocadas de lado, mas sim observar uma forma de organizar-se junto delas, pois, nesse sentido: “(...) alimentar controvérsias é um meio bem mais seguro que a tarefa implausível de estabelecer *a priori* e no lugar dos atores, quais grupos e quais ações terão permissão doravante de preencher o mundo social” (LATOUR, 2012. p.84). A questão aqui é que a liberdade do movimento se mostra crucial, mesmo que para isso force a análise ser ainda mais devagar devido as suas complexidades (LATOUR, 2012) pois: “a sociedade não é um todo ‘onde’ todas as coisas estão inseridas, mas aquilo que ‘atravessa’ tudo, calibrando conexões e dando a cada entidade que encontra uma chance de comensurabilidade” (LATOUR, 2012, p. 344). Nesse sentido a sociologia não cobre o todo e por isso é preciso ligar o máximo de fios (das associações) que forem possíveis, podendo ser chamado como “sociologia da mobilidade” (LEMOS, 2013) já que está se baseia no movimento dos actantes e coloca em xeque: a noção do social, sociedade, ator e rede.

Levar em questão as complexidades e, inclusive, as contradições, dando maior importância ao movimento e às transformações, além de ser fundamental para a noção de sociologia das associações de Latour (2012), pode ser visto também na defesa de uma *Scienza*

Nuova para Edgar Morin (2011), pois para ele esta não é “nem absoluta e nem eterna” (MORIN, 2011, p. 49), além disso, esta faz uma grande crítica à fragmentação disciplinar feita pela ciência tradicional. Assim, da mesma forma que a sociologia das associações,

(...) a *Scienza Nuova* não destrói as alternativas clássicas, não oferece solução monista como se fosse a essência da verdade. Mas os termos alternativos tornam-se termos antagônicos, contraditórios, e ao mesmo tempo complementares no seio de uma visão mais ampla, que vai precisar reencontrar e se confrontar com novas alternativas (MORIN, 2011, p. 53).

Coaduna com estas ideias a noção do “Princípio de ruptura assignificante” que Deleuze e Guattari (2011) colocam ao falar dos rizomas, já que estes são “contra os cortes demasiados significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura” (p.25). Tais cortes são muito comuns na estrutura disciplinar e mutiladora (MORIN, 2011) da ciência moderna.

2.1.2.4. VIOLÊNCIA E PODER NA TRADIÇÃO COLONIALISTA DA CIÊNCIA MODERNA: DA “RAZÃO INDOLENTE” À “ECOLOGIA DOS SABERES”

“Talento Deus deu do metalúrgico, ao cozinheiro.”

Criolo – “É o Teste” – “Ainda Há Tempo” (2006)

A razão moderna, tão criticada pela visão da complexidade de Edgar Morin (2011) e também na Sociologia das Associações de Bruno Latour (2012), é vista por Boaventura de Sousa Santos (2011) como sendo uma “razão indolente”, ou até mesmo uma “razão preguiçosa”. É uma razão que, na visão do autor, é limitada em suas formas, nega qualquer outro tipo de saber, e por isso acaba desperdiçando a experiência (SANTOS, 2011) - as mais diversas existentes em nosso mundo mas que não são consideradas dentro da racionalidade tradicional.

Pensar em “totalidade” é algo que condiz com essa “razão indolente” já que se passa por um pensamento muito limitado (SANTOS, 2015). Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos (2015) não está muito longe do pensamento complexo de Edgar Morin (2011) já que necessita de uma razão muito mais complexa, que não se limita na “totalidade”, nas dicotomias e quer observar o mundo a partir de outras diversas perspectivas existentes mas que por vezes são excluídas. A “razão indolente” é marca da racionalidade moderna ocidental, que foi - e ainda é - colonialista (SANTOS, 2015).

A diversidade cultural que marca a humanidade, e que, com o tempo, tem se intensificado, é chamada por Boaventura de Sousa Santos (2015) de multiculturalismo. Nesse sentido, a ideia de se ter uma cultura “superior”, como é a ideia que parte da visão eurocêntrica, vai se mostrando cada vez mais limitada e pouco significativa para a complexidade do mundo. É nesse sentido que Santos (2015) defende um novo internacionalismo que seja descentralizado e cada vez mais multicultural, que seria a base fundamental para o surgimento do que ele chama de democracia de alta intensidade, ou seja, mais participativa e de fato representativa. Segundo Néstor Garcia Canclini (2013) a multiculturalidade deve levar em consideração a hibridação como processo de interseção e de constantes transações para que assim evite se converter em segregação característica da interculturalidade.

De forma geral, tratando de diferentes, mas muitas vezes convergentes, perspectivas, os autores aqui citados fazem importantes críticas à chamada racionalidade moderna, pois essa possui uma tendência de objetividade total, divisão do saber e assim a pretensão de se chegar em verdades absolutas. Pelo que vimos aqui, nas diferentes perspectivas críticas, não é possível atingir essa objetividade e a verdade universal, pois as coisas se transformam, são complexas e muitas vezes contraditórias. A questão não é ter uma preferência a relativismos aos invés de objetivismos, mas perceber que a realidade é sim complexa, e determinados saberes são tidos como certos, ou hegemônicos, devido sua imposição, ou pelo poder de serem colocados como uma voz única (FEYERABEND, 2010), mas isso são relações de poder, onde o mais forte impõe o que lhe cabe como sendo certo e possível de considerar, próximo a “razão indolente” trazida por Boaventura de Sousa Santos (2011).

Nesse sentido é importante recordar a relação entre poder, verdade e saber que Michel Foucault (s/d) se aprofundou bastante, como nesse trecho: “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem.” (FOUCAULT, s/d, p. 14). Lembrando que na visão foucaultiana a dominação, ligada ao poder, é formada a partir de uma rede bastante difícil de desembaraçar que acaba sendo introjetada na individualização de cada um (FOUCAULT, s/d). A tentativa de controle se dá na necessidade de normalizar os corpos (FOUCAULT, s/d), mas normalizar é deixar normal, e o que é normal? As relações de poder mais uma vez serão as que imporão o que é normal ou não dentro das sociedades.

Na visão de Michel Foucault (s/d), o exercício do poder está sempre relacionado com algum discurso da “verdade” e deve funcionar dentro e a partir desta exigência dupla, assim

afirma: “somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção de verdade” (FOUCAULT, s/d, p. 180). Ao considerar o que pode ou não ser considerado como “real” - ou verdadeiro como colocado por Foucault (s/d) - a racionalidade tradicional desperdiça muitos saberes distintos (SANTOS, 2015), e tais escolhas são também sempre sociais e políticas, dando saltos conceituais e perdendo muita informação, como bem colocado na Sociologia do Social segundo Bruno Latour (2012), que em contraposição a isso defende uma Sociologia de Associações para tornar a realidade “plana” e conseguir assim, de forma mais cuidadosa, não dar saltos na compreensão da realidade em si. A partir disso, é possível encontrar contradições e controvérsias, e perceber a complexidade da realidade (MORIN, 2011) e consequentemente as imposições sociais, políticas e epistemológicas que transpassam nossas vidas sem que muitas vezes nos demos conta. A visão da ecologia dos saberes, trabalhada também por Boaventura de Sousa Santos (2011), tenta enfrentar isso ao trazer para o debate epistemológico não mais somente às ciências tidas como tradicionais pelo seu caráter cientificamente comprovado, mas também os mais diversos conhecimentos espalhados pelo mundo, do qual a razão indolente e preguiçosa sempre tentou excluir.

CAPÍTULO. 2.2. COMPLEXIDADE, RETICULARIDADE E A NOÇÃO ECOLÓGICA DA COMUNICAÇÃO E AÇÃO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS – A PERSPECTIVA NET-ATIVISTA COMO POSSIBILIDADE DE ANÁLISE DO MOVIMENTO SECUNDARISTA DE SÃO PAULO EM 2015

2.2.1. A CIBERCULTURA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA COMPLEXA

Ao se observar a característica dos espaços de linguagem digital da cibercultura, é possível perceber que o código digital, base para essas novas formulações, abre o espaço para uma infinidade de questões, narrativas, saberes, signos, etc. (LÉVY, 2008). Pierre Lévy (2008) afirma que a linguagem vive cada vez mais, e com cada etapa de evolução dessa linguagem a cultura humana se torna mais potente, rica, criativa além de mais rápida. Segundo o autor:

O ciberespaço torna-se o sistema ecológico do mundo das idéias, uma noosfera abundante, em transformação acelerada, que começa a tomar o controle do conjunto da biosfera e a dirigir sua evolução a seus próprios fins. A vida em sua completude eleva-se em direção ao virtual, ao infinito, pela porta da linguagem humana (LÉVY, 2008, p.12).

Na perspectiva de Pierre Lévy (2003) o ciberespaço está em constante ampliação, e quanto mais isso ocorre, mais este vai se tornando “universal”, porém, este mundo informacional vai se tornando menos totalizável. Com isso o autor quer dizer que esse universal é indeterminado e que tende a manter essa indeterminação já que: “(...) cada novo nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações, imprevisíveis, e reorganizar uma parte da conectividade global por sua própria conta” (LÉVY, 2003, p. 111). O universal aqui colocado não é aquele estanque e possível de ser totalmente compreendido, mas sim um em constante movimento, um “universal sem totalidade” (LÉVY, 2003).

Nesse sentido o autor enxerga que na Internet nada é excluído, tudo pode estar lá. Assim, a noção de uma visão mais complexa de cibercultura já se mostra presente. Para Pierre Lévy (2008) essa complexidade se encontra no que ele chama de uma “hierarquia do bem”, que seria uma hierarquia complexa, hipertextual, bastante emaranhada, móvel, imensa e turbilhante como uma biosfera. Para complexificar ainda mais essa noção, Lévy (2008, p. 13) coloca que com o tempo: “Cada indivíduo, cada grupo, cada forma de vida, cada objeto se tornará seu automédium, seu próprio emissor de dados e de interpretações em um espaço de comunicação onde a transparência e a riqueza se opõem e se estimulam”. Nesse sentido vemos uma extrapolação do autor para o nível também dos objetos, além de trazer para a perspectiva de redes que interagem como algo fundamental. Isso pode ser ainda mais aprofundado com a quebra da distinção humano-objeto em uma ciência de associações

como a defendida por Bruno Latour (2012), trazendo a noção de processos agregativos de diferentes princípios e que trazem um novo tipo de complexidade (DI FELICE, 2013).

Importante ressaltar, na perspectiva de Edgar Morin (2011), que complexo é aquilo que traz confusão, incerteza e desordem, e que em uma primeira definição não pode fornecer nenhuma elucidação. O pensamento complexo não busca um pensamento simples, não tem a pretensão de controlar e dominar o real, o que pretende é: “(...) exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar” (MORIN, 2011, p.6). Segundo Edgar Morin (2011) a complexidade não quer eliminar a simplicidade, ela quer integrar isso com outras perspectivas, ao contrário do pensamento simples, que mutila os conhecimentos. Assim, a complexidade quer trazer as contradições, as diferenças e unificar o conhecimento: “A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução” (MORIN, 2011, p. 6).

Morin (2011) vai contra a chamada “patologia moderna”, que pretende seguir os conhecimentos científicos a partir de uma hipersimplificação e divisão dos saberes, de ação acaba não impossibilitando a observação da complexidade do real. O que se quer ao pensar na complexidade é a criação de um sistema, do qual Morin (2011) denomina como “auto-eco-organizador”, ou seja: “(...) que não pode, pois, bastar-se a si mesmo, ele só pode ser totalmente lógico ao abarcar em si o ambiente externo. Ele não pode se concluir, se fechar, ser autossuficiente” (MORIN, 2011, p. 33). A complexidade, então, traz uma mistura de ordem e desordem, não se tem a pretensão, assim como tem a ciência de base moderna, de aniquilar a ambiguidade, imprecisão e a contradição, mas aceitá-las em seus processos, assim evitando monismos e essencialismos (MORIN, 2011).

André Lemos (2008) já no início de seu livro sobre a cibercultura diz que é impossível compreendê-la como uma noção global de um fenômeno técnico, pois esta faz parte de um processo muito mais amplo e complexo entre técnica e sociedade. Lemos (2008) se mostra contra um determinismo social, assim como contra um determinismo tecnológico, uma vez que, para ele, a forma técnica da cultura contemporânea é resultado da sinergia entre tecnológico e social. Na visão do autor existe uma relação simbiótica entre o homem, natureza e a sociedade, e que as técnicas e tecnologias fizeram parte dessa explicação mais complexa.

Nessa nova complexidade, podemos perceber que tanto os humanos quanto as coisas se comunicam (LEMO, 2013). Segundo André Lemos (2013) a mediação com não-humanos é parte constitutiva dos homens, porém, baseando-se em Latour: “a ‘Constituição’ da modernidade tentou

nos fazer esquecer isso, insistindo na separação e purificação dos híbridos em ‘sujeitos e objetos’” (LEMOS, 2013, p.21). Segundo Lemos (2013) a mediação de artefatos digitais é hoje parte fundamental de nosso cotidiano, ou seja, não podemos mais separar estes dos humanos, por isso é preciso ter claro que isso tudo é vida social. É exatamente o que Bruno Latour (2012) demonstra em sua “sociologia das associações” ao defender a Teoria Ator-Rede, pois: “Na expressão ‘ator-rede’, o ator não é um indivíduo e a rede não é a sociedade. O ator é rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação” (LEMOS, 2013, p.23). Com esse método é possível compreender a cultura digital de uma forma muito mais abrangente e evitando concepções muito essencialistas, pois partindo para essências acabamos por perder as associações (LEMOS, 2013).

Nesse sentido, podemos adotar o conceito de actantes (LATOUR, 2012; LEMOS, 2013), que seria tudo aquilo que gera ação, movimento ou diferença, podendo esses serem humanos ou não. Seriam ambos, humanos e não-humanos, em um mesmo terreno, considerados sem hierarquias prévias (LEMOS, 2013). Com o uso da Teoria Ator-Rede (TAR) (LATOUR, 2012) tem-se interesse em analisar aquilo que emerge dos conjuntos analisados, assim: “o principal objetivo é revelar as redes de mediadores em uma dada situação. Esses mediadores são os actantes” (LEMOS, 2013, p. 43).

A criação compartilhada, nesse contexto, mostra-se como um fundamento para ampliação desse debate, algo que ajuda a não termos referências, estabilidades, autoridades e nem mesmo certezas. Para André Lemos:

As novas tecnologias parecem caminhar para uma forma de onipresença, misturando-se de maneira radical e quase imperceptível ao nosso ambiente cultural através do devir micro (tornar-se invisível) e do devir estético (tornar-se belo). Este movimento vai, como veremos, aproximar a tecnologia contemporânea do prazer estético e do compartilhamento social (LEMOS, 2008. p. 17).

Pode-se perceber uma atitude dispersa e bastante efêmera da sociedade contemporânea e que marca constitutivamente a cibercultura, que segundo André Lemos (2008), é a forma cultural da tecnologia contemporânea, e assim, é formada por relações complexas com o social. De forma geral, a cibercultura tem como característica a ubiquidade - acontecimentos concomitantes - e isso ajuda a escapar do tempo linear e também do espaço geográfico.

A ubiquidade, segundo Santaella (2010a), destaca uma coincidência entre deslocamento e comunicação, algo como o usuário se comunicar ao mesmo tempo em que se desloca, junto disso a autora vê a importância da onipresença, onde independe do local ou de deslocamentos, o usuário pode continuar suas atividades praticamente sem mudanças. Santaella (2013) afirma que o processo

de passagem e criação de informações nas redes inteligentes ubíquas acaba propiciando interações com o outro no desenvolvimento de habilidades cognitivas tanto para formação de julgamentos sobre o mundo quanto para adquirir certos guias para a ação. Lúcia Santaella (2013) relaciona as características da ubiquidade com a da mobilidade física, principalmente depois de ser aprofundada pelos aparatos móveis que nos dão acesso ao ciberespaço, caracterizando assim como hipermobilidade. Segundo a autora:

(...) a hipermobilidade cria espaços fluidos, múltiplos não apenas no interior das redes, como também nos deslocamentos espaço-temporais efetuados pelos indivíduos. Hipermobilidade conectada redundante em ubiquidade desdobrada. Ubiquidade dos aparelhos, ubiquidade das redes, ubiquidade da informação, ubiquidade da comunicação, ubiquidade dos objetos e dos ambientes (...) (SANTAELLA, 2013, p. 15).

É nesse sentido que Massimo Di Felice (2014) diz que o advento da comunicação digital é uma das mais importantes revoluções de nossa época, pois além da distribuição enorme de informações, é também interativa, alterando assim a forma de transmissão de informações.

Para André Lemos (2008), a pós-modernidade é o terreno fértil para o desenvolvimento da cibercultura. Em sua concepção, na modernidade o tempo era linear e o espaço naturalizado como espaço de coisas. Na pós-modernidade, segundo o autor, há a compressão do tempo e do espaço, além das redes telemáticas desterritorializarem a cultura, assim: “O tempo é (...) um modo de aniquilar o espaço. Este é o ambiente comunicacional da cibercultura” (LE MOS, 2008, p. 68). Já com o hipertexto, muito importante para a cibercultura, conseguimos ter uma noção ampla sobre a não linearidade dos textos. No hipertexto, é necessária a presença do usuário, e cada um pode “fazer” seu texto a partir de suas escolhas de leitura, nesse sentido começamos a ter dificuldades na divisão concreta entre emissor e receptor (LE MOS, 2008).

O hipertexto traz mais vida aos textos, e podemos dizer que o ciberespaço é hoje um “hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática” (LE MOS, 2008, p.123). O criador de tal linguagem, Ted Nelson, diz que a partir do hipertexto nunca poderá haver uma última versão, ou um último pensamento (BAIRON, 2012). Segundo Lemos (2008) o hipertexto nos traz uma relação descentralizada e rizomática com o espaço. Nesse contexto são diversos atores que passam a construir conteúdos, distribuí-los e acessá-los, tudo ao mesmo tempo, sendo esta realmente a construção de um ecossistema de informações, alterando profundamente toda a sociedade (DI FELICE, 2014).

A multimídia, fundamental para a construção desse ambiente, ajuda muito na criação e ampliação desses novos espaços, para Lemos (2008) ela é o maior exemplo de simultaneidade e convergência. Nisso podemos somar as características do hipertexto e trazer a noção da hipermídia, onde a expressão não linear da linguagem é seu foco, e que atua de forma multimidiática com uma origem conceitual de jogos, onde a interatividade prevalece (BAIRON, 2012). O fundamental na hipermídia é que sua linguagem transforma o que já era complexo, em questões de hipertextos - a relação texto/autor/leitor -, em algo ainda mais complexo, sempre em construção e ampliando para o ambiente multimídia (BAIRON, 2012). Além disso, segundo Sérgio Bairon (2012), em ambientes hipermídias, seria muito raro encontrar autores usando expressões autoritárias de certeza. Assim, tanto o hipertexto quanto a hipermídia ajudam a desestruturar a concepção de leitura linear que se exigia pela concepção do método científico moderno e a tradição do positivismo lógico, que anulava esses diferentes sentidos cada vez mais presentes e perceptíveis nas novas formas de comunicação (BAIRON, 2012).

Além disso, tanto no caso do hipertexto quanto da hipermídia, coloca-se como fundamental a capacidade do digital, onde:

(...) a forma de distribuição e de armazenamento são independentes, multimodais, onde a escolha em obter uma informação sob a forma textual, imagética ou sonora é independente do modo pelo qual ela é transmitida. Nesse sentido, as redes eletrônicas constituem uma nova forma de publicação a eletrônica), onde os computadores podem produzir cópias tão perfeitas quanto o original (LEMOS, 2008, p. 71).

Esse modelo acaba com o então modelo tradicional dos veículos de comunicação, que tratava-se de um modelo “um-todos”, e agora funciona como “todos-todos”, ou seja, de uma forma descentralizada e universal (no sentido que tudo pode ser convertido para o digital), dando assim maior facilidade para a circulação de informações (LEMOS, 2008).

É possível também dizer que as fronteiras entre emissor e receptor vão se diluindo, sendo cada vez mais difícil fazer essas diferenciações concretamente. Segundo Bairon (2012) nesse contexto tem-se o fim da ideia de recepção, pelo menos uma recepção fechada, já que o autor e o receptor se misturam. Para Pierre Lévy (2003) essa facilidade de acesso a informações e dados a partir das redes digitais faz com que o ciberespaço mundial seja o espaço onde todo elemento de informação encontra-se em contato virtual com todos e com cada um. André Lemos (2008) retomando o pensamento de Lévy, coloca que o espaço da cibercultura consegue ser universal sem ser totalitário, pois trata-se de fluxos de informações bidirecionais, imediatos, mundializados, sem homogeneização de sentidos e ainda potencializando vozes e diferentes

pontos de vista. Claro que isto a partir de uma visão otimista muito marcante ao longo da década de 1990 e início dos anos 2000, algo que já podemos problematizar de forma mais clara hoje quando vemos a dominação das redes por grandes empresas que se fecham em espaços “murados” das redes quebrando a lógica do comum ou libertária da origem das redes digitais (SILVEIRA, 2015).

Segundo Massimo Di Felice (2009) com o advento do digital teve-se a introdução de ecossistemas informativos e mundos virtuais questionando os conceitos de espaço e dando um novo significado ao habitar, já que se perdeu o significado único da noção de espaço. O território então tornou-se circundante, ou seja, como algo vivo com uma entidade complexa, agente e comunicativa (DI FELICE, 2009). O autor desenvolve três tipologias para as relações entre sujeito, mídia e ambiente relacionadas a diferentes formas comunicativas e contemporâneas:

São elas: uma forma comunicativa do habitar empática, ligada à experiência tecnológica da leitura, uma exotópica, criada pela eletricidade e pelas experiências midiáticas de massa e, enfim, uma atópica, difundida com os *personal media* digitais (DI FELICE, 2009, p. 67).

As redes sociais que passaram a se espalhar por todo o mundo de forma cada vez mais rápida demonstram essas transformações mais intensas nas novas formas de interações entre indivíduos e o surgimento de novas sociabilidades, porém, não de forma instrumental como expressa na noção sociológica, mas sim transformações qualitativas (DI FELICE, 2009). Para Massimo Di Felice (2009, p. 225): “A tecnologia midiática deixa de ser ‘extensão dos sentidos’ para se tornar propiciadora de sociabilidade e de forma de habitar”. Nesse sentido acaba se construindo uma sociabilidade e um habitar pós-territorial (DI FELICE, 2009).

Com essa expansão dos medias, da comunicação e da maior circulação de informações, dá-se bases para um novo espaço de saber, que para Pierre Lévy (2003) trata-se de uma verdadeira inteligência coletiva. Para que esta possa de fato ser reinventada precisa também de uma reinvenção da democracia, ou seja, uma democracia distribuída por toda parte de forma ativa e molecular (LÉVY, 2003):

o tratamento molecular da informação abre um ciberespaço que interconecta virtualmente todas as mensagens digitais, multiplica os captadores e ‘semáforos’, generaliza as interações e os cálculos em tempo real. O ciberespaço tende a reconstruir em escala mais ampla o plano, o *continuum indivis*, o caldo vivo e flutuante que unia os signos e os corpos, como os signos entre si, antes que a mídia isolasse e fixasse as imagens (LÉVY, 2003, p.54).

A Internet e suas redes vão se formando em um estilo de distribuição de informações bastante complexas, que não se trata mais de um repasse de informações de um centro para suas extremidades, mas sim uma forma distribuída uma perspectiva reticular (DI FELICE, 2014). Assim: “A complexidade reticular cria um tipo de situação muito mais hermenêutica, na qual sempre cabe outro ponto de vista, sempre é possível acessar outro *link* e acrescentar mais uma informação. É, portanto, um tipo de hipercomplexidade que não pode ser descrita como única ou centralizada” (DI FELICE, 2014, p.35).

Para Lévy (2003) existe uma “engenharia do laço social” que se trata da “(.) arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (p.32). Nesse sentido, com ajuda de instrumentos da hipermídia coloca-se um profundo processo de exercício de pensar em construção, considerando não existir um conhecimento estanque (BAIRON, 2012) e também saber que nada é fixo (LÉVY, 2003). Além disso, com essa estrutura de hiperlinks, é possível facilitar a expressão de multiplicidade de vozes, além de acabar com a hierarquia da informação presente nas estruturas lineares (BAIRON, 2012).

Com a multiplicidade de informações e possibilidades de conhecimento: “No espaço do saber, o ser humano volta a tornar-se nômade, pluraliza sua identidade, explora mundos heterogêneos, é ele próprio heterogêneo e múltiplo, em devir, pensante” (LÉVY, 2003, p. 135). Os sujeitos nesse sentido não são mais figurinos sólidos colocados em espaços bem delimitados, mas são distribuições nômades correndo em um espaço de fluxos (LÉVY, 2003). É produzida uma arquitetura comunicante que dá forma às interações entre os distintos membros, sendo esses humanos ou não, com fluxos informativos e territorialidades criando assim, particulares modalidades de interação e dinâmicas próprias de informatividade (DI FELICE, 2017). Acaba-se, assim, com o modelo tradicional dos processos comunicativos.

A complexidade também se dá nas diversas manifestações possíveis dentro da cibercultura. Nesse sentido não podemos dizer que tais atividades são simplesmente governadas ou pilotadas por alguma tecnologia autônoma, mas também não podemos ser ingênuos de pensar que os controles tecnocráticos desapareceram (LE MOS, 2008). Na visão de Massimo Di Felice (2014) existem potencialidades enormes e positivas com o advento dessas novas tecnologias, mas também acarretam outras limitações tão importantes e desafiadoras quanto, como é a questão da privacidade.

Um exemplo dessas questões pode ser visto com a intensificação do uso de redes sociais, principalmente o *Facebook*, onde podemos enxergar as limitações que os usuários têm devido ao formato centralizado da plataforma, além dos casos de censura privada a partir de “padrões da comunidade *Facebook*” (SILVEIRA, 2015). Considerando a importância das redes sociais para o debate público atualmente, torna-se cada vez mais problemático o estatuto privado e os limites democráticos de ações feitas por empresas privadas como o *Facebook* (SILVEIRA, 2015). Assim, Sérgio Amadeu da Silveira (2015) afirma que o problema central disso seria o estatuto privado de uma plataforma que exerce papel de um local virtual público de debates e articulação e como isso influi nos casos de bloqueios e remoções de conteúdos feitas pela plataforma, nesse sentido: “O Facebook mescla ações disciplinares e controle modular, uma espécie de biopolítica que se faz em rede e pela rede, transnacional, não praticada pelo Estado, mas a favor de alguns deles” (SILVEIRA, 2015, p. 1644).

Observando as características gerais da cibercultura, é possível perceber que se trata de um ambiente de muita complexidade e, necessariamente, com muitas contradições. Isso se dá tanto nas suas potencialidades: democratização de informações, maior interatividade entre os receptores, acesso fácil a diferentes conhecimentos, etc. Mas além disso existem as limitações em relação à privacidade individual, o poder que os Estados e empresas ganham com essas ferramentas como maiores possibilidades de opressões, etc. O que demonstra é de fato uma realidade complexa, cheia de questões que estão em constante mudança. É nesse sentido que iremos levar a discussão do campo da comunicação para a metáfora da ecologia, mostrando a diversidade, as contradições e ainda uma relação intrínseca entre essas tecnologias digitais com o dia a dia das pessoas, dando maior ênfase em questões políticas e seus envolvimento nos novos movimentos sociais, agora também vistos como “net-ativistas” (DI FELICE, 2017).

2.2.2. A ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO E DA AÇÃO: POR UMA VISÃO MAIS COMPLEXA NA RELAÇÃO ENTRE TECNOLOGIAS E MOVIMENTOS SOCIAIS - A PERSPECTIVA NET-ATIVISTA

Ao se ter uma perspectiva mais complexa da cibercultura, vê-se como fundamental adotar uma perspectiva também complexa nas noções de comunicação. Nesse sentido, tem-se como primordial considerar a interatividade, a quebra entre produtor-receptor de informações, a ampliação da participação e, principalmente, a consideração de entes não só humanos como atores importantes, ou actantes, segundo Bruno Latour (2012). Os híbridos aparecem também

como centrais, já que cada vez mais percebemos a dificuldade da separação entre o homem e a natureza, ou dos objetos (LATOURE, 2016).

Como base dessa proliferação de híbridos (LATOURE, 2016), Latour (2012) faz uma importante diferenciação entre intermediários e mediadores. Em sua perspectiva, um intermediário é mais limitado, ele será aquele que irá transportar o significado ou a força de algo sem transformá-lo, ou seja, tendo já definido o que entra já se tem definido o que se sai (LATOURE, 2012). Como a base dessa perspectiva mais complexa é relacionada fortemente com processos não fixos e de transformações constantes, passa-se a ser fundamental considerar os mediadores. Segundo Latour (2012, p. 65): “Os mediadores, por seu turno, não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhum, por vários ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; suas especificidades precisam ser levadas em conta todas as vezes”. Assim, pode-se revelar como os seres são complexos e podem ser arrastados para diversas direções, mesmo que estas sejam contraditórias; assim, na visão da TAR existem incontáveis mediadores (LATOURE, 2016).

Quanto mais mediadores, mais associações e quanto mais associações, mais podemos ir ligando as redes da vida. Nesse sentido, podemos trazer a questão para os artefatos digitais, que como André Lemos (2013) afirma, são hoje parte intrínseca de nosso cotidiano: “Retire esses objetos do seu cotidiano e veja se ele ainda faz sentido” (LEMO, 2013, p.22). Nessa concepção de mediadores, André Lemos (2013), ao abordar a TAR, diz que precisamos ver os mediadores não mais tão centrados nos humanos, e quando se foca na complexidade da cultura digital, coloca:

(...) torna-se imperativo ir além da separação entre sujeitos autônomos e objetos inertes, passivos e obedientes, simples intermediários. Eles são também mediadores e a mídia é mais do que uma externalidade do humano, uma extensão do homem. Ela é parte da rede que o constitui. Na expressão ‘ator-rede’, o ator não é o indivíduo e a rede não é a sociedade. O ator é rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação (LEMO, 2013, p.23).

A complexidade dessa constatação pode ser percebida em termos reais a partir dos nossos próprios corpos, que na visão de Lúcia Santaella (2013) podem ser vistos como uma interface: “Afinal, é com os corpos que circulam nos ambientes urbanos que a cidade se coloca em interface, especialmente quando tanto as cidades quanto os corpos estão envolvidos por tecnologias que colocam ambos em intersecção” (SANTAELLA, 2013, p. 64). Nesse sentido, Santaella (2013) traz a noção de hibridismo dos corpos, ou seja, a dificuldade de separação

entre o indivíduo e a natureza, ou então o humano e o objeto, por isso irá considerar o potencial natural dos corpos biológicos humanos juntamente das interfaces tecnológicas cada vez mais presentes. A perspectiva do “pós-humano” (SANTAELLA, 2013) surge exatamente a partir disso tudo, ou seja, com a simbiose cada vez mais intensa dos corpos, das cidades, das tecnologias, da natureza, ou seja, a proliferação dos híbridos (LATOUR, 2016) de forma cada vez mais clara, demonstrando a necessidade de uma percepção da hipercomplexidade (MORIN, 2011) da vida. A partir da perspectiva dos híbridos de Bruno Latour (2016), Lucia Santaella (2013, p.123) diz:

Os artefatos, que costumamos considerar como coisas inertes, e as máquinas, mesmo as inteligentes, que tendemos a considerar como meras ferramentas acéfalas, passaram todos, junto aos humanos, a constituir coletivos pensantes. Híbridos não resultam de misturas entre entidades puras, humanos e objetos que entram em relação, mas amálgamas de coletivos sociotécnicos.

Em um mundo com movimentos cada vez mais intensos, a ideia de propriedades fixas e estanques vai crescentemente perdendo legitimidade. Perceber as mediações e hibridações torna-se essencial ao longo de praticamente tudo pelo mundo. Nesse sentido, Latour (2012) afirma que o “ser social” na verdade não é uma propriedade segura e simples, mas sim um movimento. Por ser movimento, muitas vezes podemos não conseguir traçar suas novas conexões e nem sempre iremos redesenhá-lo dentro de um conjunto bem formado. De forma geral, isso só demonstra a complexidade do mundo, a dificuldade - ou até impossibilidade - de saberes extremamente objetivos e controlados como a ciência de base positivista ainda clama em atingir.

Tal ciência, aquela de base moderna e que se encontra ainda hegemônica, foi, segundo Latour (2016), a que começou a trazer com maior intensidade a proliferação dos não-humanos, ou seja, uma possibilidade bastante objetiva de dividir o mundo entre nós humanos e todo o resto. Mas, como vimos, na realidade estes só constataram, mesmo que não querendo aceitar isso, a proliferação dos híbridos, ou então dos quase-objetos. Na Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012) tem-se como base o fato de que o social não é constituído somente por vínculos sociais, mas sim por algo bem mais complexo, ou seja, vínculos também não sociais. Nesse sentido, o autor coloca a necessidade de seguir os atores, aqueles que agem, que têm ação, podendo ser humanos ou não-humanos, por isso chamados de actantes (LATOUR, 2012). Ou seja, com o objetivo de reagregar o social, Bruno Latour (2012) irá se aprofundar na questão dos híbridos ao demonstrar que o social não é dividido e determinado como a “constituição moderna” tenta impor. E o que os sociólogos das associações irão trazer de novo, segundo o autor: “(...) é o fato

de os objetos surgirem de súbito não apenas como atores completos, mas também como aquilo que explica a paisagem variegada pelo qual começamos os poderes supremos da sociedade, as notórias assimetrias, o rude exercício do poder” (LATOURE, 2012, p.109). Com essa não separação entre humanos e não-humanos, podemos trazer para esses ambientes os transorgânicos (DI FELICE, 2009) do qual não há divisões muito claras entre o ambiente virtual e o ambiente orgânico, “natural”.

Reconhecer o território dentro de uma visão complexa, obriga-nos a perceber o que de fato o circunda, sendo tais artefatos não mais simples “coisas”, nem como algo inferior, mas sim como um agente complexo e comunicativo, por isso deve-se abandonar a visão antropocêntrica tradicional na perspectiva moderna ocidental (DI FELICE, 2009). Aproximamos a essa discussão, então, aos actantes colocados por Latour (2012), pois nessa perspectiva o autor coloca como fundamental levar em conta no relato sociológico os objetos, que precisam estar visíveis pois os mesmo deixam rastros, que em grande parte das vezes são invisibilizados. Segundo Lucia Santaella (2010), nesse contexto tem-se a possibilidade de se conviver de formas cada vez mais híbridas com formações culturais que já vinham com força anteriormente, como a oralidade, cultura escrita, impressa, massiva, além da cultura das mídias: “Dessa hibridação resulta um torvelinho de misturas culturais das mais diversas ordens que tenho chamado de ecologia pluralista da comunicação e da cultura” (SANTAELLA, 2010, p.39).

Podemos perceber nesse sentido que o ciberespaço é de fato um ecossistema hipercomplexo em uma interdependência entre macro-sistema tecnológico (rede de computadores interligados) e o micro-sistema social (a partir da atuação dos usuários) e assim vai se construindo pelas trocas de informações, fluxo de dados e relações sociais nele criado (LEMONS, 2008). Assim: “Em oposição a um sistema hierarquicamente fechado, o ciberespaço cria, pelas comunicações multidirecionais, pela circulação dos espectros virtuais, um sistema complexo onde o desenvolvimento do jogo comunicativo não pertence a uma entidade central, mas a este organismo-rede (LEMONS, 2008, p.137). Massimo Di Felice (2009; 2010) coloca que viver envolto dessa territorialidade complexa, reconhecendo esses diferentes actantes, acaba por trazer uma transformação na nossa própria forma de habitar, que ele dá o nome de um “habitar transorgânico”, ou seja, aquele que já não diferencia e hierarquiza a importância da vida cotidiana junto da natureza e dos mais diversos artefatos, sendo as tecnologias de informação e comunicação cada vez mais centrais. Nesse sentido diz: “A forma de rede gera

um habitar mestiço, complexo e mutante que resulta na suspensão das distinções entre indivíduo, informação e paisagem” (DI FELICE, 2009, p. 262).

Indo contra uma visão objetivista, linear e até mesmo colonialista - por se basear na modernidade ocidental - Boaventura de Sousa Santos (2011) coloca toda sua discussão epistemológica a partir de uma perspectiva que se vê não totalizante, como podemos ver na chamada ciência tradicional. Nesse sentido, Santos (2011, p.31) coloca: “O conhecimento- emancipação não aspira a uma grande teoria, aspira sim a uma teoria de tradução que sirva de suporte epistemológico às práticas emancipatórias, todas elas finitas e incompletas e, por isso, apenas sustentáveis quando ligadas em rede” (2011, p.31). Nesse sentido, abordar diferentes perspectivas de saber, contrárias a uma visão totalizante e linear, base tanto de epistemologia complexa de Edgar Morin (2011), da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2012), de uma perspectiva ecológica da comunicação (SANTAELLA, 2013; DI FELICE, 2017) acabam sendo muito bem elaboradas junto da perspectiva de redes, ou reticular da realidade. Sendo então de grande importância para se pensar a realidade das redes digitais e suas influências mais diversas na vida social.

Dentro da realidade comunicacional que vivemos hoje, considerando o avanço da chamada hipermídia (BAIRON, 2012) pode-se observar que essa é uma expressão não linear da linguagem, que atua de forma multimidiática e fortemente dependente da perspectiva reticular. As redes comunicacionais baseadas na hipermídia, são contrárias à unicidade de voz, e assim manifestam-se dentro de uma multiplicidade de vozes, ou melhor, na multipluralidade (BAIRON, 2012). As estruturas reticular e não linear dentro dos ambientes hipermídias ficam ainda mais claras nas produções de conhecimentos, pois:

Em meio aos desafios da construção do conhecimento em hipermídia, esses exemplos adquirem uma importância fundamental, uma vez que analisamos um dos comportamentos usuais que um sujeito assume perante a estrutura reticular (redes): a navegação pelo ciberespaço consome-lhe as horas, ele pula de site em site, clicando aqui e ali, deixando-se estar como puro olho para a demonstração e ouvido para a audição (BAIRON, 2012, p. 57).

Segundo Sérgio Bairon (2012), essa forma de construção de conhecimento acaba por funcionar pois qualquer construção de conhecimento se dá de forma reticular.

Além disso, dentro dessa experiência de reticularidade como conhecimento, podemos ter uma reavaliação da política de hierarquia de informação (BAIRON, 2012), nesse sentido é possível ver até mesmo uma aproximação à ecologia dos saberes colocada por Boaventura de

Sousa Santos (2011; 2015). Essa visão pode ser também complementada com a visão de rede para Bruno Latour (2012), que segundo Eduardo Viveiros de Castro (2015) é a de que uma rede não pode ser uma coisa, pois qualquer coisa pode ser descrita como uma rede, nesse sentido Castro, sobre a visão de Latour, diz que a rede seria uma perspectiva, dentro das mais diversas. Por isso a necessidade de uma visão não linear e também não totalizante.

Soma-se a isso a perspectiva do rizoma colocado por Deleuze e Guattari (2011), que traz em si a visão de reticularidade ou então multiplicidades, que são conectadas a partir de agenciamentos diversos. Assim:

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.25-26).

A base de formação dos rizomas, segundo os autores, será o platô, que é algo que está sempre no meio, nunca num início e nem mesmo num fim, e então dizem: “Chamamos ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.44). Observar os rizomas como essenciais para compreensão da realidade e considerá-los como formados a partir de platôs, pode se demonstrar uma forte contraposição à perspectiva linear moderna. Assim, a perspectiva rizomática leva em consideração as multiplicidades, tentando desfazer os dualismos (CASTRO, 2015), que se confundem e muitas vezes também se contradizem, demonstrando a necessidade de uma perspectiva mais complexa (MORIN, 2011), ou então em uma construção de um mapa das controvérsias dentro da noção da Teoria Ator-Rede latouriana (2012). Todas essas questões se mostram vivas na perspectiva das redes e até mais visíveis dentro do ciberespaço, que segundo André Lemos (2008) é formado por rede de redes a partir de cruzamentos múltiplos formando uma estrutura complexa.

Observar o ciberespaço a partir de rede de redes dentro de uma estrutura mais complexa, como Lemos (2008) coloca, nos remete a pensar na noção de ecossistemas para compreensão de um sistema aberto, que segundo Edgar Morin (2011) estaria trazendo uma ampliação da ampliação podendo se estender para os mais diversos horizontes possíveis. O ciberespaço pode ser visto também como o mundo, que para Morin (2011) seria um ecossistema de ecossistemas, ou seja, com aberturas infinitas. Passando dessa noção do ecossistema para a ecologia como

metáfora, é possível enxergarmos essa como aberta, dentro da perspectiva reticular, não linear e horizontal.

E onde a metáfora da ecologia pode se encaixar no ciberespaço? Considerando a multiplicidade das ações e informações dentro de um sistema que liga todos com todos, ou seja, na rede de redes sem centros (LEMOS, 2008), é possível enxergar a abertura dos sistemas, a quebra de centralidades, portanto um modelo muito mais horizontal e de participação cada vez mais ampla. Nesse sentido:

O ciberespaço é, como vimos, um ecossistema complexo onde reina a interdependência entre o macro-sistema tecnológico (a rede de máquinas interligadas) e o micro-sistema social (a dinâmica dos usuários), construindo-se pela disseminação da informação, pelo fluxo de dados e pelas relações aí criadas. Em oposição a um sistema hierarquicamente fechado o ciberespaço cria, pelas comunicações multidirecionais, pela circulação dos espectros virtuais, um sistema complexo onde o desenvolvimento do jogo comunicativo não pertence a uma entidade central, mas a este organismo-rede. Podemos notar, na prática daquilo que se convencionou chamar de comunidade virtual, uma certa efervescência micropolítica, diária, dirigida aos problemas do dia-a-dia (LEMOS, 2008, p. 137).

Outro aspecto interessante, também colocado por André Lemos (2008), é o fato de que em toda a história dos media, a tecnologia nunca conseguia ser totalmente unilateral e seus usuários sempre puderam se apropriar de suas possibilidades das formas mais diversas. Ainda mais quando chegamos num nível onde a comunicação pela primeira vez se torna um fluxo onde as tradicionais distinções entre emissor, meio e receptor são flexibilizadas e se confundem constantemente (DI FELICE, 2008). Nesse sentido, Lucia Santaella (2010a) diz que a melhor metáfora para englobar todo esse pluralismo e a expansão de mídias cada vez mais híbridas, seria a da ecologia.

A perspectiva de ecologias de comunicação, partindo de uma perspectiva complexa, traz a necessidade de um habitar como prática transorgânica (DI FELICE, 2009), isso se dá na necessidade de interação real com o ambiente, sendo este reconhecido horizontalmente dentro da ecologia e assim não hierarquizando a importância entre natureza e humanos, ou objetos e humanos (LATOURETTE, 2012). Para Massimo Di Felice (2009) com o advento da comunicação em rede possibilitada pela tecnologia digital: “(...) o ambiente e a paisagem passaram a ser informatizados e a assumir conotações de um conjunto de redes informativas, adquirindo as dimensões ilimitadas dos circuitos vivos” (DI FELICE, 2009, p. 29). Para complementar, coloca: “Nasce, assim, a possibilidade de se pensar uma nova forma ecológica que, superando a visão ocidental antropocêntrica, pense a natureza e o mundo como o conjunto de relações

comunicativas articuladas através dos dinamismos criadores de redes de redes” (DI FELICE, 2009, p. 29).

A ecologia da comunicação que traz essa nova forma de habitar e interação comunicativa não poderá mais ser pensada como a partir de fluxos comunicativos em direção externa, ou seja, em uma ideia de separação entre um ambiente dito real e um outro ambiente “simulado” ou dentro das redes, mas, pelo contrário: “(...) a comunicação em rede, própria desta nova forma ecológica, propicia a visão de um diálogo nem interno e nem externo, no qual sujeitos, mídias e territórios estão imersos de forma incindível na natureza que os constitui e os envolve ao mesmo tempo” (DI FELICE, 2009, p. 30). Vê-se aqui como a ecologia de comunicação dentro do ecossistema complexo do ciberespaço (LE MOS, 2008) se torna de fato horizontal, sem hierarquias entre humanos e objetos, mas observando tais ambientes como complementares e extensões uns dos outros.

Essa forma de habitar da comunicação, Di Felice (2014) chama de *atópica*, ou seja, aquela do qual o tipo de complexidade das interações comunicativas incluem os indivíduos, o ambiente, o território, objetos, etc. todos de forma horizontal em uma conexão reticular e interativa “no qual todos os atores se tornam não apenas coprodutores de conteúdo e, portanto, membros de um novo tipo de sociedade, mas habitam um outro tipo de ecologia sem externalidade e dinâmica, que seriam as redes” (DI FELICE, 2014, p. 55). A partir das constantes hibridações que vão sendo construídas dentro dessa ecologia comunicacional, tanto de informações, formas de distribuição, interação e participação, Lucia Santaella (2010) denomina “ecologia pluralista da comunicação e da cultura” (p.119).

Segundo Massimo Di Felice (2009) a relação entre o sujeito e o ambiente torna-se ainda mais visível como uma relação comunicativa significativa com o processo progressivo de eletrificação e informatização do território, que em sua visão traz a noção de um habitar como prática de interação comunicativa. Nesse processo tivemos uma alteração fundamental na nossa visão do espaço, que mudou completamente o nosso modo de interação entre o ambiente e a natureza (DI FELICE, 2009). Segundo o autor: “Foi somente em época mais recente, com o advento da comunicação em rede possibilitada pela tecnologia digital, que o ambiente e a paisagem de redes informativas passaram a ser informatizados e a assumir as conotações de um conjunto de redes informativas, adquirindo as dimensões ilimitadas dos circuitos vivos” (DI FELICE, 2009, p. 29). Nesse sentido que Di Felice (2009) coloca que nasce a possibilidade de se pensar uma nova forma ecológica que supera a visão ocidental antropocêntrica e que assim

pensa o mundo como conjunto de relações comunicativas através dos dinamismos criadores de redes de redes. A mídia aparece na contribuição de uma nova imagem ambiente, mas para além disso, ela também passa a ser parte da natureza “(...) uma vez que a própria origem desta última está na comunicação, isto é, nas distintas percepções que a mídia e as técnicas de observação conferiram historicamente a ela” (DI FELICE, 2009, p. 29).

A ecologia da comunicação, de uma forma geral, traz um novo tipo de ecologia que se expande para toda a biosfera, alterando as dimensões, características e qualidade das interações sociais, deixando cada vez mais visível a contribuição dos não humanos na construção das agregações sociais e coletivas (DI FELICE, 2017). A comunicação, segundo Di Felice (2017), passa a ser não só um ponto de junção diante desse enorme fluxo da rede de redes, mas sim uma forma constituinte. Mesmo Massimo Di Felice (2017) trazendo a importante contribuição de Bruno Latour, Michel Callon e John Law em relação a Teoria Ator-Rede e a ampliação da concepção destes para além do sujeito como ator, para Di Felice essa perspectiva ainda traz algumas limitações na dimensão informativo-digital, pois a ideia de agregação social dela não se baseia em uma ideia conectiva de comunicação. A dimensão agregadora, então, passa a ser ainda inteiramente limitada por: “(...) uma concepção instrumental e passiva dos processos comunicativos (...)” (DI FELICE, 2017, p. 25).

Di Felice (2017) insiste na importância do aspecto interativo quando fala sobre a ecologia da comunicação, pois este deve ser entendido não somente como um intercâmbio comunicativo entre as mais diversas entidades (como traz de forma já ampliada a TAR) mas o autor complexifica ainda mais essa discussão ao colocar a interação como sendo uma “(...) condição habitativa comum e conectiva, nem interna e nem externa” (DI FELICE, 2017, p. 29). A ecologia comunicativa, na visão do autor, é colocada como estrutural, ou, em suas palavras:

(...) uma *forma formante*, uma arquitetura comunicante capaz de dar forma às interações entre os membros, humanos e não humanos, os fluxos informativos e as territorialidades, criando particulares modalidades de interação e dinâmicas informativas próprias (DI FELICE, 2017, p.33).

Nesse sentido é possível afirmar que a interação comunicativa ecológica é não-linear e se compõe de símbolos, códigos, artefatos, utensílios, instrumentos e pessoas (DI FELICE, 2017). Com as possibilidades e potencialidades das redes digitais, as ecologias da comunicação foram passando a se tornar cada vez mais como ecologia da ação (DI FELICE, 2017).

Observando a comunicação a partir de sua perspectiva ecológica e reticular cada vez mais ativa (DI FELICE, 2017; SANTAELLA, 2013; LEMOS, 2008) vê-se a necessidade de ampliar essa sua compreensão por conta de sua maior interatividade e contribuições para a ação (DI FELICE, 2009; BAIRON, 2012). Para Di Felice (2017) existem diferentes formas de interação e comunicação como a de públicos e as redes, as chamadas tecnologias da democracia, as de colaboração e as transorgânicas. Todas essas, segundo o autor são realidades qualitativamente distintas, mas a questão central é que: “(...) a relação entre esses polos não deve ser interpretada no sentido diacrônico-evolutivo e, portanto, não em termos de superação” (DI FELICE, 2017, p. 55), assim, na ecologia da ação todas são colocadas como de extrema importância e influentes umas entre as outras.

A perspectiva ecológica da comunicação e ação demonstra a limitação da conceituação sociológica de comunicação, pois esta se baseia simplesmente na função instrumental da disseminação de informações, sendo que a base ecológica traz uma dimensão extrassocial aos *media*. Com o uso cada vez mais intenso das redes digitais pela população como um todo, tem-se a necessidade de uma complexificação (MORIN, 2011; DI FELICE, 2009; 2017) deste termo. Isso pode ser visto também como um embate aos conceitos tradicionais do conhecimento calcado na racionalidade moderna europeia.

Os ambientes em hipertexto, e ainda mais os ambientes hipermidiáticos (BAIRON, 2012), conseguem demonstrar a complexidade desses novos ambientes. Isto se dá por conta da não linearidade destes, além de uma cada vez maior convergência de mídias e tecnologias, que demonstram de forma concreta as potencialidades e possibilidades para o cotidiano ao uso dessas tecnologias com ações menos centralizadas e dando maior percepção para a quebra de barreiras entre o produtor e o receptor de informações (SANTAELLA, 2013). Toda a crítica ao conhecimento marcadamente moderno e objetivista se mostra presente no ecossistema complexo do ciberespaço (LEMOS, 2008) e também, principalmente, nos ambientes hipermídia, pois como bem afirma Sérgio Bairon (2012), esses ambientes não tem nenhuma pretensão de atingir uma completude, até porque estão em constante transformação, ou seja, assim como o conhecimento, tais ambientes estão em eterna construção, e de formas cada vez mais complexas devido o maior acesso e o surgimento de diferentes tipos de tecnologias.

André Lemos (2008) coloca a importância da apropriação tecnológica como sendo fundamental para o nascimento da cibercultura. Nesse sentido, Lemos (2008) diferencia a atmosfera eletrônica do início do século XX em relação a apropriação social das novas

tecnologias na cibercultura, assim afirma: “O cotidiano é o terreno onde se desenvolve uma maneira, senão inteiramente nova, ao menos inusitada, de relação entre os homens e a tecnologia: a atitude *cyberpunk* (raiz da cibercultura) é expressão desta batalha contraditória entre os homens e seus artefatos” (LEMOS, 2008, p.238). Pode ser visto nessas considerações de André Lemos sobre a apropriação social das novas tecnologias, esta não de forma apenas como suporte, mas também como parte integrante das diferentes ações, assim, passa-se a ver a necessidade de trazer essa compreensão também para os novos movimentos sociais, tratado muito bem pela expressão Novíssimos Movimentos Sociais (GOHN, 2017a) mas este mostrando-se limitado quando se quer dar maior destaque a esse total imbricamento entre as ações “reais” e as ações “virtuais” que se confundem cada vez mais.

O net-ativismo (DI FELICE, 2017) vem como possibilidade para isso, pois se trata de ações coletivas onde o uso das tecnologias digitais são consideradas de forma mais ampla, complexas e relacionadas diretamente aos movimentos sociais. O net-ativismo não são somente grupos ciberativistas, mas também movimentos sociais que saem às ruas, e se encontram fisicamente, mas que veem o uso das redes digitais como parte fundamental, hibridizada e necessária de sua ação. Os estudos sobre ação social ou até mesmo da esfera pública muitas vezes ignoram ou subestimam a importância da especificidade das arquiteturas informativas e ecologias comunicativas (DI FELICE, 2017). O net-ativismo aparece então para abordar tais ações coletivas, mas colocando como centrais a base ecológica da comunicação e ação e não se limitando na divisão simples entre humano e não-humanos, e com foco profundo na interação entre actantes.

Di Felice (2012) afirma que o que constitui a característica própria dos movimentos ciberativistas não é simplesmente a incorporação da internet em seus processos comunicativos de ativismo, mas sim como essa tecnologia comunicativa transformou de forma bastante substancial o próprio ativismo e seus conceitos de participação, espaço democrático, identidade coletiva e até estratégia política (TORI, 2019). O que se vê é de fato “(...) um novo protagonismo sociopolítico emerso da descentralização das redes” (FELICE, 2012, p.35).

Massimo Di Felice (2012) afirma que optou pela descrição e análise das redes digitais a partir de sua conectividade, e assim, ao aprofundamento conceitual e reflexivo que caracteriza a ação social em/na rede. Di Felice (2012) coloca que a forma de ativismo e cidadania centrais desses movimentos é resultado de uma interação profunda entre sujeitos, grupos e diferentes entidades com as tecnologias da informação em relação profunda com as redes informativas e

a diversidade de interfaces utilizadas. Assim, para Di Felice (2012), todos os objetivos e definições, além dos resultados de tais movimentos, não são de um processo unidirecional mas sim de um processo construído em rede e colaborativo. É nessa dimensão que se encontra a necessidade da análise do net-ativismo, ou seja, a necessidade de se aprofundar o significado da ação social; de forma geral: entender e pensar a ação na rede que acontece através da complexa interação entre sujeitos, tecnologias e informações (DI FELICE, 2012).

Assim, vemos a importância das redes digitais e a instauração dessas para uma forma comunicativa a partir de fluxos e de troca de informações de todos para todos, onde, para se ter uma completa análise das redes é preciso contemplar tanto o aspecto relacional entre os atores imersos nela, quanto o dos dispositivos técnicos e suas arquiteturas digitais (DI FELICE, 2012). As redes sociais digitais, cada vez mais importantes como actantes dos movimentos sociais em todo o mundo desde meados da década de 1990, “(...) configuram-se como ecologias complexas de interação, que implementam dinâmicas colaborativas entre dispositivos de conexão humanos, dados e circuitos informativos” (DI FELICE, 2017). A interação aqui tratada, não se limita somente na troca de opinião entre diferentes seres políticos, mas sim de uma forma mais ampla em colaboração interativa e sociotécnica “(...) entre entidades que, uma vez conectadas, colaboram para a construção de interações reticulares complexas” (DI FELICE, 2017). Isso se caracteriza pela troca constante de informações entre humanos, artefatos e dispositivos, criando um real espaço de inteligência coletiva (LÉVY, 2003).

Di Felice (2013b) afirma que existem algumas características em comum que marcam a qualidade das ações net-ativistas pelo mundo:

A primeira característica foi identificada na particular ecologia de tais ações e nas suas múltiplas localidades. Essas têm como origem as redes digitais e continuam nas ruas de suas cidades, sem deixar a sua dimensão informativo-digital. Sendo filmadas, transmitidas, fotografadas, postadas e comentadas online. (...) A segunda característica identificada dos diversos movimentos net-ativistas se expressa na singular não linearidade dessas ações (...) Um ulterior aspecto identificado pela pesquisa encontra-se na recursividade de suas ações que parecem ter, como objetivos principais, ao lado das reivindicações públicas e externas, a consciente expressão de reivindicações internas que se exprimem na exigência radical de transparência, democracia real e de tomada coletivas das decisões no âmbito dos próprios movimentos, deslocando, assim, de forma elíptica a própria ação e a direção do seu próprio impacto (DI FELICE, 2013b, p.58-9).

De forma resumida, o “net-ativismo” seria: a relação entre actantes que, apresentado nessa perspectiva, é colocado como a constituição de uma nova ecologia, que não se encontra mais como opositiva e separatista, mas que se expande às várias entidades técnicas, territoriais

e informativas num aspecto reticular e conectivo (DI FELICE, 2013a), além de transorgânico (DI FELICE, 2017).

O net-ativismo surge então como uma abordagem contrária àquela sociológica tradicional. No net-ativismo coloca-se em foco o estudo das ecologias colaborativas a partir de ecologias diversas que não são nem materiais e nem virtuais, em uma interação entre humanos e não humanos (DI FELICE, 2017). Com essa maior complexidade de interação, é possível uma nova socialidade *atópica*, ou seja, com uma alteração qualitativa das relações sociais.

Quando observamos manifestações sociais mais contemporâneas como Junho de 2013 no Brasil, a Primavera Árabe, o movimento dos *Indignados* na Espanha ou o *Occupy Wall Street* além dos diversos outros que ocorreram e ainda ocorrem pelo mundo, o que podemos ver de comum entre eles? Segundo Di Felice, Pereira e Roza (2017) é o lugar de origem e sua singular ecologia de ação. Para estes autores, todas essas experiências - que surgiram por motivações e contextos bastante distintos - foram inicialmente organizados de forma *on-line* a partir de sites, blogs e as redes sociais, além disso, tiveram como característica a sua organização autônoma não dependente de instituições já consagradas como partidos políticos, sindicatos e outras entidades. No aspecto tecnológico, então: “Mais que o uso estratégico das redes digitais por parte de movimentos sociais existentes, as arquiteturas da informação foram o lugar de origem de grupos de opiniões, redes temáticas que apenas sucessivamente ganharam a rua (...)” (DI FELICE; PEREIRA; ROZA, 2017, p.7).

Observar a comunicação e a ação a partir da metáfora da ecologia, dá a possibilidade de demonstrar a necessidade de ampliação dos conceitos e complexificação. O net-ativismo se baseia fortemente nessas metáforas, e a perspectiva de actantes (LATOUR, 2012) cabe em grande parte nessa discussão, já que não existe aqui uma hierarquização em relação aos atores das ações, podendo esses serem humanos ou não. No caso do net-ativismo, todos os equipamentos, aparatos tecnológicos, redes digitais, etc. podem e devem ser considerados atores relevantes para a ação. Nesse sentido que se torna fundamental partir dessa perspectiva para análise dos actantes e do movimento de ocupações de escolas de 2015 em São Paulo, onde o uso das redes se mostraram fundamentais e essenciais em uma perspectiva complexa, não essencialista e além de uma perspectiva meramente ferramental, e é o que será avaliado nas próximas partes da dissertação a partir de suas descrições densas e na montagem de mapas de controvérsias e análises dos dados obtidos.

3. “O ESTADO VEIO QUENTE. NÓIS JÁ TÁ FERVENDO”^[1]: ESCOLAS EM LUTA/ESCOLAS DE LUTA - SECUNDARISTAS NO FRONT E A CONSTRUÇÃO DE SUAS REDES

*“O que transforma o velho no novo
bendito fruto do povo será.
E a única forma que pode ser norma
é nenhuma regra ter;
é nunca fazer nada que o mestre mandar.
Sempre desobedecer.
Nunca reverenciar.”*

Belchior – “Como o Diabo Gosta” – Alucinação (1976)

*“Você começa a ter uma perspectiva de educação onde
as coisas podem ser feitas em conjunto, onde ao invés
de ser uma constante competição, ser algo ao contrário,
onde todos se ajudam; Sei lá, eu comecei a ter uma
outra relação com a educação, me importar muito mais
com a educação, que ela pode transformar a sociedade.
você acaba vendo que até isso de a gente não se
envolver politicamente com as coisas da cidade... faz
parte de uma ideologia, né? É um projeto de Estado
mesmo, e aí você vê que é só uma ideologia e existe
várias outras, existe uma outra perspectiva de
construção de uma sociedade, de viver em sociedade.”*

Entrevista 4 – Entrevista com uma estudante que participou das ocupações (2019)

Depois das manifestações de Junho de 2013 o país manteve-se nas ruas. Pessoas dos mais diversos espectros políticos “aprenderam” essa tática já antiga de muitos movimentos sociais. Movimentos para maior acesso à cidade continuaram aparecendo, ainda fortemente capitaneados pelo Movimento Passe Livre (MPL), assim como grupos mais à direita também apareciam agora protestando contra o então governo de Dilma Rousseff (PT) e qualquer outra pauta minimamente progressista, foi o caso da construção do Movimento Brasil Livre (MBL), que surgiu em 2013 e foi crescendo cada vez mais (GOHN, 2017).

Os movimentos que surgiam com cada vez mais intensidade pelo mundo pelas redes digitais e partiam para as ruas e praças das cidades tinham algumas características gerais bastante semelhantes. Dentre elas, o surgimento a partir de redes sociais, a autonomia de seus integrantes, a não relação com poderes institucionalizados e a ocupação de espaços públicos

como forma de ganhar maior visibilidade, como aborda Manuel Castells (2013), além de ser bem comum encontrar em tais ocupações a organização descentralizada, com assembleias, sem uma direção única e com ações diretas, como também podemos ver na concepção de Novíssimos Movimentos Sociais trabalhados por Maria da Glória Gohn (2017).

Tais movimentos podem ser, em grande medida, considerados como net-ativistas pois além de terem todas essas características, eles possuem um certo hibridismo entre os espaços digitais e os espaços físicos, sendo que um complementa o outro de forma semelhante e ambos continuam essenciais. Existe uma sobreposição de ações nesse habitat atópico (DI FELICE, 2009; 2017), onde as redes digitais e não digitais interagem em tempo real.

O ano de 2015 no Brasil não foi diferente. Iniciando com um período de greves de professores do estado de São Paulo, ainda fortemente capitaneadas pelo seu forte sindicato, a APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), muitos estudantes já começaram a se envolver em movimentos políticos na área de educação. É o que pode ser visto na vivência do 6º entrevistado naquele ano de 2015, quando diz:

A greve dos professores foi no começo do ano, que foi quando eu participei, no final do ano teve a ocupação nas escolas. E aí como eu já tava inserido no movimento, tendo uma visão mais crítica e participativa, não foi só eu de estudante que ia pra greve dos professores e nisso tudo a gente vai conhecendo pessoas, e vai fazendo novas amizades. (ENTREVISTA 6, 2020).

Mais para frente, com a imposição de um programa de reorganização escolar colocada pelo governo estadual com pouca ou nula participação da comunidade escolar, e que resultaria em 94 escolas fechadas e milhares de estudantes tendo de mudar de escola, acabou gerando descontentamento dos mais afetados, que logo começaram a se organizar pelas redes sociais, criar passeatas nas proximidades das escolas, depois em regiões mais centrais até que passaram para uma ação mais ousada e radical, as ocupações de suas próprias escolas.

Mais uma vez os alunos passariam a não ter suas aulas diárias como forma de protesto. Porém agora não mais deixando de ir às escolas, mas sim estando nas escolas, as ocupando e trazendo diferentes conhecimentos, cultura e formação política para dentro delas. As redes foram se entrelaçando, construindo-se e se dinamizando, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação foram aparecendo com os próprios estudantes e com seus apoiadores. Os resultados foram mais de 200 escolas ocupadas, um grande reconhecimento social e algumas importantes vitórias políticas, além de muita inspiração para movimentos em todo país e fora dele. Como foram construídas, desconstruídas, dinamizadas e estabilizadas

algumas dessas diversas redes nesse período de ocupações no estado de São Paulo? Quais foram alguns de seus papéis e como complexificar e ampliar ainda mais as controvérsias deste período?

3.1. HISTÓRICO DAS OCUPAÇÕES

3.1.1. “(...) A OCUPAÇÃO É UM RESULTADO DE 2013”¹² : AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013 COMO UMA DAS BASES DO MOVIMENTO SECUNDARISTA DE OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS.

Como visto em manifestações em todo o mundo desde a crise econômica mundial de 2008, a internet e suas ferramentas passaram a ser centrais para a organização, impossíveis de serem ignoradas em qualquer manifestação da sociedade civil desde então. Manuel Castells (2013) analisou muitos desses movimentos pelo mundo e em todos estes viu como central o papel das redes para sua organização e produção, as chamando de “redes de indignação e esperança”. Tais movimentos foram afetados pelo novo ambiente de comunicação, o que trouxe impactos nas novas relações de poder na sociedade (CASTELLS, 2013).

No Brasil os movimentos que surgiram nesse contexto, segundo Castells (2013), foram as chamadas Jornadas de Junho de 2013, que, segundo Gohn (2017), é o primeiro movimento colocado como Novíssimo no país. Esse movimento já começou com um grupo libertário, contrário a hierarquias e instituições políticas tradicionais, o Movimento Passe Livre (MPL), e ganhou enormes proporções depois de episódios de violência por parte de forças repressoras do Estado. A grande proporção desses protestos se deu com a força das redes sociais e principalmente dos aparelhos móveis (GOHN, 2017).

A partir daí foram expostas diversas demandas, mas com pouca confiança em partidos políticos e com uma organização mais horizontalizada. Para Ângela Alonso (2016) esse período no Brasil pode ser chamado de “a novidade de 2013”, tendo um repertório autonomista e de movimentos por justiça global, repaginando signos e slogans anarquistas. Além disso, trouxeram um estilo de vida alternativo, sem hierarquia de gêneros, compartilhamento de objetos e espaços, organização descentralizada, deliberação a partir de consensos e ações performativas diretas (*black bloc*), lutando contra símbolos de poderes, do capital ao político. Essa “novidade” se deu em contraposição ao repertório “socialista” anterior marcado por

¹² Frase dita pelo segundo entrevistado (2019) em entrevista para o autor da dissertação.

bandeiras vermelhas, megafones e organização vertical (ALONSO, 2016). Segundo Marcos Nobre (2018) uma avaliação feita sobre esse período, que fica de fora daquelas dominantes, é que Junho deve ser visto como parte de uma perspectiva de ciclo de irrupções globais, que o autor também relaciona com os famosos protestos de Maio de 1968 na França.

Posteriormente às Jornadas de Junho de 2013, que tiveram algumas de suas demandas iniciais concretizadas - como a manutenção do valor da passagem do ônibus - começou o que Alonso (2016) chama de “Ciclo Patriota”, que teve como marco inicial manifestações contra o Partido dos Trabalhadores (da presidenta Dilma) nos meses de março e abril de 2015. Segundo a autora, pela conjuntura fluida trazida pelo ciclo de 2013 passou a se ter um ambiente instável que vinha se alimentando desde o julgamento do “Mensalão”, estimulando assim um espírito de “faxina ética” da imprensa e da opinião pública (ALONSO, 2016). Nesse período surgem movimentos mais conservadores, também com força das redes, como o “Vem Pra Rua”, “Movimento Brasil Livre” (MBL) e um bastante reacionário chamado “Revoltados Online”. Todos esses, segundo Gohn (2017), podem ser analisados na cortina dos Novíssimos Movimentos Sociais.

Porém, além de tais movimentos mais conservadores, Junho de 2013 pode também ser considerado base para movimentos reivindicatórios do campo mais progressista, como foi o caso da primavera feminista (PINHEIRO-MACHADO, 2019; NOBRE, 2018) e o caso do movimento secundarista em São Paulo no ano de 2015 (NOBRE, 2018; ORTELLADO, 2016). Como já visto, esse movimento surgiu de forma autônoma pelos secundaristas do estado de São Paulo depois de proposta que seria imposta pelo governo de São Paulo em um período muito pequeno. Também para Januário et al. (2016) o movimento dos secundaristas pode ser visto como continuidades de 2013, principalmente na primeira fase de 2013 com a participação mais forte do MPL, por conta:

(...) do caráter explosivo e inesperado; a centralidade da ação direta; uma nova forma de fazer política, de caráter horizontal e que não passa pelos partidos políticos; a importância das redes sociais; e um formato da luta social que pode ser entendido como “negativo”. Com esta última afirmação queremos dizer que, em ambos os casos, não se tratava de uma negociação em moldes tradicionais por caminhos institucionalizados e nem de propor uma luta ofensiva (que reivindicasse imediatamente a “tarifa zero” ou a “educação pública de qualidade”), mas sim de barrar medidas governamentais e quebrar seus discursos tecnocráticos, que buscavam justificar a inevitabilidade e irreversibilidade das decisões tomadas: o projeto educacional do governo estadual no caso mais recente e o aumento das tarifas de ônibus, metrô e trem (de R\$3,00 para 3,20) há três anos atrás (JANUÁRIO *et al.*, 2016, p.1).

O segundo entrevistado (2019) que foi estudante da E.E. Fernão Dias Paes e participou ativamente do movimento de ocupações em 2015, reitera a importância das Jornadas de Junho de 2013 para sua formação pessoal e para o surgimento das ocupações em 2015 como um todo. E assim afirma:

Eu tive minha iniciação em 2013, como muita gente... eu acho que a ocupação é um resultado de 2013... e eu tinha ido nas manifestações, mas eu sabia que [...] o preço das passagens era absurdo e tudo mais, mas eu tava indo por uma questão de que achava legal, eu era mais jovem, e queria ir nas manifestações. Nunca tinha visto aquilo, poxa, pessoas se organizado e saindo na rua, nunca tinha visto. Como eu estudava só em escolas periféricas e em 2013 eu ainda estudava em escola periférica, estudava aqui no João XXIII - eu tinha 16 ou 15 anos. E comecei a estudar no Fernão Dias [...] aí eu estava conhecendo a cidade naquele ano na verdade. Eu estava conseguindo ir para o centro, algo que eu não fazia antes pois só ficava no bairro. Um momento que eu estava indo para Pinheiros, tendo contato com a cidade... eu tava muito aberto a muitas coisas, aí eu via as manifestações... e ao invés de ir para as aulas eu ia para as manifestações. E isso fez com que eu me tornasse realmente mais de esquerda, mas progressista na época... lógico que com o tempo eu fui amadurecendo isso, tendo transformações nisso, mas sempre no campo da esquerda. (ENRTEVISTA 2, 2019).

Em um contexto em que as mobilizações sociais se intensificaram a partir dos movimentos de junho de 2013 no Brasil (principalmente aqueles tidos como horizontalizados, apartidários - mas não apolíticos -, com uso intenso das TICs, das redes sociais e de dispositivos móveis, entre outras formas de comunicação em rede), surge a movimentação dos secundaristas do estado de São Paulo (em novembro de 2015), contra a reestruturação imposta pelo governador do estado, conseguindo atingir mais de 230 escolas pelo estado, organizando-se horizontalmente e enfrentando poderosas forças contrárias (Polícia Militar e o Poder Judiciário, por exemplo).

Esse movimento se inicia em oposição a um projeto de reestruturação escolar imposto pelo governador do estado de São Paulo, onde se fechariam pelo menos 94 escolas. No início, os protestos se deram por meio de manifestações de rua e posteriormente por ocupações das próprias escolas. Esta atuação foi organizada a partir do manual “Como Ocupar Um Colégio” produzida por estudantes chilenos durante a “Revolta dos Pinguins” no ano de 2006. Este manual foi traduzido e compartilhado na página “O Mal Educado” do *Facebook* (NAVARRO; BRASILINO, 2016). Com o tempo, os estudantes romperam o isolamento individualista do cotidiano escolar, e “(...) criaram uma nova sociabilidade no processo de luta: uma sociabilidade baseada na corresponsabilidade, na horizontalidade dos processos decisórios e no cuidado com o patrimônio público” (ORTELLADO, 2016, p.13).

A coletivização de um sentimento de indignação dos secundaristas paulistas começou pelas redes sociais, principalmente por meio do *Facebook* e em grupos do *WhatsApp*, mas também se projetou no cotidiano escolar, com crescente intensidade. Os estudantes, ao perceberem que essa indignação era compartilhada, trouxeram à tona o movimento que começou com questões bastante locais (protestos contra as diretorias), e que se transformava em passeatas pelos bairros e protestos nas regiões mais centrais, que reuniam diversas escolas e, em pouco tempo, deram início às ocupações (ORTELLADO, 2016). Esse seria o começo do movimento que chegaria a ocupar mais de 200 escolas por todo o estado de São Paulo no ano de 2015.

Segundo Pablo Ortellado (2016), esta teria sido não apenas uma vitória dos estudantes, mas uma das mais importantes derrotas do governador Geraldo Alckmin (PSDB). Considerando todas essas complexidades, potencialidades e até contradições que vieram posteriormente às Jornadas de Junho de 2013, pode-se concordar com o questionamento e resposta feito por Marcos Nobre em artigo para a Revista Piauí em 2018 (p.26): “O que aconteceu em junho de 2013? A resposta é simples e complicada ao mesmo tempo: junho continua acontecendo”.

3.1.2. O PROJETO DE REORGANIZAÇÃO ESCOLAR DO ESTADO DE SÃO PAULO E AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DOS ESTUDANTES.

No dia 23 de setembro de 2015 foi veiculada uma grande reportagem no caderno Cotidiano da Folha de São Paulo com o título: “São Paulo vai transferir mais de um milhão de alunos para dividir escolas por série”, de autoria do jornalista André Monteiro. Esse foi o primeiro dia que o governo deu visibilidade ampla para esse grande projeto de reestruturação escolar. Porém, foi também nesse mesmo dia que muitos dos afetados diretamente por tal política ficaram sabendo dessa grande transformação. Segundo a própria reportagem, o governo queria que cada um dos colégios reestruturados passassem a ter apenas um ciclo, ou seja: 1º a 5º ano; 6º a 9º ano ou ensino médio, todos separados. Outra informação essencial colocada, era que o governo queria fazer isso já no ano seguinte.

Nas contas do governo, metade da rede paulista já mudaria de escola no ano seguinte. Segundo o então secretário da educação do estado de São Paulo, Herman Voorwald, estimavam que o plano atingiria até 1000 escolas e entre um e dois milhões de estudantes (MONTEIRO, 2015). Em relação à participação popular no plano, segundo a reportagem os 91 dirigentes

regionais receberam o plano e tiveram uma semana para sugerir ajustes. Nesse sentido, foram definidas as escolas que seriam alteradas e a partir daí planejavam convocar os pais dos alunos para poder informar sobre o recadastramento.

A motivação principal para o governo fazer essa ação era que o Estado estava com muitas vagas ociosas, considerando que em 14 anos as escolas tinham perdido 2 milhões de alunos, principalmente pela municipalização das séries entre o 1º e 5º ano, e muitos que passaram para a rede privada (MONTEIRO, 2015). Segundo a reportagem da Folha, na visão do secretário de educação esse plano iria permitir uma melhor gestão, com uma administração mais focada. Ainda naquela reportagem o secretário foi questionado se alguma escola seria fechada, e sua resposta foi que dependeria da avaliação dos dirigentes, já que a possibilidade de fato existia, mas que tentariam aproveitar ao máximo as unidades existentes para fins educativos: como creches, ensino técnico ou outros.

No mesmo dia, no Jornal “Bom Dia São Paulo”, da Rede Globo, o apresentador fez uma entrevista com o secretário de educação e o próprio apresentador perguntou com certo espanto como seria feita essa operação de tão grande impacto em tão pouco tempo. Além disso, ao longo desta entrevista o secretário também falou que iria existir o que chamou de “Dia E” ou seja, um dia onde os pais seriam chamados nas escolas para terem maiores detalhes da reorganização, quando também saberiam onde seus filhos iriam estudar posteriormente. Logo no dia seguinte o site da Secretaria de Educação divulgou mais detalhes sobre o chamado “Dia E”, enfatizando a importância dos pais e responsáveis para a construção de um novo modelo escolar, tendo sido por esta relevância a criação desse dia, para que todos pudessem entender e tirar todas as dúvidas possíveis (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). Mas é importante repararmos que apesar de enfatizar a importância da participação dos responsáveis, o “Dia E” não passava de um dia para fornecer informações e dirimir dúvidas, sendo que apenas as Diretorias de Ensino teriam participação efetiva no processo (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

A maioria dos estudantes ficaram sabendo que existiria uma “reorganização” apenas pelas notícias ou boatos, demonstrando o fracasso em matéria de difusão de informação e participação popular por parte da Secretaria de Educação que não trouxe a comunidade para discutir e nem mesmo para avisá-la (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). A reação de estudantes e da comunidade escolar como um todo depois dessas reportagens foi de muita confusão e indignação, segundo artigo de Ana Paula dos Santos e Cynthia Mara Miranda (2017), porém a reação dos estudantes foi imediata a partir das redes sociais.

Um caso bastante interessante da recepção dessas notícias foi a partir dos debates ocorridos pela internet por alunos da E.E. Carlos Gomes em São Miguel Paulista, Zona Leste de São Paulo. Segundo Campos, Medeiros e Ribeiro (2016), alguns estudantes criaram um evento no *Facebook* chamado “Lute pela educação” e muitos alunos foram usando a página para discutir o assunto e pensar em possíveis ações. No dia após o secretário anunciar a reestruturação (24/09/2015) uma das alunas, nessa página, abre discussão criando diversas hashtags que vão sendo espalhadas pelas redes, enquanto outros estudantes falam sobre a possibilidade de organizarem atos contra a medida (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Segundo a primeira entrevistada (2018), que naquela época fazia o ensino médio na Escola Estadual Fernão Dias Paes, foi somente a partir desta reportagem que ficaram sabendo da reorganização escolar. Esta foi, inclusive, uma das maiores críticas em relação ao projeto, já que foi feito de forma totalmente anti-democrática. Porém, a partir disso resolveram reagir:

Lembro que o governo lançou o projeto de organização, não sabíamos muito bem o que era, soubemos de supetão, e aí eu, juntamente de outros amigos, fomos pesquisar o que era aquele projeto, justamente porque a gente sabia que ia ser um fato que ia impactar nossas vidas e a gente não sabia o que ia acontecer dentro das escolas, e aí começamos a fazer vários grupos de pesquisa, perguntar para professores, puxar as matérias das revistas, as pesquisas que tinham saído antes e aí falamos: ‘meu, o projeto é horrível, um projeto de sucateamento da educação, precisamos fazer alguma coisa’ (ENTREVISTA 1, 2018).

E a partir desse sentimento de necessidade de se tomar alguma atitude, começaram a se organizar dentro das escolas. Segundo a entrevistada, naquele momento o coletivo O Mal Educado teve um papel fundamental, pois estavam lançando alguns materiais sobre a reforma do ensino que foram sendo compartilhados entre os estudantes.

Como se sabe, o movimento secundarista começou pela indignação primeiramente local, compartilhada pelas redes sociais, ganhando assim uma força cada vez mais descentralizada (ORTELLADO, 2016). Assim tinham-se muito atos relativamente pequenos compostos de forma majoritária por estudantes que seriam diretamente afetados pelas medidas, mas eram atos espalhados por diversas localidades e que ocorriam ao mesmo tempo (CAMPOS, 2019). Nesse sentido foram vistas muitas manifestações por toda a grande São Paulo ao longo dos meses de setembro e outubro, mas também apareceram atos importantes nas cidades do interior que também seriam afetadas. É o que aconteceu na cidade de Presidente Prudente no dia 28 de setembro de 2015, quando, segundo o site do G1 (2015b), pais e alunos pela manhã fizeram um ato por temerem a superlotação de salas de aula e o fechamento das escolas.

Segundo a reportagem o ato tinha cerca de 60 pessoas, mas os manifestantes comentaram que durante a noite teria um ainda maior pois haviam feito um evento nas redes sociais e já tinha mais de 1000 confirmações.

Já no dia 30 de setembro, segundo outra reportagem do G1 (2015a), também houve um ato em Bauru e outro em Tupã, ambos no interior do estado, com pais e alunos fechando avenidas por temerem o fechamento de escolas. Em uma manifestação feita na cidade de Diadema (grande São Paulo) por estudantes contrários ao projeto em frente a câmara municipal, a reportagem da Rede Brasil Atual (2015) mostrava a indignação de uma estudante da Escola Estadual Diadema que tinha o risco de fechar as turmas do noturno: “O governador não aceita conversar. Decidiu e pronto. Sou do Jovem Aprendiz, trabalho e poderei ser transferida para outra escola pois o Alckmin fechará o ensino noturno. Alguém está preocupado se terei onde jantar ou descansar um pouco antes de ir para escola? Parece que não.” (REDE BRASIL ATUAL, 2015).

Os atos foram saindo das suas regiões menos centrais e foram também ganhando os grandes centros. O primeiro ocorreu no dia 06 de outubro de 2015 e segundo um estudante da E. E. Fernão Dias, foi de fato a primeira manifestação que reuniu várias escolas e que foi puxada totalmente pela internet (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 28). O segundo ato centralizado ocorreu dia 09 de outubro, como relatado em reportagem de Cinthia Rodrigues na Carta Capital (2015). Segundo a reportagem, teria ocorrido o segundo grande ato contra reorganização escolar, que havia mobilizado milhares de estudantes. Assim, o número de vídeos, fotos e ações nas redes sociais relacionados a essa temática estavam muito maiores, dando grande centralidade à página Não Fechem Minha Escola (RODRIGUES, 2015).

Para além disso, o ato que havia ocorrido na Avenida Paulista havia reunido 5 mil manifestantes. Foram vistos muitos cartazes e um dos gritos mais marcantes dos alunos foi: “Aqui estou, aqui vou ficar, da minha escola ninguém vai me tirar”, referência ao grito feito em vídeo divulgado nas redes dos estudantes da E.E. Antônio Viana de Souza em Guarulhos. Segundo o sexto entrevistado (2020), esse canto veio por conta da criação de uma *hashtag* que ele criou um dia no *Facebook*, imprimiu e distribuiu pelas salas de aula, depois resolveu criar uma página onde as pessoas de diferentes escolas discutiam sobre possibilidades de lutarem contra o governo. A reportagem também destacou que ao mesmo tempo ocorriam atos semelhantes em cidades como: São Bernardo do Campo, Indaiatuba, Ribeirão Preto, Taboão da Serra e Osasco.

Já nesse ato foram observados alguns conflitos entre os estudantes considerados autônomos e aqueles pertencentes a partidos políticos ou entidades estudantis. É possível perceber isso com maiores detalhes na publicação nesse mesmo dia na página do facebook do Grupo Autônomo Secundarista (G.A.S) onde afirmaram:

ESTUDANTES PELOS ESTUDANTES! Estudantes fizeram mais um ato grande e autônomo, mostrando que a cidade vai parar se o governador não revogar. No começo a Umes chegou com carro de som tentando liderar a manifestação e decidir eles mesmos o trajeto, porém perderam a legitimidade quando foi feita uma assembleia autônoma e horizontal mostrando que a luta é dos estudantes! (...) Sem carro de som e sem bandeiras da Umes, Une ou Ubes, mais de mil estudantes marcharam na Paulista sentido Brigadeiro (G.A.S. apud. CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 50).

Segundo os autores do livro “Escolas de Luta” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016) é a partir desse momento que o conflito entre estudantes autônomos e entidades representativas, e mais tarde alguns partidos políticos, irá se tornar constante ao longo de todo movimento. Outro fator de grande importância que ficou marcado desde os atos até as ocupações foi, além do protagonismo dos estudantes como um todo, a presença predominante das meninas (SANTOS; MIRANDA, 2017).

Tais atos tentavam também se estender para as redes digitais. Um dos primeiros vídeos nesse sentido, que acabou ganhando grande visibilidade neste período de atos, foi o vídeo feito pelos estudantes da E.E. Professor Antônio Viana de Souza na cidade de Guarulhos. Neste vídeo podemos ver os alunos em uma sala de aula, todos vendados, sentados enfileirados, cantando uma versão criada pelos estudantes da música “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil. A letra feita pelos estudantes mostra a necessidade de luta colocada, e ao fim a música passa a ser cantada com a melodia de funk: “Aqui eu tô/ Aqui eu vou ficar. Da minha escola/ Ninguém vai me tirar”, o que acabou se tornando inclusive uma das primeiras hashtags a serem utilizadas pelos estudantes contrários a essa medida “#aquieeutoaquieuvouficar” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016) e fortemente presente nos protestos dos estudantes.

Outro importante vídeo que ganhou as redes, tornando-se uma espécie de hino durante todo o período das ocupações, foi a versão de “Baile de Favela” feita pelos chamados Mc Foice e Martelo com o nome “Escola de Luta”, no vídeo os dois aparecem com os rostos cobertos enquanto vê-se fotos das manifestações secundaristas. Tal vídeo foi divulgado no *Youtube* no dia 27 de outubro de 2015 com uma letra¹³ que exaltava as escolas e a luta dos estudantes de

¹³ Letra completa: “Estado veio quente, nós já tá fervendo/ Estado veio quente, nós já tá fervendo/Quer desafiar, não tô entendendo/ Mexeu com estudante/ Vocês vão sair perdendo (x2)// O fênão é escola de luta/ Andronico é escola de

forma autônoma e descentralizada, e fazia fortes ataques ao Governo Alckmin e à reestruturação escolar.

Como os estudantes estiveram sempre utilizando as redes como instrumento fundamental de luta, criando muitas *hashtags*, publicações, abaixo-assinados, além de diversos comentários nas páginas de *Facebook* das escolas e seus grêmios e inclusive na página oficial da Secretaria de Estado da Educação (JANUÁRIO, *et al.*, 2016), rapidamente as passeatas locais se unificaram e ganharam mais intensidade. Com a organização e discussões tanto em rede quanto em assembleias locais, percebendo que as passeatas não estavam tendo o impacto esperado - durante 6 semanas foram mais de 200 manifestações - (JANUÁRIO, *et al.*, 2016) os estudantes começaram a pensar em táticas mais radicais. Pode-se perceber esse sentimento de necessidade de mudança de tática na fala da primeira entrevistada (2018): “Fomos percebendo que as manifestações não iriam dar em nada, sabíamos do aparelho do sindicato... que não ia ter força para barrar o projeto... aí pensamos: ‘precisamos ser radicais’, fazer algo que impacte e vá direto à ferida, ao ponto”. De forma semelhante o segundo entrevistado (2019) analisou:

Já naquele tempo as manifestações começaram a desgastar... pois depois de 2013 eles aprenderam a lidar com manifestações, algo bem louco. Mas logo depois começamos a pensar em que estratégia tomar junto com as manifestações para a gente ganhar essa luta. Então nós... acho que foi por sorte, foi o menino do MAL EDUCADO que trouxe o documentário “A REVOLTA DOS PINGUINS” que foram os estudantes do Chile que ocuparam suas escolas, lá no Chile já sofrem uma precarização gigantesca, a privatização é muito mais forte, já tá integrada totalmente e aí vimos aquilo e pensamos “Porra, se estudantes do Chile conseguiram fazer, nós também conseguimos” são estudantes igual a gente, no mesmo processo - até pior - e conseguiram.

Neste contexto aparece a cartilha feita pela “Frente de Estudantes Libertários” da Argentina, influenciados pela “Revolta dos Pinguins” ocorrida no Chile em 2006 e 2011 (SANTOS; MIRANDA, 2017), com a tradução para o português feita pelo coletivo autônomo, O Mal Educado, ligado a militantes do MPL, que foi distribuído nas redes e nos atos (principalmente por meio de grupos do *WhatsApp* e *Facebook*). Tal cartilha, com o nome “Como Ocupar um Colégio?” tinha táticas de ação e afirmava que as ocupações deveriam ser

luta/Ana rosa é escola de luta/ Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!/ Antonio viana é escola de luta/ Salim maluf é escola de luta/ E. e. julieta é escola de luta/ Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!// Estado veio quente, nós já tá fervendo/ Estado veio quente, nós já tá fervendo/ Quer desafiar, não tô entendendo/ Mexeu com estudante, vocês vão sair perdendo/ O calhim é escola de luta/ Carmosina é escola de luta/ E o raul fonseca é escola de luta/ Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!// Estado veio quente, nós já tá fervendo/ Estado veio quente, nós já tá fervendo/ Quer desafiar, não tô entendendo/ Mexeu com estudante, vocês vão sair perdendo// E o vieira é escola de luta!/ E o dom gabriel é escola de luta!/ E. e. diadema é escola de luta!/ Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!/ Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!/ Fica preparado, que se fechar, nós ocupa!” Retirado de: <<https://www.vagalume.com.br/aila/escola-de-luta-part-lucas-santana.html>>

somente o último recurso, indicando que o objetivo maior delas seria o de colocar medo no governo e chamar a atenção da mídia, além de aumentar a força e organização do movimento secundarista (CARTILHA, 2015). Além disso, a cartilha (2015) também colocava a importância da organização interna das ocupações, colocando como essenciais o uso de assembleias, divisão de comissões e o máximo de atividades possíveis dentro da escola durante o período.

Segundo um dos estudantes que participou da ocupação da E.E. Diadema, depois que foram surgindo grupos no *Whatsapp* sobre a reorganização, em determinado momento ele viu uma cartilha do Mal Educado e segundo ele foi o ápice daqueles grupos, segundo o estudante a primeira vista a ideia pareceu loucura mas passou a pensar que talvez pudesse dar certo (apud CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). A primeira entrevistada (2018) também expressa a relação da ocupação de sua escola (Fernão Dias) com a cartilha, uma vez que, depois que ela e seus amigos tiveram acesso a ela decidiram: “Meu, é isso, vamos ocupar as escolas” (ENTREVISTA 1, 2018). Nesse sentido percebeu-se que a tradução desta cartilha foi fundamental para as primeiras ocupações. A partir desse momento o coletivo O Mal Educado passava a ter uma maior importância no movimento, principalmente pelo compartilhamento de informações e outras cartilhas divulgadas em sua página pelo *Facebook* principalmente.

3.1.3. “VAMO OCUPA”: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE OCUPAÇÕES: E.E. DIADEMA E E.E. FERNÃO DIAS PAES

“Foi algo bizarro que mudou o jeito como eu me olho hoje que é totalmente baseado no que foi a ocupação. Acho que, sei lá, as ocupações ajudaram a gente a se enxergar, e acho que é o papel da educação, que é o de ajudar a pessoa a se entender, se enxergar, se colocar no mundo, como ela se identifica...”

Entrevista 2 – Estudante que participou das ocupações (2019)

No dia 9 de novembro de 2015 os estudantes da Escola Estadual Diadema ocuparam-na e no início do próximo dia os estudantes da tradicional Escola Estadual Fernão Dias Paes, na cidade de São Paulo, também o fizeram. A partir daí, as ocupações só cresceram. Muitas das ocupações e protestos foram cercadas por batalhões da Polícia Militar e da Tropa de Choque para reintegração de posse ou repressões. Além disso, os estudantes sofreram pressão judicial

e foram duramente criticados (e por vezes caluniados, segundo eles próprios) pelos veículos de imprensa tradicionais. Os secundaristas mobilizados responderam às acusações e ataques negando a se retirarem, sempre com o grito: “não tem arrego”, como colocado em uma reportagem publicada no *Le Monde Diplomatique Brasil* (2016), e conseguiram força e apoio popular, culminando com a maior taxa de rejeição do governador Geraldo Alckmin, e freando parcialmente a reestruturação escolar.

Segundo Pablo Ortellado (2016), o movimento inovou em suas estratégias, com abaixo-assinados, protestos nas escolas, nos bairros, passeatas no centro das cidades, ocupações nas escolas, realização de aulas públicas, shows de solidariedade e bloqueios nas ruas. Assim, conseguiram simpatia da população em geral e de intelectuais e artistas (ORTELLADO, 2016), sendo que estes expressaram apoio tanto pelas redes quanto indo às manifestações e ocupações.

O uso das TICs também se destacou ao longo desse processo, inclusive durante as próprias ocupações, criando uma espécie de ambiente híbrido, nos termos de Castells (2013), entre as ocupações físicas e o ambiente virtual, que se complementaram mutuamente. O uso intensivo de TICs serviu como um mecanismo de defesa contra a imprensa tradicional, as forças policiais e outras instituições que, a partir da divulgação de informações falsas ou negativas sobre os protestos, buscavam intimidar os estudantes. Os estudantes envolvidos nos protestos utilizaram as redes sociais como um canal de divulgação de informações próprias, buscando ainda angariar apoio de usuários e de mídias independentes (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Nessas ações podemos observar uma intensa utilização das TICs de forma autônoma e como instrumento fundamental de luta e organização para suas atividades cotidianas, o que Manuel Castells (2013) chama de autocomunicação. Para o autor, quando essa autocomunicação chega às massas, oferece uma plataforma tecnológica para a construção de autonomia do ator social. O uso dessas plataformas pelos estudantes se deu tanto para a organização de manifestações públicas, quanto para as próprias ocupações das escolas, que foram organizadas de forma fragmentada por redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp*. A primeira entrevistada (2018) afirmou que depois das manifestações de rua eles de fato começaram a ter contato com estudantes de várias escolas da grande São Paulo, especialmente através das redes sociais, e junto disso vinha a ideia de ocupar escolas que já estava sendo espalhada e discutida por muitos.

Na noite do dia 09 de novembro de 2015, pode-se ver em publicação da página “O Mal Educado” a Escola Estadual Diadema, na cidade de Diadema (ABCD Paulista) estava sendo ocupada por pais, estudantes e professores, que entraram na escola dizendo que não sairiam de lá como forma de protesto. A publicação informa: “Depois de diversos protestos nos últimos dias contra a reorganização do estado - para serem ouvidos os alunos resolveram ocupar a escola.” (O MAL EDUCADO, 09/11/2015). E complementam que a tomada da escola teria se tornado um exemplo de luta contra a política de reorganização escolar. Em uma publicação posterior da mesma página, divulgaram um vídeo onde estudantes da E.E. Diadema estavam sendo reprimidos pela direção da escola, por conta da ocupação, e que além disso carros de polícia estavam chegando. A página d’O Mal Educado divulgou o vídeo pedindo para ser compartilhado e ajudar na segurança dos estudantes.

Em Campos et al (2016) é dito que os estudantes da E.E. Diadema tiveram contato com integrantes d’O Mal Educado no 3º ato centralizado, mais precisamente no dia 15 de outubro, e a partir disso tiveram acesso a cartilha. Uma aluna da E.E. Diadema que participou do processo de ocupação, disse que as informações da cartilha foram adaptadas para a escola deles: uma das questões repensadas foi a do horário da ocupação, uma vez que entendiam que tentar ocupar fora do horário de aula poderia se caracterizar como invasão, assim entraram junto com os alunos do período do noturno, às 19h do dia 09 de novembro, e de lá não sairiam mais (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). Beatriz Gonçalves, estudante da E.E. Diadema em fala no documentário “Lute Como Uma Menina” (2016) disse que o pessoal não acreditava que iria dar certo, diziam “você acha que o governo vai saber que você existe?” e então ela complementou: “foi quando eu vi aquela imensidão de alunos gritando ‘Aqui eu to, aqui eu vou ficar’”. Segundo Antonia M. Campos (2019), foi a partir do dia 09 de novembro que ocorreu uma mudança de tática determinante para que as manifestações pudessem se manter, mas ao mesmo tempo crescessem e ganhassem coesão, assim estudantes deixavam as ruas para ocuparem suas escolas até que a reorganização escolar fosse suspensa.

Já no dia seguinte, um folheto sobre a ocupação foi produzido e distribuído, inclusive de forma online, a partir da página d’O Mal Educado. Em tal folheto se explicava toda a organização até chegarem na ocupação, informando que a diretoria de ensino e a polícia militar tentaram intimidá-los, mas que conseguiram permanecer na escola. Assim, o folheto tratava da necessidade de mais estudantes fazerem o mesmo em suas escolas para forçar o governo contra a reestruturação e também não deixar a E.E. Diadema sozinha. Mais publicações incentivando

a ocupação de escolas foram sendo feitas: no mesmo dia outra publicação na página d'O Mal Educado dizia: “Essa é só a primeira! OCUPAR, RESISTIR, CONQUISTAR!”.

Figura 1: E.E. Diadema Ocupada na manhã do dia 10/11/2015

Fonte: Página O Mal Educado, 2015

A Escola Estadual Fernão Dias Paes, que fica no bairro de Pinheiros em São Paulo, foi a segunda escola a ser ocupada e acabou se tornando o centro das atenções, em grande medida por conta de sua localidade mais central e por conta da imprensa que, indiretamente, a elegeu como a mais importante, já que a maioria das notícias se focaram lá. A primeira entrevistada (2018) que na época estudava no Fernão Dias e se juntou com colegas para pensar em formas de pressão para o governo voltar atrás em relação a essa política, disse que depois de receberem maiores informações sobre a reorganização, a partir de notícias, documentos d'O Mal Educado e conversas com professores e outros colegas, começaram a se organizar em grupos virtuais (grupos de *Whatsapp* e *Facebook*) e presenciais que variavam de 15 a 50 pessoas, até que tais reuniões foram se tornando mais efetivas :

Aí começamos a fazer reuniões secretas mesmo, na casa de amigos, de pessoas próximas, na rua... fizemos uma planta da escola, umas coisas bizarras... a planta onde ficava cada funcionário, o que precisamos – alicate – tudo, planejamos tudo, tudo. A hora que os funcionários chegavam e a hora que iríamos chegar. Tudo mesmo, nos mínimos detalhes. Ficamos uma semana organizando (ENTREVISTA 1, 2018).

A escola foi ocupada na madrugada, quase manhã, do dia 10 de novembro de 2015, depois de bastante discussão e pesquisa feita por grupo de estudantes da época, como dito na Entrevista 1 (2018). Segundo reportagem de Sidney G. do Carmo, Felipe Souza e Juliana Gragnani para a Folha de São Paulo do dia 11 de novembro de 2015, cem estudantes haviam chegado na E.E. Fernão Dias às 7h da manhã do dia 10 de novembro, mas não para estudar, e sim para ocupar. Sobre essa lembrança, a primeira entrevistada (2018) falou: “E aí a gente ocupou a escola e a partir daquele momento a minha vida mudou. Costumamos dizer: ‘o que mudou desde que a gente pulou o muro?’”.

Já nesse mesmo dia começou a correr a notícia que além da E.E. Diadema, agora a E.E. Fernão Dias também estava ocupada pelos estudantes. Em publicação desse mesmo dia na página O Mal Educado, foi divulgada a realização de uma assembleia contra a reorganização escolar, buscando também ajudar na divulgação para as demais escolas. Como diz na reportagem da Folha de São Paulo (CARMO, et. al, 2015) a Escola Estadual Fernão Dias Paes não seria uma das 94 escolas a serem fechadas, mas se tornaria de ciclo único (somente ensino médio), fazendo com que 213 estudantes do ensino fundamental fossem transferidos para a E.E. Godofredo Furtado, que fica há 1,5 km de lá.

Não demorou muito tempo para que em frente à E.E. Fernão Dias começasse a aparecer apoiadores, já que naquele momento começava também um cerco de Policiais Militares em volta de toda a escola, não deixando ninguém sair e nem entrar. Na reportagem de Carmo et. al. (2015) entre esses apoiadores foram vistos integrantes de diversos movimentos sociais, sendo os principais do Movimento Passe Livre (MPL) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Segundo post d'O Mal Educado, policiais só deixariam sair os estudantes se fossem direto para delegacia. Chegaram até mesmo a disponibilizar um ônibus para levar todos os estudantes para a delegacia. Com essa crescente pressão da Polícia Militar, foi sendo divulgado cada vez mais para que apoiadores permanecessem em frente a ocupação para garantir maior segurança aos estudantes ocupantes (O MAL EDUCADO, 10/11/2015). Como nem a polícia e nem os estudantes cediam, foi criado um evento no *Facebook* chamando o máximo de apoiadores possíveis para fazer vigília durante a noite do dia 10 de novembro, além

de um ato de apoio no dia posterior. O evento criado pela própria página d'O Mal Educado chegou a ter 818 pessoas interessadas¹⁴.

O segundo entrevistado (2019), que também era estudante do Fernão Dias, disse que não estava lá no primeiro dia, e por conta disso teve dificuldades de entrar na ocupação já que o cordão da polícia já estava disposto frente à escola. Quando conseguiu entrar na ocupação, o que mais o faz recordar é de estar lá dentro e avisar sua mãe que ele estava bem, apesar de ela já estar completamente preocupada já que via todos aqueles policiais militares em volta da escola e o seu filho entre os outros estudantes pela televisão. Assim ele disse:

é aquele medo inerente da polícia que você tem desde pequeno quando você é pobre, quando você tem mãe preta, enfim... essas questões que tipo, você tem... ela tinha um medo que ela nem sabe explicar, é bem louco. Porque eu conversei com ela e ela só tem um medo... a polícia vai bater e você ter essa noção do órgão do Estado é muito louco. Foi sempre complicado. Sempre é, a militância é sempre mais complicada para minha mãe do que para mim (ENTREVISTA 2, 2019).

E a mãe dele tinha razão, foi por isso que os estudantes chamaram apoiadores para fazerem vigília do lado de fora da ocupação. Com apoiadores e imprensa do lado de fora, esses podiam gravar e divulgar qualquer ação indevida dos representantes do estado. Logo no primeiro dia um vídeo divulgado pelos Jornalistas Livres e também compartilhado pela página Não Fechem Minha Escola demonstrava a ação truculenta da Polícia Militar em relação a uma estudante que estava dentro da ocupação mas precisava sair para buscar os sobrinhos em outra escola, sendo porém impedida pela PM. Ela quase foi levada para a delegacia, não fosse o papel dos apoiadores e da imprensa nesse momento¹⁵.

¹⁴ Evento Facebook: Ato e Vigília em apoio ao Fernão Dias Ocupada: <<https://www.facebook.com/events/781144298686198/>>

¹⁵ Vídeo de momento de tumulto entre PM e estudantes que queriam sair da ocupação: <<https://www.facebook.com/naofecheminhaescola/videos/1492493177712311/?v=1492493177712311>>

Figura 2: E.E. Fernão Dias depois de ocupada

Fonte: Página do Mal Educado no dia 10/11/2015

Segundo um estudante da E.E. Fernão Dias em entrevista para o livro “Escolas de Luta” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016), eles tinham contato bastante distante - basicamente pela internet - com o pessoal da E.E. Diadema. Na noite anterior os estudantes da E.E. Diadema ocuparam, mas o estudante garante que não combinaram, que foi espontâneo para ambos, tanto é que já estavam durante a noite se preparando para a ocupação que ocorreria de manhã e receberam a notícia de Diadema, o que só deu mais energia para eles. Segundo os autores, as duas escolas estavam bastante mobilizadas desde os atos anteriores contra a reorganização, portanto foi natural que as duas fossem as primeiras a ocuparem (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

No dia 11 de novembro as duas ocupações continuavam firmes, e a E.E. Fernão Dias ficava cada vez mais sob os holofotes, o que ficou ainda mais evidente com a capa do jornal Folha de São Paulo deste dia com uma grande foto dos estudantes do Fernão Dias em ato para ocupação da escola, que também foi capa do Jornal O Estado de São Paulo no mesmo dia mas com uma foto menor. Sendo de interesse dos estudantes de ambos os colégios que as ocupações se expandissem para o restante das escolas, estes seguiam mandando mensagens nas redes

sociais tanto em apoio, quanto para incentivar a ocupação de outras escolas¹⁶. O apoio de outros setores foi aumentando tanto fisicamente nas ocupações, quanto nas redes com fotos e mensagens, como o caso de trabalhadores da Usiminas em Cubatão (litoral de São Paulo) que, em um protesto da categoria, mandaram uma foto de apoio às escolas ocupadas.¹⁷

¹⁶ Vídeo de estudantes da E.E. Fernão Dias apoiando ocupação da E.E. Diadema:
<<https://www.facebook.com/watch/?v=719891591477922>>

¹⁷ Foto de apoio de trabalhadores da USIMINAS:
<<https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.301502323316853.1073741829.291834600950292/719898598143888/?type=3>>

Figura 3: Capa da Folha de São Paulo do dia 11/11/2015 - Foto da Ocupação da E.E. Fernão Dias Paes

Desde 1921 **FOLHA DE S. PAULO** UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 91 • QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 2015 • Nº 31.633 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 09H05 • R\$ 3,50

Filho de deputado nega ter ordenado repasse a Cunha

Para procuradores, depósito do equivalente a R\$ 4,8 mi foi pagamento de propina

Pros compra helicóptero de R\$ 2,4 mi com verba pública

O Pros gastou R\$ 2,4 milhões de dinheiro público recolhido via Fundo Partidário em um helicóptero que será usado por seus dirigentes em viagens. Comprar aeronaves não é prática comum entre os partidos — os três maiores do Brasil (PMDB, PT e PSDB) não têm nenhuma. Com a aquisição, o Pros almeja fortalecer sua presença no país. Para a sigla, o helicóptero não é um gasto, mas um patrimônio. Poder A7

Gestão Alckmin diz que não alterou dados de segurança

A gestão Alckmin (PSDB) disse que mortes envolvendo PMs de folga nunca foram contabilizadas como homicídios e, por isso, não houve mudança metodológica na contagem, conforme a Folha publica. O jornal ainda aponta a contestação. Cotidiano B5

Governo triplica multa para quem bloqueia rodovias

Para desestimular a greve dos caminhoneiros, que têm entre as reivindicações a saída da presidente Dilma, o governo elevou de R\$ 1.915 para R\$ 5.746 a multa por obstrução de estrada. O infrator também ficará sem dirigir por 12 meses. Mercado pag. 3

MEU EPISÓDIO DE ASSÉDIO NÃO FOI UM DRAMA DECISIVO

Ela tinha 11 ou 12 anos, o ônibus estava meio cheio, um homem se esfregou em mim. O motor "perip" seria se eu tivesse sentido algo. Mas não. Era estranho, só isso. Aquilo, de certa forma, não me disse respeito. Ilustrada C10

DIA DOS SOLTEIROS

Maiores eventos de comércio eletrônico do mundo, o Dia dos Solteiros começou na China com a expectativa de movimentar US\$ 13,7 bilhões em vendas on-line. Em só um minuto, a maratona de promoções mobilizou consumidores de ao menos 180 países. Mercado pag. 7

ATMOSFERA Cotidiano B2

Do Rio de Janeiro em São Paulo. Mínimo 20°C. Máxima 32°C.

FALE COM A FOLHA

Você pode entrar em contato com a reportagem enviando e-mail para a central@folha.com.br

RODÍZIO Cotidiano B2

Não devem circular carros com placas cujo final seja... 5, 6

CELEBRANDO

Marinheiro Progresso e dignidade. O Brasil, 100 anos de existência.

ESPORTE

Marin, ex-CBF, recebeu R\$ 6,2 mi para organizar a Copa de 2014. B6

STF cita direitos humanos para tirar da cadeia venezuelano

Sob o argumento de que há indícios de violação de direitos humanos por parte da Venezuela, o Supremo Tribunal Federal do Brasil decidiu tirar da cadeia o executivo venezuelano George Kew Prince. Preso pela Polícia Federal há pouco mais de um mês, ele é acusado de comercializar produtos com o suposto objetivo de obter dólares em sistema de câmbio que é proibido na Venezuela. Prince ficará em prisão domiciliar até a análise do pedido de extradição. Mundo A11

Corpo de menina levada por lama em MG é enterrado

Primeira criança vítima do rompimento de barragem em Mariana (MG), Emanuella, 5, foi enterrada nesta terça (10). Ela tinha sido carregada pela lama após se soltar dos braços do pai, que está internado. Até a noite, 21 pessoas eram procuradas. Seis morreram. Cotidiano B6

EDITORIAIS Opinião A2

Leia "Carga política", acerca da greve dos caminhoneiros, e "Incomodo vizinho", sobre o envio de observadores para fiscalizar a eleição na Venezuela.

COTIDIANO

Alunos se trancam em escola para protestar contra fechamento de turmas em SP. A3

ILUSTRADA

Mar Vermelho faz novela da Record passar Globo em dez pontos. C4

COMIDA

Saiba como é feito o tofu, 'esponja de sabores' de origem chinesa. C5

PAULO TIEFFENTHALER

Currículo escolar poderia incluir a culinária com peso da matemática. C5

SAÚDE

Povoado de Goiás concentra casos de hipersensibilidade rara ao sol. B7

Imagem principal: Em cartilhas, alunos protestam na escola Fernão Dias Paes, na capital paulista. Foto: Marcelo Menezes/Noticias

Imagem inferior esquerda: Bento Rodrigues (MG), onde Emanuella (ao lado) foi levada pela lama. Foto: Marcelo Menezes/Noticias

Imagem inferior direita: Foto de Emanuella.

Fonte:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=20405&anchor=6007684&origem=busca&origURL=>>

No fim do dia 11 os estudantes que ocupavam a E.E. Fernão Dias saíram nos portões para pronunciamento público depois de assembleia interna. Em vídeo divulgado pela página d'O Mal Educado, os estudantes explicaram que vinham tentando dialogar com o governo desde

as manifestações de rua ao longo de outubro, não foram ouvidos e então passaram para outra fase: das ocupações. Agradeceram o apoio e chamavam mais escolas para ocuparem. O pronunciamento terminou com todos cantando a música “Escola de Luta” do Mc Foice e Martelo e reforçando que: “A nossa luta é a luta de todos os estudantes. Não aceitaremos nenhuma proposta que não englobe todas as escolas afetadas do Estado. (...) Para continuar a luta, é preciso se unir e ocupar as escolas, e, assim, atingir o nosso objetivo: barrar a reorganização!” (O MAL EDUCADO, 11/11/2015).

Figura 4: Foto de estudantes da Ocupação E.E Diadema em apoio aos trabalhadores da Usiminas e estudantes da E.E. Fernão Dias.

Fonte: página do Mal Educado no dia 11/11/2015.

3.1.4. “OCUPA TUDO”: A EXPANSÃO DAS OCUPAÇÕES PELO ESTADO DE SÃO PAULO

“ Mas eu acho até que em experiência de vida, porque é uma nova relação de fazer política ali... aquelas tretas que davam, tinham que reorganizar as comissões pois não estavam dando certo... tudo era bem complicado pois nunca tínhamos debatido, discordado entrado em conflitos e eu acho que isso, de maneira geral, deu espaço.”

Entrevista 3 – Estudante que participou das Ocupações (2019)

Desde as primeiras ocupações, estas foram sendo organizadas pelos próprios estudantes em um modelo de autogestão (SANTOS; MIRANDA, 2017), comissões, debates, assembleias e diversos mecanismos para uma estrutura não hierárquica. Na visão da primeira entrevistada (2018) os estudantes, dentro da ocupação do Fernão Dias, quiseram construir suas próprias estruturas, pois:

(...) a gente nunca se sentiu representado pelas estruturas de fora, então sentamos e pensamos, como fazemos algo diferente aqui dentro? Fazer algo sem hierarquias e que todos se sentissem representados? Esse foi o primeiro ponto. Então tudo que fazíamos lá dentro decidimos em assembleia, tudo, tudo tudo... desde quem vai limpar a cozinha, a quem vai dar entrevistas... a maneira como o quarto vai ser colocado, as doações recebidas... tudo, tudo era passado em assembleias... então o que mais fica [é] o legado, pra mim e pra todo mundo que viveu de alguma forma o movimento, é isso, essa estrutura que a gente criou para a representatividade e para as funções básicas serem realizadas de uma maneira democrática. Então todo mundo... a mesma pessoa que limpava a cozinha, dava entrevista, a pessoa que dava entrevista, limpava a cozinha... a pessoa que estava limpando, ia para a outra escola. Então sempre tinha uma rotatividade... as pessoas escolhiam o que preferiam fazer... sempre tinha um sistema de rotatividade. Tinha menino na cozinha, lavando louça... então é isso, nós sempre pensamos para que a estrutura da ocupação fosse sem hierarquia, que as pessoas conseguissem se enxergar naquele movimento. (ENTREVISTA 1, 2018).

A fala da estudante Lizantra Lima do primeiro ano do ensino médio na E.E. Fernão Dias para reportagem da Folha do dia 11 corrobora com essa visão: “Queremos ser ouvidos e esse foi o jeito que conseguimos. Ninguém ouve a gente porque somos adolescentes”. Importante ressaltar como parte fundamental das ocupações o uso das redes sociais, tanto para maior visibilidade da luta dos estudantes quanto para maior segurança das ocupações. Segundo a primeira entrevista (2018), criaram uma página no *Facebook* para a ocupação do Fernão Dias

onde eles mesmo atualizavam com informações, postagens e fotos feitas pelas câmeras de seus celulares, sendo essa uma importante base de divulgação das informações para a externalidade.

Em pouco tempo começaram a surgir novas ocupações, segundo a primeira entrevistada (2018), isso ocorreu por existir uma indignação geral dos estudantes, professores e toda comunidade escolar. Por isso, foram eclodindo novas ocupações. Ela e seus colegas do Fernão de fato foram em algumas outras escolas falar das ocupações e da reestruturação, mas perceberam que de forma autônoma muitas outras escolas foram chegando na mesma conclusão. Nesse sentido afirmou:

Tanto é que eu lembro que era muito difícil conseguir enumerar as escolas, dificuldade de pegar os nomes, era muito difícil porque era muito rápido. As listas inclusive nossas não batiam com as que eram soltadas pelas redes oficiais, (...) então pra gente era muito mais escolas, porque era o que chegava pra gente, eles mandavam fotos para nosso grupo, os professores mandavam... (ENTREVISTA 1, 2018).

Na madrugada do dia 12 de novembro a Escola Estadual Salvador Allende no bairro José Bonifácio na Zona Leste de São Paulo também foi ocupada. Em publicação na página d'O Mal Educado dando a notícia da ocupação disseram que “Diadema, Fernão e Allende são apenas as primeiras” (O MAL EDUCADO, 12/11/2015). Segundo Campos; Medeiros e Ribeiro (2016), a E.E. Salvador Allende também já estava se mobilizando, tendo feito um ato até a Diretoria de Ensino de sua região, além de um evento organizado pelo cursinho Baobá e o Movimento São Miguel em Luta, que antes mesmo das primeiras ocupações tinham feito um “encontro em defesa das escolas da ZL” e que pretendiam projetar o filme “A Rebelião dos Pinguins”, algo que não foi possível devido uma confusão e impedimento da direção da escola. Em publicação na página d'O Mal Educado nesse dia, 03 de novembro, explicando essa situação, no fim reforçam: “CHEGA DE ENROLAÇÃO! SE A ESCOLA VAI FECHAR, VAMOS OCUPAR!” (apud. CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p.88). Ou seja, a ideia de ocupação já estava passando por eles fazia algum tempo, e, segundo os autores, por pouco a onda de ocupações não começou por lá.

As outras ocupações continuavam na ativa, chamando pessoas para apoiarem, criando eventos públicos, como saraus e espaços para protestos. Além disso, estudantes da E.E. Fernão Dias não aceitaram o ônibus disponibilizado pela Secretaria de Educação para irem à Secretaria dialogar, e começaram a pedir para que o secretário fosse até a escola conversar com eles. No mesmo dia, a página d'O Mal Educado diz que a Escola Estadual Valdomiro Silveira, em Santo André, também tinha sido ocupada, assim como a E.E. Heloisa Assumpção em Osasco.

Agora os petroleiros que estavam em greve mandaram foto com cartaz dizendo: “Somos todos Fernão: Todo apoio à ocupação” (O MAL EDUCADO, 12/11/2015). Os metroviários também enviaram seu apoio. Outras escolas foram mandando fotos em apoio às ocupações, como foi o caso da E.E. Alvorada, em Hortolândia, da E.E. Prof. João Baptista Leme, em Rio Claro, da E.E. Bonifácio de Carvalho, em São Caetano do Sul, e até mesmo escolas de outros estados como no vídeo de estudantes da E.E. Cora Coralina em Goiânia, também divulgado pelo O Mal Educado, e uma foto enviada por alunos da Escola Cláudio Morelli, de Curitiba publicado pela página Não Fechem Minha Escola no dia 12 de novembro, além de coletivos como o coletivo de moradores de rua (O MAL EDUCADO, 2015).

O perigo da reintegração de posse começava a surgir nas escolas, segundo publicação d’O Mal Educado, no dia 12 de novembro havia saído uma liminar de reintegração de posse da E.E. Salvador Allende. A escola ainda não tinha recebido a notificação, e diziam que na teoria só depois de 24h da notificação que a Polícia Militar poderia intervir. Por ser uma escola periférica, a postagem pediu maior atenção para o ocorrido e apoio de quem pudesse ir até lá. A E.E. Diadema também começou a sofrer com o mesmo problema, sendo inclusive invadida por policiais militares armados durante a noite do dia 12 de novembro, chamando para manifestação contra a reorganização em frente a escola já para o dia seguinte¹⁸.

¹⁸ Evento criado pelos estudantes da E.E. Diadema: “Manifestação Contra a Reorganização”: <https://www.facebook.com/events/1508400909454168/>

Figura 5: Policiais Militares armados de Fuzil entram na ocupação da E.E. Diadema

Fonte: Foto divulgada na Página “O Mal Educado” no dia 13 de novembro de 2015.

No dia 13 foram recebidas imagens de novas ocupações, como a E.E. Pio Telles (Vila Jaraguá), E.E. Ana Rosa (na Vila Sônia, em São Paulo), E.E. Oscavo de Paula (a segunda escola ocupada em Santo André); E.E. Antonio Manoel (no Jd. São Luís, zona sul de São Paulo); E.E. Castro Alves (zona norte de São Paulo). Esta última teve um vídeo divulgado pelo site Passa Palavra e também compartilhado pela página d’O Mal Educado (13/11/2015). No vídeo professores e alunos explicam o porquê da ocupação e os motivos para serem contra a reorganização escolar. Um dos alunos da E.E. Castro Alves fala no vídeo que a ocupação foi organizada e planejada muito bem, durante um mês, e que pretendiam que fosse da forma mais rápida possível, explicando, em relação à não participação popular na formulação da política: “a reorganização poderia ser boa se fosse para os alunos, para os mais afetados. Mas não existia um projeto para essa participação”, além de outros dizendo da importância histórica da escola no bairro e para a própria formação dos alunos “como acabar com essa história assim?” (PASSA

PALAVRA, entrevista com estudante, 13/11/2015)¹⁹. Em reportagem de capa do Caderno Cotidiano da Folha de São Paulo do dia 13, afirmou-se que as mães tinham aderido à luta junto de seus filhos na E.E. Castro Alves, mostrando assim um forte apoio da comunidade à luta dos estudantes.

A primeira vitória do movimento aconteceu no dia 13 de novembro, quando o governo recuou em relação ao fechamento da E.E. Augusto Mélega (Piracicaba), o que rendeu uma publicação à página d'O Mal Educado: “agora só faltam 93!”²⁰.

Ao longo dessa primeira semana foram observadas pelo menos oito escolas ocupadas, sendo que até o fim da semana seguinte (dia 22 de novembro) o número de ocupações saltaria para 89, chegando no dia 30 com duzentas escolas ocupadas (CAMPOS, 2019). Nesse sentido, Antonia M. Campos (2019) traz a importância do coletivo O Mal Educado que não teve o papel de dirigir, mas catalisar o processo “(...) detonando uma virada tática ao apresentar uma nova forma de ação radicalizada, desconhecida ou impensável para os alunos até então” (CAMPOS, 2019, p.84). O apoio de diversos movimentos sociais desde antes do período de ocupações até posteriormente mostrou-se essencial como base para que o movimento pudesse se expandir:

Nesse sentido, é interessante como a insurgência secundarista contra a ‘reorganização escolar’ foi fruto do encontro de uma disposição de luta que os estudantes já carregavam (e em cima da qual procuravam atuar baseados no repertório de protesto de que dispunham) com uma rede de militância construída ao longo de anos, que soube dialogar com aquela disposição e introduzir novos repertórios de enfrentamento diante de um estado que se mantinha impermeável aos apelos e contava com a simpatia da imprensa (CAMPOS, 2019, p. 84).

Foi cada vez mais comum observar nas diferentes ocupações que os alunos tentaram transformá-las em escolas abertas à comunidade, com programação diária de atividades, que era compartilhada nas redes sociais e colada em suas fachadas (CAMPOS, 2019). As atividades das mais diversas tinham como objetivo demonstrar outras formas de conhecimento, das quais a escola tradicional não incentivava, trazer pessoas de fora da escola e à possibilidade de maior integração entre estudantes e comunidade (CAMPOS, 2019). Tornou-se também comum as assembleias de estudantes que aconteciam diariamente para discussão das questões referentes

¹⁹ Vídeo completo “E.E. Castro Alves: Por que somos contra a ‘reorganização’?” feito pelo site “Passa Palavra”. Acesso:

<<https://passapalavra.info/2015/11/106834/?fbclid=IwAR146m7HuO7hndi6sCy0bY5fPZzbRIovACVD747ZAW33QSVonFoiDFaFLqA>>

²⁰ Imagem Meme: “Governo Recua: escola em Piracicaba não vai mais fechar ... só faltam mais 93!”. Acesso:<<https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.301502323316853.1073741829.291834600950292/720537224746692/?type=3>>

às ocupações e atos contra a reorganização escolar. Todas essas ações foram tão vivas e impressionantes para os alunos que as experienciavam:

a experiência foi descrita por muitos como uma ruptura radical com a escola anterior à ocupação, onde os estudantes não discutiam nada em grupo e apenas se sentavam em fileiras sem olhar uns para os outros e copiavam da lousa; os exercícios de reflexão e argumentação exigidos pelas assembleias foram uma grande ruptura quanto à obediência exigida anteriormente e a construção do comum rompeu com o individualismo, causando surpresa nos estudantes com relação à sua própria capacidade (CAMPOS, 2019, p. 96).

Nesse sentido, era comum a percepção entre os participantes, mas também os que observavam por fora, que a ocupação não estava servindo somente como tática de luta, mas também como uma antecipação de uma sociedade e uma escola possível e desejada: “Se o objetivo almejado é uma escola mais democrática e uma educação mais estimulante e crítica, isso já é vivido no dia a dia da ocupação” (CAMPOS, 2019, p.96-97).

Essa formação coletiva de construção horizontal que evitava lideranças era muito difícil de ser compreendida pelos partidos políticos e por alguns movimentos sociais e entidades estudantis, que foram conseguindo com o tempo conviver melhor com essa organização. A imprensa, no entanto, sempre buscava as lideranças do movimento, enquanto os estudantes repetiam que não havia uma. A própria ideia de rotatividade presente nas comissões das escolas ocupadas tinha como objetivo evitar exatamente a criação de lideranças.

Um exemplo da dificuldade da imprensa em aceitar (ou compreender efetivamente) a horizontalidade da organização pode ser visto na reportagem da Folha de São Paulo do dia 12 de novembro de 2015 em que a manchete era: “Aluno ‘linha de frente’ do Passe Livre é porta-voz de ocupação em SP”. A reportagem de Juliana Gragnani, Leandro Machado e Marlene Bergamo colocou o estudante Heudes Cássio Oliveira como sendo uma das lideranças do movimento dos estudantes pelo fato de ter aparecido mais, e no dia anterior ter feito a fala sobre o resultado das reuniões para os apoiadores e imprensa em frente à ocupação. Apesar de os estudantes tentarem explicitar que Heudes havia sido eleito como porta-voz naquele dia, inclusive citando a fala dele que diz: “hoje sou eu, amanhã podemos eleger outro”, a reportagem fazendo um perfil do estudante inclusive com algumas fotos trazia uma ideia diferente. O sétimo entrevistado, que ocupou a E.E. Fernão Dias, se lembra de uma das jornalistas que redigiu este perfil, quando esta passou uns dias com eles na ocupação. Ele lembra que ela respeitou muito o movimento e fez algumas reportagens bem interessantes com os diversos pontos de vista, mas que ao publicar essa notícia sobre o Heudes acabou personificando a luta, o que em suas

palavras: “é o perigo, que a gente não queria, que é a personificação. Então é essa dubiedade, é saber lidar com a mídia de uma forma que você consiga entender o jogo deles, assim. E aí a mídia encostava direto lá na frente do Fernão...” (ENTREVISTA 7, 2020).

A visão da imprensa, contrária às ocupações dos estudantes, ao menos na fase inicial, podia ser percebida pelo fato de usarem o termo “invasão” ao invés de “ocupações de escolas”, algo que os estudantes insistiam em diferenciar, chegando a se tornar *meme* quando em uma entrevista para a Rede Globo o repórter pergunta para uma estudante da E.E. Josepha P. Chiavelli sobre a invasão da escola e a estudante diz: “Primeiramente eu gostaria de dizer que não é invasão, mas ocupação”²¹. Um exemplo deste ponto se deu com a matéria da Folha de São Paulo do dia 13 de novembro, com menção na própria capa do jornal que dizia: “Alunos invadem 5 escolas e justiça ordena retirada”. Em tal notícia é dito que a Justiça estava determinando reintegração de posse da E.E. Fernão Dias, além de chamar para uma audiência os estudantes e o governo. Em reportagem do Estado de São Paulo no mesmo dia, foi dito que os estudantes aceitaram levar representantes para audiência de conciliação, que segundo pronunciamento de alunos: “A gente acha que nossa discussão é política e não jurídica. Mas vamos na reunião só porque se trata da nossa saída com um pouco mais de segurança, porque há risco de abuso e tudo mais” (HISAYASU; et. al., 2015).

Em nota, a Secretaria de Educação havia dito que estava “aberta ao diálogo com manifestantes que estão ocupando os espaços escolares”, além disso também colocou em tom crítico que eram: “movimentos político-partidários que não têm como objetivo a melhoria da qualidade de ensino” impedindo assim o direito de outros estudantes que querem estudar, colocou a reportagem da Folha. A questão de politizar de forma negativa o movimento já vinha de antes da parte do próprio governador, como em uma fala para o jornal O Estado de São Paulo no dia 12 de novembro em que disse: “Tem muita política misturada nisso. Tem movimento envolvido que não é da escola, não tem a ver com educação”, tentando desvincular a possibilidade de se relacionar política com educação. Ou até mesmo a resposta do então secretário de educação, Herman Voorwald, que em entrevista para O Estado de São Paulo no dia 13, disse que se a manifestação é para mostrar que ama a escola ele apoia, porém: “(...) usar isso como bandeira para que entidades apareçam na mídia, para aproveitar o momento político, lamento”, dizendo que a cena de truculência da Polícia Militar no dia anterior tinha sido o papel

²¹ Vídeo de estudante respondendo reporter da globo sobre ser ocupação e não invasão: acesso: <<https://www.facebook.com/naofecheminhaescola/videos/1494046334223662/?v=1494046334223662>>

que elas tinham que cumprir. No caso da E.E. Diadema, segundo postagem do dia 13 de novembro na página Não Fechem Minha Escola eles haviam ganhado um suspiro com uma liminar feita pelo tribunal de Justiça do Estado de São Paulo que impedia a reintegração de posse até, pelo menos, as 14h da próxima segunda (dia 16).

Na noite do dia 13 de novembro, depois da audiência de conciliação e já tendo recebido a carta para reintegração de posse, os estudantes foram surpreendidos quando o Juiz voltou atrás e cancelou a reintegração. Segundo reportagem da Folha de São Paulo do dia 14 de novembro de 2015, o Juiz Felipe Ferrari Bendendi, o mesmo que havia feito o pedido de reintegração de posse, havia voltado atrás de sua decisão. De início sua decisão estava estritamente voltada para a questão de posse, porém depois de passada a reunião com os estudantes afirmou ser “Um panorama mais amplo e real, não tão estritamente apegado a frieza do processo”, segundo a reportagem (FOLHA, 14/11/2015) ele havia acompanhado as sete novas ocupações ao longo da semana e com todas essas afirmações concluiu: “que as ocupações realizadas majoritariamente pelos estudantes das próprias escolas - revestem-se de caráter eminentemente protestante”. Na reunião os manifestantes conseguiram que a justiça atendesse a três pedidos: “1) não haver sanção escolar na hipótese de desocupação da escola; 2) não haver qualificação no momento da saída dos ocupantes, sendo que eventuais atos ilícitos na esfera civil, administrativa ou penal seriam apurados sem qualificação criminal dos estudantes; 3) que alunos que participaram da audiência pública pudessem retornar a escola”. (SOUZA et. al, 2015). Enquanto isso duas foram negadas: reunião com o secretário da educação, Herman Voorwald, dentro da escola e a possibilidade de os estudantes saírem e entrarem da ocupação quando quisessem.

A noite foi de muita comemoração para os estudantes na E.E. Fernão Dias, demonstrando uma força cada vez maior do movimento, como mostra publicação da noite do próprio dia 13 na página d’O Mal Educado. Outro fato fundamental e bastante marcante relativo ao recuo frente à reintegração de posse foi que o cerco da Polícia Militar em volta da escola finalmente teve que ceder. Com essa saída, como afirma publicação de 13 de novembro de 2015 d’O Mal Educado, dezenas de secundaristas aproveitaram para entrar na ocupação. Em reportagem para o Estado de São Paulo no dia 14 de novembro um estudante comemorando o anulamento falou que essa ação: “Mostrou que nós temos apoio popular e jurídico. Estamos certos, lutamos por uma educação de qualidade e temos todo o apoio que precisamos. Se o governo não enxerga isso, todos os outros órgãos estão vendo” (apud. PALHARES;

TOLEDEO; VIEIRA, 2015). Tal decisão se expandiu para todas as outras ocupações do município de São Paulo, porém, não seria válido para as de fora da cidade. Foi o que aconteceu, por exemplo, na E.E. Valdomiro, em Santo André, que no dia 15 recebia ordem de despejo, e, nesse sentido começava uma pressão para que a recusa a reintegração pudesse valer para todas as ocupações do estado (O MAL EDUCADO, 15/11/2015). Finalmente no dia 16 a E.E. Diadema em audiência de conciliação também conseguiu o cancelamento da reintegração de posse (O MAL EDUCADO, 16/11/2015).

Mais escolas foram ocupadas, como: E.E. Antonio Manoel e E.E. Silvio Xavier (Zona Norte) chegando a um total de 16 escolas segundo publicação da página no dia 14 de novembro (O MAL EDUCADO, 2015). Durante esse final de semana, com a importante vitória dos estudantes em relação ao cancelamento da reintegração de posse e o aumento de escolas ocupadas, começaram a crescer o incentivo e os pedidos para que outras escolas no início da semana seguinte também se somassem e fortalecessem as ocupações. Chamadas pelas redes sociais em páginas como O Mal Educado; Não Fechem Minha Escola, as páginas específicas das ocupações e outros movimentos passaram todo o final de semana fazendo imagens e chamadas para que a semana seguinte pudesse explodir o número de ocupações. No dia 16 de novembro, segundo *post* d'O Mal Educado, já eram 25 escolas ocupadas. Passando para 40 já no dia seguinte. Sendo que aumentava também a interiorização da luta dos secundaristas, como foi o caso da E.E. Carlos Gomes em Campinas e E.E. Stella Machado em Bauru, além do aumento no litoral com a E.E. Cleobulo em Santos.

Foi ao longo dessa semana que a Escola Estadual Deputado João Doria, no Itaim Paulista (Zona Leste de São Paulo) também seria ocupada. Segundo o terceiro entrevistado (2019), que estudava lá na época, ele e seus colegas só ficaram sabendo da reorganização a partir de notícias na TV e informações das redes sociais. Essas informações já geraram muitas dúvidas e confusões em relação aos estudantes da E.E. Deputado João Dória. Mas para ocuparem a escola, o segundo entrevistado disse que um professor ajudou a inflar esse sentimento nos estudantes. Uma aluna em específico levou a sério e saiu nas salas falando para os estudantes marcarem uma reunião para conversarem sobre a reorganização escolar (ENTREVISTA 3, 2019). A ideia inicialmente não era ocupar, era conversar e fazer protestos na direção, manifestarem-se de alguma forma. Na manhã seguinte fizeram uma manifestação e resolveram fazer também uma caminhada até a outra escola que também seria afetada no bairro, a E.E. Livio Xavier. Logo depois disso:

(...) eu não lembro exatamente qual a quantidade de dias, tipo o próximo dia de manhã, foi muito rápido, estávamos dentro da escola de manhã cedo... foi um dia depois de fazermos a caminhada. Aí pegamos e falamos: vamos ocupar (do nada) ... a galera estava acompanhando os movimentos, era a época em que 20-30 escolas por dia estavam ocupando. Não foi no pico do auge, mas foi um pouco antes do pico. Isso foi de manhã, aí falamos: ah, vamos ocupar! Pegamos a galera... não sei quem da escola pegou... lembrei. No dia da caminhada conversamos com um professor da APEOESP, aí falamos: Ah professor, a gente queria ocupar, mas não temos cadeado e corrente... aí no dia seguinte ele trouxe o cadeado e a corrente, aí pensamos: “Vamos ocupar então”. Aí ele chegou, deixou e pronto foi embora. (ENTREVISTA 3, 2019).

No caso dessa escola, ela não seria uma das fechadas, pois: “A minha escola no bairro é muito grande, tem muitos estudantes se comparar com as escolas mais ao centro, então eles não eram doidos de fechar a escola...” (ENTREVISTA 3, 2019). Mas a escola seria “reorganizada” ficando apenas com o ensino fundamental, enquanto todos do ensino médio teriam que mudar de instituição. A distância para os alunos que mudassem ficaria muito maior do que a que diziam (1,5 km), afirmava o terceiro entrevistado (2019), mas a questão ia para além disso, pois “também tinha uma relação de afeto, com o espaço mesmo...” (ENTREVISTA 3, 2019).

Imagem 6: Imagem de incentivo a novas ocupações amplamente divulgada nos finais de semana dos dias 14 e 15 de novembro de 2015

Fonte: imagem retirada de post do “O Mal Educado” no dia 15/11/2015.

3.1.5. AUTONOMIA E AUTOGESTÃO NAS OCUPAÇÕES: DE UMA AGENDA CULTURAL À SUA AUTODEFESA COMO FORMA DE ORGANIZAÇÃO HORIZONTAL

A programação artístico-cultural nas escolas só crescia. Em post do dia 14, a página d’O Mal Educado publicou a programação das ocupações: E.E. Heloisa Assumpção, E.E. Salvador Allende, E.E. Diadema, E.E. Castro Alves, E.E. Fernão Dias, com atividades como saraus,

oficinas, exibições de filmes, campeonatos, caminhadas, reuniões, debates, etc. Uma estudante entrevistada no documentário “Anjos Rebeldes” (2015) afirma:

O tempo que estamos aqui na ocupação, tivemos muito mais atividades culturais do que o ano todo em aula. Vai muito mais além do que aula conceitual, tivemos rodas de conversa sobre política, feminismo, tivemos aula de teatro, oficinas... Então de repente fugir um pouco daquele padrão faz bem, sabe? Acho que além da luta por uma educação de qualidade, a luta por uma readequação.

Em reportagem da Folha de São Paulo no dia 27 de novembro é dado um foco especial ao fato de os colégios ocupados terem uma agenda cultural que incluía circo, shows, debates e aulas abertas. A reportagem foca em eventos que ocorreram na E.E. Fernão Dias, E.E. Salvador Allende e E.E. Alberto Costa. Um dos estudantes entrevistados para o jornal pontuou: “É importante esse apoio porque a gente quer, além da aula, colocar em pauta outras questões, como música, cultura e grafite. Queremos mostrar que a escola pode ir muito além das salas. E se a gente consegue fazer isso, então o poder público também pode”. Além disso, a reportagem falou do grupo “Hub Livre” que estava concentrando pessoas interessadas em darem aulas, oficinas, palestras nas escolas ocupadas. O grupo já tinha conseguido reunir mais de 2000 propostas de aulas com temas dos mais variados.

Casos de repressão policial nas escolas já eram imaginados, e geravam grande preocupação nos estudantes, como afirmou o terceiro entrevistado (2019), além de também já ter sido observada com intimidações da Polícia Militar, como ocorreu na E.E. Diadema e na E.E. Salvador Allende, e, claro: com o cerco feito em volta da E.E. Fernão Dias. Os estudantes das escolas nas regiões periféricas, no entanto, eram os que mais temiam as possíveis repressões, o que de fato aconteceu. Um dos casos mais marcantes ocorreu no dia 14 de novembro na Escola Estadual Lins do Rego no Jd. Ângela (Zona Sul de São Paulo), quando, graças a coragem dos estudantes, foi possível fazer e divulgar gravações e postagens massivas das imagens nas redes sociais, ganhando grande repercussão. O caso foi marcante por conta da brutalidade dos policiais militares dentro da escola, agredindo estudantes e professores, humilhando um dos professores ao jogarem-no no chão, algemarem, colocarem no carro e o levarem para a delegacia. Em filmagem divulgada na página Não Fechem Minha Escola no dia 14 de novembro, pode-se ver cinco policiais entrando na escola, sendo que um está levantando o cacetete pra cima; um professor é jogado ao chão e agredido por todos os policiais. Os estudantes gritam “Professor não, caralho!”, e há muita gritaria. Um PM arrasta o professor Edivan, um pisa em suas pernas e outro tenta algemá-lo. Depois levantam o professor e levam-no para fora da escola.

Os estudantes, enquanto filmavam, estavam muito assustados e irritados com a ação, mas mesmo assim não se intimidaram em continuar a filmar (O MAL EDUCADO, 14/11/2015). Segundo o post da Não Fechem Minha Escola, outra professora também havia sido brutalmente agredida pelos policiais enquanto tentava manter fechado o portão para defender seus alunos: “Foi arremessada no portão, mais de uma vez, no meio da rua, em frente a viatura da Polícia. Sofreu tantas violências que seus seios ficaram expostos enquanto os policiais a agrediram” (NÃO FECEM MINHA ESCOLA, 15/11/2015). Depois disso os estudantes realizaram uma assembleia e de fato ocuparam a E.E. Lins do Rego. Em documentário da TV Brasil, um estudante que presenciou a cena de violência contra os professores e alunos, expôs que a PM não tratava a ocupação da periferia da mesma forma que as do centro, como o caso da Fernão Dias, “e agem assim porque a mídia nunca tá aqui, o que acontece aqui fica aqui e ninguém vê” (ANJOS REBELDES, 2015).

As páginas específicas de Facebook para cada ocupação estavam cada vez mais presentes: os estudantes percebiam a necessidade de produzirem suas próprias informações para serem divulgadas a quem estava fora. Nesse sentido, uma publicação do dia 14 de novembro da página d’O Mal Educado fez divulgação das páginas que até então tinham sido criadas. Assim, pediram para que seus seguidores seguissem e compartilhassem as páginas: “Ocupação Salvador Allende”; “Ocupação E.E. Castro Alves”; “Ocupação E.E. Antonio Manoel” e “E.E. Diadema”.

A auto-organização das escolas ocupadas chamava a atenção de todos, com estudantes limpando, pintando e organizando suas escolas. Segundo a publicação do dia 18 de novembro na página d’O Mal Educado no *Facebook*: “A verdadeira reorganização é a que está acontecendo nas escolas ocupadas: dos banheiros as salas de aula, da quadra à cozinha, os estudantes estão fazendo as escolas funcionarem sozinhos, construindo uma rotina auto-organizada de ensino e aprendizagem.”, afirmando que os estudantes conseguiam realizar um trabalho de organização melhor que o do estado. Desta forma, Caetano Patta (2018, p.33) afirma:

A manutenção de dezenas de escolas era feita por eles próprios, por meio de comissões executivas: comissão de segurança, comissão de limpeza, comissão de cozinha, comissão para falar com a imprensa, etc. A linha política e as grandes decisões, no entanto, eram tomadas em assembleias diárias, com direito a voz e voto de todos os secundaristas presentes, operando no registro da horizontalidade, tão característico do já não tão recente junho de 2013 e típico também de diversos movimentos de juventude que ganharam relevância nos últimos anos, fora do campo tradicional dos sindicatos, ‘movimentos sociais’ e partidos políticos. A comunicação por meio das redes sociais

também foi uma marca da mobilização, tanto ‘para fora’ quanto entre os próprios sujeitos das ocupações: Facebook e Whatsapp, mas também o aplicativo russo criptografado Telegram foram utilizados amplamente.

Em reportagem para a Folha de São Paulo no dia 15 de novembro de 2015, a repórter Marlene Bergamo, que passou quatro dias na ocupação da E.E. Fernão Dias Paes, expõe uma visão não muito diferente: relatou que todos eram jovens entre 15 e 18 anos, em sua maioria estudantes da própria escola - alguns eram de outras -, que não havia uma liderança clara e sim uma organização horizontal sem coordenador. Havia assembleias atrás de assembleias, muitas vezes demoradas, pois sempre procuravam o consenso (BERGAMO, 2015), e grande parte do tempo discutiam, segundo a repórter. Além disso, tinham uma grande preocupação em manter a escola limpa, o que pode ser visto em vídeo publicado na página Não Fechem Minha Escola com estudantes da Escola Estadual Pio Telles limpando o pátio ou até mesmo da E.E. Maria Osório onde os estudantes pintavam a escola, como visto na publicação da página no dia 27 de novembro

No dia 17 de novembro a Folha de São Paulo reportou mais uma importante vitória da luta dos estudantes: a OAB e a Defensoria Pública haviam feito uma ação de caráter liminar que suspendia o fechamento da E.E. Brás Cubas em Santos. Segundo a justiça, a gestão não poderia fechar uma escola que era referência de educação de crianças com deficiência. Como a reportagem bem lembra, essa foi a segunda escola impedida de ser fechada pelo programa.

A crítica à reorganização escolar foi tomando mais espaço na mídia, sendo mencionada até mesmo em artigo cômico de José Simão do dia 19 de novembro, que em determinado momento escreve: “E o Alckmin inventou o aluno-beliche! Um em cima do outro! Reorganizando o beliche! Rarárá!”. As Faculdades de Educação da Universidade de São Paulo e da Unicamp diziam, segundo reportagem da Folha no mesmo dia, que a pesquisa usada como base pelo governo para a reorganização não tinha dados científicos o suficiente, sendo apenas uma medida de contenção de gastos, o que foi negado pela Secretaria de Educação. Para fortalecer essa informação, no dia 15 de novembro o repórter Luiz Fernando de Toledo (2015), no Estado de São Paulo, fez uma reportagem em que dizia que a Secretaria de Educação havia levado em conta somente o desempenho dos colégios em ciclo único para fundamentar a medida de reorganização, e segundo especialistas que analisaram o projeto para a reportagem, ele se mostrou inapropriado.

Segundo Priscila Cruz, diretora executiva do movimento Todos Pela Educação: “O estudo apresenta uma correlação que não existe. Colocam como única variável a escola ter ciclo

único ou não, mas não isolaram outros fatores, como o tamanho da escola e o tempo de gestão do diretor e de profissão dos professores”, o que o torna inapropriado para dar base ao projeto de reestruturação, segundo a diretora. Um estudo ainda mais sistemático feito por pesquisadores da Universidade Federal do ABC e publicado em novembro de 2015 (PÓ, et. al, 2015) reforçava ainda mais a fragilidade dos estudos feitos pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

3.1.6. CONTROVÉRSIAS POLÍTICAS: O COMANDO DAS ESCOLAS OCUPADAS E O BOICOTE AO SARESP

Um importante ator cada vez mais presente na luta secundarista foi o chamado Comando das Escolas Ocupadas. Foi organizado por algumas das ocupações, com intuito de chegar ao máximo possível de escolas ocupadas, mas como uma contraposição às diferentes entidades estudantis que, segundo muitos secundaristas, queriam se apropriar da luta. Portanto, criaram o comando como sendo um grupo colocado como autônomo e descentralizado que teria representantes de todas as ocupações. Antônio M. Campos (2019) afirma que o Comando das Escolas Ocupadas tinha sido criado por integrantes do coletivo O Mal Educado e alguns estudantes de algumas ocupações. A principal preocupação do Comando era evitar que entidades e outros movimentos falassem pelos estudantes, o que deixam claro na primeira postagem de sua página no Facebook do dia 22 de novembro de 2015, que afirmam que gostariam de ser: “(...) um espaço de articulação independente, horizontal e apartidário, aberto a todas as ocupações que estão na luta” (apud. CAMPOS, 2019, p.87).

A estudante Ingrid Fernandes, em entrevista para o documentário “Anjos Rebeldes” (2015), afirmava: “se for fazer negociações, tem que fazer com o comando e não com essas organizações estudantis que não nos representam. Então o comando é um lugar independente de partidos, de organizações, etc. É um espaço dos estudantes se organizarem e fazerem a luta”. O segundo entrevistado (2019) que estava na ocupação da E.E. Godofredo Furtado (Pinheiros) disse que muitas escolas participavam das reuniões do comando, mas reconhecia a dificuldade das escolas mais periféricas

Até porque era difícil, tipo essa da João XXIII, tinham 5 pessoas e quanto menos pessoas mais perigoso ficava. As ocupações de periferia eram sempre mais complicadas. Na Fernão sempre tinha gente a rodo, a Godofredo também. As mais próximas de Pinheiros tinham bastante gente, mas as outras tinham poucas pessoas também. Aí era perigoso. Ai para passar isso nos comunicamos pela Internet, tudo que dava.

No caso dos estudantes da ocupação da E.E. João Dória (no extremo leste da cidade de São Paulo), o terceiro entrevistado (2019) disse que a primeira vez que ouviram falar do comando foi para um encontro mais regional que teria na Zona Leste, na visão dele (2019):

Aí já nesse comando já foi meio tenso. Primeiro, não tínhamos participado de nenhum espaço político. Ai esse primeiro eu vi que foi meio tenso, minha avaliação, que foi que tinha uma mina da UBES que era da região, morava em São Miguel, e ainda mora e ainda é da UBES... e tinha algum apoiador, a galera meio metida com cultura, movimento cultural, sabe? Que estavam apoiando. Ai nesse momento já deu para ver os atritos. Mas ali eu... até então eu não tinha muita noção do porquê das tretas, eu vi ali assim na prática. Ai eram os autonomistas questionando a... Enfim a... o apoio da UBES, tal, das entidades e... nesse momento eles estavam convocando para participar desse comando geral. Ai uma semana depois teria esse comando geral.

Segundo o terceiro entrevistado (2019), sua percepção em relação ao Comando era ambígua:

Então, é que na verdade, o Comando era uma ferramenta de organização do setor ali... era uma ferramenta de base. Não deveria ser uma ferramenta de uma organização. E não há um problema da organização... na verdade é importante participar. Mas aí esses caras, que eram do Mal Educado... assim... eles se aproveitaram da inocência dos estudantes... isso assim... pra todo mundo os caras não eram organizados, e eles, assim, metiam o pau na UBES, em organizados de maneira geral. Inclusive não só entidades, mas em organizados eles metiam o pau. E depois, uma semana depois, vimos que o cara era organizado. E aí, só que, qual era a questão? Porque eu acho que ele não deixou claro isso e ninguém tinha obrigação de saber. Mas a questão que ele tinha era sobre as entidades, aquelas ligadas ao Lulopetismo, ao governo... era governo Dilma ainda né? Ligada ao governo de alguma forma... e realmente, eu concordo, e eles iam... dirigir a luta e depois negociar em nome de uma base que não elegeu eles, que não definiu que eles fossem direção.

Campos (2019) coloca que o Comando acabou não conseguindo se tornar efetivamente uma instância deliberativa do movimento, “mas atuou como um núcleo de estudantes que que exerceu influência significativa sobre o conjunto das ocupações através da divulgação de material e palavras de ordem que fortaleciam a identidade coletiva secundarista, perante os próprios estudantes e principalmente entre outros atores” (CAMPOS, 2019, p.87). Além disso, foram essenciais para inovações de repertório como o Boicote ao Saesp e os trancamentos de vias posteriormente (CAMPOS, 2019).

No dia 20 de novembro a Folha de São Paulo noticia que Geraldo Alckmin teria feito uma suspensão temporária da reorganização escolar e que fariam debates com os estudantes sobre a proposta até o fim do ano, mas isso se eles saíssem das ocupações. Depois do fim da audiência com estudantes, o Secretário afirmou para repórter que não existia a possibilidade de revogação da reorganização, dizendo que no máximo haveriam algumas alterações pontuais. Durante a audiência os estudantes fizeram uma contraproposta: “1) Não fechamento das escolas; 2) o debate com a comunidade ao longo de 2016, e não até o fim de 2015 (...) 3) a

discussão envolvendo alunos, professores, pais, associações de pais e mestres, conselho de pais e grêmio; 4) a não punição de professores, alunos e apoiadores das ocupações; 5) a participação dos formandos de 2015 nas discussões de 2016” (GRAGNANI, 2015), perguntado sobre essa contraproposta o secretário não quis comentar e só voltou a dizer que era importante que a reorganização acontecesse em 2016. Na própria reportagem um estudante da E.E. Fernão Dias diz: “é estratégia para desocuparem escolas e desorganizarem a luta”; e completa: “uma forma de adiar a reorganização”. Diante dessa situação, a resposta dos estudantes foi de manter as ocupações e aumentarem a pressão contra o governo.

Como próximo passo importante da luta, estudantes começaram a fazer chamadas para debate e organização em relação ao boicote ao Saresp, prova oficial do estado de São Paulo que aconteceria nos dias 23 e 24 de novembro, como mais uma importante forma de pressão contra o governo. Nesse sentido a E.E. Fernão Dias fazia chamada nas redes para discussão entre estudantes em função do boicote ao Saresp no dia 20 de novembro às 16h na própria ocupação (O MAL EDUCADO, 20/11/2015). Segundo Campos; Medeiros e Ribeiro (2016) a primeira iniciativa do Comando das Escolas de Luta foi a promoção de um grande boicote ao Saresp. Alguns memes e imagens para o boicote ao Saresp recheavam as páginas relacionadas a ocupação, enquanto a hashtag “#NãoVaiTerSaresp” ganhava cada vez mais espaço, com forte protagonismo das duas maiores páginas ligadas às ocupações (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016), a Não Fechem Minha Escola e O Mal Educado.

No dia 21 de novembro a página d’O Mal Educado lançou uma cartilha, parecida com a “Como ocupar um colégio”, mas agora sobre o boicote ao Saresp. Em tal cartilha tinham quatro perguntas principais que eram respondidas da forma mais direta possível. As questões eram: “1. O que é o Saresp? 2. Para que serve? 3. Para que Não Serve; 4. Por que boicotar?”, para ser compartilhado em massa. De forma geral explicam que é um exame para avaliar o ensino médio e que o governo usa como métrica para melhorar a educação. Mas segundo a publicação, a política de Alckmin é fechar escolas, salas, tirar verbas, precarizar e privatizar a educação. Falam que a prova não serve para nada que o governo diz, somente para ameaçar professores, para tirar investimentos em escolas que vão mal na prova e para produção de índices, hierarquias entre escolas, tratando os estudantes como meros números. Diz que o SARESP não é um instrumento para a população e os estudantes decidirem os caminhos da educação, muitas vezes os resultados são falsificados pelas escolas para garantir a bonificação.

No material produzido, o coletivo pede para que os estudantes boicotassem o SARESP, pois naquele momento aconteciam as ocupações, mais de 80, e o SARESP foi um dos instrumentos utilizados para dizer que precisavam fechar escolas: “Boicotar o SARESP é mais uma forma de lutar contra a reorganização e apoiar as escolas ocupadas” (O MAL EDUCADO, 21/11/2015). O manual chegou a ser notícia no Estado de São Paulo que em manchete expôs: “Grupos se mobilizam e criam até manual online contra a prova” (24/11/2015).

Figura 7: Folheto distribuído pelas redes e escolas pelo Coletivo O Mal Educado

BOICOTE O SARESP

1 O QUE É O SARESP?

Uma prova aplicada pelo governo estadual para avaliar o desempenho de escolas e alunos. O governo alega que usa as notas e os índices do Saresp para orientar suas políticas para a educação pública. Mas a política de Alckmin nós já conhecemos: fechar salas, fechar escolas, cortar verbas, precarizar e privatizar a educação pública.

2 PARA QUE SERVE?

Para nada que o governo promete. O Saresp é usado para intimidar os professores e estudantes, retirando investimentos das escolas que vão mal na prova. É uma política de produção de índices, que hierarquiza e gera concorrência entre as escolas e os professores, atraídos pelas bonificações que podem receber para complementar seu salário miserável. Os estudantes são tratados como meros números e nunca são beneficiados por esse tipo de prova.

3 PARA QUE NÃO SERVE?

Definitivamente o Saresp NÃO é uma ferramenta para os estudantes e a população decidirem os caminhos de sua própria educação. Não serve nem sequer para avaliar as condições da educação atual, pois seus resultados são frequentemente falsificados pelas escolas para garantir o bônus.

4 POR QUE BOICOTAR?

Milhares de estudantes estão na luta contra a reorganização e o fechamento das escolas: nas últimas semanas fizeram centenas de manifestações e ocuparam mais de 80 escolas pelo estado. O Saresp é mais uma das ferramentas do governo Alckmin para justificar os fechamentos e a reorganização das escolas. Boicotar o Saresp é mais uma forma de lutar contra a reorganização e apoiar as escolas ocupadas.

Fonte: O MAL EDUCADO, 21/11/2015.

Também no dia 21, a dupla “Mc Foice e Martelo” que tinha lançado a música “Escola de Luta”, lançou um novo clipe com quatro hits embutidos “Bololô vamo ocupar”; “Mulekada de luta”; “Como é bom ocupar” e “Vacilou nós entrou”, ao longo do vídeo que vai passando imagens de várias das ocupações e manifestações dos estudantes contra a reorganização, tem um diálogo entre os dois MCs sobre o Saresp e eles dizem: “O negócio é boicotar e ocupar tudinho” complementando: “se liga Geraldo que sua prova não vai rolar”²² (MC FOICE E MARTELO, Medley das Ocupações; O MAL EDUCADO, 21/11/2015). No dia 22 também

²² Vídeo completo do “Medley das Ocupações” do MC Foice e Martelo: acesso: <<https://www.facebook.com/watch/?v=723351781131903>>

começaram a surgir outras possibilidades para o boicote ao Saresp em relação aquelas escolas que não teria possibilidade de ocupar, para estas defendiam o piquete ou então a anulação da prova, caso chegassem a entrar para fazê-la. Como muitos não conseguiram evitar fazer por conta de pressão de professores e diretores, começaram a boicotar o próprio gabarito da prova e divulgarem nas redes sociais, como o caso de uma publicada pela página do Mal Educado no dia 24/11 em que no gabarito está escrito “Educação” e em baixo “Alckmin Fascista”.

Figura 8: Gabarito rasurado e enviado para a página d’O Mal Educado

Fonte: Mal Educado, 24/11/2015.

Já como resultado do boicote, no dia 24 de novembro saiu notícia na Folha de São Paulo: “108 colégios: Exame estadual é cancelado em escolas tomadas pelos alunos” e o governo iria avaliar como seria feito para que essas escolas pudessem ter o bônus que só era possível quando feita a avaliação. Segundo a reportagem, os estudantes e a APEOESP estavam fazendo campanha para o boicote à prova. Já no dia 25 uma maior consagração da tática, quando na própria capa da Folha de São Paulo saiu nota: “Em dia de avaliação oficial, ocupação de escolas cresce 40%”, afirmando que o número teria aumentado de 108 para 151, ou seja, a campanha dos estudantes estava surtindo efeito. Além disso, segundo notícia do dia 27 de novembro, o governo afirmava que esse ano tinha havido a menor adesão ao SARESP desde que ele foi

criado (no ano de 2005), em post d'O Mal Educado: “Fizemos o maior Boicote ao SARESP da história” (27/11/2015). Segundo matéria da Folha de São Paulo no dia 27, a adesão foi de 80,5%, e algo que polemizou foi que o governador disse que tiraria o bônus de professores das 174 escolas ocupadas. O Sindicato entrou na Justiça contra tal medida.

3.1.7. O GOVERNO ATÉ TENTOU, MAS O APOIO SÓ AUMENTOU

O apoio só aumentava, inclusive o internacional que não paravam de surgir, como os alunos de ciências sociais da UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México) no México que mandaram foto de apoio; uma estudante de Medicina da Universidade Coimbra em Portugal também mandou para a página “Não Fechem Minha Escola” (20/11), assim como uma escola no Curdistão que mandou foto com um cartaz colado “Follow Brazil! Occupy Schools”²³ (O MAL EDUCADO, 20/11/2015). Notícias em portais internacionais sobre a luta dos estudantes também estavam saindo, é o que mostrou publicação da página “Não Fechem Minha Escola” do dia 22 divulgando manchetes da Al Jazeera (Catar), Dazed (Inglaterra) e UChile (Chile) falando sobre a luta dos estudantes de São Paulo. No dia 21 a cartunista Laerte fez uma tirinha em homenagem às escolas ocupadas na Folha de São Paulo em que dizia que havia estudado na Fernão Dias em 1968 e que ao ver a escola tomada pelos estudantes sentia um orgulho. Assim como no dia 22 o cantor Chico César foi visitar a Ocupação da E.E. Fernão Dias e gravou vídeo tocando para os estudantes²⁴, em reportagem para Folha de São Paulo no dia 23/11 o cantor falou: “Esses alunos estão ganhando a simpatia do país todo. É um movimento que transcende a simples questão de fechar escolas, ele é muito mais amplo, é por uma educação melhor”. Assim como o ator Gregório Duvivier que havia visitado mais de uma das escolas ocupadas, como afirmou a página “Não Fechem a Minha Escola” no dia 24, nesse mesmo dia O Movimento “Mães de Maio” também visitou ocupações e mandaram apoio aos estudantes, como diz post do dia 24/11 (O MAL EDUCADO). No dia 03 de dezembro foi a vez do Geógrafo britânico mundialmente conhecido, David Harvey, mandar uma foto segurando uma placa escrita: “Apoio total às ocupações nas escolas de São Paulo”²⁵

Figura 9: Charge sobre ocupação da E.E. Fernão Dias Paes - Feito por Larte.

²³ Tradução livre: “Siga o Brasil. Ocupe as escolas!”

²⁴ Vídeo de Chico César na Ocupação da E.E. Fernão Dias Paes: acesso: <<https://www.facebook.com/mal.educado.sp/videos/723892737744474/?v=723892737744474>>

²⁵ Foto de apoio de David Harvey as ocupações das escolas: Acesso: <<https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.301502323316853.1073741829.291834600950292/726964107437337/?type=3>>

LAERTEVISÃO

FONTE: Folha de São Paulo, 21 de Novembro de 2015.

No dia 28 a Folha de São Paulo fez uma grande reportagem cuja manchete era: “Governo de SP infla desocupação de escolas”, nesse sentido afirmaram que o balanço oficial do governo diziam que 38 colégios haviam saído voluntariamente da ocupação, porém, em levantamento feito pelo Jornal, 29 dessas escolas não tinham nem sequer chegado a serem ocupadas, além disso a nota da Secretaria afirmava que “todas essas desocupações ocorreram graças ao ‘diálogo permanente com alunos e comunidade escolar’”, segundo APEOESP também entrevistada na reportagem, a informação divulgada tinha sido uma tentativa de enganar a população.

Ao longo desses novos dias foi sendo veiculado pelas redes sociais que o Governador Geraldo Alckmin estava durante esse período articulado campanha contra as ocupações junto com os dirigentes escolares e a grande mídia. Segundo post da página O Mal Educado do dia 26/11 o governo, com medo do número crescente de ocupações, começava a articular uma “jogada midiática” onde seria criado um “movimento artificial” que jogaria a opinião pública contra os estudantes. Colocam:

Em várias escolas, as Direções vêm convocando os pais para reuniões onde criminalizam e queimam o movimento dos alunos. Em algumas escolas, como o Caetano de Campos e a E.E. Diadema, chegaram a reunir alguns gatos

pingados para "protestar" na porta das ocupações. "Devolvam minha escola" é a reivindicação - invertendo a realidade, como se fossem os alunos e não o Governo que fosse fechar 94 escolas!

A jogada do governo está super orquestrada com os veículos da grande mídia. Na E.E. Diadema, até a Globo levou reportagem pra filmar o "protesto" que reuniu só 3 pais! E a matéria da Folha, quem duvida que foi sob encomenda? (O MAL EDUCADO, 26/11/2015).

Figura 10: Charge do Papel da Imprensa durante as ocupações - Feito por Vitor Teixeira.

FONTE: publicação da página do O Mal Educado, 26/11/2015.

O vazamento do áudio de uma reunião marcada por Fernando Padula, então chefe de gabinete da Secretaria de Educação, com dirigentes regionais de ensino feita pela Jornalista Laura Capriglione do Jornalistas Livres foi outro ponto fundamental deste período. Em tal áudio, segundo Campos (2019) o chefe de gabinete diz que seria preciso “desqualificar o movimento” e reforçar o fato deste ser “político” e “partidário”, além de dizer que precisariam utilizar táticas de guerra contra os manifestantes. Segundo o terceiro entrevistado (2019) “(...) quando ela divulgou aquele áudio, ficou muito claro qual era a visão do governo”. Mas os estudantes já sabiam da necessidade de não vincularem sua imagem com partidos ou movimentos institucionalizados, nesse sentido:

Os estudantes perceberam desde o início como era importante estrategicamente que a sociedade visse as ocupações como exclusivamente estudantis e apartidárias, e disputaram ativamente essa imagem no Facebook e nas suas expressões estéticas em protestos e nas portas das escolas ocupadas (CAMPOS, 2019, p.89).

Ao longo do áudio vazado da reunião com dirigentes, que também tinham policiais convidados, foi esclarecedor no sentido de mostrar os meios de repressão como estratégia articulada entre base da burocracia da Secretaria e de sua cúpula, junto com a Secretaria de Segurança Pública e a Polícia Militar (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

A notícia que saiu no dia 01 de dezembro sobre a destruição de uma escola que estava ocupada na cidade de Osasco (E.E. Coronel Sampaio), segundo a página O Mal Educado, foi um exemplo, que acabou sendo divulgado de forma negativa pela rede Globo, Folha de São Paulo e outros canais. Segundo a página:

Logo após o Governo declarar que iniciaria uma “guerra” contra o movimento dos estudantes, começam ataques violentos contra as ocupações mais afastadas das câmeras da grande mídia. Em Osasco, a E.E. Coronel Sampaio foi invadida e destruída por pessoas estranhas. A Polícia Militar estava no local e jogou bombas nos estudantes, mas não impediu que os invasores ateassem fogo no colégio.

É essa a “guerra” que o governo anunciou? Coincidentemente, Fernando Pádula, que fala no áudio vazado da reunião da Secretaria de Educação contra o movimento, compareceu imediatamente no local.

O que aconteceu? Na manhã dessa segunda-feira, a Diretoria de Ensino de Osasco convocou a comunidade escolar para uma reunião para incentivar a desocupação da E.E. Coronel Sampaio. Logo em seguida, à tarde, um grupo de pessoas de fora invadiu a ocupação e começou a quebrar toda a escola, roubando muitos materiais. Aterrorizados, muitos dos estudantes que estavam ocupando o prédio saíram. Logo em seguida chegou a PM jogando bombas dentro da escola. (O MAL EDUCADO, 01/12/2015).

Segundo estudante dessa escola de Osasco e entrevistado pelos autores do livro “Escolas de Luta” (2016): “A sociedade precisa saber que alguns servidores públicos (...) mobilizaram a população incitando violência e organizando ações coordenadas de grupos contra a ocupação, submetendo os adolescentes a sérios perigos” (p.207). A página “Não Fechem Minha Escola” faz uma crítica dura a forma como a imprensa vinha tratando o assunto, em específico a reportagem do SPTV (Globo) no próprio dia 01:

Hoje, na sessão da tarde do jornal SPTV da Rede Globo, veio a consagração da tática: uma reportagem absurdamente mau-caráter que induz o telespectador a achar que quem destruiu a escola foram os alunos que a ocupavam! Foram filmados os resultados da depredação e foi dito que a escola estava ocupada em protesto contra a reorganização, mas em nenhum momento falou-se sobre a invasão das tais pessoas estranhas ao movimento. Em um momento, a repórter chega a filmar uma TV destruída ao lado de um cobertor, que, segundo a jornalista, “provavelmente era usado por um estudante que dormia aqui na escola”. Foram coletadas declarações da diretora da escola, de Fernando Padula Novaes, de um pai “preocupado com o fechamento do ano letivo”. Representantes do movimento de ocupação? Nada. Nenhum aluno ocupante foi entrevistado. O máximo de “contraponto” que

apareceu foi a fala da dirigente da APEOESP, Maria Izabel Noronha, que, na verdade, não disse explicitamente o que ocorreu. Além disso, a APEOSP não é a organização que dirige as ocupações e nem participa formalmente delas. (NÃO FECEM MINHA ESCOLA, 01/12/2015).

Outro fato marcante foi a publicação de um vídeo reportagem pela Folha de São Paulo no dia 05 de dezembro, chamado “Livros Abertos... escolas ocupadas”²⁶ mostrando as ocupações das escolas de uma forma bastante organizada e positivamente mas que acabou sendo excluída do site após algum tempo, no mesmo dia que Geraldo Alckmin e alguns assessores haviam visitado a redação, como afirmava a página do Mal Educado daquele dia. A décima entrevistada (2019) em conversa feita antes de uma entrevista oficial, disse que lembra do jornalista responsável por esse vídeo lá na E.E. Gavião Peixoto, lembra que logo que foi publicado o vídeo eles ficaram muito felizes com a forma imparcial com que ele demonstrou a vivência durante as ocupações. Porém, logo depois a Folha excluiu o vídeo, alguém que tinha salvo divulgou nas páginas do “Não Fechem Minha Escola” e começaram a atacar a Folha de São Paulo²⁷.

Toda essa pressão fez com que a Folha de São Paulo, por meio de sua Ombudsman, Vera Guimarães Martins, publicasse um artigo na edição do dia 06/12 de título: “Dois tropeços na mesma pedra”. Segundo artigo, “Folha errou duplamente no vídeo das escolas ocupadas; primeiro ao pôr o material no ar, depois ao retirar” (MARTINS, 2015). No artigo a autora diz que o vídeo não era propriamente uma reportagem, que foi feito por estagiários, não teve checagem de dados, nem espaço para o contraditório, no todo não era jornalismo, pois se tratava somente de: “(...) uma sucessão de depoimentos de meninos e meninas extasiados com o protagonismo político recém-descoberto, cheios de entusiasmo juvenil, verdades absolutas e visões horizontais do mundo (quem não um dia?)” (MARTINS, 2015). O artigo segue com várias críticas em relação ao trabalho feito nessa reportagem que foi apagada, mas reconhece como ainda pior a Folha ter publicado e depois retirado do ar, e diz:

A redação decidiu suspender o vídeo e refazer a apuração ‘para enquadrá-la nos princípios editoriais do jornal’, atropelando a premissa que tem norteado a filosofia do digital, a de não retirar conteúdo publicado. Corrige-se e/ou atualizar-se, mas sempre deixando a intervenção transparente (MARTINS, 2015).

²⁶ Para assistir a reportagem completa “Livros Abertos... Escolas Ocupadas”: <https://vimeo.com/147609036?fbclid=IwAR0PKqM_RFCEADCgqQQXt5Z7Is9siyYWs69vtFOdaeJVWQ4zpPHAmInDYk>

²⁷ No dia 04/12 a página do Não Fechem Minha Escola publicam o vídeo completo que o site da Folha de São Paulo havia retirado. Acesso: <<https://www.facebook.com/naofecheminhaescola/videos/1497597847201844>>

Segundo Vera Martins, tal decisão foi ruim e em um *timing* ruim, pois ocorria no mesmo dia em que o então governador Geraldo Alckmin almoçava na Folha de São Paulo. Para a ombudsman: “Foi a deixa para eclodir a teoria conspiratória de que a decisão havia sido tomada por pressão política. Era elementar que isso iria acontecer”. Coincidência ou não, tal situação de fato não passou despercebida por estudantes e manifestantes contra a reorganização escolar, que passaram a divulgar fortemente toda essa situação nas redes sociais.

3.1.8. QUAL O PRÓXIMO PASSO DA LUTA? A DECISÃO DOS TRANCAMENTOS DAS VIAS.

O Comando das Escolas Ocupadas havia se reunido na E.E. Godofredo Furtado (bairro de Pinheiros) logo na manhã seguinte de quando o áudio foi vazado, e de forma geral as redes sociais dos grupos envolvidos com a luta interpretaram aquilo como uma declaração de guerra, por isso um ambiente mais propício para radicalização: o trancamento de vias, ideia que já vinha sendo gestada pelos estudantes (CAMPOS, MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). Em vídeo publicado pela página d'O Mal Educado no dia 28 de novembro, os MCs Foice e Martelo anunciam que os estudantes tinham dito que para cada escola fechada eles ocupariam duas e que agora com 200 ocupações esse número já estava garantido, mas que os estudantes não parariam por aí, continuariam ocupando. Agora, no entanto, faziam mais um pedido:

(...) temos que dar uma radicalizada agora, nada de recuar”, “negócio é travar as avenidas”, “isso aí, fazer igual no Chile, no Chile os caras saíam das escolas em 15 e parava a avenida mais próxima, parava a cidade inteira” “Nova função dos estudantes, travar a avenida de manhã e fortalecer as ocupações de tarde”; “Parar as ruas, as avenidas... porque se o trabalhador não chegar pra trabalhar... quero ver se o governo não recua... (MC FOICE E MARTELO; apud. O MAL EDUCADO, 28/11/2015).

Começava então uma nova fase importante das manifestações dos estudantes secundaristas contra a reorganização escolar, o período de “cadeiraços” ou “trancaços” que acabou sendo decidido pelo Comando das Escolas Ocupadas e que demonstrava uma nova tática para chamar atenção junto das ocupações. Segundo Maria da Glória Gohn (2017), tanto as ocupações quanto as manifestações de rua eram performances específicas, sendo estas chamadas de *seat down* - ou seja: “(...) quando os estudantes sentam em cadeiras e carteiras escolares em cruzamento de avenidas de grande trânsito e visibilidade” (GOHN, 2017, p. 95). Para a autora (2017), a função de tais performances é o de atingir o público ali presente, interagir com estes e produzir efeitos na grande mídia, onde irá criar espectadores interessados.

Já no dia 30 de novembro de manhã, os estudantes de algumas das escolas ocupadas da zona oeste de São Paulo saíram de suas escolas com suas cadeiras e fecharam um importante

cruzamento da cidade, entre a Av. Rebouças e Av. Faria Lima, causando bastante trânsito e chamando muita atenção (O MAL EDUCADO, 30/11/2015). No mesmo dia também foram divulgadas fotos de trabalhadores e trabalhadoras que passavam pelo momento da manifestação e se sentavam nas cadeiras junto com os estudantes segurando cartaz: “Eu Apoio a Luta dos Estudantes #OcupaEscola”. O mote agora era: “Se a escola fechar, a cidade vai parar” (O MAL EDUCADO, 30/11/2015).

Já nesse dia a Polícia Militar agiu com truculência contra os manifestantes e muitas imagens percorreram as redes e a mídia. A população demonstrou maior apoio, o que se observa em um exemplo noticiado pelo portal Uol, quando o motorista Zildo Álvares de Alcântara que ficou parado algumas horas no trânsito diante da manifestação afirmou: "Eles estão certos. A escola já não é boa, mas vai fechar o que tem?". Na noite do mesmo dia, os estudantes da E.E. Silvio Xavier (Zona Norte e São Paulo) fecharam a Marginal Tietê também com as cadeiras da escola (O MAL EDUCADO, 30/11/2015). No dia primeiro de dezembro a maior foto da capa da Folha de São Paulo foi novamente a luta dos secundaristas, desta vez a de um Policial militar puxando as cadeiras de protestos dos estudantes.

Figura 11: Capa da Folha de São Paulo do dia 01/12/2015 - Imagem de Policial retirando carteiras de estudantes durante protesto.

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 95 • TERÇA-FEIRA, 1º DE DEZEMBRO DE 2015 • Nº 31.053

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01H11 • R\$ 3,50

Microcefalia se expande e já alcança 14 Estados do país

O Brasil já registra 1.248 casos suspeitos de recém-nascidos com microcefalia, má formação do cérebro que pode limitar o desenvolvimento da criança. O avanço está relacionado à infecção de gestantes pelo vírus zika. Os registros ocorrem em 14 Estados. Antes concentrados no Nordeste, aparecem também no Norte, Sudeste e Centro-Oeste. **Catão B1**

ESPORTE

Neymar é um dos três finalistas do prêmio de melhor do mundo **A10**

ILUSTRADA

Conhecida pelos livros de arte, editora Cosac Naify vai fechar **A6**

Cunha ameaça o PT, que repensa apoio à cassação

BRASIL EM CRISE Deputado fala em deflagrar processo de impeachment de Dilma

Pressionado pela ameaça de Eduardo Cunha (PMDB-RJ) de deflagrar processo de impeachment contra Dilma Rousseff, o PT avalia a possibilidade de entrar em ação que pode cassar o mandato do presidente da Câmara.

O Conselho de Ética vota hoje o relatório pela continuidade do processo. São 21 votos, dos quais três são de deputados do PT. O Palácio do Planalto trabalha para convencê-los a não entrar em conflito com Cunha.

No entanto, alguns ministros reconhecem que a pressão da opinião pública sobre os três petistas poderá levá-los a se posicionar favoravelmente ao prosseguimento do processo de afastamento do peemedebista.

Cunha é acusado de participar do esquema de corrupção na Petrobras e de esconder contas na Suíça. Ele nega as acusações. **Poder A4**

Dilma se diz "perplexa" com ações de Delcídio e afirma não temer possível detenção do senador do PT. **A6**

► **PROTESTO EM SP** Policiais retiram cadeiras usadas em manifestação que fechou a av. Faria Lima, na zona oeste paulistana, na manhã desta segunda (30), contra a reorganização de escolas proposta pelo governo Aécio (PSDB); decreto que oficializa a mudança na rede será publicado nesta terça (31) **Catão B5**

Governo corta R\$ 11,2 bi do Orçamento, e dólar dispara

O governo publicou no "Diário Oficial" decreto que corta R\$ 11,2 bilhões nas despesas orçamentárias de 2015. A decisão visa a evitar que o Tribunal de Contas da União faça nova contestação das contas. Programas sociais, obras e gastos administrativos serão afetados. A medida contribuiu para o dólar subir e fechar cotado a quase R\$ 3,90. **Poder A8 e A9**

ANÁLISE GUSTAVO PATU

Ajuste serviu só para refrear nova explosão de gastos

A despeito do novo corte, a despesa do governo será semelhante ao recorde de 2014. A maioria da população não sentirá nenhum efeito imediato do novo contingenciamento. **Poder A8**

Conferência sobre o clima começa com impasse

No primeiro dia da Conferência do Clima da ONU, em Paris, foi mantido o impasse em relação à obrigatoriedade dos países de cumprirem metas. O presidente dos EUA, Barack Obama, falou em "momento da virada", porém não assumiu compromissos. **Mundo A10**

Dono da Cyrela fará doação de R\$ 2,3 bi para causas sociais

Mercado A23

VIDA PARA O CANTAREIRA

Principal reservatório de SP pode sair do volume morto em três meses **Catão B3**

► **PROTESTO NO RIO** Pais de jovens mortos no domingo (29) fizeram ato com bandeira furada representando tiros; o comandante dos PMs que atiraram foi exonerado **Catão B8**

DEPOIS DA TRAGÉDIA

A carreira de Ricardo Vescovi, presidente da Samarco, mudou completamente desde o rompimento da barragem em Mariana (MG). Antes, sua trajetória, de estagiário a chefe, era tida como brilhante. **Catão B6**

EDITORIAIS

Leia "Desalento e esperança", a respeito de pesquisa Datafolha, e "Regras mais claras", sobre condições para o investimento em infraestrutura. **Opinião A2**

FALE COM A FOLHA Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, ao editor ou a circulação. **Fale Folha.com.br**

RODÍZIO Não deixe circular carros com placas cujo final seja 3, 4 ou 5. **Catão B2**

ATMOSFERA Chuva molhará capital paulista. Mínima 18°C. Máxima 25°C. **Catão B2**

mercado A15 FMI dá status de moeda global para divisa chinesa

ÚLTIMAS UNIDADES. APROVEITE. HB20 SEDAN A PREÇO DE HATCH: DE R\$ 45.495,00 POR **R\$ 41.990,00**

VEJA NA PÁGINA 5. **www.chevrolet.com.br/hb20**

Pedestre, use sua faixa. **HYUNDAI** REU POSSIBILIDADES.

Fonte: Folha de São Paulo, 01 de Dezembro de 2015.

Para a continuação e ampliação dos travamentos das avenidas ao longo da semana, O Mal Educado lançou mais uma cartilha, agora chamada: “Manual de Como Travar Uma Avenida” no mesmo molde das anteriores: de fácil acesso e escrita direta. Na manhã do dia 01 de dezembro mais manifestações foram acontecendo, como a de estudantes da Zona Sul de São Paulo que levaram suas carteiras para fechar a Ponte João Dias, que também foi marcado por

violência policial. Além disso ocorreram de trancamentos em Taboão da Serra, Radial Leste na Zona Leste de São Paulo e durante a tarde foi a vez de fecharem a Av. 9 de Julho na região central da capital - no final dessa manifestação houve conflito forte com a PM e alguns manifestantes foram levados para a delegacia. No dia 02 trancaram a Av. Heitor Penteado, na Zona Oeste de São Paulo (com mais imagens de truculência da Polícia Militar e alguns manifestantes presos); Av. Giovanni Gronchi na Zona Sul; durante a tarde fecharam a Rua Teodoro Sampaio na zona oeste, também com forte repressão da polícia, chegando até a Avenida Paulista. Esses protestos continuaram nos próximos dias em várias regiões da capital e em outras cidades.

Importante ressaltar, assim como é mostrado no documentário “Lute Como Uma Menina” (2017) que tais manifestações de rua tiveram protagonismo feminino muito forte das estudantes mulheres, que inclusive enfrentaram diretamente muitos policiais militares, chegando a ser levadas para delegacia em determinados momentos. Na visão de Patta (2017) essa foi a terceira etapa da mobilização, tendo em um mesmo dia do mês de dezembro mais de dez pontos da capital paulista com trânsito interrompido pelos estudantes e trazendo novamente grande foco para suas demandas.

No dia 03 de dezembro foram mais de 20 trancamentos segundo a página d’O Mal Educado. Para Patta (2017), esse foi também o momento em que a repressão jurídica e policial se manifestaram de forma mais determinante. Segundo reportagem da Folha de São Paulo no dia 03 de dezembro, o então secretário da Segurança Pública, Alexandre de Moraes, afirmou que a polícia não faria a reintegração das escolas, mas desbloquearia vias, e na visão do secretário, não havia tido excessos da parte da corporação nas manifestações dos dias anteriores. Na mesma edição do jornal, no caderno Ilustrada, José Simão afirma de forma cômica: “E o Alckmin mandou avisar que hoje tem diálogo com os estudantes: vai mandar outra tropa de choque!”

Figura 12: Foto de estudantes durante protesto na Av. Faria Lima.

FONTE: Foto de Marlene Bergamo, FOLHAPRESS, 2015.

Diante do áudio vazado pelo então chefe de gabinete da Secretaria de educação, além das repressões nos diversos atos e nas próprias ocupações, a página do Não Fechem Minha Escola no dia 03 de dezembro divulgou um manifesto de artistas e intelectuais em apoio às escolas ocupadas, o documento foi assinado por nomes como o do professor Fabio Konder Comparato, do ator Gregório Duvivier, do cantor Paulo Miklos e do professor Vladimir Safatle, demonstrando um apoio crescente ao movimento dos secundaristas. Segundo Gohn (2017), durante cerca de 60 dias o movimento conseguiu atingir o marco de mais de 200 ocupações. Torcidas organizadas também mandaram seu apoio, como a página da Dragões da Real (torcida do São Paulo Futebol Clube) que mandou um texto de apoio à luta, e que a página d'O Mal Educado compartilhou no dia 04 de dezembro, assim como a Torcida Independente (do mesmo time), que publicou seu apoio no mesmo dia. No dia 08 de dezembro foi a vez da Gaviões da Fiel (torcida do Sport Club Corinthians), enviar uma foto com placas de apoio às escolas ocupadas no estádio do Corinthians no dia em que o Corinthians foi campeão brasileiro, e também compartilhada pela página d'O Mal Educado.

Ainda no início de dezembro uma pesquisa Datafolha demonstrou uma queda incomum da popularidade do governador Geraldo Alckmin, que começou o ano tendo um índice de

avaliações “ótimo” e “bom” de 48%, em fevereiro, mas chegando a somente 28% em novembro (MEDEIROS; JANUÁRIO; MELO, 2019). O índice de ruim/péssimo havia chegado aos 30%, sendo que nunca antes na série histórica esse índice negativo havia ultrapassado o de avaliações positivas (MEDEIROS; JANUÁRIO; MELO, 2019). Segundo os autores (MEDEIROS; JANUÁRIO; MELO, 2019) e a partir das análises desta pesquisa, o fator fundamental para esse impacto havia sido o projeto de reestruturação escolar e o movimento dos estudantes secundaristas. Na capa da Folha de São Paulo do dia 04 de dezembro afirma-se: “Nunca a popularidade do Governador de SP, Geraldo Alckmin (PSDB), esteve tão baixa” e complementam: “É a primeira vez que numericamente, há mais gente desaprovando do que aprovando Alckmin. Ele tem mais de dez anos de gestão no estado” (NUNCA, 2015).

Sobre isso, a página d’O Mal Educado compartilhou diversos memes do governador Geraldo Alckmin, e, em publicação do dia 04 de dezembro, afirmaram: “A População aprova os estudantes e desaprova o Geraldo”. Ainda nesse dia a página pública que um juiz suspendeu a “reorganização escolar” em toda a cidade de Guarulhos, ao mesmo tempo que dizem que as pessoas precisam continuar na luta para fortalecer a suspensão no estado inteiro, mesmo sendo esta importante vitória ao movimento. Na página Não Fechem Minha Escola no mesmo dia houve diversas publicações de materiais de imprensa como Folha de São Paulo ou Jornal Nacional (Rede Globo), acompanhadas da visão dos estudantes: “A GLOBO TEVE QUE MOSTRAR A FORÇA DA NOSSA LUTA! Não adiantou a repressão, não adiantou a manipulação, não adiantou a censura... O POVO ESTÁ COM OS ESTUDANTES!”, além de vídeos de pessoas nas ruas defendendo o movimento dos secundaristas.

Depois disso começou um amplo movimento de apoio popular, artístico e intelectual aos estudantes e às ocupações. Segundo Antonia M. Campos (2019) o ápice se deu com um festival de música chamado “Virada das ocupações” organizado pela ONG “Minha Sampa” e com participação de cerca de 800 artistas, entre eles alguns de grande reconhecimento nacional como Pitty, Criolo, Paulo Miklos e Emicida. Segundo organizadores foram mais de 20 mil pessoas que participaram do evento em dez escolas ocupadas (CAMPOS, 2019). Alguns dias antes corria-se o risco de o festival não acontecer, mas ele foi bem sucedido, sendo que os organizadores frisaram que só avisariam os artistas e locais poucas horas antes do início do festival, por motivos de segurança, como visto em postagem da página Não Fechem Minha Escola no dia 05 de dezembro.

Em artigo para Folha de São Paulo do dia 04 de dezembro, a escritora Tati Bernardi relatou: “Ao ver essa absurda repressão policial, com homens apontando armas para garotas de 15 anos, batendo e jogando cadeiras em jovens que só querem entender, afinal, o que significa ‘reorganização’, uma vez que está um pouco confuso quando, como e onde eles vão estudar (...)”, e sobre os estudantes que ocupavam, Bernardi falou:

Assista qualquer uma das muitas entrevistas feitas com esses secundaristas que ‘invadiram’ suas próprias escolas (como se essa afirmação já não fosse um absurdo) e fique pasmo: eles são muito mais espertos, organizados, articulados, informados e maduros do que você imagina. Deveria ser proibido por lei envelhecer antes da hora. (FOLHA DE SÃO PAULO, 04/12/2015).

O artigo chegou até a receber uma carta direcionada e publicada pelo jornal no dia 06 de dezembro, onde a leitora Ana Teresa Masetti afirmou ter “chorado para valer” com o que Tati Bernardi havia escrito. Na mesma edição da Folha de São Paulo o artigo do Professor Vladimir Safatle também abordou a temática das ocupações, fazendo uma comparação da forma não participativa no qual o governo estadual fez a política de “reorganização escolar”, dizendo que essa não se mostrava muito diferente daquelas feitas pelos Barões do Café em São Paulo até início do século XX, onde somente os seus interesses eram levados em conta. Além disso, Safatle (2015) afirma: “Em outros lugares do mundo, os governos lutam para abrir escolas. Aqui, o governo briga para fechá-las”. No dia 06 de dezembro foi a vez da educadora Maria Alice Setubal exaltar os estudantes em um artigo na Folha de São Paulo com o título “Jovens dão aula de cidadania”. A atriz Denise Fraga, em artigo para a Revista São Paulo da Folha de São Paulo, do mesmo dia também fez um texto emocionado em favor da luta dos secundaristas de São Paulo:

Pois o barulho cresce. E meu velho coração de estudante começou a bater forte ao ver o movimento ganhar força com incrível capacidade de organização via internet. A ocupação se fortalece dia após dia com organogramas, agendas, recrutamento de professores voluntários e inúmeras atividades criativas de quem pretende não só manter a escola em que estuda mas lutar por motivos reais para frequentá-la (FRAGA, 06/12/2015).

3.1.9. APROXIMANDO DE UMA GRANDE VITÓRIA: SUSPENSÃO E ANULAMENTO DA REORGANIZAÇÃO ESCOLAR

“Esse período mudou minha vida, eu falo assim, eu nasci depois da ocupação, eu falo isso para todo mundo.”

ENTREVISTA 9 – Entrevista com uma das estudantes que participou das ocupações (2020)

“Eu acho que esse foi o maior ganho na minha vida.”

ENTREVISTA 10 – Entrevista com uma das estudantes que participou das ocupações (2020)

Além de toda mobilização e visibilidade do movimento dos secundaristas em São Paulo, algo mais interno também foi mudado na concepção desses estudantes que ia para além da luta contra a reorganização: passaram a formar uma nova visão de educação (SANTOS; MIRANDA, 2017). Uma educação a partir da vivência autogestionária desses jovens. Para Medeiros, et. al (2019) essa foi uma forma muito especial de ação coletiva pois era portadora de um enorme potencial de aprendizado político, tanto em seu formato de auto-organização, trabalhos horizontais e organização de assembleias, quanto nos questionamentos da naturalização da divisão sexual do trabalho, pouco incentivadas na estrutura tradicional de educação.

A quarta entrevistada (2020) colocou como aspecto geral significativo no aprendizado ao longo desse processo, a importância da autonomia, e complementou: “Porque o que você via era a galera de 15, 16 anos, limpando o chão, lavando o banheiro, fazendo comida... diferentes tipos de cuidados... ter uma relação com o espaço público como sendo algo seu também, que você constrói. E isso mudou totalmente a perspectiva que poderia ter sobre a escola, sabe?” (ENTREVISTA 4, 2019). Tal compreensão também se expande pela noção de divisão dos estudantes em comissões rotativas e a organização que foi criada a partir dessas comissões:

Era comissão de limpeza, segurança, comunicação, da cozinha, a gente se dividia assim sempre rotativo. Então, sei lá, se eu estava na segurança, eu ia pra cozinha no outro dia, então sempre rotativizávamos isso pois sabemos que todas funções são importantes, se não tiver uma, nenhuma outra vai funcionar, não existe aquela mais importante. Entendemos que existem aquelas funções que são mais expostas, então você tem que rotativizar muito principalmente

nessa ideia de não criar centralidade. Então não podemos centralizar poder, só uma pessoa saber, falar. Então tem que rotativizar isso. Nós tínhamos muita consciência disso. Eu acho que a consciência que criamos nas ocupações foi algo absurdo... a organização, o porquê que não fazíamos tal coisa, foi incrível, feito por estudantes secundaristas do ensino médio, se organizando de forma... sei lá, eu acho que ... não porque eu participei da luta mas... foi a luta mais organizada que eu vi, pelo menos, não sei se teve mais, pode até ter tido, mas foi muito organizado. Eu acho que tipo, nessa questão de entendermos o porque fazíamos tal coisa era genial na verdade. Como entendíamos que não podíamos centralizar poder? E isso era uma discussão muito grande. (ENTREVISTA 2, 2019).

Segundo Ana Paula dos Santos e Cynthia Mara Miranda (2019) foi possível perceber um reposicionamento das relações hierárquicas, sendo a primeira vez que muitas dessas meninas tiveram a oportunidade de ver e participar de debates abertos sobre diversos temas, além de dividirem tarefas com os meninos e terem tomado a dianteira em grande parte dos protestos e ocupações, algo que podemos perceber ao ver o grande número de fotos com garotas na luta. Isso fica claro quando reparamos que as imagens mais compartilhadas das manifestações secundaristas desse momento eram de meninas enfrentando a repressão policial e a frase “Lute como uma menina” as acompanhando.

Figura 13: Imagem montagem: “Lute Como Uma Menina”.

FONTE: Publicação do dia 04/12/2015 na página “Não Fechem Minha Escola”²⁸.

Segundo Salomão Barros Ximenes (2019), as vitórias das ocupações, no primeiro momento, foram bastante significativas, sendo a maior quando o governador Geraldo Alckmin anuncia constrangido para a imprensa, em 4 de dezembro no Palácio dos Bandeirantes, a revogação das medidas de “reorganização escolar”. Logo após essa declaração o Secretário

²⁸ Posto disponível na Página do Facebook do “Não Fechem Minha Escola”: Disponível em: <<https://www.facebook.com/naofechemminhaescola/photos/a.1485520751742887/1497739960520966/?type=3&theater>>

Herman Voorwald saiu da pasta de educação do governo, o que foi visto como mais uma vitória aos estudantes. Assim como no dia 05 foi a vez de Fernando Padula, chefe de Gabinete do ex-secretário - e que foi gravado em reunião vazada pelo Jornalistas Livres. A capa da Folha de São Paulo do dia 05 de dezembro foi uma grande foto de um estudante durante um ato contra a reorganização, segurando as carteiras escolares e comemorando, enquanto o batalhão de choque da Polícia Militar chegava para reprimir o protesto. A foto acompanha a grande manchete: “Alckmin recua e suspende a reorganização escolar em SP”.

No próprio editorial da Folha de São Paulo desse dia são reconhecidas as problemáticas da maneira como Geraldo Alckmin levou a situação. O título do editorial foi: “Lições de política” e, mesmo ainda defendendo a existência de bons argumentos para o projeto do governo, pontua que ele demorou muito para abrir o diálogo com os estudantes, finalizando: “Os alunos se mostraram intransigentes, mas ao final obtiveram sua vitória - e ensinaram a Alckmin boas lições de política” (EDITORIAL, Folha de S. Paulo, 05/12/2015). Na mesma página um artigo de Hélio Schwartsman que, também dizendo acreditar em algumas boas ideias do projeto, afirmou: “O governador Geraldo Alckmin (PSDB) estava tão acostumado a nadar de braçada no conservadorismo do eleitorado paulista que achava que tudo podia. A pesquisa Datafolha que revelou queda inédita na aprovação a seu governo e o subsequente recuo na proposta da reforma educacional da gestão indicam que não é bem assim”. Além disso, a tirinha principal da página, feita por João Montanaro, mostrava um Alckmin “menino” que não aprendeu a lição direito de como resolver um problema, ao lado é mostrado um policial totalmente armado quebrando a lousa.

Depois disso se iniciou um processo de desocupação gradual, enquanto os estudantes de cada ocupação iam decidindo de forma autônoma se continuariam ou parariam (CAMPOS, 2019). De alguma maneira se instituiu um embate entre as escolas com movimentos autônomos - como aquelas que faziam parte do Comando das Escolas Ocupadas - e as com maior influência de entidades como a UBES. Em um post do dia 07 de dezembro na página d’O Mal Educado, o coletivo pede para que nenhuma escola desocupe até a oficialização, por parte do governo, de suspensão completa da reorganização escolar e, segundo postagem, a UBES considerava que a revogação já tinha sido o suficiente e pedia para os estudantes desocuparem as escolas. Ato continuavam a ser chamados pelo Comando das Escolas Ocupadas, sendo o próximo no dia 09 de dezembro com concentração no vão do MASP. O que acabou sendo de fato uma manifestação bastante significativa, com muita participação.

Figura 14: Foto da manifestação de estudantes contra a reestruturação escolar do dia 09/12/2015.

FONTE: Página “O Mal Educado” no dia 10/12/2015. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.301502323316853/729546037179144/?type=3&theater>>

No dia 10/12 o governo estadual de fato cancelou a “reorganização escolar” de forma oficial. Os estudantes em sua grande maioria se sentiram muito vitoriosos com a suspensão da “reorganização escolar”, é o que podemos ver na fala da primeira entrevistada (2018):

Eu lembro quando deu a nota falando que a reorganização seria barrada, a gente berrou na escola, todo mundo, estávamos lá fora inclusive... nós pulamos, todo mundo se abraçou... então, de alguma maneira nos sentíamos vitoriosos, tínhamos construído muita coisa, tínhamos nos conhecido, tínhamos brincado, zuado, várias coisas. Então a vitória ficava.

No documentário “Lute como uma garota” (2017), uma estudante sobre os resultados da ocupação diz:

essa nova geração de estudantes são capazes de mudar o país. E nós fizemos uma revolução, conseguimos derrubar o secretário de educação, conseguimos mostrar que o estudante não tá aí pra fazer baderna. (...) Acho que nem sabíamos que tínhamos toda essa potência, essa voz, essa força. É incrível isso que tá acontecendo, pouca gente tem noção do que rola aqui dentro, sabe? Que a gente tá criando consciência política, não vamos nos tornar adultos que falam ‘ah, política e religião não se discute’, não vai acontecer mais isso.

Mas com o tempo os estudantes também perceberam que muitas coisas mudariam, mas outras voltariam ao “normal” ou coisas aconteceriam mais escondidas:

acho que depois das ocupações e a volta à realidade, a volta à escola, à cadeira, à fileira... o embate com a diretoria para tentar mudar alguma coisa, embate com alunos... também teve um movimento... o movimento que aconteceu dentro das escolas foi o que acabou com os movimentos. (...) A volta à realidade, como era antes, foi chocante. Eu acho que foi, pra mim, foi um dos marcos. Você cai de novo no mundo real quando você tinha construído uma coisa totalmente diferente, e a possibilidade que isso ficasse pra sempre era... (ENTREVISTA 1, 2018);

O segundo entrevistado (2019) toca em algumas questões ainda mais sensíveis em relação ao pós-ocupação:

(...) depois das ocupações ninguém pensa a mesma coisa, ninguém é a mesma pessoa, ainda passamos por coisas bizarras e não tem como lidar... e para lidar com isso é muito difícil, principalmente quando você tá desempregado né? Quando tem muita dificuldade... tem gente que nunca mais voltou a falar com a família depois das ocupações. Eu acho que é muito romantizado, “ai que lindinhos”, mas não tem nada de lindinhos não, a gente se ferrou bastante, estamos em um ponto complicado e agora fica cada vez mais difícil, parece que tudo que fizemos está indo, está sendo esquecido, porque é isso, estamos vivendo a ideia do... não sei, talvez seja uma percepção errada agora que pensei... o fascismo sempre esteve aí né? É que na verdade agora está chegando no povo que consegue falar, o povo que é ouvido de alguma forma, eles estão com medo disso.

Depois dessa irrupção do movimento de estudantes secundaristas de São Paulo contra essa medida do governo estadual, muitos outros estados passaram a vê-los como importante influência para futuros movimentos. A primeira entrevistada afirma:

Tiveram estudantes de São Paulo que foram para o Paraná, Rio Grande do Sul... sim, acho que foi um reflexo, foi uma onda que foi dominando o Brasil. E é isso, as pessoas enxergam, elas só enxergaram no movimento uma alternativa, uma chance de colocar a voz para fora, aquilo que estava entalado, porque sempre teve, sempre quisemos mudar a educação.

Em um período de apenas um ano o repertório de ocupação de escolas estaduais passou por Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo, ficando mais forte no Ceará com 70 escolas ocupadas, 80 no Rio de Janeiro, 150 em Minas Gerais e também no Rio Grande do Sul, chegando em um pico no estado do Paraná, que em 2016 teve 850 unidades ocupadas (MEDEIROS; JANUÁRIO; MELO, 2019). Além disso, São Paulo também teve uma segunda leva de ocupações no ano de 2016, agora contra a corrupção em relação à merenda escolar e com maior foco nas Escolas Técnicas Estaduais (ETECs).

3.2. ANÁLISE DOS DADOS E O MAPEAMENTO DAS CONTROVÉRSIAS (A IMPORTÂNCIA DO USO DA TEORIA ATOR-REDE)

Fazendo uma análise mais pormenorizada dos documentos utilizados para essa pesquisa, foi necessário partir de uma noção complexa do saber (MORIN, 2011) pois sabia-se de início que tratar de tais acontecimentos não seria possível sem saber que cada ponto analisado se abre em mais possibilidade de saberes e análises, que nunca cessam. Observar essa gama de informações nos traz dificuldades e contradições, que ao invés de ignorados, foram sendo trabalhados ao máximo para se mostrarem.

Nesse sentido, o capítulo em questão busca iniciar de forma mais sistemática um mapeamento de controvérsias, como colocado por Bruno Latour (2012). O mapa de controvérsias, que faz parte da chamada Teoria Ator-Rede do autor, não tenta explicar o conhecimento como um todo, mas trazer o máximo de detalhamento, contradições e complexidades das coisas, a partir de algum ponto de partida (LATOUR, 2012). Portanto, assim como os *cinemapas* trazidos por Pierre Lévy (2003), esse mapeamento não se pretende completo e nem estabilizado, mas sempre em movimento, em ampliação, evitando pular obstáculos, observando o momento a partir de suas contradições, como a complexidade defendida por Morin (2011) também caminha.

Dentro dessa perspectiva, a noção de “actantes” se mostra fundamental, já que esse considera como realizador das ações não somente os humanos ou seres vivos, mas qualquer objeto que possa gerar ação. Cada ação possui redes que vão levando a outras partes e outras interações, trazendo uma concepção mais complexa para os artefatos, o que ajuda na ampliação e complexificação do entendimento do uso das novas tecnologias de informação e comunicação para os movimentos sociais aqui analisados. Nesse sentido, ao observar e mapear o movimento de ocupações de escolas do ano de 2015 em São Paulo, esta pesquisa se focou nos actantes e suas ações percebidas em alguns documentos selecionados.

Nesse sentido foram feitas 10 entrevistas qualitativas com participantes do movimento naquele período; a descrição detalhada de todas postagens do dia 09/11/2015 até 10/12/2015 das páginas O Mal Educado e Não Fechem Minha Escola no *Facebook*; A descrição de todas notícias da Folha de São Paulo e do Estado de São Paulo do mesmo período sobre o assunto. E a partir disso, foram feitas análises pormenorizadas desses diferentes documentos - primeiro separadamente -, marcando os actantes mencionados, e depois agrupando as informações destes

para a montagem do mapa de controvérsias. Para isso foram montadas tabelas; observados os diferentes actantes e feitas descrições densas dessas informações, não fugindo das contradições, mas as trazendo para demonstrar a complexidade do assunto, sabendo das limitações ao não ter conseguido avaliar a diversidade de fontes distintas ainda possíveis. Por isso, a ideia de tal mapeamento não é permanecer estanque, mas sempre em movimento, passível de complementação e nunca como uma verdade absoluta e estabilizada.

De forma geral a análise feita desde as páginas de facebook, jornais e entrevistas, foi organizado os termos citados por meio de tabelas. A partir da organização dos termos, foi sendo observado quais deles poderiam ser vistos como actantes que de fato teriam impactos de ação na construção das redes de controvérsias posteriormente construídas.

Como foi utilizado um mesmo padrão para a análise de todos os dados posteriores, farei aqui a explicação geral das divisões e organizações feitos sobre os termos para facilitação na explicação e entendimento. Inicialmente foi observado o número de termos (que possivelmente poderiam ser identificados como Actantes) diferentes citados (pela página, jornal ou entrevistado). Depois, foi feito uma divisão por tipos de actantes para facilitar a identificação e visualização, mas sabendo que dessa maneira ao se fazer assim muitos detalhes acabam sendo deixados de lado. Por isso foram criadas tabelas com os dados distribuídos de forma completa para eventuais novas análises. Nesse sentido, criou-se 18 tipos de termos para poder enquadrar a diversidade dos diferentes termos encontrados. Em ordem decrescente em relação ao número de vezes citados, os tipos, definidos *a posteriori*, foram: “Pessoas”; “Escolas”; “Locais”; “Manifestações”; “Tecnologias”; “Outros”; “Forças Repressoras”; “Objetos de Luta”; Políticas Públicas; Instituições; “movimentos sociais”; “Documentos”; “Mídia”; “Organização das Ocupações”; “Atividades Culturais”; “Instrumentos Jurídicos”; “Mantimentos” e “Partidos Políticos”.

Aqui, entende-se “Pessoas” como indivíduos nomeados ou não que foram citados nas postagens; noticiais ou entrevistas. No caso de “Escolas”, trata-se das instituições escolares citadas, nomeadas ou não; “Locais” trata-se de lugares físicos desde que não fossem uma escola, instituição, ou forças repressoras, já que estes foram escolhidos também identificados como categorias específicas. Os lugares podiam ser específicos ou espaços mais gerais. No caso de “Manifestações”, têm-se os diferentes nomes para atos ou manifestações públicas no sentido de luta por ou contra algo. Em “Tecnologia” temos diferentes formas de tecnologia citadas, o que engloba aparatos tecnológicos, mas também formas tecnológicas de divulgação.

Já em "movimentos sociais", pegou-se todos os grupos organizados com lutas específicas e de mínima organização. Em "Instituições" temos todos os espaços institucionais colocados, mais gerais ou específicos, desde que não fossem uma escola, partido Político; algum movimento social ou um aparato de força violenta. Em "Forças repressoras" foi identificado todo o tipo de instituição ou grupo que pressionou de forma violenta e desproporcional qualquer tipo de manifestação dos estudantes aqui citados. Em "Políticas Públicas" couberam ações específicas e políticas feitas pelo poder público. Em "Objetos de Luta" temos os termos relacionados a defesa, mobilização ou outros instrumentos durante as manifestações dos estudantes.

Em "Mantimentos" temos todo tipo de recurso fundamental para a permanência dos estudantes nas ocupações. Para "Documentos" temos a noção de documentos oficiais; "Mídia" trata-se dos órgãos de imprensa e seus instrumentos. No caso da "Organização das Ocupações" trata-se de instrumentos utilizados durante as ocupações para estruturação e organização. Em "Atividades Culturais" falamos da diversidade de atividades para além das limitações da educação formal, no geral organizadas nas ocupações. Para "Instrumentos Jurídicos" temos termos relacionados à estrutura jurídica. Enquanto que em "Partidos" estamos falando dos Partidos Políticos formais do nosso país. No caso de "Outros" temos o restante de termos que não conseguiram se encaixar em nenhuma das outras divisões.

3.2.1. O MOVIMENTO "O MAL EDUCADO" E SEU PAPEL NO MOVIMENTO DE OCUPAÇÕES DE ESCOLAS

Ao longo do período de ocupações de escolas em São Paulo, percebeu-se a importância do uso das redes e tecnologias de informação e comunicação, principalmente a partir do uso de aparelhos móveis, já que estes possibilitam a divulgação rápida de informação às diferentes ocupações mas também para o resto da população (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020). Esta comunicação foi realizada de forma independente em relação aos veículos da imprensa tradicional, sendo assim um importante instrumento de segurança em situações de perigo contra a polícia ou outras forças repressoras (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). Foi diante deste contexto que muitas páginas específicas de cada ocupação foram criadas nas redes sociais. Além destas, outras de papel mais geral também foram criadas ou até utilizadas, como foi o caso da página de Facebook O Mal Educado.

O Mal Educado é um coletivo que existe desde 2009, quando estudantes da EE José Vieira de Moraes, do bairro Rio Bonito – no extremo sul de São Paulo – mobilizaram-se contra a diretoria, que tinha à frente uma pessoa que atuava com bastante rigidez dentro da escola, e os alunos começaram a se organizar a partir de um clima de revolta generalizada, com grandes protestos na instituição. Nesse mesmo momento surgia uma articulação que acabaria se tornando a Poligremia, que segundo um dos membros d'O Mal Educado (apud. TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020), era uma junção de grêmios estudantis de escolas particulares que tomaram conhecimento da luta da EE Vieira de Moraes e quiseram ajudá-los, auxiliando na criação de um jornal para falar sobre luta e organização estudantil. Durante o ano de 2010 a Poligremia foi se expandindo.

De início com participação de estudantes de 5 importantes escolas particulares e uma escola técnica, esse número foi aumentando, até os estudantes do Vieira passarem a fazer parte. Por fim, participaram da Poligremia grêmios das escolas particulares: Escola da Vila, Santa Cruz, Equipe, Vera Cruz, Santa Clara, Oswald de Andrade e Ítaca; das escolas técnicas estaduais: Basilides de Godoy, Guaracy Silveira, ETESP, Albert Einstein, Takashi Morita; uma escola da Rede Sesi (Vila Leopoldina) e a Escola Estadual José Vieira de Moraes, o Vieira (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). A experiência da Poligremia, com uma perspectiva mais horizontal e participativa, foi importante para o grupo, que passou a se aproximar das lutas contra o aumento da tarifa de ônibus do Movimento Passe Livre (MPL) ainda em 2011. Já nesse período faziam exposições do documentário sobre o movimento do Chile (A revolução pinguim) (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

No ano seguinte, grande parte dos membros da Poligremia já estavam na Universidade e também, em grande medida, militando no Movimento Passe Livre (MPL). Assim, um dos membros d'O Mal Educado em entrevista afirmou que estes

chamam uma reunião para pensar em boletim, alguma coisa do tipo assim, e aí eles me convidam, isso em 2012. E aí a partir daí a gente tira a primeira edição do jornal O Mal Educado. Portanto, era basicamente um jornal editado por ex-secundaristas e o jornal era uma forma de a gente conseguir ter entrada nas escolas para fazer atividades e discutir questões que a gente tratava no nosso jornal. (apud. TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020)

O coletivo O Mal Educado estava em um momento crítico em 2015, com seus integrantes quase encerrando sua atuação. Mas foi a partir de uma dissidência do Movimento Passe Livre que algumas pessoas foram para o coletivo e possibilitaram sua reestruturação,

obtendo maior força no início das movimentações contra a “reorganização escolar” (PATTA, 2017). Junto disso, com

a participação nos atos, o contato com os secundaristas presentes e a confirmação de vínculos por meio das redes sociais e a distribuição de panfletos e do manual traduzido da experiência chilena reergueram o Mal Educado, inicialmente em função da grande visibilidade que sua página no Facebook adquiriu com o acompanhamento incansável da mobilização secundarista de 2015 como um todo, com fotos, vídeos e relatos. (PATTA, 2017, p.106).

Importante ressaltar, como coloca Caetano Patta (2017), que a origem da ideia de ocupação das escolas é incerta, pois se de um lado o manual compartilhado pelo O Mal Educado foi de grande relevância, durante o início da mobilização dos estudantes já existiam integrantes da APEOESP e de movimentos populares de moradia (CMP e MTST) que já tinham defendido também a ocupação das escolas que seriam fechadas.

O coletivo usava as redes sociais com bastante frequência e possuía uma página no *Facebook* desde 9 de abril de 2013, além de um blog. Com o início do movimento dos secundaristas em 2015 O Mal Educado já estava envolvido com muitas das escolas. Com a divulgação, pelas redes, de uma tradução da cartilha “Como Ocupar Um Colégio?” a partir da experiência do Chile e da Argentina, o coletivo passou a ter uma maior relevância para o movimento secundarista (TORI, HOMMA; FIACADORI, 2020), assim: “O Mal Educado não atuou como dirigente do processo político, mas meramente como um catalisador que detonou uma virada tática – das manifestações de rua às ocupações –, apresentando uma nova forma de ação coletiva, desconhecida ou impensável para os alunos” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO 2016, 79). Além disso, a página do coletivo no *Facebook* passou a divulgar informações sobre as ocupações e a luta dos secundaristas.

O Mal Educado se desestruturou de forma significativa em 2016 (apesar de sua página seguir com algumas publicações), e para o entrevistado em artigo de Tori, Homma e Fiacadori (2020) isso ocorreu por conta da falta de evidenciar os princípios, de possuir um direcionamento do coletivo, já que ao fim das ocupações e no início das ocupações das ETECs (Escolas Técnicas Estaduais), em 2016, as diferenças foram se expressando: “Tipo assim, quando acabou a luta a sintonia também foi acabando, aí começa a aflorar as diferenças aí você fala ‘não, peraí, não era bem isso aí que eu acreditava’, e aí começa a surgir diferenças” (apud. TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020).

A página d’O Mal Educado conta, atualmente, com mais de 77 mil curtidas, sendo raras as publicações. Durante o período das ocupações, com uso bastante intenso, a página

funcionava a partir do recebimento de informações de cada escola via *Whatsapp* e *Facebook*, sem possuir diretrizes específicas de publicação (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020). Durante o mês de abril de 2018 foi realizada uma busca de publicações postadas pela página d'O Mal Educado entre os dias 8 de novembro até o dia 10 de dezembro de 2015 - ou seja, desde o dia da primeira ocupação feita pela E.E. Diadema, até o dia em que o governo de São Paulo de fato revogou a reorganização escolar. Nesse sentido foram coletadas 502 publicações do qual foram todas separadas em um arquivo, descrevendo de forma detalhada cada uma delas, observando as diferentes táticas utilizadas em cada post ao longo do tempo e separando os actantes mencionados em cada uma delas.

Assim, foram encontrados 9887 termos (contando as repetições) ao longo de todas as publicações avaliadas. Dentre estes, o termo, que aqui podemos colocar como actante, mais repetido ao longo dessas publicações foi “estudantes” (551 vezes), sendo “escola” o segundo mais citado (306 vezes) que a ser somado com “escolas” acaba resultando em 439 vezes, seguido por “foto” (268), “Luta” (173), “Reorganização” (161), “Governador Geraldo Alckmin” (151); “Governo Geraldo Alckmin” (151) e “Polícia Militar” (133).

Por ter sido identificados 2968 diferentes termos (aqui tirando as repetições), foi feito uma divisão por tipos para facilitar a identificação e visualização, como já colocado no início do capítulo 3. Em ordem decrescente em relação ao número de vezes citados, os tipos, definidos *a posteriori*, foram: “Pessoas”, com 2233 actantes; “Escolas” com 2001; “Locais” com 1262; “Manifestações” com 933; “Tecnologias” com 619; “Outros” (473); Repressão (403); “Objetos de Luta” (379); Políticas Públicas (338); Instituições (325); “movimentos sociais” com 250; “Documentos” (138); “Mídia” (126); “Organização das Ocupações” (121); “Atividades Culturais” (101); “Instrumentos Jurídicos” (92); “Mantimentos” (90); e “Partidos Políticos” (3).

Em “Pessoas” os principais exemplos encontrados na pesquisa em relação à página d'O Mal Educado, tem-se “estudantes”; “Geraldo Alckmin” (então governador de São Paulo); “alunos”; “pessoas que apoiaram”; etc. No caso de “Escolas”, a mais citada foi a E.E. Fernão Dias, 63 vezes, tendo a E.E. Diadema 51 citações, logo depois. “Locais” os mais citados foram: “São Paulo” 111 vezes; “Santo André” com 47 citações e “Rua”, de forma geral, citada 45 vezes.

No caso de “Manifestações”, dentre os mais citados, tem-se a soma de “ocupações” com “ocupação” resultando em 197 citações, seguida por “luta” citada 173 vezes. Em “Tecnologia” o mais citado foi “foto” com 268 citações, seguido de “vídeo” com 90, “imagem” com 70 e “meme” com 45. Já em “Movimentos sociais” o mais citado: “Luta dos Estudantes” tratando

especificamente dessa luta contra a reorganização escolar e citada 29 vezes, seguido de “Comando das Escolas” com 34 citações. Em “Instituições” o mais citado foi: “Governo Geraldo Alckmin” com 139 citações seguido de “Direção” com 25 citações.

Em “Forças repressoras” o mais citado foi: “Polícia Militar” com 133 citações, seguidas por “Guerra” com 29 citações. Em “Políticas Públicas” o mais citado foi: “Reorganização” com 161 citações, seguido por “Projeto” e “fechamento” (tratando do fechamento de escolas), ambos com 17 citações cada. Em “Objetos de Luta” temos o mais citado: “Carteiras” com 59 citações, seguido de “faixa” com 55.

No caso de “Mantimentos” temos como mais citado: “água” com 5 menções. Para “Documentos” foi: “Saresp”, tratando da prova oficial do Governo do Estado para avaliação da educação pública. “Mídia” o mais citado: “Charge” de jornais, citado 8 vezes; assim como “Folha de São Paulo”. No caso da “Organização das Ocupações” o mais citado foi: “assembleia” com 24 citações, seguida de “Reunião” com 23 citações. Em “Atividades Culturais”: “atividades” de forma geral, 13 vezes; seguido de “evento” também geral 7 vezes e “filme” 6 vezes. “Instrumentos Jurídicos” o termo “reintegração de posse” apareceu 19 vezes, enquanto em “Partidos” o PSDB, partido do governador Geraldo Alckmin, foi o mais citado, mas com somente 2 menções. No caso de “Outros” temos: “Educação” com 57 citações, seguido de “todos” com 32 citações.

Em artigo de Tori, Homma e Fiacadori (2020), depois de uma análise dos 50 posts mais engajados deste período analisado da página d’O Mal Educado, foi identificado que os recursos mais utilizados foram o de combinações entre “Foto e Texto” e “Vídeo e Texto”, representando 27 e 7 posts respectivamente. Grande parte das fotos desse grupo retratavam as escolas ocupadas ou manifestações de secundaristas pelas ruas de São Paulo. Além disso, diversos vídeos apresentam manifestações de apoio aos secundaristas e também acompanham legendas (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020). Nessa mesma análise, foi identificado que nesses 50 posts avaliados, os temas mais discutidos foram sobre mobilizações dos estudantes, seguido de discussão de demandas deste grupo, além de posts de apoio de personalidades públicas ou cidadãos pela luta e também a exposição de casos de violência feita pela polícia (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020).

A temática “Manutenção da escola” não foi utilizada muitas vezes durante este período em relação a quantidade de publicações, porém, os posts com essa temática foram os com maior engajamento (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020). Os autores afirmam que dos 50 posts

avaliados, mais da metade das publicações analisadas da página possuíam conteúdo informativo, enquanto 9 delas atacavam o então Governador Geraldo Alckmin.

Nesse sentido, percebe-se que as publicações da página de o Mal Educado tiveram importante impacto a partir de suas publicações com fotos e vídeos, sendo as mais importantes aquelas que mostravam o cotidiano das ocupações, o apoio da população e de nomes públicos além das denúncias de repressão em relação ao Governo, mas especificamente com as ações da polícia militar. Tal constatação pode ser corroborada com a análise de actantes feita para esta dissertação quando se vê que “foto” é o terceiro actante mais citado (263 vezes) ao longo da avaliação de todas as publicações desse período e vídeo sendo o 15º com 80 citações; sendo o termo “apoio” de pessoas o 13º mais citado (83 vezes) enquanto “PM” sozinho aparece em 17º com 78 citações, mas quando somado com “Polícia”, “policial” e “PMs” chega a 160 citações, atingindo a 6º posição geral de actantes.

No amplo campo determinado como “Tecnologias”, sabendo-se das limitações em se juntar uma diversidade de actantes em um grupo maior, teve-se, no caso da análise das publicações da página d’O Mal Educado nesse período, o quinto grupo mais citado num universo de 18 grupos. O número total de citações foi 624. Portanto, demonstrando importância no meio dos diversos actantes mencionados pela página durante o período. Os actantes mais citados dentre deste campo foram: “fotos”, sendo o 3º do geral e demonstrando grande importância sendo que as publicações com maiores engajamentos tinham o recurso fotográfico como fundamental; em seguida temos “vídeos”, em 15º do total (com 80 menções diretas) e também sendo o segundo formato mais engajado nas publicações da página na época. “Imagens” surge em terceiro (19º no geral), tendo um papel próximo das fotos, mas indo além; assim como os “*memes*” logo atrás com 45 citações diretas (31º mais citado do geral).

Figura 15: MAPA DE TERMOS 1: 100 Termos mais citados no período analisado - O Mal Educado.

Fonte: Produção própria a partir do software *Iramuteq*.

3.2.2. A PÁGINA “NÃO FECEM MINHA ESCOLA” DURANTE AS OCUPAÇÕES DE 2015

Outra página do Facebook que foi vista como importante ao longo da luta contra a reorganização escolar de 2015 foi a chamada Não Fechem Minha Escola, que consistia basicamente em uma página do Facebook com o intuito de centralizar fotos, vídeos, reportagens e informações sobre as manifestações dos estudantes contra a reorganização escolar e outros materiais.

Segundo administradores da página “Não Fechem Minha Escola” (apud TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020), esta foi criada a partir da sensação de que as mobilizações nasceram de forma orgânica nas escolas, mas que além de dispersas, encontravam-se desarticuladas. Neste sentido, entenderam “que o movimento precisava ter alguma unificação para conseguir demonstrar força” (apud. TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020). Assim, criaram a “Não Fechem Minha Escola”, em 3 de outubro de 2015, para reunir as informações das diferentes ocupações e mobilizações do estado de São Paulo.

Criada por membros do coletivo Juntos, vinculado Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), a página “Não Fechem Minha Escola” conta com mais de 220 mil curtidas, e desde 2015, com as ocupações das escolas em São Paulo, publica conteúdo, mantendo-se ativa até hoje. Os gerenciadores da página são Gabriel Lindenbach, Rafael Borguin e Sâmia Bomfim, vereadora do município de São Paulo eleita em 2016 (ainda não havia se candidatado nenhuma vez, no período das ocupações) e eleita deputada federal em 2018, todos envolvidos com o coletivo Juntos e com o PSOL (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020). A página, no entanto, não tem relação direta com o coletivo, segundo o entrevistado por Tori, Homma e Fiacadori (2020)

Segundo criador da página (apud. TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020) a “Não Fechem Minha Escola” contava com grande número de colaboradores (chegando a cerca de 30, em dado momento), que passavam a compor a administração da página por serem bastante ativos no envio de informações via mensagem privada. Na entrevista afirmam que os administradores se organizavam em um grupo de mensagens instantâneas (*Messenger*), onde cada um encaminhava as possíveis publicações e, não havendo restrições por parte dos outros integrantes, a informação era publicada (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020).

Segundo entrevista com um dos participantes d'O Mal Educado (apud TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020), a criação da página com o slogan dos estudantes aparece como problemático, uma vez que passava a ideia de que ali estava contido todo o movimento. Ainda para este, a “Não Fechem Minha Escola” era organizada pelo coletivo Juntos e vinculada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), o que o administrador da página nega, pois diz que apesar de compor o coletivo no período em questão, não vincula a página a ele, já que esta era administrada por diversas pessoas, muitas delas sem relações com o Juntos (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020).

Desta forma, esta página foi um instrumento essencial para os estudantes secundaristas se organizarem horizontalmente e ocuparem as escolas, mas tem como organizadores pessoas vinculadas a um coletivo partidário - inclusive secundaristas -, mostrando que alguns estudantes continuaram ou passaram a se envolver com partidos políticos. As ligações da página se dão com curtidas de páginas de ocupações de escolas específicas, mas ainda com páginas do próprio coletivo Juntos e da eleita deputada federal Sâmia Bomfim.

A página mostra sua importância pela visibilidade, já que agrega grande número de seguidores. No período das ocupações eram publicados vídeos, fotos, notícias e textos sobre os acontecimentos relacionados. Hoje, ainda bastante ativa, a página continua mapeando protestos de estudantes secundaristas, e publicam ainda conteúdos relacionados ao cenário político mais macro, incluindo publicações sobre as eleições, por exemplo. Durante o mês de abril de 2018 foi realizada uma busca de publicações postadas pela página de “Não Fechem Minha Escola” entre os dias 8 de novembro até 10 de dezembro de 2015 - ou seja, desde o dia da primeira ocupação feita pela E.E. Diadema, até o dia em que o governo de São Paulo de fato revogou a reorganização escolar. Nesse sentido foram coletadas 559 publicações do qual foram todas separadas em um arquivo, descrevendo de forma detalhada cada uma delas, observando as diferentes táticas utilizadas em cada *post* ao longo do tempo e separando os termos mencionados em cada uma delas.

Foram encontrados 20.070 termos (contando as repetições) ao longo das publicações avaliadas. Dentre estes, o actante mais repetido ao longo dessas publicações, assim como na página d'O Mal Educado foi “estudantes” (691 vezes) sendo “escola” o segundo mais citado (379 vezes), seguido por “foto” (365), “vídeo” (309), “Governador Geraldo Alckmin” (244); “nós” (222), “Ocupação” (217); “Polícia Militar” (209). Percebe-se aqui, bastante semelhança com os principais actantes citados pela página d'O Mal Educado no mesmo período.

Por terem sido identificados 6385 diferentes termos (sem as repetições), foi também realizada uma divisão por tipos de actantes. Nesse sentido, assim como já citado anteriormente, criou-se 18 categorias de actantes para enquadrar a diversidade dos mais de 6000 diferentes actantes.

Em ordem decrescente em relação ao número de vezes citados, os tipos foram: “Pessoas”, com 5613 actantes (27,6 %); “Escolas” com 3818 actantes (18,8%); “Locais” com 2778 (13,7%); “Tecnologias” com 1324 actantes (6,5 %); “Manifestações” com 1746 actantes (8,6 %); “Forças Repressoras” com 758 actantes (3,7%); “Outros” (3,7 %); “Instituições” (2,8%); “Políticas Públicas” (2,6 %); “Objetos de Luta” (2,4%); “Atividades Culturais” (2,2%); “Movimentos Sociais” (1,6%); “Mídia” (1,6%); “Instrumentos Jurídicos” (1,3%); “Organização das Ocupações” (1,3%); “Mantimentos” (1,2%); “Documentos” (0,4%) e “Partidos Políticos” (0,1%).

Na categoria “Pessoas” (indivíduos nomeados ou não), dentre os principais termos em relação a página do “Não Fechem Minha Escola”, temos “estudantes”; “estudante”; “alunos”; “pessoas que apoiaram”; “Geraldo Alckmin” (então governador de São Paulo), etc. No caso de “Escolas”, as nomeadas mais citadas foram a E.E. Fernão Dias, 78 vezes, igualado com a E.E. Gavião Peixoto, aparecendo a E.E. Diadema logo depois com 57 citações. “Locais” (lugares físicos desde que não sejam uma escola, instituição, ou forças repressoras) podiam ser específicos ou espaços mais gerais, e os mais citados foram: “Santo André” citada 166 vezes, seguido de “Zona Sul” da cidade de São Paulo no caso, com 161 citações.

No caso de “Manifestações”, dentre os mais citados, tem-se “Ocupação” com 217 citações, seguida por “Luta” citados 135 vezes. Em “Tecnologia” o actante mais citado foi “foto” com 365 citações, seguido de “Vídeo” com 309 citações e “Imagem” com 84. Em “Forças repressoras” o mais citado foi: “Polícia Militar” com 209 citações, seguidas por “PMs” com 75 citações.

Em “Instituições”, o mais citado foi: “Governo Geraldo Alckmin” com 94 citações seguido de “Estado” com 44 citações. Na categoria “Políticas Públicas” o mais citado foi: “Reorganização Escolar” que chega a 132 citações. Em “Objetos de Luta” o actante mais citado foi “faixa” que somado com 85 citações seguida de “Cartaz” com 54 citações.

Para “Atividades Culturais” o mais citado foi “Virada Ocupação” com 44 citações, seguido de “música” com 27. Já em “movimentos sociais”, de maneira geral o termo “Movimento” foi citado 55 vezes, seguido de “Luta dos Estudantes” com 24 citações. “Mídia” se trata dos órgãos de imprensa e seus instrumentos, sendo o mais citado: “Rede Globo”, citado

18 vezes. Em “Instrumentos Jurídicos” o termo “Direito” foi 30 vezes citado; Em “Organização das Ocupações”, “Assembleia” foi um termo bastante visível, com 26 citações, seguido de “Diálogo” com 21; Em “Mantimentos” o mais citado foi: “água” com 29 citações, seguido de “comidas”, no geral, com 16 menções. Para “Documentos” o mais citado foi: “Saresp” com 40 citações; enquanto que em “Partidos” o PSDB foi novamente o mais citado, com somente 10 menções. No caso de “Outros” temos: “Educação” com 98 citações, seguido de “Portão” com 54 citações.

Em artigo de Tori, Homma e Fiacadori (2020) avaliaram-se também os 50 posts mais engajados do período aqui escolhido. Nesse sentido as combinações mais presentes nessas publicações foram “Imagem e Texto”, categoria que contabilizou 14 publicações, enquanto as combinações “Foto e Texto” e “Vídeo e Texto” viram-se em 11 e 12 posts, respectivamente. Percebe-se, portanto que a forma utilizada dos recursos das publicações é bastante semelhante àquela utilizada pelo coletivo O Mal Educado pois se encontra a publicação de fotos de escolas ocupadas e estudantes se manifestando, além de apresentar fotos de Geraldo Alckmin e algumas figuras políticas que compunham a pasta da educação na época (TORI, HOMMA; FIACADORI, 2020).

No mesmo artigo, viu-se que a página “Não Fechem Minha Escola” publicou 15 posts sobre diferentes mobilizações feitas pelos estudantes, sendo estas por meio de ocupações de escolas ou manifestações nas ruas, e treze casos de “Violência policial” contra manifestantes e apoiadores (TORI, HOMMA; FIACADORI, 2020). Dentre estes, 9 posts foram identificados tendo manifestação de apoio às ocupações e aos estudantes, seguido de 5 publicações que discutiam políticas adotadas pelo governo de Geraldo Alckmin como reorganizações da pasta da Educação e instruções à Polícia Militar para tratar os secundaristas de maneira truculenta. Outra importante característica possível de se notar com forte presença é o de denúncias nesses posts, chegando a 13 das 50 publicações analisadas (TORI, HOMMA; FIACADORI, 2020).

A partir da análise feita pelo artigo (TORI; HOMMA; FIACADORI, 2020) , temos que os posts mais visualizados, comentados e engajados no geral tinham fotos ou vídeos como recurso utilizado, além disso, muitas de suas postagens eram de apoio de personalidades e cidadãos, além do cotidiano das ocupações e denúncias contra o governo por repressão, principalmente com ações da polícia militar. Corroborando com essa avaliação, a análise de actantes feitas para essa dissertação demonstra que “fotos” se mostra como o terceiro actante mais citado no geral (322 vezes) sendo “vídeo” o quarto (com 229 citações); sendo o sexto mais citado “apoio” de pessoas e a “PM” aparecendo em 15º com 117 menções, sendo que se somar

com “Polícia”, “Policiais”; “PMs”; “Polícia” e “Policial” chega a 285 menções, portanto passando a ficar em 4º mais citado de todos actantes.

No caso específico das tecnologias, esse grupo, dentre os 18 divididos para conter os distintos actantes observados, foi o 5º maior, com 1288 menções. Destes, “foto” teve o maior número de menções, sendo o terceiro mais citado dentre todos actantes, seguido de “vídeo” (com 295 citações) o quarto mais citado no geral. Depois destes, aparecem “Imagem” com 67 citações (29º no geral); seguido de “recado” com 50 menções; “*meme*” com 28, esses entre os 100 actantes mais mencionados no geral. Percebe-se, portanto, que só a partir de menções, sem avaliar especificamente o valor dado para tais questões, a relevância do campo das tecnologias para o movimento a partir desta página em questão.

se percebe alguma centralidade no uso dessa tecnologia para as páginas, que a partir do que foi avaliado e visto até aqui, encontra-se na possibilidade de divulgação sobre o cotidiano das ocupações na visão dos estudantes para o resto da população; Os outros actantes: “ocupação”; “Governador Geraldo Alckmin” e “Reorganização” também já eram esperados por serem centrais em toda a ação. No caso de “Polícia Militar” podemos ter uma comprovação da importância do uso dessas redes para denúncia de abusos do poder repressivo ou até mesmo como forma de antecipar na segurança.

Algumas diferenças importantes de se notar no número de citações de forma perceptível a partir dos mapas de termos foram que “Santo André” e “Zona Sul” aparecem com muito mais intensidade no “Não Fechem Minha Escola” (NFME), enquanto na página do coletivo O Mal Educado (OME) vê-se com mais força “São Paulo”. Uma ideia que pode surgir a partir daqui é de que o NFME deu maior visibilidade para algumas escolas nas regiões menos centrais, sendo que o OME deu maior visibilidade na cidade de São Paulo. Outra questão que pode corroborar isso seria que a escola mais citada pelo OME foi de fato a “E.E. Fernão Dias” no bairro de Pinheiros de São Paulo, seguido por “E.E. Diadema” com menos força e mais ou menos na mesma intensidade da “E.E. Ana Rosa” no bairro da Vila Sônia, também Zona Oeste de São Paulo. Outras escolas que aparecem nos 100 mais citados termos do OME são: “E.E. Salvador Allende” (Zona Leste); “E.E. Castro Alves” (Zona Norte) e “E.E. Godofredo Furtado” (também na região do bairro de Pinheiros, em São Paulo) essas três com bem menos intensidade em relação às outras. No caso do NFME, a escola que aparece com maior intensidade no mapa de termos é também a “E.E. Fernão Dias”, mas com não tanta intensidade e próxima da “E.E. Diadema” e também da “E.E. Gavião Peixoto” (região de Perus, periferia da Zona Oeste de São Paulo), uma que não apareceu entre os 100 mais citados actantes do OME. Além disso, a próxima com um pouco mais de intensidade a aparecer foi a “E.E. Oscavo de Paula” (na cidade de São Bernardo do Campo) bem próximo da E.E. “Ana Rosa” e “E.E. Castro Alves”.

De forma geral as duas páginas tiveram citações bastante semelhantes no quesito actantes, demonstrando ter sido um importante espaço para divulgação do cotidiano das escolas, segurança dos próprios estudantes contra forças repressoras do estado e também para divulgar os acontecimentos macro da política de “reestruturação escolar”, porém, indo um pouco mais nos detalhes dos actantes mais citados, percebe-se algumas controvérsias entre as páginas, que às vezes até eram colocadas nas entrevistas e também na análise de outros documentos, ou seja, de que a página d’O Mal Educado dava maior importância às escolas e aos acontecimentos da cidade de São Paulo, com um foco específico nas escolas mais centrais como a E.E. Fernão

Dias Paes. De fato esta foi uma escola de grande visibilidade por todos os meios de comunicação, por isso também apareceu como uma das mais citadas na “Não Fechem Minha Escola”, porém com menos intensidade e mais próximo de outras, mostrando, pelo menos visivelmente uma maior descentralização do enfoque de escolas e indo um pouco além das escolas centrais do município de São Paulo, dando importância significativa também para escolas em cidades como São Bernardo do Campo, Santo André e Mauá. No entanto, essa é uma avaliação somente do número de citações, que não foi possível de se analisar com maior profundidade o conteúdo das publicações em que se encontram. Outro fator também muito interessante de se notar nos 100 actantes mais citados, mas também a partir dos dados de ambas as páginas é o não aparecimento de nenhum movimento social institucionalizado e nem mesmo partidos políticos, o que também pode demonstrar a relevância da luta como sendo autônoma.

3.2.3. A COBERTURA DA GRANDE MÍDIA DURANTE AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS EM 2015: O CASO DA FOLHA DE SÃO PAULO E DO ESTADO DE SÃO PAULO

Como forma de ampliar a análise de dados, complexificando o assunto, além de trazer um contraponto em relação ao que as principais páginas do Facebook relacionados ao movimento diziam, foi feita uma análise e coleta de dados de todas as notícias feitas sobre o assunto durante o mesmo período de tempo (8 de novembro de 2015 até 10 de dezembro de 2015). Para isso, foram escolhidos dois dos principais órgãos de imprensa impressa do estado de São Paulo: Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo. A partir desta escolha, foram acessados os acervos digitais de ambos.

Foi realizada uma análise cuidadosa de todas as edições desse período, observando qualquer citação sobre o assunto; em que parte do jornal estavam sendo citados; se tinham imagens; o tamanho da notícia e a repercussão a partir das cartas dos leitores publicadas. Assim como feito nas páginas de *Facebook* anteriormente analisadas, fez-se um resumo detalhado de cada uma das notícias sobre o assunto, incluindo o tamanho da notícia e se tinha ou não fotografia. Neste processo foram criadas tabelas para organizar esses dados, ao mesmo tempo em que se identificava todos os actantes mencionados. Como forma de facilitar alguma possível relação com os dados das páginas de redes sociais, escolheu-se dividir os actantes pelas mesmas categorias antes utilizadas, mas sempre sabendo que por serem plataformas distintas, as relações entre os actantes seria diferente, havendo também limitações quanto a esse tipo de análise, já

que nas redes sociais o assunto era totalmente voltado para as ocupações e tinham liberdade para publicações em diversos momentos e sem limitações de espaço, enquanto que na imprensa tradicional o espaço é mais limitado, dividido com diversas outras temáticas e sem uma liberdade total.

Observando as edições da Folha de São Paulo do dia 09 de novembro de 2015 até o dia 10 de dezembro de 2015, foram analisadas 31 edições do jornal. Dessas, somente duas delas não tiveram nenhuma menção sobre o movimento de ocupações de escolas e/ou “reorganização escolar” do estado de São Paulo. As edições que não mencionaram foram as do dia 09 e 10 de novembro, demonstrando que o assunto ainda era bastante incipiente, sendo visível nas redes, mas não nos jornais. No entanto, na edição do dia 11 foi observada uma maior relevância dada ao tema, já que a foto principal da capa da edição era de uma manifestação de estudantes da Escola Estadual Fernão Dias, já ocupando a escola. Também foi observada uma notícia de página inteira no caderno “Metrópole” do jornal sobre o assunto.

De forma geral, portanto, as ocupações das escolas, ou o movimento secundarista, apareceu em nove das capas do jornal dentro desse período de cerca de um mês, sendo duas destas a foto de maior destaque, duas ocupando mais ou menos um terço da capa e outra um quarto dela. Nesse período foram na média 3,8 manchetes e/ou notícias por dia sobre o assunto. O dia com maior número de menções foi o dia 05 de dezembro, ou seja, um dia depois da primeira suspensão de Alckmin à reorganização escolar, na semana com o maior número de “trancos” das vias das grandes cidades do estado de São Paulo pelos estudantes, com cenas de muita repressão da polícia e um grande apoio da população, o que foi comprovado com a pesquisa Datafolha, também publicada no início daquela semana.

A partir da coleta de termos e actantes mencionados neste período nas edições do jornal Folha de São Paulo sobre o assunto, foram observados 5982 actantes. O actante mais repetido ao longo das notícias foi “Governador Geraldo Alckmin” com 129 citações, seguido por “Estudantes” com 109 citações. O terceiro mais citado é “Polícia Militar” com 100 citações, seguido por “protesto” com 55 citações, e por “escolas” com 55 citações, depois com “Secretário Herman Voorwald” tendo 52 e “diálogo” com 41.

Por terem sido identificados 2803 diferentes actantes, foi realizada uma divisão por tipos de actantes para facilitar a identificação e também visualização. Nesse sentido, assim como já citado anteriormente, foram utilizadas as mesmas 18 categorias, enquadrando os quase 3000

actantes identificados. Em ordem decrescente em relação ao número de vezes citados, os tipos foram: “Pessoas”, com 1525 actantes (27%); “Escolas” com 806 actantes (14,3%); “Manifestações” com 560 actantes (9,9%); “Políticas Públicas” com 478 actantes (8,5%); “Instituições” com 456 (8,1%); “Locais” com 310 (5,5%); “Forças Repressoras” com 191 actantes (5,1%); “Outros” com 246 (4,3%); “Organização das Ocupações” (2,8%); “Mídia” (2,8%); “Instrumentos Jurídicos” (2,7%); “Movimentos Sociais” (2,2%); “Tecnologias” (1,4%); “Atividades Culturais” (1,3%); “Objetos de Luta” (1,3%); “Documentos” (1,3%); “Mantimentos” (1 %) e “Partidos Políticos” (0,6%);

Dentre os principais exemplos encontrados na categoria “Pessoas” temos “estudantes”; “estudante”; “alunos”; “professores”; “Geraldo Alckmin” (então governador de São Paulo); “Manifestantes”, etc. As “Escolas” citadas são a E.E. Fernão Dias, 48 vezes seguido da E.E. Salvador Allende com 10 citações, e tendo a E.E. Diadema logo depois com 6 citações. No caso de “Manifestações”, dentre os mais citados, tem-se a soma de “Ocupações” com “Ocupação” e “Escolas Ocupadas” resultando em 60 citações, seguida por “Protestos” citados 26 vezes.

Em “Políticas Públicas” o mais citado foi: “Reorganização Escolar” que chega a 66 citações. Em “Instituições” o mais citado foi “Governo” com 71 citações seguido de “Justiça” com 34 citações. Dos “Locais” mais citados tivemos: “País” citada 35 vezes, seguido de “Pinheiros”, citado 16 vezes, e em terceiro lugar a “São Paulo”, com 15 citações.

Na categoria “Forças repressoras” o mais citado foi: “PM” (Polícia Militar) que somado com “PMs” chegam a 63 citações, seguidos por “Policiais” com 17 citações. Em “Organização das Ocupações” temos “Diálogo” com 41 citações seguido de “Reunião” com 13. Em “Mídia” o actante mais citado foi “Reportagem”, 12 vezes. Em “Instrumentos Jurídicos” temos “Decreto” 7 vezes citados. Já em “movimentos sociais”, o mais citado foi “Movimento” de forma geral, citado 20 vezes, seguido de “Sindicato” com 10 citações.

Em “Objetos de Luta” temos termos relacionados a defesa, mobilização ou outros instrumentos durante manifestações dos estudantes, sendo o mais citado “Cartazes” que somado com “Cartaz” resulta em 12 citações, seguido de “Carteira” com 9. Para “Documentos” o mais citado foi “Avaliação” que somado com “exames” e “provas”, chega a 10 citações. Em “Tecnologia” o actante mais citado foi “foto” com 18 citações, seguido de “cartilha” com 8 citações, e “redes sociais”, com 6. Na categoria “Atividades Culturais” o mais citado foi “Show” com 5 citações seguido de “Oficinas” com 3. Em “Mantimentos”, ou seja, os recursos fundamentais para a permanência dos estudantes nas ocupações, o mais citado foi: “comida”

com 7 menções, seguido de “água” com 3. Enquanto que em “Partidos” o PSDB foi novamente o mais citado, com 20 menções.

No campo de “Tecnologias” é perceptível que no caso da Folha de São Paulo tais termos não apareçam como tão relevantes quanto nas páginas de *Facebook* analisadas, ficando somente em 13º entre os 18 grupos de análise. Sendo assim, houve 80 menções ao longo de todo o período, ou seja, 1,4% de todos actantes mencionados. Dentre os 100 actantes mais mencionados e identificados, apenas dois dentro do campo de tecnologias: “foto” e “cartilha”, esta em referência à cartilha divulgada nas redes sociais pelo coletivo O Mal Educado, “Como ocupar um Colégio?” mencionada 8 vezes, demonstrando a importância desse recurso também dentro das análises do jornal, mas mesmo assim estando na 95ª posição de mais citados.

Observando as edições do Estado de São Paulo (Estadão) do dia 09 de novembro de 2015 até o dia 10 de dezembro de 2015, foram também analisadas 31 edições do Jornal. Dessas, somente duas delas não tiveram nenhuma menção sobre o movimento de ocupações de escolas e/ou “reorganização escolar” do estado de São Paulo. As edições que não mencionaram foram as do dia 10 de novembro e do dia 16. Dentre estas edições, 22 tiveram pelo menos alguma citação do movimento de ocupações ou dos secundaristas na capa. Na média foram 4,4 manchetes ou notícias sobre a temática ao longo deste período, sendo o dia 05 de dezembro, assim como na Folha de São Paulo, o dia com mais citações, sendo 12 manchetes ou notícias sobre o assunto, pelos mesmos motivos colocados no caso da Folha: suspensão da “reorganização escolar” pelo então governador e pesquisa recente do Datafolha com dados muito negativos em relação a gestão Alckmin, sem contar os inúmeros “trancos” dos estudantes e muitas cenas de violência por parte da Polícia Militar.

Nas edições do Jornal O Estado de São Paulo sobre o assunto, temos 8126 actantes neste período. Dentre estes, o actante mais repetido ao longo das notícias foi - assim como nas duas páginas de *Facebook* anteriormente avaliadas - “Estudantes” com 216 citações, seguido de “Alunos” com 207 citações. O terceiro mais citado é “reorganização” com 137 citações, seguido por “Governo Geraldo Alckmin” tendo 137 e “Escolas Ocupadas” com 110.

Foram identificados 3687 diferentes actantes, classificados nas 18 categorias definidas anteriormente. Em ordem decrescente em relação ao número de vezes citados, os tipos foram: “Pessoas”, com 2022 actantes (24,9%); “Escolas” com 1098 actantes (13,5%); “Políticas Públicas” com 864 actantes (10,6 %); “Manifestações” com 852 actantes (10,5%); “Instituições” com 640 (7,9%); “Locais” com 578 (7,1%); “Forças Repressoras” com 457 actantes (5,6%); “Outros” com 328 (4 %); “Instrumentos Jurídicos” (3%); “Movimentos

Sociais” (3%); “Organização das Ocupações” (2,8%); “Tecnologias” (1,5%); “Atividades Culturais” (1,2%); “Mídia” (1,1%); “Documentos” (1,11%); “Partidos Políticos” (1%); “Objetos de Luta” (0,9%) e “Mantimentos” (0,3%).

Na categoria “Pessoas” temos principalmente os termos “estudantes”; “alunos”; “Geraldo Alckmin”; “Manifestantes”; “professores” e etc. Em “Escolas” as mais citadas foram a E.E. Fernão Dias, 33 vezes, seguido da E.E. Diadema com 5 citações. Em “Políticas Públicas” o termo mais citado foi: “Reorganização Escolar” que chega a 137 citações. Na categoria “Manifestações”, dentre os mais citados tem-se a soma de “Ocupações” com “Ocupação” e “Escolas Ocupadas” resultando em 172 citações, seguida por “Protesto” citados 65 vezes.

Em “Instituições” o mais citado foi: “Governo” com 84 citações seguido de “Estado” com 46 citações. Na categoria “Locais” entre os mais citados tivemos: “São Paulo” mencionada 25 vezes, seguido de “Pinheiros”, citado 21 vezes, e em terceiro lugar “prédio”, com 21 citações. No caso de “Forças repressoras” o mais citado foi: “PM” (Polícia Militar) que somado com “Polícia” e “Polícia Militar” chegam a 96 citações, seguidos por “Bombas” com 13 citações.

Em “Instrumentos Jurídicos” temos “Reintegração de posse” 17 vezes citados junto com “Decisão” com o mesmo número. Já em “movimentos sociais” o mais citado foi o termo “Movimento” de forma geral, citado 30 vezes, seguido de “APEOESP” com 15 citações. Em “Organização das Ocupações” temos “Diálogo” com 36 citações seguido de “Discussão” com 16; “Mídia” trata-se dos órgãos de imprensa e seus instrumentos, sendo o mais citado: “Estadão”, citado 21 vezes. Na categoria “Tecnologia” o mais citado foi “foto” com 17 citações e “Web” com 16 citações.

Os termos mais citados em “Atividades Culturais” foram: “Shows” e “Virada Ocupação” cada um com 6 citações, seguido de “Atividades” com 4. Na categoria “Documentos” os mais citados foram: “Saresp” e “Prova” ambos com 15 citações. Novamente, em “Partidos” o PSDB foi o mais citado, com 33 menções. Em “Objetos de Luta” o mais citado foi “Grande faixa” que somado com “faixa” resulta em 14 vezes citados, seguido de “Cartazes” com 6 citações. Em “Mantimentos” o mais citado foi: “papel” com 3 citações, seguido de “água” com 2 menções.

No campo de “Tecnologias” temos que dentre os 18 grupos, ela se encontra somente em 12º (levemente superior se comparado com a Folha de São Paulo) com a citação de 123 actantes, o que significa (1,5%), portanto, demonstrando também pouca relevância tratada pelo jornal em relação a essa questão pelo movimento. Dos 100 actantes mais mencionados, também

encontramos somente dois da categoria “Tecnologias”, que no caso foram: “foto” com 17 citações e “web”, ou seja, as redes digitais de uma forma geral na 58ª posição sendo citada 16 vezes.

Figura 18: MAPA DE TERMOS 4: 100 Termos mais citados no “Estado de São Paulo” dentro do período analisado.

Fonte: Produção própria a partir do software *Iramuteq*.

Observando de uma forma mais ampla os principais actantes mencionados dentro deste período tanto na “Folha de São Paulo” quanto no “Estado de São Paulo” a partir dos dados específicos analisados, mas também com o mapa de termos dos 100 mais citados, podemos tirar algumas conclusões gerais. Observando os actantes com maior destaque nos dois mapas, é possível perceber que em ambos os mais citados foram: “Estudante” e “Escola”, tendo uma maior proporção de “aluno” para o Estado de São Paulo mas que na Folha mostrou-se

importante também. Depois destes, é possível perceber a importância de: Polícia Militar - com mais intensidade na Folha -; “protesto” também com maior intensidade na Folha; “Governador Geraldo Alckmin”; “Reorganização” e “Ocupação”.

No campo de localidades mais citadas, vemos que a E.E Fernão Dias aparece com mais intensidade na Folha de São Paulo, assim como “São Paulo”; no caso do Estadão os dois também aparecem, mas com bem menor intensidade. A outra única escola que aparece entre os 100 mais citados da Folha de São Paulo foi E.E. Salvador Allende (Zona Leste de São Paulo), mas com menor intensidade. No caso do Estadão não aparece nenhuma outra escola entre os 100 mais citados. Outras localidades que também aparecem na Folha são: “Av. Paulista”; “Zona Oeste”; “Pinheiros” e “Osasco” também em menor intensidade. No caso do Estadão: “Zona Sul” e “capital”, mas ambos com bem pouca intensidade. Demonstra-se, a partir da observação das citações de actantes, que os dois órgãos tradicionais de imprensa aqui analisados deram maior foco tanto para a capital de São Paulo quanto para a E.E. Fernão Dias, o que comprova a perspectiva vista em entrevistas de que a Fernão era o local mais privilegiado no âmbito de visibilidade na mídia. Assim, as especificidades de outras localidades quase não apareceram, somente em poucos momentos, sendo somente “Osasco” entre os 100 mais da Folha de São Paulo como uma localidade fora da capital.

Outras questões interessantes que apareceram nesses mapas é uma certa importância dada por ambos a movimentos mais institucionalizados da política, incluindo partidos políticos. Enquanto em nenhuma das páginas encontrou-se nenhum destes entre os 100 mais citados, no caso da Folha é possível observar: “sindicato”; “Apeoesp” e “PSDB”. Enquanto no Estadão podemos ver: “Ubes”; “Apeoesp”; “PSDB” e “MTST”. É verdade, no entanto, que nenhum destes aparece em grande intensidade, mas aparecem em ambos entre os 100 mais citados, o que demonstra que ainda assim os órgãos tradicionais de imprensa traziam estes actantes para tentarem explicar o momento. O que podemos perceber nas entrevistas quando estudantes diziam que a imprensa não entendia muito bem a organização do movimento por sua horizontalidade, e relacionam a força também à novidade.

3.2.4. AS ENTREVISTAS QUALITATIVAS: DIFERENTES PONTOS DE VISTAS E OS ACTANTES MENCIONADOS

Parte fundamental da presente pesquisa esteve na coleta de dados a partir de metodologias qualitativas, com foco em entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados 10

estudantes que participaram das ocupações durante o ano de 2015. Todas as entrevistas tiveram pelo menos mais de um encontro, sendo o primeiro feito sem nenhum equipamento de gravação ou roteiro prévio, simplesmente para nos conhecermos e conversarmos um pouco sobre aquele período. Depois dessa primeira conversa era perguntado ao fim se poderíamos marcar mais um encontro, agora com gravador de voz, e em alguns casos com gravação de vídeo (que ocorreu somente com dois dos entrevistados). A ideia de um encontro prévio foi de podermos nos conhecer, para que o entrevistado ficasse mais à vontade na relação pesquisador-entrevistador e criar uma maior familiaridade e abertura para o momento da entrevista.

A escolha dos entrevistados se deu a partir da técnica do *snowballing* (Bola de Neve), onde, a partir de um primeiro contato com uma estudante que participou das ocupações, indicada por um amigo professor da rede pública, foram sendo indicados outros contatos. Assim, o primeiro contato com a estudante indicada foi feito via redes sociais. ela indicou mais três contatos (dos quais apenas um resultou em entrevista, por questões de disponibilidade), e assim foram seguindo as indicações, sendo alcançado um número de cinco entrevistas. Por perceber que estava tendo contato maior com estudantes de um campo mais independente ou autonomista, fui para uma rede de estudantes e a partir da Página de Facebook “Não Fechem Minha Escola” (que tem administradores com maior proximidade com partidos políticos ou entidades políticas), entrei em contato para falar com estudantes que participaram das ocupações dentro de um outro viés. Consegui o contato de um estudante, que da mesma forma que a primeira estudante que entrevistei, foi me passando outros contatos. Nesse sentido, entrevistei cinco estudantes a partir dos contatos da primeira estudante e cinco estudantes a partir do contato do outro. Por conta do perigo que alguns dos estudantes sofrem por perseguições em relação a polícia militar e outros órgãos ou entes repressivos, foi escolhido retirar o nome de todos os entrevistados os numerando de 1 a 10.

Figura 19: Tabela de Entrevistados

ENTREVISTADO	GÊNERO	DATA	DURAÇÃO	ESCOLA	ESCOLA QUE OCUPOU
Entrevista 1	Feminino	10/2018	45min24s	E.E. Fernão Dias Paes	E.E. Fernão Dias Paes
Entrevista 2	Masculino	05/02/2019	1h18min	E.E. Fernão Dias Paes	E.E. Godofredo Furtado
Entrevista 3	Masculino	27/03/2019	1h49m	E.E. Deputado João Doria	E.E. Deputado João Doria
Entrevista 4	Feminino	27/11/2019	1h08min	E.E. Padre Anchieta	Sem especificidade
Entrevista 5	Feminino	16/12/2019	1h20m	ETEC Guaracy Silveira	E.E. Gavião Peixoto
Entrevista 6	Masculino	10/01/2020	1h23m	E.E. Professor Antônio Viana de Souza	E.E. Conselheiro Crispiniano
Entrevista 7	Masculino	23/01/2020	1h10min	Colégio Equipe	E.E. Fernão Dias Paes
Entrevista 8	Feminino	12/02/2020	49min21s	E.E. Emygdio de Barros	E.E. Emygdio de Barros
Entrevista 9	Feminino	02/2020	54m32s	E.E. Professor Antônio Viana de Souza	E.E. Conselheiro Crispiniano
Entrevista 10	Feminino	12/03/2020	01h06m	E.E. Gavião Peixoto	E.E. Gavião Peixoto

FONTE: Produção própria.

A primeira entrevista aconteceu em outubro de 2018, após um primeiro encontro na região central de São Paulo em um espaço cultural onde a entrevistada ensaiava uma peça teatral com o coletivo do qual faz parte. Depois desse encontro de quase uma hora, deixamos agendada uma entrevista no futuro. A entrevista foi realizada em uma praça também na região central de São Paulo. A gravação do áudio foi feita por um gravador e houve também gravação em vídeo. No total foram 42 minutos e 24 segundos de entrevista.

A primeira entrevistada, moradora do bairro do Campo Limpo, região Sul do município de São Paulo, participou ativamente do movimento de ocupações em 2015. Naquele período estudava na Escola Estadual Fernão Dias Paes e ajudou a ocupá-la desde o início do processo. Observando mais atentamente sua entrevista a partir das citações de termos (foram identificados 575, contando as repetições), temos que o actante mais citado, de forma geral, foi “escola”, que se somados com “escolas” resulta em 35 citações. O segundo mais citado foi “pessoas” com 18 citações; seguido de “estudantes” com 12 citações.

Por termos 373 termos diferentes citados, também se dividiu por tipos como feito nas análises anteriores, para que facilitasse a observação e análise. Assim, temos em ordem decrescente: “Pessoas” com 119 citações; “Escola” com 97 citações; “Manifestações” com 67 citações; “Movimentos Sociais” com 47; “Organização das Ocupações” com 44; “Outros” sendo citados 40 vezes; “Tecnologias” com o 39; “Locais” (33); “Instituições” (27); “Políticas Públicas” (24); “Forças Repressoras” (13); “Mídia” (11); “Atividades Culturais” (7); “Objetos de Luta” e “Documentos” com apenas 1.

Para evidenciar os principais actantes de cada um dos grupos aqui organizados, temos que em “Pessoas” o mais citado é “Pessoas” como geral, em 24 vezes, seguido de “estudantes”, 14 vezes. No grupo determinado como “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a “Escola Estadual Fernão Dias” com 4 citações (muito provavelmente por ela estudar lá e ter ocupado a mesma); sendo que de forma geral o mais citado desse campo é “Escolas” com 21 citações. Em “Manifestações” temos “Ocupação” com 11 citações. Para “Movimentos Sociais”: “Movimento” com 11 citações, seguido de “Movimentos”, de modo geral, citados 9 vezes. Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “panfletos” com 5 citações, seguido de “materiais” com a mesma quantidade de citações. Em relação a entrega de panfletos, podemos ver a importância de tal na seguinte fala da entrevistada: “Cabulei muita aula para entregar panfletos em várias escolas. Ia à noite, ficávamos no período da tarde e noite. Ficávamos a tarde conversando com o pessoal que entrava na escola, com os professores... nas manifestações. Então foi todo um trabalho de diálogo, de estar ali.” (ENTREVISTADA 1, 2018). Nessa fala é importante lembrar que esse tipo de divulgação aconteceu com maior incidência depois que a entrevistada já tinha começado a ocupação na E.E. Fernão Dias Paes.

No campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é “informações”, no sentido de distribuição delas, com 5 citações, seguida de “página do *Facebook*” com 4, assim como “Grupos do WhatsApp” com a mesma quantidade. Para trazer um comentário mais específico sobre o “WhatsApp” para a luta segundo a entrevistada: “Ai o WhatsApp era mais na questão de pegarmos os materiais e passar para os grupos da sala, nossos próprios, e mandar para as pessoas. Publicar no Facebook porque tinha bastante gente da escola.” (ENTREVISTADA 1, 2018), é possível notar a importância destes para a divulgação geral do que faziam para os próprios alunos, novos alunos e a população como um todo.

No caso de “Locais” o primeiro é “Mundo” com 10 citações, seguido de “casa” com 3. A “Instituição” mais citada pela entrevistada foi “Universidade” (8) que aparece com maior

intensidade na última questão que foi especificamente sobre o papel das universidades nos movimentos sociais, lembrando, como já colocado em uma citação dela anteriormente, uma visão bastante crítica sobre o papel tradicional da Universidade, mas também falando da importância e de possibilidade desta com os movimentos sociais; seguido de “Estado” (3). Em “Políticas Públicas” o mais citado é a “Reorganização Escolar” com 18 citações. Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “embate” 3 vezes. Para “Mídia”, o maior exemplo é “Matéria” citadas 5 vezes, nesse caso é interessante notar como a matéria da Folha de São Paulo (publicada no dia 23 de setembro sobre a reorganização escolar) foi também importante em sua fala, evidenciando que souberam sobre essas grandes transformações a partir da mídia antes de qualquer coisa: “Nós já estávamos sabendo pela matéria da Folha, mas como foi uma coisa de supetão, não tínhamos muitas informações daquilo.” (ENTREVISTADA 1, 2018). Para “Objetos de Luta”, foram citados 8 diferentes, sendo cada um somente uma vez: “Faixas”; “Tambores”; “Bandeiras”, etc. “Atividades Culturais” também foram 8 diferentes com uma menção cada, ex: “palestras nas escolas”; “violão”, etc. E “Documento” apenas um com uma citação sendo o próprio termo “Documento”.

O campo de “Tecnologias” ao longo da entrevista, portanto, aparece com algum grau de relevância, mas não muito expressivo. Ficando em sétimo dentro das 15 possíveis identificadas nessa entrevista em específico. Em “Tecnologias” foram identificados 39 actantes, quantidade que vale 6,78% do total identificado. Dos mais mencionados, temos o primeiro em 21º com “Informações” e 5 menções; o 2º mencionado, que no geral ficou em 28º foi “páginas do *Facebook*” com apenas quatro menções. Como já mencionado, o papel das redes sociais para a entrevistada aparece com relevância e importância, mas no geral para divulgação de informações e ampliação da luta, podemos ver isso com mais evidência nesse momento:

E as redes sociais tiveram papel muito importante nisso, que era onde mais vinculávamos rapidamente as informações. Publicava textos, compartilhava, as pessoas ficavam sabendo... inflamou mais a parte das pessoas ficarem sabendo do que estava acontecendo pelo Facebook, por compartilhar matéria online, que os jornais publicavam. Os eventos das manifestações... (ENTREVISTADA 1, 2018).

Figura 20: MAPA DE TERMOS 5 : Entrevista 1 - 50 Termos mais mencionados.

Fonte: Produção própria com uso do software *Iramuteq*.

A partir da análise dos dados e observando o mapa de termos com os 50 mais mencionados pela Entrevistada 1, é possível perceber com grande intensidade a fala de “Escola” seguido de “Movimento”, “ocupação” e “estudante”. Dentro destas não se vê muita distinção entre as análises de páginas de Facebook e da Imprensa. As próximas mais citadas foram: “professor”; “material”; “panfleto”; “manifestação”; “universidade” e “página”. Alguns outros que apareceram e que se mostram interessantes de comentar foram: “Fornão”; “Ocupação das escolas”; “O Mal Educado” e “reunião”. Com esses actantes citados, percebe-se, além dos

maiores já tradicionais, a relevância das tecnologias digitais, a organização das ocupações e a importância do coletivo, O Mal Educado, que a entrevistada coloca como fundamental na divulgação da Cartilha mas também, de forma mais geral; assim como a página “Não Fechem Minha Escola” ela diz: “(...) foram pessoas muito importante para o movimento, tiveram uma influência muito grande, principalmente de divulgação para as páginas terem explodido durante o movimento de ocupação, e pela veiculação desses materiais.” (ENTREVISTADA 1, 2018). Percebe-se que, na fala da entrevistada, pouca importância foi dada para movimentos sociais institucionais e partidos políticos, pois nenhum apareceu em seus 50 mais citados, inclusive nesse sentido ela respondeu de forma bastante crítica, como é possível de se ver na seguinte fala sobre a relação destes com o movimento, a partir de sua perspectiva:

Muita treta, porrada... muita, muita muita treta. Porque o que acontece, quando estávamos organizando, vimos que aquilo não ia dar em nada, que no final ia ser igual a greve dos professores, o sindicato ia aparelhar com o estado, fazer um acordo... a reorganização ia continuar e todo mundo ia se ferrar. Falamos: não queremos isso, queremos alguma coisa realmente efetiva. E já tínhamos treta com o movimento estudantil porque, eles nunca chegaram com a gente, nunca estiveram na periferia... então, qual é o papel desses caras, sabe? Será que é realmente efetivo o papel que eles tinham? E aí a gente falou... não, vamos construir uma coisa alternativa a isso, não queremos ter nossa luta vendida, no final das contas vai ser isso e vamos construir uma coisa alternativa. (ENTREVISTADA 1, 2018).

O contato com o segundo entrevistado foi feito por indicação da primeira entrevistada. A princípio o conheci visitando eventos que ele e um grupo de pessoas estavam organizando em seu bairro, Jd. João XXIII (Zona Oeste de São Paulo), iniciativa da qual passei a fazer parte depois de um tempo. Em específico sobre essa pesquisa, marcamos uma conversa no mês de janeiro de 2019 em uma lanchonete da região central de São Paulo, próximo de onde o entrevistado estava trabalhando na época. Na conversa falamos de muitas de suas experiências durante as ocupações e de manifestações sociais de uma forma mais geral. Depois disso marcamos de fazer uma entrevista gravada no seu bairro posteriormente. A entrevista aconteceu no mês de fevereiro de 2019 no CEU Uirapuru no bairro do Jd. João XXIII, sendo a gravação feita por áudio a partir de um gravador e de vídeo. Ao todo foram 1h e 18 minutos de entrevista.

O Entrevistado 2 também participou ativamente do movimento de ocupações de 2015. Naquele período era também estudante da E.E. Fernão Dias, no período noturno. Mesmo tendo começado na ocupação do Fernão Dias, durante aquele período acabou passando mais tempo em uma outra ocupação, a da Escola Estadual Godofredo Furtado, também na região de Pinheiros (em São Paulo). Sobre isso, o entrevistado afirmou: “[A] que eu mais fiquei foi a Godofredo. E a que mais gostei de ficar, me identifiquei mais com as pessoas, me senti mais a

vontade. É que no Fernão eram pessoas de lá mas mais as de manhã, então conheci naquele momento também o Godofredo, mas tive maior afinidade.” (ENTREVISTADO 2, 2019). Foram identificados 661 termos, sendo o mais citado, de forma geral, “pessoas”, com 23 citações. O segundo mais citado foi “ocupações” com 20 citações; seguido de “cursinho” 19 vezes, nesse caso “cursinho” apareceu como um actante relevante pois ao longo da entrevista tratamos do cursinho Livre do qual eu também faço parte e que tem bastante relação com as ocupações, mas por ele ser um dos primeiros a pensar e organizar este cursinho, acabou aparecendo com bastante força em sua entrevista.

Por termos 349 actantes diferentes citados (excluindo as repetições), também se dividiu por categorias, como feito nas análises anteriores. Assim, temos em ordem decrescente: “Pessoas” com 150 citações; “Escola” com 94 citações; “Manifestações” com 89 citações; “Locais” 64 vezes; “Organização das Ocupações” com 61 citações; “Movimentos Sociais” com 57; “Outros” sendo citados 32 vezes; “Tecnologias” com 28; “Políticas Públicas” 23; “Forças Repressoras” e “Instituições” ambos com 17 cada; “Mídia” (11); “Atividades Culturais” (7); “Mantimentos” (6); “Objetos de Luta” (4) e Partidos Políticos (2).

Para exemplificar os principais actantes de cada um dos grupos aqui organizados, temos que em “Pessoas” o mais citado é “Pessoas” com 23 citações, seguido de “melhor amigo”, 8 vezes. No grupo determinado como “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a Escola Estadual Fernão Dias com 16 citações; seguido pela E.E. Godofredo Furtado com 4 citações, respectivamente a escola onde estudou e a escola que ocupou. Em “Manifestações” temos: “ocupações”, com 20 citações. No caso de “Locais”, o primeiro é “Jd. João XXIII”, bairro onde reside, com 7 citações, seguido de “Cidade” com 5, essa tem relação a uma luta específica do entrevistado sobre o acesso a cidade, sua militância no Passe Livre e pelo fim das catracas, algo nesse sentido pode ser visto na seguinte fala: “Acho que quando você tem acesso a cidade você começa a descobrir as novas catracas né? E aí quando a gente descobriu, acabou querendo também passar essas, que era eu acho a reorganização escolar.” (ENTREVISTADO 2, 2019), inclusive falando como essa pauta foi influente, na sua percepção, para a eclosão das próprias lutas contra a reorganização escolar. Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “ambiente autônomo” com 6 citações, seguido de “reuniões” e “processo” com 5 cada um. Nesse sentido, sobre a organização autônoma e as transformações disso ao longo das ocupações, a seguinte frase se mostra de grande importância:

Porque é isso, transformamos isso em outra coisa. Pois uma coisa é uma pessoa da universidade falar como funciona, e outra é como fazemos. Pois a nossa experiência é essa e fizemos desse jeito. Percebemos que funcionava, que nos sentíamos mais à vontade assim, pois se você for ver em qualquer ambiente que tem qualquer tipo de hierarquia sempre vai ter conflito. Pois uma pessoa que é submissa a outra, em algum ponto a pessoa vai ficar brava, irritada... se não falar ela está se retraindo a isso. E não precisamos mais nos retraindo, e era muito isso, estudantes secundaristas que sempre foram podados dentro das salas de aula, não podiam falar, fazer aquilo, nada. Nunca que essas pessoas provavelmente iriam falar assim “Não, eu quero que você mande em mim”, então não queríamos mais aquilo. Então foi um processo muito louco, até com os educadores nossos da época, que vieram dar aulas e apoiaram a ocupação, foi um processo pra eles, de falarmos que agora é diferente, acho que aceitaram bem mas também é complicado de falarmos: “agora funciona desse jeito, você vai sentar conosco na roda e não vai ser central, vai sentar do nosso lado, você vai falar mas nós também”. Então foi muito esse processo de pensar: “Porra, é isso, quebramos alguma coisa aqui, alguma rachadura nós fizemos e foi muito bom pra gente” (ENTREVISTADO 2, 2019).

Para “Movimentos Sociais”, “Cursinho” apareceu com 21 citações, seguido de “Passe Livre”, citados 5 vezes. O aparecimento de tais actantes se justifica tanto pela atuação pessoal do entrevistado quanto pelas influências e legados das ocupações de 2015: o Entrevistado 2 foi parte do MPL, movimento que iniciou os protestos de junho de 2013, sendo uma das influências das ocupações dos secundaristas. O cursinho aparece com recorrência uma vez que, após as ocupações, diversos estudantes “deram sequência” às experiências das ocupações, organizando cursinhos livres a partir de um viés libertário, também na busca por uma outra educação. O entrevistado 2 e alguns colegas iniciaram a construção de um Cursinho Livre no bairro Jd. João XXIII, nomeado de Cursinho Livre Claudia Silva Ferreira, em homenagem a Claudia, mulher negra e periférica assassinada no Rio de Janeiro pela polícia no ano de 2014, tendo o seu corpo arrastado pela viatura nas ruas da cidade (LIMA, et. al, 2018).

No campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é “Página do *Facebook*” com 4 citações, seguido de “*Whatsapp*”, e “Câmera” com 3 citações cada. Em “Políticas Públicas” o mais citado é “Passe Livre Estudantil” com 9 citações, também evidenciando sua militância voltada para as questões de direito à cidade, seguido de “Reorganização Escolar” com 4. Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “polícia”, 4 vezes. A “Instituição” mais citada pelo entrevistado foi “Universidade” (3); Para “Mídia”, o maior exemplo são “Mídias” citadas 3 vezes, e em “Atividades Culturais” o mais citado foi “Filme”, 4 vezes, que tem relação com o fato de este estar envolvido com trabalhos no campo do audiovisual e inclusive na produção de filmes a partir de editais públicos; “Mantimentos” foi “comida” (4), e em “Partidos Políticos” foi citado o Partido dos Trabalhadores uma única vez. A falta de menções para Partidos Políticos e movimentos sociais mais institucionalizados pelo entrevistado pode ter relação com

a sua visão negativa em relação a estes, que no caso é evidenciada em algumas de suas falas, como essa:

Fomos nós, estudantes autônomos que dissemos, vamos ocupar. Eu nunca tinha visto entidade estudantil na escola, eu nem sabia da existência, nem sabia como funcionava. Como eles estavam nas escolas? Como ajudaram? Nunca nem vi. Acho que por ser um ambiente autônomo tinha atritos... sempre deixamos muito claro que não entraria com bandeira, camisa... porque é isso, é um ambiente autônomo e eu acho que para mantermos essa luta autônoma foi uma coisa complicada, mas conseguimos... acho que a imagem que passa é de um ambiente autônomo, não partidário... um ambiente realmente de estudantes que se organizaram sozinho e fizeram, e é isso, essa é a imagem passada... mesmo com muita gente tentando se apropriar. (ENTREVISTADO 2, 2019).

Mesmo trazendo essa controvérsia necessária para explicação do movimento, o entrevistado também disse que de forma geral, até onde ele participou e conheceu, os integrantes de movimentos sociais mais institucionalizados e partidos políticos foram bastante respeitosos em relação a essa ideia autônoma de grande parte das ocupações, algo que viu com maiores problemas posteriormente quando alguns destes tentaram se apropriar da luta para ganhos políticos partidários.

Ao longo da entrevista, actantes dentro do campo da “Tecnologia” apareceram 28 vezes. No geral foi o 8º tipo mais mencionado de 16 dos identificados nesta entrevista, o que demonstra ter relevância, mas também não tão expressiva em relação a outras categorias, se avaliarmos somente o número de citações. O mais citado nesse campo foi: “Página do *Facebook*” com 4 citações e em 30º lugar geral; seguido de “*Whatsapp*” em 40º lugar, com apenas 3 citações, seguido de “Câmera” e “Audiovisual” ambos com duas menções e em 62º; “Imagem” também com a mesma quantidade. Sobre o papel das redes digitais como um todo, o entrevistado falou: “As redes sociais têm um papel gigante na vida hoje e nas manifestações de 2015 foi gigante também. Até me assusta um pouco, mas foi... amplificou a luta de uma maneira gigante, real.” (ENTREVISTADO 2, 2019). Algo também interessante de se notar sobre a interação transorgânica (DI FELICE, 2017) ou da complementação recíproca dos atos nas ruas e o papel das redes digitais nesse sentido, pode ser visto quando o entrevistado diz: “Eu terminava o ato e logo já íamos para a Internet e tinha muita visibilização, muito mesmo. Para se comunicar, principalmente os jovens! Diziam, porra, tá acontecendo ocupação, atos... aí os atos ficavam muito grande por isso, acho que muito pelas mídias sociais.” (ENTREVISTADO 2, 2019).

Figura 21: MAPA DE TERMOS 6 - Entrevista 2 - 50 Termos mais citados .

Fonte: produção própria a partir do software *Iramuteq*.

Ao observarmos os dados da entrevista 2 em conjunto com o mapa dos 50 termos mais citados, é possível perceber o padrão de “escola” e “ocupação” aparecerem como os principais, seguido, no caso desta entrevista, de “curso”, “manifestação”; “Fernão Dias” e “mãe”. No caso de “mãe” é interessante como essa actante se mostra como fundamental ao longo da fala do entrevistado, tanto em influências para ser quem é, quanto em dificuldades e até medo por parte de sua militância, sobre isso podemos ver em sua fala sobre como sua mãe se sentiu quando ele começou a participar das ocupações:

Sim, ela pediu pra eu voltar, não dormir lá, não ficar de jeito nenhum. As ocupações sempre foram um processo muito complicado com a minha mãe; Lógico que com o tempo ela se acostumou, mas no começo foi muito complicado, você não vai dormir lá, tem muita polícia, eles vão te pegar, te bater, te prender... é aquele medo inerente da polícia que você tem desde pequeno quando você é pobre, quando você tem mãe preta, enfim... essas questões que tipo, você tem... ela tinha um medo que ela nem sabe explicar, é bem louco. Por que eu converso com ela e ela só tem um medo... a polícia vai bater e você ter essa noção do órgão do Estado é muito louco. Foi sempre complicado. Sempre é, a militância é sempre mais complicada para minha mãe do que para mim (ENTREVISTADO 2, 2019).

Algumas outras citações importantes de serem mencionadas foram as relacionadas com organização das ocupações como: “ambiente autônomo”; “autonomia”; “reunião”, “comissão” e “discussão”. No caso de Tecnologias: “*Whatsapp*”; “Câmera”; “Página do *Facebook*”. Além disso, também não encontramos movimentos institucionalizados e nem partidos políticos em seus principais actantes, aparecendo apenas movimentos autônomos como: “Cursinho Livre Cláudia Silva Ferreira”; “Movimento Passe Livre” e “O Mal Educado”.

O terceiro entrevistado, foi o primeiro contato que tive depois de falar com os moderadores da página “Não Fechem Minha Escola”. Nosso primeiro encontro aconteceu em fevereiro de 2019 no shopping Vila Olímpia (Zona Sul de São Paulo), pois este ficava ao lado do local de seu estágio. Falamos sobre seus pontos de vista em relação às ocupações de 2015, o futuro do movimento e outras questões da área de comunicação e política. Depois disso marcamos um novo encontro para a entrevista. Esta aconteceu um mês depois, no mesmo espaço e sendo feita somente a gravação do áudio. Ao todo a entrevista gravada teve duração de 1h49min.

O entrevistado é morador do bairro Itaim Paulista (região Leste do município de São Paulo) e participou das ocupações quando ocupou, com outros estudantes, sua escola, a E.E. Deputado João Dória na mesma região onde reside. O entrevistado passou a fazer parte do PSOL por um tempo depois das ocupações, mas hoje não faz mais. Atualmente estuda jornalismo e faz estágio em uma empresa de jornalismo de dados. Antes de começar o movimento de ocupações ele fazia parte de um cursinho da Rede Emancipa no seu bairro. Em sua entrevista foram identificados 1309 termos relevantes, sendo o actante mais citado, de forma geral, “escola” com 58 citações; seguido de “Ocupação” com 45 citações e “galera” com 35 citações.

Por termos 727 termos diferentes (sem contar as repetições) citados, também se dividiu por categorias, como feito nas análises anteriores. Temos então em ordem decrescente:

“Pessoas” com 275 citações; “Escola” com 164 citações; “Manifestações” com 123 citações; “Organização das Ocupações” com 102; “Movimentos Sociais” com 95; “Tecnologias” com 73; “Outros” com 62 citações; “Locais” (54); “Instituições” (47); “Forças Repressoras” (41); “Políticas Públicas” (31); “Mídia” (22); “Mantimentos” (17); “Partidos Políticos” (14); “Atividades Culturais” (5); “Objetos de Luta” (2) e “Documentos” (1).

Para exemplificar os principais actantes de cada um dos grupos aqui organizados, temos que em “Pessoas” o mais citado é “Galera” com 35 citações, seguido de “professor”, 16 vezes. Interessante notar que o termo “Galera” traz uma noção importante de coletividade para essa ação, assim como a importância dos professores para o ponta pé inicial das manifestações e ocupações, como visto na fala do entrevistado:

Na minha escola foi o seguinte... tinha um professor, que não era ligado ao sindicato... primeiro que não fazia parte de humanas, ele era professor de Física, então já fugia do estereótipo. E aí ele pegou e comentou com uma menina, acho que do segundo ano se não me engano. Assim, comentou não, ele inflou mesmo. (ENTREVISTADO 3, 2019).

No grupo determinado como “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a “Escola Estadual Fernão Dias Paes” com 3 citações, pois era a escola mais famosa das ocupadas e era sempre usada como exemplo quando o entrevistado citava as ocupações mais centrais, seguido de “Escola Estadual Deputado João Dória” com 2 citações, que era a sua escola e a que ocupou; Porém, quando avaliado de forma mais qualitativa, é possível ver que “minha escola” aparece 11 vezes, o que significa que nominalmente sua escola é somente a segunda mais citada, mas podemos perceber que esta se torna a primeira visto dessa outra forma com 13 citações, sendo que de forma geral o mais citado desse campo é “Escola” com 58 citações. Em “Manifestações” temos “Ocupação” com 45 citações. Na categoria “Movimentos Sociais”, “Comando” aparece com 22 citações, seguido de “MPL”, citado 7 vezes, sobre o “MPL” pode se ver em sua fala o reconhecimento da importância deste tanto nas manifestações de Junho de 2013 quanto até mesmo para o início do movimento de ocupações de escolas, porém, existe também um certo tom crítico em relação a eles em sua fala:

Esses ativistas já existiam no MPL e foram construindo uma nova geração lá e mais, e foram nascendo e se reproduzindo no MPL, e aí no momento quando pega os estudantes... e essa galera que construiu a cartilha, são filhotes do MPL... é uma galera que pertence a um mesmo núcleo de amigos. O mesmo núcleo de amigos que construiu o MPL foi onde nasceu os carinhas ali, a vanguarda... então tem essa influência direta... agora pensando assim eu vejo que tem essa influência direta. (ENTREVISTADO 3, 2019).

Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “debate” com 8 citações, seguido de “processo” com 5. No campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é “Página” do *Facebook*, com 21 citações, seguida de “Vídeo” com 10. No caso de “Locais” o primeiro é “Bairro” com 5 citações, seguido de “Brasil” com 4. A “Instituição” mais citada pelo entrevistado foi “Secretaria” (6), seguido de “Diretoria” (4). Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “Polícia”, 16 vezes. Em “Políticas Públicas” o mais citado é a “Reorganização Escolar” com 12 citações. Para “Mídia”, o maior exemplo é “Mídia” de forma geral, citadas 6 vezes. Na categoria “Partidos Políticos” o mais citado foi “PSOL” com 10 citações, pois fez parte do PSOL e tinha proximidade com militantes do partido durante o período das ocupações. Além disso, por ter participado como um dos moderadores da página “Não Fechem Minha Escola” o entrevistado afirmou ter pessoas do PSOL envolvidas na página, mesmo estes não colocando a página como parte do partido, nesse sentido vemos:

Um deles era do PSOL, era organizado, era do MES na verdade né (corrente do PSOL) e aí foram esses caras que centralizaram. Falaram: “Primeiro, precisamos centralizar as informações e dar um teor político as ações”. Falar, neste momento estão ocupadas tais escolas, falar o que cada um precisava e tal, foi muito bom. Tinha um caráter político mesmo, mas foi bom... ajudou. Até porque ninguém era especialista em comunicação lá, e acho que foi muito bom. (ENTREVISTADO 3, 2019).

Em “Mantimentos” o mais citado foi “Comida” que somada com “alimentação”, chega a 5 citações. Em “Atividades Culturais” o termo mais citado foi “Graffiti” com 2 citações. Na categoria “Objetos de Luta”, foram citados 2 diferentes actantes sendo cada um somente uma vez: “Faixas” e “Cadeira” e para “Documento” apenas um com uma citação sendo este, “RG”.

No caso desta entrevista, termos dentro do campo da “Tecnologia” apareceram com um pouco mais de frequência, sendo esse o 6º grupo mais mencionado. Nesse caso com 73 menções. Dentre os actantes mais citados, estão: “Página” do *Facebook* logo em 7º com 21 citações; seguido de “Vídeo” em 17º com 10 citações; “Páginas” do *Facebook* no geral aparece logo em seguida, no 22º com 7 citações; “Grupo de *Whatsapp*” em 28º com apenas 7 citações e “Página Não Fechem Minha Escola” com 5 citações; depois, só na posição 62º com “redes sociais” e 4 citações. A importância das páginas nas redes sociais, no geral, segundo o entrevistado estava: “foi por conta dessa coisa né, de contestar ali a forma como a escola estava sendo gerida, mas também quando começou a aparecer casos de violência polícia, caso de violência de professores e diretores contra alunos... a minha escola foi uma dessas.” (ENTREVISTADO 3, 2019). Nesse sentido ele também contou um importante acontecimento de repressão que foi filmado e acabou viralizando nas redes e trazendo maior visibilidade para

a ocupação deles, foi quando o diretor e um irmão - que era policial - tentar invadir a força a ocupação e acabaram dando com uma corrente no rosto de um dos estudantes que filmava a ação:

E o ponto, que foi até bom - depois disso - porque o que aconteceu... nesse processo o diretor estava com cadeado, um amigo meu - meu melhor amigo inclusive - tava olhando na brecha onde se passa o trinco e ele foi e meteu a corrente assim, eu não sei exatamente, tem o video, aí ele meteu na cara do meu amigo a corrente. Ah, lembrei, meu amigo estava filmando na brecha e ele meteu a corrente. Nossa, na página isso aí deu muita repercussão... principalmente, foi em 2015 isso, as redes tinham um peso diferente do que tinham. Aí bombou e foi onde tivemos mais apoio mesmo. Pessoal da Zona Leste, mais de movimento cultural e tal que queria ajudar, viu o que estava acontecendo... aí uma galera da Ermelino Matarazzo, USP Leste, foram lá, levaram comida, grafitaram o muro todo da escola... foi o ponto ápice dos apoiadores. (ENTREVISTADO 3, 2019).

Figura 22: MAPA DE TERMOS 7 - Entrevista 3 - 50 Termos mais mencionados.

Fonte: Produção própria a partir do software *Iramuteq*.

Observando os dados e o mapa com os termos mais citados, podemos observar que “Ocupação” e “Escola” também aparecem com maior intensidade, enquanto num segundo nível vemos “Galera”; “Professor” e “Página” do *Facebook*; alguns próximos com relativa intensidade foram: “reorganização”; “Comando” e “página”. Sobre o Comando das Escolas Ocupadas, é interessante trazer a visão mais crítica deste em relação a eles, pois por fazer parte de uma escola mais periférica, via o Comando como bastante centralizado e pouco familiarizado com as demandas das escolas mais afastadas, nesse sentido afirma:

Talvez tenha impacto em zonas mais metropolitanas, longe disso eu não sei dizer. Mas a polêmica era que o Comando representava um percentual mínimo dos estudantes, e se você pensar no ponto de vista de que se os estudantes tiraram ou não para ser feito... não tiraram, porque eram... tipo... era, enfim. Um setor que estava definindo aquilo. (ENTREVISTADO 3, 2019).

Sobre o papel do Comando no geral, mas também especificamente no momento final das ocupações, quando o Governo tinha voltado atrás em relação a reorganização, mas alguns queriam manter as ocupações para outras demandas, o entrevistado 3 diz: “E aí entra na questão... porque de fato o comando não tinha efetividade... não tinha comando na real, tinha uma puta influência sim, mas não tinha uma efetividade. Porque se fosse assim muitas escolas não teriam desocupado e tal... “(ENTREVISTADO 3, 2019).

No campo das tecnologias, além de “Página” do *Facebook* já ter se mostrado fundamental na fala do entrevistado, alguns outros também foram mencionados como: “Página Não Fechem Minha Escola”; “redes sociais” e “vídeos”. Além disso, movimentos sociais e partidos políticos também apareceram com relevância em sua fala, como: “movimento estudantil”; “comando das escolas ocupadas” (com maior relevância em relação aos outros); “movimento das ocupações”; “MPL” tendo também alguns mais institucionalizados como: “UBES” e “Rede Emancipa”. Partidos Políticos também apareceram como: PSTU e PSOL, evidenciando uma maior relevância destes movimentos e partidos em sua fala, que mesmo com algumas críticas, no geral os vê com mais importância do que os entrevistados do campo mais autônomo.

A quarta entrevista foi com meu primeiro contato, foi a partir dela que cheguei aos outros contatos que entrevistei. Como a entrevistada estava estudando no interior na época, demorou algum tempo para conseguirmos marcar uma conversa presencial e posteriormente uma entrevista. O primeiro encontro ocorreu no mês de setembro de 2019 na Universidade de São Paulo, local escolhido pela entrevistada. Conversamos por mais de duas horas sobre sua experiência no curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e suas principais lembranças sobre o movimento de ocupações em 2015. Depois dessa conversa marcamos uma entrevista, que aconteceu em novembro do mesmo ano apenas com gravação de áudio no Centro Cultural de São Paulo. A entrevista totalizou 1h08min.

A quarta entrevistada vive em Guarulhos (cidade da Grande São Paulo), mas durante as ocupações de 2015 estava estudando na E.E. Padre Anchieta na cidade de São Paulo, que não chegou a ser ocupada. A entrevistada diz que não chegou a ocupar uma escola, mas que participou alguns dias de algumas ocupações - entre a E.E. Carlos de Campos e a E.E. Fernão

Dias - e também manifestações nas ruas, além de eventos chamados pelos secundaristas ocupantes. Ao todo foram selecionados 650 termos (sem contar as repetições), sendo que o mais citado, de forma geral, foi “escola”, com 35 citações. O segundo mais citado foi “pessoas” com 16 citações; seguido de “professores” com 14 citações, este último demonstrando o que a própria entrevistada diz por ser muito próxima de alguns de seus professores.

Os termos também foram divididos por categorias, como feito nas análises anteriores. Assim, temos em ordem decrescente: “Pessoas” com 169 citações; “Escola” com 128 citações; “Locais” com 50 citações; “Outros” sendo citados 42 vezes; “Manifestações” com 42 citações; “Movimentos Sociais” com 41; “Atividades Culturais” (36); “Organização das Ocupações” com 25; “Instituições” tendo 24 citações; “Forças Repressoras” (21); “Mídia” (20); “Mantimentos” (18); “Tecnologias” (16); “Instrumentos Jurídicos” (8); “Objetos de Luta” (3); “Partidos Políticos” (3); “Políticas Públicas” (2); “Documentos” (1).

No grupo determinado como “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a “Escola Estadual Fernão Dias” com 6 citações, mesmo tendo tido maior relação com as pessoas dessa ocupação, a entrevistada reconhece a dificuldade do aumento de ocupações na periferia, pelo menos de início pois: “(...) as escolas periféricas ninguém vai ajudar... na Fernão Dias todo mundo tava de olho. A escola modelo. Era meio abandonadas as escolas periféricas assim, era mais difícil.” (ENTREVISTA 4, 2019). De forma geral o mais citado desse campo é “Escola” com 35 citações, por ela não ter ocupado formalmente uma das escolas e ter acompanhado alguns estudantes que foi conhecendo ao longo de manifestações ou reuniões, acabou conhecendo mais pessoas que ocupavam a Fernão Dias. No caso de “Locais” o primeiro é “Marília” com 4 citações - nesse caso pois ela estudava na UNESP de Marília e essa questão vinha bastante a tona durante a entrevista -, seguido de “Rua” com também 4. Em “Manifestações” temos: “Ocupação” com 8 citações. Para “Movimentos Sociais”: “Cursinho” com 6 citações, no caso ela fez parte do Cursinho Livre da Sé, em tal cursinho a entrevistada também cita como importante para sua formação pessoal e política pois:

(...) no cursinho... o Cursinho Livre da Sé. Nossa, totalmente diferente, os estudantes super querem aprender, se envolvem, dão opiniões, são coisas super interessantes... na escola só ouvimos o professor falar, mas no cursinho você interage, você fala dos seus conhecimentos também, das experiências... constrói junto. Eu fiz em 2016. E era um cursinho que tinha uma organização horizontal assim, então tinha todo mês uma assembleia, os estudantes participavam... não todos né? Eu gostava de ir assim, dar opinião, como estamos sentindo o curso, precisa de mais exercícios assim... alguma atividade fora, de fazermos atividades fora do molde da lousa... essas coisas, com filmes, com discussões sobre livros... (ENTREVISTADA 4, 2019).

E no caso de “Movimento” que somado com “Movimento Secundarista” resulta em 4 citações. Em “Atividades Culturais” temos “show” com 3 citações assim como “documentário” com a mesma quantidade; Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “assembleia” com 5 citações, seguido de “discussão” com 2 citações.

A “Instituição” mais citada pela entrevistada foi “Faculdade” (5), seguido de “Universidade” (4). Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “policiais” 3 vezes. No campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é “internet”, com 4 citações, seguida de “Facebook”; “tv” e “vídeo”, todos com 2 cada. Para “Instrumentos Jurídicos” temos “PEC” como o mais citado, 2 vezes, no caso falava da “PEC 55”, a PEC do “teto” de gastos públicos em 2016 já no governo de Michel Temer. Partidos Políticos específicos foram citados uma vez o PSOL e uma o PT. Para “Objetos de Luta”, “Bandeiras” foi o mais citado, mas apenas duas vezes. Em “Políticas Públicas” o mais citado é a “Reorganização Escolar” com apenas 2 citações.

No caso desta entrevista, o campo de “Tecnologias” apareceu citado somente 16 vezes e ficando em 13º de 18 campos. Dos actantes mais citados por ela nesse campo temos: “Internet” na 28ª posição e com 4 citações; tendo “TV”; “Vídeo” e “Facebook” cada um apenas duas vezes, seguido de “foto” com apenas uma menção e já no 100º lugar. Vê-se, nesse sentido, pouca relevância dada pela entrevistada no campo das tecnologias, pelo menos a partir do número de menções. De forma geral a entrevistada afirma que a importância da internet foi: “Total, porque a gente marcava os atos, marcava na assembleia, mas era divulgado pela internet, fazia o evento e divulgava. A gente se ligava e se falava pela internet, via o que tava acontecendo nas outras escolas pela internet, então foram coisas que utilizamos ao nosso favor” (ENTREVISTADA 4, 2019).

Um dos contatos passados pelo terceiro entrevistado para a continuação da pesquisa foi o da quinta entrevistada, que na época morava no bairro do Campo Limpo (Zona Sul de São Paulo) e participou mais efetivamente da Ocupação da E.E. Gavião Peixoto (em Perus, na Zona Oeste de São Paulo). Essa não era a escola que a entrevistada estudava na época, mas por ser uma escola muito grande e por conhecer as pessoas que organizaram esta ocupação, resolveu ocupar esta escola, o principal motivo para ocupar esta escola em específico:

(...) era mais pra ter gente lá, o foco era mais encher de gente, como a escola é grande e é em Perus, então assim, é perigoso. Eu lembro que o dia que ocupou chamaram a polícia e aí, acho que chamaram a [décima entrevistada] de piranha, pediram o número dela, os policiais, então assim, o foco era ter gente lá, principalmente à noite. Então eu ia pra fazer volume mesmo, ajudava ali, dar uma organizada, mas era mais pra fazer volume (ENTREVISTADA 5, 2019).

Nosso primeiro encontro aconteceu em um escritório na região central de São Paulo, local onde ela trabalhava, e depois dessa conversa marcamos uma entrevista que aconteceu no mês de dezembro de 2019 em uma lanchonete na região de Pinheiros (zona oeste) ocasião em que na parte final da entrevista, o terceiro entrevistado também apareceu e tratando um pouco mais das experiências daquele período. Em sua entrevista, tem-se que o actante mais citado, de forma geral, foi “escola”, com 31 citações. O segundo mais citado foi o movimento “Juntos” com 26 citações; seguido do “ocupações” com 24 citações.

Foram 760 termos selecionados, que também foram divididos nas seguintes categorias: “Pessoas” com 314 citações; “Movimentos Sociais” com 170; “Escola” com 165 citações; “Outros” com 115 citações; “Manifestações” com 103 citações; “Locais” com 81; “Instituições” com 64; “Organização das Ocupações” (52); “Tecnologias” (40); “Partidos Políticos” (38); “Forças Repressoras” (33); “Políticas Públicas” (23); “Mantimentos” (17); “Mídia” (16); “Atividades Culturais” (14); “Instrumentos Jurídicos” (5) e “Objetos de Luta” (5).

Na categoria “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a “Escola Estadual Gavião Peixoto” e “Escola Estadual Fernão Dias Paes” com 4 citações cada; sendo que de forma geral o mais citado desse campo é o termo “Escola” com 31 citações. A Escola Estadual Gavião Peixoto apareceu por ter sido a escola que ela ocupou, já a Fernão Dias devido a sua fama e exemplo de escola mais central, sendo muitas vezes citada de uma forma crítica. “Pessoas” teve 16 citações, seguido de “amigo”, 14 vezes. Para “Movimentos Sociais”, o termo “Juntos” teve 26 citações (movimento ligado ao PSOL e do qual fez parte e que foi muito importante na

construção da Página “Não Fechem Minha Escola”), sobre isso a entrevistada diz que participava do Partido Pátria Livre (PPL) ainda naquele ano de 2015, mas foi se afastando dele, e assim:

a gente já tava discordando um pouco da política do Mutirão [parte do PPL], e aí foi onde a gente percebe, aí a gente começou a flertar com a política do Juntos, do PSOL e tal. E aí a gente falou meu, concordo mais com essa ideologia do que com essa que eu tô atuando, essa é muito getulista, e daí a gente começou a entender o porquê de não ser getulista, enfim. Aí a gente começou a flertar mais com uma política do PSOL, do Juntos, achava a juventude mais assim, sabe. Aí foi um, depois outro, depois fui eu [amigos citados].

Depois desses, no quesito de termos, teve-se “Movimento” com 20. No grupo determinado como “Manifestações” temos: “ocupações”, com 25 citações.

No caso de “Locais” o primeiro é “casa” com 5 citações, seguido de “Diadema” com o mesmo valor. A “Instituição” mais citada pela entrevistada foi “USP” (11) - muito por conta de usar como maior exemplo de universidades quando tratava de falar sobre o papel da Universidade nestes movimentos, seguido de “Governo” (7). Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “reunião” com 6 citações, seguido de “cartilha” com 4 citações. No campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é a página “Não Fechem Minha Escola” com 4 citações, assim como “Evento” do *Facebook*, seguida de “foto” com 3 menções. Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “Medo” 4 vezes. Para “Partidos Políticos” o mais citado foi “PSOL” com 6 citações. Em “Políticas Públicas” o mais citado é “reorganização escolar” com 4 citações. Para “Mídia”, os termos mais citados são “Informação”, “Opinião” e “quadrinhos” com 2 citações cada, e em “Objetos de Luta” o termo mais citado foi “Cadeira” que apareceu duas vezes.

Para a entrevista, encontramos o campo de “tecnologias” em 10º lugar dos actantes mais citados, com 40 citações. Vê-se, portanto, alguma relevância em relação ao tema, mas não muito profunda segundo o número de citações. Dentre os mais citados neste campo: o mais citado foi a página de *Facebook* “Não Fechem Minha Escola” (57º) e “evento” do *Facebook* com apenas 4 citações e em 66º do total, seguido de “foto” com apenas três citações e já na colocação 99º. A importância às redes digitais foi demonstrada pela entrevistada, que deu maior foco a página “Não Fechem Minha Escola”, segundo sua entrevista a página:

Foi um importante canal. Tanto que era gente do Juntos que administrava mas a página você vê que não tem quase nada na época. Não sei, não lembro mais hoje. Mas era sempre muito imparcial, e o Mal educado também foi um canal.

Mas acho que o Não feche mais ainda pela quantidade de curtidas que levantou. (ENTREVISTADA 5, 2019).

Importante ressaltar que nessa fala ela também evidencia a importância do movimento Juntos na organização da página, mesmo que esses conseguindo ser imparciais, pelo menos durante aquele período.

e “UMEs”. A questão tecnológica também aparece com certa relevância em: “Cartilha”; “evento” e a página “Não Fechem Minha Escola”. Além disso, as únicas escolas que aparecem entre os 50 actantes mais citados foram: “E.E. Gavião Peixoto” e “E.E. Fernão Dias”.

A minha sexta entrevista teve seu contato passado para mim pela quinta entrevistada. Nosso primeiro encontro aconteceu em seu local de trabalho no centro da cidade de Guarulhos no mês de dezembro de 2019 em uma conversa bem tranquila do qual ele mostrou muitas questões específicas da luta na cidade de Guarulhos, além de mostrar algumas imagens e grupos do Facebook que foram importantes para o movimento na época. A entrevista mais formalizada ocorreu em janeiro de 2020 no mesmo espaço, tendo ao todo 1h23min de duração.

O sexto entrevistado morava em Guarulhos e durante o período de ocupações em 2015, estudava na E.E. Professor Antônio Viana de Souza, da qual lembra com muito carinho e diz que já tinha uma base de professores e alunos mais progressistas e foco em diferentes atividades no campo artístico. Nesse sentido, acredita que foi mais fácil para o movimento de Guarulhos que os estudantes de sua escola entrassem para o movimento contra a reorganização escolar em poucas escolas para concentrar mais alunos e forças e não dispersar. Por este motivo ocupou a E.E. Conselheiro Crispiniano, que era central, maior e tinha uma diretora que estava atacando fortemente os estudantes que queriam ocupar. De forma geral, o termo mais citado foi “escola” com 50 citações, seguido de “alunos” com 47; e de “escolas”, citado 28 vezes.

Foram 594 termos selecionados, sendo estes divididos em categorias: “Pessoas” com 269 citações; “Escola” com 219 citações ; “Manifestações” com 200 citações; “Tecnologias” com 77; “Instituições” com 75 citações; “Movimentos Sociais” com 58; “Outros” (50); “Organização das Ocupações” com 49 (4,10 %); “Forças Repressoras” (45); “Locais” (37); “Políticas Públicas” (31); “Atividades Culturais” (24); “Mídia” (19); “Mantimentos” (16); “Partidos Políticos” (10); “Instrumentos Jurídicos” (8); “Objetos de Luta” (5) e “Documentos” (3).

Em “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a “Escola Estadual Professor Antônio Vieira de Souza” com 21 citações, pois essa era a escola que estudou durante o ensino médio e que sempre coloca como essencial para sua formação cultural e política. Nesse sentido ele afirma:

Não sei, mas eu digo que o Viana foi essencial, sem ele talvez eu não tivesse aqui hoje, provavelmente eu não estaria. Foi essencial na formação, foi essencial na visão crítica, os professores, porque é como Paulo Freire fala né,

o ensino tem que ser feito com amor, e eu senti muito isso dos professores lá sabe. Não estou dizendo que nas outras escolas não são, mas quando você tem uma visão mais crítica de mundo, você também consegue abraçar com mais amor e mais carinho algumas outras pessoas. Pelo menos eu vejo isso no Viana, uma proximidade, uma relação mais humana entre os alunos e os professores (ENTREVISTADO 6, 2020).

Mas, de forma geral o mais citado desse campo é o termo “Escola” com 50 citações. Em “Pessoas” o mais citado é “Alunos” com 47 citações, seguido de “professores”, 26 vezes. Em “Manifestações” temos: “Ocupação” com 21 citações. A “Instituição” mais citada pela entrevistada foi “Universidade” (14), seguido de “Diretoria de Ensino”; “Diretoria de Ensino da Sul” (que foi a primeira que resolveram ocupar contra a reorganização escolar) e “Justiça” todos com o mesmo valor; no campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é “Página” do *Facebook*, com 10 citações, seguida de “Vídeo” e “*Hashtag*” (especificamente: #AquiEstouAquiVouFicar) ambos com 8 citações.

Para “Movimentos Sociais”, “Grêmios” teve 7 citações, seguido de “O Mal Educado” e “Movimentos Sociais”, citados 4 vezes cada. Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “conversa” com 5 citações, seguido de “discussão” com 4. No caso de “Forças Repressoras”, o mais citado foi “Polícia”, 12 vezes. Em “Políticas Públicas” o mais citado é a “Reorganização Escolar” com 15 citações. No caso de “Locais” o mais citado é “Guarulhos” com 10 citações. Para “Mídia”, o maior exemplo é “Mídia” de forma geral, “Propaganda eleitoral” e “notícia” todas citadas 2 vezes cada. Para “Partidos Políticos” o mais citado foi “PSOL” com 3 citações, partido que começou a participar depois das ocupações e continua ainda hoje. Apesar das citações sobre o PSOL e outros partidos, o entrevistado acredita que quem ficou mesmo na fronteira dos movimentos em 2015 foram os estudantes, mas não nega completamente a importância dos partidos de esquerda naquele período também. Em “Objetos de Luta”, foram citados “Cadeado”; “Cadeira”; “Saliva”; “Flores” e “Placa” sendo cada um somente uma vez.

Na entrevista 6 o campo de tecnologias aparece em 4º lugar, o que significa 77 termos mencionados. Nesse caso, a questão da tecnologia demonstrou uma forte relevância para o entrevistado em número de citações. O mais citado neste campo foi: “Página” do *Facebook* (#AquiEstouAquiEuVouFica e Não Fechem Minha Escola), em 18º lugar e com 10 citações; seguido de “vídeo” e “*hashtag*” com 8 citações. Tanto a página quanto a hashtag acabaram sendo a mesma coisa, segundo o entrevistado:

‘Aqui eu tô aqui eu vou ficar’, é a página. Criou a hashtag, criou a página. E a gente começou uma movimentação mais essa. A ideia inicial que a gente teve

foi de começar a fazer uma rede de contatos. Então eu lembro que nessa época eu peguei a listagem da diretoria norte sul e da, eu acho que eu até peguei a das diretorias de São Paulo, que eu falei com a menina do Carlos Gomes, enfim. Eu peguei a listagem das diretorias e fui pesquisando escola por escola. E aí fui tentando descobrir os alunos, grêmios das escolas, e aí fui falando com o pessoal para criar uma rede de contato. (ENTREVISTADO 6, 2020).

Demonstrando assim a relevância do uso das redes digitais tanto antes das ocupações, quanto durante e depois para o histórico do acontecido.

Figura 25: MAPA DE TERMOS 9 - ENTREVISTA 6 - 50 Termos mais mencionados.

Fonte: Produção própria a partir do software *Iramuteq*.

Observando o mapa de termos do entrevistado 6, é possível reparar a relevância de alguns actantes pelo número de vezes mencionado. “Escola” aparece mais uma vez como o de maior relevância entre todos os outros, seguido de “aluno” e “ocupação” e logo depois: “professor”; “movimentação”; “E.E. Viana”; “Movimento”; “Universidade”; “comunidade

escolar”. Alguns outros pontos interessantes de se notar são os movimentos sociais e partidos políticos, aparecendo “movimentos sociais” no geral; “greve” que no caso dos professores do estado de São Paulo no início daquele mesmo ano; “PSOL”; “O Mal Educado” e “Grêmio”. No caso do OME, o entrevistado diz que estes tiveram um papel essencial na difusão da cartilha para o início das ocupações, porém, tinha algumas ressalvas em relação ao coletivo devido a complicação entre a relação deles com o grupo de que fazia parte:

Sempre foi de certa forma um pouco complicado, porque a galera do Mal Educado era anarquista, e a gente sempre foi... a maioria nunca foi de ter ideia anarquista, era uma ideia mais comunista, mais socialista. Então de certa forma até mesmo porque eles são de certa forma meio extremistas em algumas coisas, e a gente é um pouco menos extremista. Então a gente chegou a ter alguns conflitos, mas no geral a gente se dava bem sim (ENTREVISTADO 6, 2020).

Escolas também foram citadas, sendo a maior: “E.E. Antônio Viana” (escola em que o entrevistado estudava, mas que não foi ocupada); “E.E. Alice Chuery”; “E.E. Alaíde” e “E.E. Conselheiro Crispiniano”, todas essas escolas de Guarulhos e que tiveram importância pessoal ou também para o movimento de ocupações do município, e do qual o entrevistado participou em algum sentido.

O sétimo entrevistado foi um contato passado também pelo terceiro entrevistado, mas este se encaixa mais no campo dos estudantes autonomistas. Nos encontramos pela primeira vez em setembro de 2019 no horário de almoço do seu trabalho, em uma lanchonete da região de Sumaré, na zona oeste da capital paulista. Por dificuldades para uma data em comum, nossa entrevista só aconteceu em janeiro de 2020, com gravação de áudio, e com 1h10min de duração.

Na época das ocupações, o entrevistado estudava em uma escola particular de bastante renome na cidade de São Paulo (Colégio Equipe), porém, se envolveu com as ocupações pois estava próximo do coletivo “O Mal Educado”, conhecia todos que participavam do coletivo e participava de algumas ações, inclusive sendo um dos criadores do coletivo “Grupo Autônomo Secundarista” (GAS) em 2015, antes das ocupações:

E a nossa brisa era fazer grêmio nas escolas, que era o que o Mal Educado fazia. Aí nessa a gente ficou mais próximo do Mal Educado, já. Isso foi em 2015, tipo, no começo. A gente viu os jornais... aí teve greve do começo do ano, dos professores, e os jornais do Mal Educado falavam quais escolas tinham greve... E a gente ia a partir disso a gente encostou nas escolas que a gente viu que teve movimento. Então tipo, a gente faltava na escola, fazia um panfletinho do GAS, assim, colava nas escolas e ficava panfletando e trocando ideia com os estudantes. Tentando arrumar alguma parada. A gente conseguiu algum contato mas não rolou nada daí para frente, porque logo depois a gente

ficou sabendo... Saiu a notícia da reorganização. Aí nessa, tipo, como a gente tava com o Mal Educado, aí já falaram ‘mano, tem ato marcado para segunda na Paulista, ninguém sabe quem tá chamando mas vai ter’. Aí velho, a gente foi nesse... aí foi o primeiro ato grande, foi o primeiro ato central. Porque as escolas, tipo, demorou três dias para acontecer isso daí. Tipo, no primeiro dia as escolas já estavam fazendo coisas (ENTREVISTADO 7, 2020).

Portanto, o coletivo GAS acabou se unindo com o OME, e assim o entrevistado participou ativamente do movimento de 2015, até mesmo antes das ocupações, ajudando assim na ocupação da E.E. Fernão Dias Paes. O termo mais citado, de forma geral, foi “escola” com 34 citações. O segundo mais citado foi “Mal Educado” com 26 citações; seguido de “escolas” com 21 citações.

Os 461 termos selecionados foram divididos por categorias, sendo estas: “Pessoas” com 179 citações; “Movimentos Sociais” com 145; “Escola” com 122 citações; “Manifestações” com 120 citações; “Organização das Ocupações” com 80; “Outros” com 59 citações; “Locais” (44); “Mídia” (31); “Forças Repressoras” (30); “Tecnologias” (26); “Objetos de Luta” (15); “Políticas Públicas” (9); “Atividades Culturais” (8); “Partidos Políticos” (8); “Mantimentos” (7); “Instituições” (6) e “Instrumentos Jurídicos” com apenas 5 menções.

Na categoria “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a “Escola Estadual Fernão Dias Paes” com 10 citações; sendo que de forma geral o mais citado desse campo é “Escola” com 34 citações. Para “Movimentos Sociais”, o coletivo “O Mal Educado” aparece com 26 citações, seguido de “MPL” (que ele chegou a participar durante um tempo), citados 13 vezes. Em “Manifestações” com “Ocupação” em 16 citações.

Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “reunião” com 14 citações, seguido de “organização” com 12. No caso de “Locais” o primeiro é “Grajaú” com 5 citações, seguido de “São Paulo” com 2. Para “Mídia”, o termo “Mídia”, de forma geral, foi citado 11 vezes. Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “Polícia”, 5 vezes. No campo das “Tecnologias” a mais mencionada é “Facebook” com 9 citações. Em “Objetos de Luta”, foram citados “Faixas”, “Cadeira”, e “Carro de Som” duas vezes cada. Para “Partidos Políticos” o mais citado foi “PSOL” com 2 citações. Em “Políticas Públicas” o mais citado é a “Reorganização Escolar” com 3 citações.

Na entrevista, o campo de “tecnologias” aparece somente em 10º dos mais citados. Com 26 termos citados. Nesse sentido, demonstrou pouca relevância a esse campo em número de citações. Sendo assim, o primeiro mais citado foi: “Facebook” com 9 citações e o 20º mais

citado de todos; seguido de “Mensagem” com 4 citações; “vídeo” com apenas duas e “contato” com o mesmo número de vezes. Sobre o papel em si do *Facebook*, o entrevistado disse: “O Facebook foi muito importante, assim, para o diálogo entre a escola e a sociedade e entre as escolas. Então a gente ficava lá postando as paradas. Era muito um bagulho para mídia assim, tipo ‘olha, quer falar com a gente as paradas tão aqui no Facebook’” (ENTREVISTADO 7, 2020).

Figura 26: MAPA DE TERMOS 10: Entrevista 7 - 50 termos mais mencionados.

Fonte: Produção própria a partir do software *Iramuteq*.

Ao observarmos o mapa de termos dos 50 mais citados na entrevista 7, vemos “Escola” mais uma vez como a mais citada, seguido por “Mal Educado”; “reunião”; “ocupação”; “estudante”; “assembleia”; “grupo autônomo secundarista”; “Fernão”; “MPL” e “Ato”. Interessante notar a importância no número de citações de actantes relacionados a organização das ocupações: “assembleia”, nesse caso apareceu como fundamental em diversos momentos, no início com os atos nas ruas, logo no primeiro de maior repercussão, ele afirma:

Porque não tava acontecendo nada, não tinha organização, tava aglomerando e não tava acontecendo nada. Aí foi eu e [um amigo] lá, aí a gente puxou jogral e aí, tipo, a gente deu à linha para esse ato e para os próximos de fazer assembleia. A gente puxou um jogral não para puxar organização, tipo, mano, vamos organizar essa porra (ENTREVISTADO 7, 2020).

Os outros termos foram: “organização da luta” e “reunião”. Alguns movimentos sociais autônomos foram citados, sendo o maior: “O Mal Educado”; “Movimento autônomo Secundarista”; “MPL”; “Poligremia”, mas também aparecendo com certa relevância um movimento institucional tradicional: “UBES”. O entrevistado era mais do campo autonomista, e, portanto, tinha maior participação no Comando das Escolas Ocupadas, em sua entrevista ele reconhece a dificuldade do Comando em representar todas ocupações, pois de fato nem todos conseguiam ir nas reuniões, porém afirma: “(...) não era a maioria mas tinha legitimidade, tipo, aquilo que a gente decidia no comando, as escolas que eram muito longe e não conseguiam ir, não sei o que lá, acatavam. Então era uma organização legitimada” (ENTREVISTADO 7, 2020). Segundo o entrevistado, o papel do Comando era o de dar autonomia às escolas, inclusive porque a grande mídia estava querendo colocar as representações como a da UBES como sendo as que davam as palavras pelo movimento, nesse sentido:

E aí tipo, isso da gente formar o comando foi muito também porque eles, obviamente, focaram na Ubes, porque a Ubes fez uma reunião paralela com o governo nessa época, que foi a gota d’água assim. À gente falou “mano, vocês não vão fazer reunião com o governo”, aí a gente fez a nossa reunião, vai gerar a nossa legitimidade, vai mostrar que é ilegítimo o que vocês estão fazendo, e aí a partir disso a mídia aceitou o comando como... Tipo, a mídia poderia ter entendido o perigo disso, ter dado a voz só para a Ubes e fodido a gente. Mas ela foi obrigada a aceitar a legitimidade da nossa organização. (ENTREVISTADO 7, 2020).

Portanto, vê-se na fala dele uma visão mais negativa das organizações institucionalizadas e com uma visão mais positiva em relação ao Comando, inclusive dizendo que esse acabou sendo legitimado tanto pelos estudantes no geral quanto pela mídia, algo que o entrevistado 3, a entrevistada 5, o entrevistado 6 e a entrevistada 10 não concordam completamente.

O contato da oitava entrevistada foi obtido desde o início das tentativas de buscar entrevistados, a partir da quarta entrevistada. No entanto, por dificuldades de agenda, o primeiro encontro foi realizado somente em setembro de 2019, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade (na região central de São Paulo), pois a entrevistada teria uma atividade neste mesmo local. Depois dessa conversa, realizamos a entrevista em fevereiro de 2020 na casa de um amigo em comum, no caso o entrevistado 2, no bairro do Jd. João XXIII (Zona Oeste de São Paulo). A entrevista teve 49 min, tendo sido gravada somente em áudio.

Moradora do bairro do Butantã (Zona Oeste de São Paulo) na época do movimento contra a reorganização escolar, estudava na E.E. Prof. Emygdio de Barros na mesma região onde residia, e foi nessa escola que passou importante parte do período das ocupações. O termo mais citado, de forma geral, foi “escola”, com 58 citações. O segundo mais citado foi “pessoas” com 43 citações.

Por termos 303 actantes citados, estes foram divididos em categorias, a saber: “Pessoas” com 144 citações; “Escolas” com 134 citações; “Manifestações” com 98 citações; “Organização das Ocupações” com 56; “Locais” (42); “Tecnologias” com 29; “Instituições” (23); “Mídia” (22); “Forças Repressoras” (19); “Outros” (18); “Movimentos Sociais” com 15; “Políticas Públicas” (15); “Mantimentos” (7); “Atividades Culturais” (7); “Documentos” (4); “Partidos Políticos” (2) e “Objetos de Luta” (1).

Na categoria “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a “E.E. Prof. Emygdio de Barros” com 11 citações; sendo que de forma geral o mais citado desse campo é “Escola” com 58 citações. Já em “Pessoas”, temos “Pessoas” com 43 citações, seguido de “mãe”, 9 vezes. Em “Manifestações” temos: “Ocupação” com 32 citações. Para “Organização das Ocupações”, os primeiros igualmente mais citados são: “assembleia”; “conversa” e “discussão” com 4 citações cada. No caso de “Locais” o primeiro é “Casa” com 8 citações, seguido de “Bairro” com 6. No campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é “Página” do *Facebook*, com 4 citações, seguida de “computadores” com 2.

A “Instituição” mais citada pela entrevistada foi “Universidade” (7), seguido de “Direção” (5). Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “medo” 4 vezes, sobre isso a entrevistada falou de uma de suas experiências:

Eu lembro muito de uma situação... a gente ouvia muita história, mas eu mesma não tinha... eu ia em poucos atos, então naquele momento da ocupação... eu via, eu acho que eu fui num ato que deu muito ruim que foi na Paulista, que a gente tava na Paulista e deu muito errado, e aí foi um choque, porque sei lá, eu pelo menos não esperava. Você pensa que os caras são escrotos, mas aí você entende que eles são escrotos mesmo. Mas aí teve uma situação do Emygdio que foi muito pesada, foi uma das coisas que eu fiquei meio tipo, “mano eu acho que vou só me afastar um pouco desse rolê, porque to em choque”. Eles ficavam ligando em casa toda hora, a diretora ligava, umas pessoas aleatórias ligavam na minha casa o tempo todo pra falar com minha mãe, falar que eu tava fazendo merda, e aí num dia eu tava saindo com essa minha amiga, inclusive, da ocupação, umas seis horas da tarde, E a gente tava... o Emygdio é aqui, e se você desce você vai para a Corifeu e pega a São Remo, e minha amiga mora na São Remo. E eu morava... tava indo pra casa dela, porque eu morava mais aqui no Butantã. E aí a gente tava indo pra casa dela e a gente percebeu que tinha uma viatura seguindo a gente. Foi muito bizarro, a gente ficou “mano fudeu”. E os caras entrando tudo dentro da favela

seguindo a gente e aí ele parou na frente, tipo a gente entrou em casa tipo mano fudeu amiga e agora. E os caras pararam no portão e ficaram tipo horas, ficaram muito tempo parado lá. E aí no outro dia a gente saiu e é isso, um cara x, policial tava lá e falou “a gente sabe onde vocês moram e sabe o nome de vocês viu”. E eu lembro muito que o cara olhou pra mim e falou tipo, “ah, você acha que sua mãe, aí falou o nome da minha mãe, gosta da filha dela assim na rua, dormir na casa”... tipo muito bizarro, de uma forma muito bizarra. Eu fiquei tipo em choque. E isso pra mim foi um dos ápices de eu ficar tipo, “amiga eu acho que eu já to um pouco suave”, minha mãe já tava meio em surto também, e eu tava muito com medo, foi bizarro. (ENTREVISTADA 8, 2020).

Para “Movimentos Sociais”: “movimentos”, de forma geral, com 3 citações, seguido de “Entidades”, “Movimento Passe Livre” e “Coletivos”, citados 2 vezes cada. No caso do MPL a citação se dá pois atualmente a entrevistada é militante do coletivo. Em “Políticas Públicas” o mais citado é a “Reorganização Escolar” com 11 citações. No caso de “Mantimentos” o mais citado foi “sacos de lixo” e “arrecadações” com 2 citações cada. “Documento” apenas com duas citações sendo esta, “Prova do Saresp”.

Na entrevista com ela o número de vezes que termos no campo das “tecnologias” foram citados foi 30, sendo o 6º grupo mais citado. A partir dessa constatação, é possível perceber uma maior relevância do tema a partir de citações. Dos mais citados nesse campo, temos “página” do *Facebook* quatro vezes e na 29ª posição geral, seguido de “computadores” com duas citações, assim como “grupo de *WhatsApp*”. Uma importante citação evidenciando essa relevância é quando a entrevistada disse, sobre as páginas nas redes sociais:

E era muito importante, acho que tanto dentro da gente, eu acho que pra gente entender como foi depois, até pra mostrar pras pessoas lá fora. Foi muito bom, por exemplo, pra minha mãe, eu mostrava as coisas que a gente fazia lá dentro e ela ficava “caralho, que daora, tipo, não é tão ruim assim, vocês não tão quebrando a escola”. E aí, desde até, sei lá, memória mesmo. Foi importante. (ENTREVISTADA 8, 2020).

Figura 27: MAPA DE TERMOS 11: Entrevista 8 - 50 termos mais mencionados.

Fonte: Produção própria a partir do software *Iramuteq*.

Observando o mapa de termos mais citados pela entrevistada 8, notamos mais uma vez a grande relevância de “Escola” seguida de “Ocupação”. É possível notar três escolas mais citadas: “E.E. Prof. Emygdio de Barros”; “E.E. Fernão Dias e “E.E. Alberto Torres”, além de uma relevância dada à questão de comunicação com: “Mídia” e “Jornalismo”.

Um dos contatos indicados pelo sexto entrevistado foi o da nona entrevistada. Marcamos nossa primeira conversa em Janeiro de 2020, no Sesc Paulista pela proximidade de seu estúdio na área de moda. Tivemos uma conversa de mais ou menos 40 minutos e ficamos de marcar uma entrevista. A entrevista ocorreu em fevereiro de 2020 no mesmo local, mas agora com um gravador de áudio, e durou 54 minutos.

A nona entrevistada também morava em Guarulhos, estudava na mesma escola do sexto entrevistado, a E.E. Professor Antônio Viana de Souza, pela qual, assim como ele, demonstrou muito carinho. Por ter feito parte do mesmo grupo que o sexto entrevistado estava, ela também

concordou em ocupar outra escola da região, que foi a E.E. Conselheiro Crispiniano. Em sua entrevista, o termo mais citado, de forma geral, foi “ocupação” com 76 citações. O segundo mais citado foi “escola” com 45 citações; seguido de “alunos” com 19 citações.

Os 434 termos citados pela entrevistada foram categorizados a partir dos temas a seguir: “Pessoas” com 225 citações; “Manifestações” com 127 citações; “Escola” com 124 citações; “Movimentos Sociais” com 64; “Forças Repressoras” (62); “Organização das Ocupações” com 59; “Outros” (54); “Locais” (48); “Políticas Públicas” (34); “Instituições” (33); “Tecnologias” (31); “Atividades Culturais” (21); “Mídia” (15); “Objetos de Luta” (14); “Mantimentos” (9); “Instrumentos Jurídicos” (6); “Partidos Políticos” (4) e “Documentos” (2).

Em “Pessoas” o mais citado foi “alunos” com 19 citações, seguido de “a gente”, 16 vezes. Em “Manifestações” temos: “Ocupação” com 76 citações. No grupo determinado como “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a “Escola Estadual Antônio Viera” com 18 citações; sendo que de forma geral o mais citado desse campo é “Escola” com 45 citações. Para “Movimentos Sociais”: os mais citados foram “O Mal Educado” e “Movimento” com 5 citações cada. Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “Polícia”, 11 vezes. No caso da polícia a questão do medo surgiu durante a conversa, nesse sentido ela falou:

Era muito medo, aquela ideia de que sou forte, vou enfrentar, assim mesmo era só junto com meus amigos. Passou a polícia, eu tô forte aqui. Mas aí você tava sozinho, no seu bairro, passava a polícia você já ficava com medo “Ai, será que tá atrás de mim?”, então era isso, a gente tinha que ser forte para lidar, só que depois envolvia muito medo, era muito assustador. Porque tipo era a galera super nova que estava levando um cano da polícia na rua e a gente não podia fazer nada se via um amigo nosso apanhando, porque a gente tentava ajudar mas a gente apanhava junto. Então era muita coisa de sequelado, teve aluno que realmente assim apanhou, e aí depois que apanhou nunca mais foi a mesma pessoa na ocupação, a gente via que a pessoa tava com medo o tempo todo. Tipo, não dormia na ocupação à noite, porque apanhou. (ENTREVISTADA 9, 2020).

Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “conversa” com 6 citações, seguido de “assembleia” com 5 citações. No campo “Locais” o primeiro é “Bairro” com 7 citações, seguido de “Guarulhos” com 6. A “Instituição” mais citada pela entrevistada foi “Universidade” (14), seguido de “CEU Pimentas” (2). No campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é “Página” do *Facebook*, com 5 citações, seguida de “Comunicação” e o aplicativo “Telegram” com 3 cada um. Em “Políticas Públicas” o mais citado é a “Reorganização Escolar” com 16 citações. Para “Mídia”, o maior exemplo é “Notícia” de forma geral, citadas 5 vezes; “Partidos Políticos” o mais citado foi “PSOL” com apenas uma citação.

Na entrevista temos que no campo de “tecnologias”, o número de termos que apareceram foram 29, o que a coloca em 11º de 18º. Nesse sentido, mostra-se pouco relevante no número de citações em relação aos outros. Dentre os mais citados temos: “Página” do *Facebook* com quatro citações e na 52º colocação; seguido de “comunicação” com 3 e o aplicativo de mensagens “Telegram” com a mesma quantidade.

Figura 28: MAPA DE TERMOS 12

Fonte: Produção própria a partir do uso do software *Iramuteq*.

Observando o mapa de actantes da entrevista 9, percebemos que o actante mais citado é “Ocupação” seguido de “escola”, ambos bastante comuns em todos os mapas observados. Em

seguida percebemos a relevância de: “professores”; “aluno”; “a gente”; “estudante”; “E.E. Viana”; “reorganização” e “PM”. Actantes sobre organização das ocupações aparecem com certa relevância: “manual da ocupação”; “assembleia”; “conversa” e “organização”.

A última entrevistada eu cheguei a partir de contatos passados pela quinta entrevistada. Nosso primeiro encontro aconteceu em dezembro de 2019 em uma praça do bairro em que ela reside (Perus, na Zona Oeste de São Paulo). Falamos da importância dessa luta para ela e para o estado, o quanto impactou em sua escola, que ajudou a ocupar, a E.E. Gavião Peixoto, no mesmo bairro, e como esse movimento ajudou a criar coletivos e outros movimentos em seu bairro. Nosso segundo encontro para a gravação da entrevista aconteceu somente em março de 2020, às vésperas do período de isolamento social causado pela Covid-19, em uma lanchonete também no bairro do Perus. Ao todo a gravação do áudio teve 01h e 06 min. Em sua entrevista, o termo mais citado de forma geral, foi “ocupação” com 40 citações. O segundo mais citado foi “escola” com 23 citações; seguido de “movimento” com 19.

Os 409 termos citados e selecionados foram divididos nas seguintes categorias: “Pessoas” com 178 citações; “Manifestações” com 117 citações; “Escola” com 89 citações; “Movimentos Sociais” com 84; “Tecnologias” com 50; “Mídia” com 47 citações; “Outros” com 42 citações; “Organização das Ocupações” com 32; “Locais” (31); “Forças Repressoras” (28); “Instituições” (27); “Instrumentos Jurídicos” (16); “Políticas Públicas” (14); “Atividades Culturais” (13); “Partidos Políticos” (12); “Objetos de Luta” (6); “Mantimentos” (3); e “Documentos” (1).

Na categoria “Manifestações” temos “Ocupação” com 40 citações. No grupo determinado como “Escolas”, a mais citada nominalmente foi a escola onde estudou e que ocupou, com seus colegas, no ano de 2015, a “Escola Estadual Gavião Peixoto” com 12 citações; sendo que de forma geral o mais citado desse campo é “Escola” com 23 citações. Para “Movimentos Sociais”: “movimento”, de forma geral, com 19 citações, seguido de “grêmio” com 11, e “independentes” (que é como ela chama os autônomos) citado 8 vezes. Sobre o “grêmio”, a entrevistada já fazia parte do grêmio de sua escola e isso foi fundamental para trazer a ideia das ocupações para a realidade escolar, porém ela reconhece que houve de fato uma mudança no que entendiam por grêmio depois que passaram pelas ocupações:

Então a diretoria parou de tratar o grêmio como propriedade, porque eles entenderam que o grêmio não é propriedade da diretoria, que o grêmio é um sindicato dos alunos. Então as denúncias foram muito boas. Porque na época, quando a gente fez o grêmio, no começo, de início, o grêmio era para a

diretoria ficar tirando foto para mandar para a diretoria de ensino falando que lá no Gavião tinham alunos não sei o que... enfim, era só para... Grêmio da direção. E depois das ocupações isso mudou, mudou muito. Agora, depois de cinco anos, eu não sei muito bem como está, mas... Eu estou falando cinco anos, meu deus..., Mas as denúncias foram todas respondidas. A gente entrou para apoiar as pessoas e acabou que a gente se ajudou muito. (ENTREVISTADA 10, 2020).

No caso dos Independentes, ou autônomos, a entrevistada não se vê como parte do mesmo grupo, tece inclusive algumas críticas, mas reconhece um papel fundamental deles no início dos atos contra a reorganização escolar:

Eu lembro que os independentes foram muito atuantes na mobilização de rua. Então os independentes eram quem dirigiam as manifestações, então eles faziam os eventos... tinha anarquista, tinha gente que era só militante, tinha gente que não era de partido mas que militava no bairro, militava na escola, então na minha opinião era mais os independentes, assim. E aí a estruturação do ato acontecia a partir de a Apeoesp disponibilizar ônibus, sei lá, os partidos disponibilizarem estrutura para dar, mesmo, né? Mas à organização em geral, assim, era só os independentes. Era bem organizado, não tinha muita repressão, porque como era manifestação de menores de idade, então o Estado estava sendo muito cauteloso na época. Eu acho que era mais ou menos isso, era bem organizado, não tinha muita repressão... (ENTREVISTADA 10, 2020).

No campo das “Tecnologias”, a mais mencionada é “Página” do *Facebook*, com 7 citações e “conexão” com 6, seguida da página “Não Fechem Minha Escola” com 5. Em “Organização das Ocupações”, o primeiro mais citado é “assembleia” com 4 citações, seguido de “diálogo” com a mesma quantidade de citações. No caso de “Locais” o primeiro é “Bairro” com 4 citações, algo que se mostra como fundamental já que sua escola era no seu bairro, Perus, assim como continua por lá e os movimentos sociais e políticos de que participa são influenciados pela ocupação daquela época; “Diadema” com a mesma quantidade, seguido de “São Paulo” com 3. Em “Forças Repressoras”, o mais citado foi “Polícia”, 9 vezes. A “Instituição” mais citada pela entrevistada foi “Universidade” (8), seguido de “Direção” (2). Para “Partidos Políticos” o mais citado foi “PSOL” com 3 citações.

Na entrevista, o número de termos do campo de “tecnologias” ficou em 5º lugar entre os citados com 50. Nesse sentido demonstrou relevância em relação ao número dos outros termos citados. A primeira mais citada foi “Página” do *Facebook* com 7 citações e já aparecendo na 22ª colocação, depois “conexão” em 29ª com 6 citações, seguido de “Não Fechem Minha Escola” 5 vezes citado e “Mensagem” com a mesma quantidade; depois “telefone” com 3; “curtidas” com 2; “Facebook” também com 2; assim como “foto” e “Página do Gavião” também no *Facebook*. Sobre a página “Não Fechem Minha Escola”, a entrevistada disse:

(...) o “Não fechem a minha escola” é do Juntos, e aí a gente recebia todas as notícias lá, eu era uma das administradoras na época, também, então a gente recebia tudo lá, então praticamente à gente sabia tudo o que estava acontecendo porque todo mundo queria postar na página. Então foi uma página que era uma das maiores, eu acho que, da época, teve 300 curtidas, uma coisa assim, e tinha muita visualização, o pessoal acompanhava realmente por lá. Então era mais ou menos assim. E aí depois que à gente ocupou a gente falava por telefone. Porque era tanta loucura depois que à gente ocupou que era telefone mesmo, nem Facebook, nem WhatsApp dava jeito. Era muita mensagem... então tinha que ligar. O meu Facebook eu saí do celular, porque não dava... porque era a mãe de aluno, imagina uma escola de 5 mil alunos, então era mãe de aluno reclamando, era mãe de aluno apoiando, era repórter, era o pessoal de outras escolas, nossa... Até hoje na minha caixa tem um monte de mensagem que eu nem vi por que, nossa... Teve muita confusão, também. Então era mais assim que a gente se comunicava, por telefone, ligava e resolvia. (ENTREVISTADA 10, 2020).

Ou seja, a importância e o crescimento da página foram tão grandes que isso acabou até mesmo se tornando um problema para a entrevistada, que como uma das moderadoras, não conseguia dar conta das mensagens em seu celular. De toda forma, foi essencial tanto para a escola que ocupava como para o movimento de forma geral, como é colocado por ela.

movimento Juntos, ambos colocados como fundamentais para sua participação e organização da ocupação na E.E. Gavião Peixoto.

3.2.5. O MAPEAMENTO GERAL DOS DADOS ANALISADOS

A partir da análise dos dados gerais das páginas de redes sociais (O Mal Educado; Não Fechem Minha Escola), dos dois maiores jornais do estado (Folha de São Paulo e Estado de São Paulo) e das entrevistas qualitativas (10 ao todo) e com a visibilidade dos mapas de termos, foi produzido um mapa geral dos mais citados nas redes sociais, jornais e entrevistas para podermos visibilizar algumas de suas controvérsias, pontos em comum e outras características relevantes.

professora que a levava nos debates e assembleias da APEOESP e a partir de lá acabou conhecendo pessoas que estavam ocupando as escolas, assim como a proximidade de professores na E.E. Antônio Viana em Guarulhos para o entrevistado seis (2020) e a entrevistada nove (2020). “Aluno”, “movimento” e “galera” são também esperados ao se tratar de tal tema.

Algumas outras que aparecem com maior intensidade são: “reorganização”; “manifestação”; “política”; “aula”; “MPL”; “amigo”; “página”; “O Mal Educado”; “mãe”; “assembleia”; “polícia”; “pai”; “ato”; “Fernão Dias”; “Viana”; “mídia” e “universidade”. Dentre esses actantes, alguns que chamam atenção são: “MPL”, que demonstrou relevância na fala dos entrevistados, muitos participaram do movimento em algum momento, outras viam muita proximidade deles com o coletivo “O Mal Educado”, por exemplo. Nesse sentido, “O Mal Educado” também aparece com certa relevância nas entrevistas. Isso se dá pela participação ou proximidade de alguns dos entrevistados com o coletivo (principalmente o entrevistado 7), e pela menção à Cartilha “Como Ocupar um Colégio?” divulgada pelo coletivo e importante ferramenta para o início das ocupações. Além disso, sua página no *Facebook* era também bastante lembrada. Críticas também foram feitas, como as já citadas pelo entrevistado seis (2020) e também em certa medida pelo entrevistado três (2020) e a décima entrevistada (2020). A citação de “página” nas entrevistas se relaciona com as páginas de *Facebook* tanto de escolas específicas quanto essas mais gerais, demonstrando a relevância da produção de conteúdo pelos estudantes nas redes sociais, para o movimento contra a “reorganização escolar” em 2015.

Os pais também se mostram muito presentes em grande parte das entrevistas. Essa presença da figura do pai e especialmente da mãe é bastante justificável, já que os estudantes que ocuparam suas escolas eram, em sua maioria, menores de idade e viviam com os pais. Assim, referências a falta de permissão para permanência nas ocupações, por parte dos familiares foram feitas, assim como o forte apoio recebidos.

O papel da “polícia” devido aos momentos de maior medo, também demonstram grande importância. Assim, não apenas durante as ocupações esta instituição teve papel relevante, uma vez que utilizou de violência nos atos de rua e nas ocupações, bem como causou medo entre os estudantes, mas também no período posterior, quando alguns dos estudantes que ocuparam suas escolas relataram perseguições, como visto de forma mais evidente na entrevistada oito (2020)

e entrevistada nove (2020) citadas anteriormente, porém sendo tema de grande relevância em todas as entrevistas, mas também nas páginas de *Facebook* e inclusive nos grandes jornais:

O fato de “assembleia” aparecer com frequência é um indício de como a organização horizontalizada das ocupações aparece como fundamental aos entrevistados. O aparecimento da “universidade” nas entrevistas é interessante, mas isso pode ser explicado pelo fato de que em todas as entrevistas foi feita uma pergunta específica sobre a participação das universidades nesse movimento, e nas possibilidades de inserção desta instituição em outros movimentos semelhantes. Assim, diversas questões foram trazidas à tona, como a distância da instituição universitária dos movimentos sociais e da educação básica, ou da visão que os pesquisadores têm em relação aos movimentos, como objetos de pesquisa, marcando entrevistas para desenvolver conhecimento científico, sem retorno para esses movimentos.

“Mídia” também aparece, demonstrando a relevância da divulgação do que faziam e também o papel que a mídia tradicional teve naquele momento segundo os entrevistados. Interessante também notar que as escolas mais citadas nas entrevistas foram “E.E. Fernão Dias Paes” e “E.E. Antônio Viana de Souza” em Guarulhos. No caso essa última não foi ocupada, mas duas pessoas entrevistadas estudavam nela e a viam como um importante fator na formação deles. Enquanto a E.E. Fernão Dias se tornou a ocupação mais famosa e mais comentada, além de ter três entrevistados que ou a ocuparam ou estudaram lá.

Logo depois, os actantes mais citados foram: “Vídeo”; “ocupação”; “aluno”; “reorganização”; “polícia militar” e “governador Geraldo Alckmin”. Nessa próxima leva, vemos também a relevância de “vídeo” para as redes sociais, algo que complementa a importância das fotos, também com uso intenso. “Polícia Militar” demonstra, mais uma vez, como essas forças repressoras foram presentes durante esse período, e no caso das páginas eram mencionadas sempre para denunciar ou para segurança própria, como pode ser visto na Figura 5 com policiais militares entrando com fuzil nas mãos na ocupação da E.E. Diadema. “Ocupação”; “aluno”; “reorganização” e “governador Geraldo Alckmin” já são mais esperados devido a todo o contexto dos acontecimentos. Outros importantes actantes que aparecem com certa relevância são os de localidades, sendo “São Paulo” e “Santo André” as cidades mais mencionadas pelas duas páginas. “Zona Sul” de São Paulo também aparece mais ou menos na mesma intensidade.

Figura 32: MAPA DE TERMOS 15: Jornais

Fontes: Produção própria a partir do software *Iramuteq*.

No mapa de termos dos dois jornais analisados (Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo) vemos mais uma vez que os actantes mais mencionados foram: “Escola”, “estudante” e “aluno”. Logo depois vemos “reorganização”, “protesto”, “polícia militar” e “Governador Geraldo Alckmin”. Desses últimos actantes o fato de aparecer muito “protesto” demonstra que os jornais também focaram em dar visibilidade para os protestos de estudantes quando estes aconteciam, além da “polícia militar” que se mostrava presente em grande parte das ocasiões. Logo depois vemos “ocupação”; “escolas ocupadas”; “secretário Herman Voorwald” e

“secretaria de educação”, demonstrando nestes últimos a importância dos órgãos e tratarem institucionalmente dos acontecimentos tendo muita referência à Secretaria de Educação.

Interessante mencionar que “diálogo” também apareceu com importante frequência ao longo da análise, porém nesse caso muito mais voltado para aqueles entre os estudantes e instituições como: Governo, Polícia Militar, Juízes, advogados, etc. Sobre as localidades e escolas mais mencionadas, vemos: “São Paulo”; “Pinheiros” e “E.E. Fernão Dias” todos com muito mais frequência que qualquer outra localidade ou escola, demonstrando que de fato nas notícias dos meios de comunicação tradicionais foi dada maior centralidade a essa parte de São Paulo e esta escola em específico (que fica nesta região), algo muito bem colocado em grande parte das entrevistas.

Observando os mapas das entrevistas, redes sociais e jornais, percebe-se que “escola”, “estudante” e “ocupação” aparecem sempre como os mais mencionados. No caso das entrevistas é possível perceber, além das duas mais mencionadas, uma maior descentralização de termos e actantes em relação tanto ao mapa de redes sociais e jornais. No caso das redes sociais percebe-se com mais evidência a intensidade de “foto” e “vídeo”, sendo que no de “jornais” encontram-se órgãos mais institucionalizados nas menções. Algo em comum em todos eles foram a maior citação da “E.E. Fernão Dias Paes”, porém, no caso das páginas essa intensidade não foi muito maior do que o da “E.E. Diadema” e também bem próximo da “E.E. Salvador Allende” e “E.E. Castro Alves”. No caso das entrevistas, apareceu com mais ou menos a mesma intensidade a “E.E. Professor Antônio Viana Souza” em Guarulhos. Sobre localidades, nas páginas de *Facebook* a maior quantidade de citações ficou entre “São Paulo”, “Santo André” e “Zona Sul de São Paulo”. Nas entrevistas: “São Paulo” e “Guarulhos” apareceram com próximas intensidades, enquanto que nos jornais: “São Paulo” e mais especificamente o bairro de Pinheiros foram os mais mencionados, demonstrando de fato essa desigualdade de menções.

Figura 33: MAPA DE TERMOS 16 - Os mais mencionados nas redes sociais, jornais e entrevistas.

Fonte: Produção própria a partir do software *Iramuteq*.

Este último mapa de termos juntou todas as maiores menções entre as redes sociais, os jornais e as entrevistas feitas para essa pesquisa. Sabendo-se da limitação em juntar todas essas bases de dados, já que são bastante distintas, este último mapa evidência apenas alguns dos actantes de fato mais mencionados, sem trazer maiores informações sobre o juízo de valor dado a eles pelos jornais, páginas e entrevistados. Vemos, mais uma vez, a importância de “estudantes”, “escola” e “ocupação”. Porém, também a relevância de “foto” e “vídeo” na análise dessas fontes de dados. Comprova-se, também, uma maior relevância dada a E.E.

Fernão Dias Paes e a cidade de São Paulo. Porém, interessante também notar a relevância em que aparece “Santo André”, “Sorocaba” e “Campinas”. Viu-se, portanto, que a análise de dados destas fontes demonstra controvérsias importantes sobre o privilégio da atenção de certas coisas e localidades. Mas também coisas em comum, como a divulgação da atuação repressiva da Polícia Militar, por exemplo. Viu-se, no entanto, que as redes sociais ajudaram a ampliar a visibilidade de diferentes ocupações em bairros e cidades periféricas, algo ainda mais evidente na “Não Fechem Minha Escola”.

Figura 34: MAPA DE TERMOS 17: Tecnologias nas Páginas de Redes Sociais

Fonte: Produção própria a partir do software *Iramuteq*

Figura 35: MAPA DE TERMOS 18: Campo de Tecnologias em Jornais

Fonte: produção própria a partir do software *Iramuteq*.

Figura 36: MAPA DE TERMOS 19: Tecnologias em Entrevistas

Fonte: Produção própria a partir do Software *Iramuteq*.

Observando especificamente o mapa de termos mencionados no campo das “tecnologias”, é possível perceber que no caso das páginas de redes sociais foram mais intensificados: “foto”; “vídeo”; “imagem”; “meme”; “Não Fechem Minha Escola” e “celular”. Demonstrando esses tipos de forma de comunicação para a divulgação nas páginas, e a importância do uso dos celulares por esses estudantes. No caso dos jornais, vemos uma menor concentração de um só tipo de tecnologia mencionada, sendo a mais forte também “foto”, mas incluindo “redes sociais”, “vídeo” e “web” como importantes. O caso da “cartilha” (Como ocupar um colégio?) aparece também com certa relevância. Já nas entrevistas “página” do

Facebook mas de forma geral é o que aparece com maior intensidade, sendo “vídeo”, “foto”; “*Facebook*” e “Página Não Fechem Minha Escola” como também fundamentais. Percebe-se, portanto, que de forma geral as redes sociais, fotos e vídeos aparecem como as principais entre todas as analisadas no campo das tecnologias.

Analisar tais dados demonstrou a complexidade do acontecimento, a diversidade de actantes que podem ser levados, às diversas controvérsias que podem ser aprofundadas e também o quão difícil, senão impossível, tratar do acontecimento como algo estanque, fácil de compreensão e objetivo. A análise de tais fontes de dados e informações, que estão longe de ser todas as possíveis, demonstrou a complexidade da análise de acontecimentos, e o mapeamento de controvérsias mostrou-se como importante instrumento para poder demonstrar um universo que nunca cessa e que deve sim ser sempre complementando, problematizado e expandido, assim como o cine-mapa defendido por Pierre Lévy (2003) já fundamentava, observando a criação de redes e a ampliação destas que se abrem em diversas outras.

CONCLUSÕES: E O NOSSO PAPEL A PARTIR DAQUI

Bruno Latour (2012) ao defender a TAR como método para reagregar o social - que vem sendo despedaçado em partes para poder ser melhor controlado e objetivado - acredita que a sociologia precisa ser redefinida não mais como “ciência do social” mas como aquela que busca por associações, a “sociologia das associações”. Nesse sentido a ideia de redes de associações das mais diversas vai aparecendo como fundamental para uma melhor compreensão do social. As redes, portanto, ligam os distintos actantes que não param de surgir e quanto mais se identificam estes, mais completa a rede fica (LATOUR, 2012). Sabendo, no entanto, da complexidade do real e da existência das controvérsias, a ideia trazida pela TAR não é a de se chegar em um conhecimento completo e estanque, mas perceber que essa é uma tarefa impossível de ser terminada, porém ao se reagregar o social temos mais noção da complexidade do social, não mais o mutilando para a tentativa de seu controle total (MORIN, 2011).

A ideia da presente dissertação, portanto, foi o de escolha de um acontecimento e a partir daí tentar desenvolver o máximo de redes, complexificando as discussões, trazendo contradições e o início de um mapa de controvérsias de uma pequena parte do acontecimento, que só assim já abriu diversas novas possibilidades. Assim, uma tentativa de reagregar o social mesmo que minimamente. Sabe-se, no entanto, que essa não é uma tarefa que se atinge a completude, por isso abriu-se e trabalhou-se o máximo dentro destas relações, que devem ficar abertas para o desenvolvimento cada vez mais completo de suas redes, como a ideia do cinemapa que nunca cessa (LÉVY, 2003).

A utilização de actantes (LATOUR, 2012) foi fundamental para complexificar a discussão, ou seja, colocando como atores qualquer coisa que cause alguma ação e efeito nas redes que se desenvolveram. Nesse sentido, serviu como fundamental para uma análise mais aprofundada sobre a importância dos artefatos tecnológicos para a ação social e o movimento social aqui analisado. Assim, foi importante passar pelas perspectivas teóricas que tratam dos movimentos sociais mais contemporâneos e a utilização das redes digitais (CASTELLS, 2013) e até mesmo a noção de novíssimos movimentos sociais (GOHN, 2017), porém, com a necessidade de complexificar o papel das redes digitais nesses movimentos optou-se por se deter mais precisamente na noção net-ativista (DI FELICE, 2017).

A utilização da teoria do net-ativismo é uma forma de complexificar a análise de tal movimento social, não deixando de lado as concepções mais clássicas de movimentos sociais

e outras já mencionadas, uma vez que estas também explicam os acontecimentos em questão, especialmente por estes estarem situados em um largo processo histórico de organização social e reivindicações. O net-ativismo, no entanto, é uma noção que trabalha os movimentos sociais mais contemporâneos e o uso destes nas redes digitais, não limitando os seus espaços no digital, mas sim pensando na relação transorgânica (DI FELICE, 2017) do espaço físico com o digital. Além disso, na perspectiva net-ativista leva-se em consideração a complexidade da realidade diante de suas contradições e a consideração dos artefatos digitais também como actantes que afetam as redes de compreensão (DI FELICE, 2017).

A luta dos secundaristas do estado de São Paulo no ano de 2015 contra a “reorganização escolar” se mostrou como um acontecimento importante a ser analisado na perspectiva net-ativista. Viu-se desde seu início uma organização horizontal e a partir das redes digitais, assim, logo foram às ruas para manifestações, nunca abandonando as redes digitais que só se enriqueciam e aumentavam a cada saída nas ruas. Muitos se conheciam pelas redes sociais e aumentaram suas relações nas ruas e posteriormente nas ocupações de escolas, mantendo a interação no campo digital. Nesse sentido o espaço era expandido do digital para o físico, com um enriquecimento de ambos. Ou seja, tirar qualquer um destes ambientes seria muito negativo para o movimento, sendo impossível saber qual destes era o mais fundamental, chegando-se à conclusão que a simbiose entre estes era central.

Algumas das ideias colocadas como importantes para essa luta pelos seus próprios participantes tiveram relação com a possibilidade de criarem suas próprias informações e divulgarem como forma de contra-informação e autocomunicação (CASTELLS, 2013) já que a grande imprensa mostrava somente um ponto de vista da ação dos secundaristas para o grande público, onde não compreendiam ou até mesmo não davam tanta atenção a organização descentralizada e horizontalizada das ocupações. Por isso a ideia de criação de páginas específicas de cada escola, e das mais gerais, foi se expandindo em cada ocupação. A Entrevistada 1, estudante do Fernão Dias na época, afirmou:

Foi um puta trabalho. E as redes sociais tiveram papel muito importante nisso, que era onde mais vinculávamos rapidamente as informações. Publicava textos, compartilhava, as pessoas ficavam sabendo... inflamou mais a parte das pessoas ficarem sabendo do que estava acontecendo pelo Facebook, por compartilhar matéria online, que os jornais publicavam. (ENTREVISTADA 1, 2018).

É possível perceber a simbiose entre o espaço físico da ocupação e sua organização horizontalizada baseada em assembleias e a importância das páginas nas redes digitais pelos seus próprios atuentes também nessa fala:

Na verdade essa foi um dos grandes temas das nossas assembleias, como vamos tornar o que tá acontecendo aqui dentro visível lá fora. Eu acho que as redes alternativas, as páginas de *Facebook*, de movimentos... as nossas páginas das escolas tiveram papel muito importante (...) nessa divulgação. Porque o que era passado na mídia era totalmente contrário do que estava acontecendo nas escolas (...). As páginas criadas pela escola para divulgação tiveram exatamente esse papel de mostrar o contrário né, de mostrar realmente o que tava acontecendo, né? E aí nas assembleias decidimos isso, que íamos organizar uma página, alimentar com fotos diárias com o que tava acontecendo (...) (ENTREVISTA 1, 2018).

Ou então na fala do segundo entrevistado sobre o papel das redes digitais depois dos atos para sua difusão e ampliação da luta:

(...) terminava o ato e logo já íamos para a Internet e tinha muita visibilização, muito mesmo. Para se comunicar, principalmente os jovens! Diziam, porra, tá acontecendo ocupação, atos... aí os atos ficavam muito grande por isso, acho que muito pelas mídias sociais. As redes sociais têm um papel gigante na vida hoje e nas manifestações de 2015 foi gigante também. Até me assusta um pouco, mas foi... amplificou a luta de uma maneira gigante, real. (ENTREVISTA 2, 2019).

Algumas outras funções do uso das tecnologias e posteriormente suas postagens nas redes se dava como forma de segurança, segundo o terceiro entrevistado (2019) a principal forma de segurança em sua ocupação era mesmo a filmagem de ações repressivas tanto da Polícia Militar quanto de outros. Algo também reforçado pela quinta entrevistada sobre sua experiência na ocupação da E.E. Gavião Peixoto. No caso do terceiro entrevistado, um dos vídeos que viralizou da ocupação de sua escola, a E.E. Deputado João Dória (Itaim Paulista, Zona Leste de São Paulo), foi a do diretor tentando entrar à força na ocupação e dando com a corrente no rosto de um dos estudantes. Sobre isso:

(...) assim, o ponto chave foi quando aquele diretor que eu comentei deu uma correntada na cara do aluno. Porque a gente publicou o vídeo na página, a “Não Fechem”, não só elas, outros também os “Jornalistas Livres”... nas páginas políticas, todas compartilharam porque era muito absurdo o vídeo. Ai esse foi o momento que a galera que morava na ZL, que era de movimento cultural, outros, viram que existia uma escola no bairro que estava sendo ocupada e precisava de ajuda.. (ENTREVISTA 3, 2019).

Outra forma de segurança ao produzir suas próprias informações e compartilharem pelas redes estava em demonstrar o que se fazia dentro dos espaços das ocupações em contraposição

à muito do que se mostrava nos órgãos oficiais. Segundo o sexto entrevistado, toda essa vivência e esse período:

Mudou a relação do aluno com a escola, ele passa a se sentir parte daquilo, não só como um espaço de passagem, E as páginas foram muito importantes para mostrar isso, mostrar as coisas artísticas que aconteciam nas escolas, mostrar a situação dos prédios, as modificações de bom que os estudantes faziam, registrar a situação pra depois as pessoas não dizerem “ah, sumiu tal coisa”, “ah vocês quebraram isso”, não, tinham imagens pra isso. (ENTREVISTADO 6, 2020).

A oitava entrevistada, que estudava e ocupou a E.E. Emygdio de Barros, também corrobora com essa visão sobre a importância das páginas para a divulgação das ocupações de forma ampla:

acho que pro aprendizado até, de como a gente ia falar o que tava acontecendo lá dentro. E esse rolê da página que a gente fez ficou muito bom, porque a gente ia fazer umas oficinas lá também na real, e a gente não sabia como expandir essa divulgação para fora, e a gente fez a página, acho que meio pensando nisso. E aí a gente fazia umas aulas abertas, e tal. E aí, a gente fez isso e a gente começou a fazer esses blocos diários, então a gente postava tudo o que acontecia no dia, uma programação, a gente fazia um rolê de final de semana, então tinha alguns eventos de final de semana e tal, e o que ia ter de almoço, que a gente chamava todo mundo pra almoçar. E era muito importante, acho que tanto dentro da gente, eu acho que pra gente entender como foi depois, até pra mostrar pras pessoas lá fora. (ENTREVISTA 8, 2020).

Alguns criaram táticas pelas redes antes mesmo das ocupações ou da explosão de manifestações. Esse foi o caso do sexto entrevistado na cidade de Guarulhos, que assim que ficou sabendo, junto com seus colegas, do impacto que teria a política de reorganização escolar, resolveu se organizar pelas redes para tentar alguma ação e assim criou uma *hashtag*: #AquiEstouAquiEuVouFicar que acabou se espalhando e inclusive virando canto nas manifestações pelas ruas do estado. Segundo o criador de tal *hashtag*, que depois se transformou também em uma página no *Facebook* para apoiadores:

Criou a *hashtag*, criou a página. E a gente começou uma movimentação (...). A ideia inicial que a gente teve foi de começar a fazer uma rede de contatos. Então eu lembro que nessa época eu peguei a listagem da diretoria norte sul e da, eu acho que eu até peguei a das diretorias de São Paulo, que eu falei com a menina do Carlos Gomes, enfim. Eu peguei a listagem das diretorias e fui pesquisando escola por escola. E aí fui tentando descobrir os alunos, grêmios das escolas, e aí fui falando com o pessoal para criar uma rede de contato (ENTREVISTA 6, 2020).

Segundo o entrevistado, essa foi a primeira página do movimento, que cresceu bastante e foi fundamental para começarem a ampliar e organizar o movimento. Em sua visão, começaram a se organizar por lá para depois conseguirem se expandir.

Sobre o papel geral das páginas nas redes sociais para o movimento em si, segundo o entrevistado 6: “(...) sempre foi muito importante, porque o nosso objetivo era conscientizar, divulgar, porque, mais que tudo era importante o apoio da comunidade escolar, apoiar os alunos a participarem... o apoio no geral que ajudou esse movimento ter muita vitória” (ENTREVISTA 6, 2020). Nesse sentido a noção de apoio e de ampliação de suas comunicações e visões, feitas de forma autônoma e distribuídas eram parte fundamental da organização, assim o uso das redes digitais segundo a primeira entrevistada:

Foi (...) o que disseminou o movimento, de alguma forma, foi estar na internet, estar com esse processo de divulgação tão forte quanto nós tivemos. Porque assim, era tanto a gente compartilhar as matérias, quanto a gente colocar nosso ponto de vista. Isso incentivava que outras pessoas colocassem seus pontos de vistas. Nós nunca fomos perguntados e na internet nos víamos a vontade de colocar nosso ponto de vista nisso. Eu acho que na verdade a Internet foi esse portal de indignação que foi se disseminando para várias outras pessoas. Além de se sentir confortável de colocar o ponto de vista, ainda era acolhido por várias outras pessoas... de compartilhar o que tava acontecendo naquele momento (...) (ENTREVISTA 1, 2018).

Foi também relatada a importância de páginas mais visibilizadas divulgarem aquelas com menos visualizações, como por exemplo a décima entrevistada que disse:

Então por isso que eu gostava da página também, porque na página a gente tentava impulsionar outras escolas. Porque a galera também se sentia sozinha, porque no Gavião a gente tinha umas sessenta pessoas, mas eu fiquei sabendo que teve escola que ocupou com cinco, com 10, então a solidão dos ocupantes das escolas. A gente também pensava nisso nessa divisão de visibilidade (...) (ENTREVISTA 10, 2020).

A partir das entrevistas e da análise de dados dos documentos observados, percebeu-se de fato a relevância a importância das redes digitais para o fortalecimento do movimento, tanto de sua divulgação, quanto no aumento do apoio e até mesmo para a expansão do número de ocupações físicas que ultrapassaram as 200 e depois se expandiram como influência para diversos outros estados (CAMPOS, 2019). Ao observarmos os principais termos citados nesse campo, é possível perceber estes como actantes, pois foram responsáveis por ações e, consequentemente, deixam rastros em suas redes. As páginas “O Mal Educado” e “Não Fechem Minha Escola”, por exemplo, se mostravam como essenciais em determinados momentos das ocupações, tanto para estudantes como em matérias dos jornais avaliados. Outras páginas mais específicas também apareceram. “Vídeos”, “fotos” e “redes sociais” no geral serviam como

actantes na hora de expandir a luta, como arma de defesa ou até para a ampliação de suas táticas, como quando a cartilha “Como ocupar um colégio?” (O MAL EDUCADO, 2015) começou a ser amplamente distribuído pelas redes, por exemplo.

A tentativa aqui foi demonstrar a complexidade do uso dessas redes digitais, que se expandiram para outros tipos de redes, e até mesmo em redes de movimentos sociais (SCHERER-WARREN, 2014). Portanto, apesar da busca por um aprofundamento nestas questões a partir da documentação acessada, sabe-se que esta é só uma parte desse conhecimento, que pode e deve ser expandido na construção desse mapeamento de controvérsias em vias de uma reagregação do social (LATOUR, 2012).

As redes começaram e não mais pararam de se formar, de certa forma o movimento continua por outras formas, portanto o cinemapa não deve ficar estabilizado, mas sim complementado, problematizado e com maior participação de outros pesquisadores e também de atores diretos da ação. Só para usar exemplos de alguns dos entrevistados para essa pesquisa, temos importantes movimentos culturais e/ou políticos que surgiram a partir da experiência destes naquele momento. Um deles foi a “Coletiva Ocupação” focada em peças teatrais e *performances*, tendo a peça “Quando Quebra Queima” a mais relevante até então, sendo esta uma história baseada nas ocupações e que já chegou a diferentes partes do país, mas também fora com apresentações na Inglaterra, França e Portugal; outro exemplo foi a criação do “Cursinho Livre Cláudia Silva Ferreira” no ano de 2018 no bairro de estudantes que participaram das ocupações (Jd. João XXIII em São Paulo) e com uma ideia horizontal fortemente baseada nas ocupações; Outra produção importante que foi construída por pessoas que também participaram das ocupações foi o “Coletivo da Quebrada” com um foco mais no audiovisual, que acabaram ganhando o Edital VAI (Programa de Valorização de Atividades Artísticas) pela Secretaria de Cultura do município de São Paulo em 2019, tendo lançado o filme “Até Onde a Gente Vai?” no ano de 2020. Portanto, nessas produções e ações específicas, podemos ver raízes das ocupações de 2015 que não cessaram na vida destes participantes, e que podem ser analisados para complementação deste mapeamento, mas que vai muito além disso.

Nesse sentido, volto à crítica a visão moderna e cartesiana de que “toda ciência é um conhecimento certo e evidente” (DESCARTES, s/d, p.14) que em sua perspectiva evitava os saberes incertos acreditando existir verdades estabilizadas e concretas. Essa é uma noção de que existe uma ciência única, e de que desta não se deve duvidar. Essa visão moderna e

eurocêntrica de Descartes (s/d) apaga os diferentes saberes de outras sociedades, além de colocar sob controle a realidade objetiva e sem contradições.

As colocações desse trabalho fazem uma crítica à modernidade europeia da objetividade e o saber único que esconde violências. Nessa perspectiva foi proposital se aprofundar nas especificidades do acontecimento para de fato trazer as contradições do acontecido, sabendo que tratando das contradições podemos chegar mais longe do que tentando apagá-las, por isso a necessidade de um saber complexo (MORIN, 2011) que não foge das rugas das contradições (LATOUR, 2012) e que considera os diferentes saberes sem hierarquizá-los (SANTOS, 2015). Por isso coube aqui a produção do saber de forma compartilhada a partir da PPC (BAIRON; LAZANEO, 2016) que visa uma participação direta entre o pesquisador e os pesquisados, quebrando um pouco essa dualidade e tendo troca de saberes que vão além da produção da dissertação escrita.

Portanto, tendo como claro que os resultados atingidos aqui não são totalizantes e nem limitados a eles mesmos, foi percebido ao longo desse percurso a potencialidade e abertura de diversas outras redes de compreensão para complementar esse mapa de controvérsias sobre esse período. Os mais diretos e que já podem ser feitos futuramente a partir desta dissertação seria um mapa das ocupações comparando com aqueles mais citados nas redes sociais, jornais e outros atores, para observar espacialmente as desigualdades de visibilidade, algo que já foi brevemente observado nessa dissertação e por Tori, Homma e Fiacadori (2020); além disso, pode-se observar as diferentes contradições entre movimentos sociais mais institucionalizados e partidos políticos nas diferentes ocupações; em um sentido semelhante, pode-se observar o papel do “Comando das Escolas Ocupadas” na visão de diferentes participantes, uma vez que este atuou, segundo alguns, como espaço de decisão compartilhada entre os estudantes de diversas escolas ocupadas, e na visão de outros enquanto um grupo “de vanguarda”, que buscou direcionar as ações das ocupações pelo estado. Outras questões a que ainda podem ser trabalhadas, e que já o são por alguns pesquisadores seria o papel da violência da repressão policial por esses manifestantes e os impactos sociais, políticos e psicológicos para muitos ainda hoje; a força de movimentos feministas e LGBTQ+ depois das vivências nas ocupações; o pós ocupação e a influência desse movimento em muitos outros estados do país, e a criação de novos coletivos (dos mais diversos) a partir das organizações feitas naquele período. Esses são só alguns dos nós de redes que se abriram de forma evidente ao longo deste trabalho e que

podem ser mais bem trabalhados no futuro, considerando que muitas destas questões já estão sendo trabalhadas por outros autores.

Outras questões fundamentais de serem colocadas sobre esse movimento de grande importância para o estado de São Paulo, mas também para o Brasil, é que houve uma vitória dos estudantes, com a paralisação do processo da reorganização, mas logo depois o governo retomou o fechamento de salas de aula, o que muitos consideraram como uma “reorganização velada” (CAMPOS, 2019), além do impacto psicológico da violência sofrida pelas forças repressoras do Estado e até perseguições relatadas em entrevistas. É o que podemos ver, por exemplo, na fala da Entrevistada 9:

(...) a gente tava muito feliz, muito forte e aí acabou as ocupações, foram acabando, acabando, acabando, e a gente “caramba a gente venceu, é isso”. Aí janeiro, “não venceu, amada. Não venceu, começou outra bosta”. Só que aí, quando começou outra bosta, era tipo assim, milhões, centenas de estudantes sequeladíssimos, que não conseguiam mais sair de casa, porque a maioria dos estudantes que eu tive contato foi para o interior, teve estudante que foi para o interior porque não aguentava mais ficar aqui, não aguentava vir para o centro lembrar. (ENTREVISTA 9, 2020).

Mas ao ouvir isso logo foi remetido a mim uma outra frase, feita por um estudante da E.E. Josepha e publicado em vídeo pela página “Não Fechem Minha Escola” no dia 05 de dezembro de 2015 em que diz: “Houve aquilo que parecia que bloqueava, mas ele era o medo, o medo cega os nossos sonhos, então, se você não ultrapassar essa barreira, você não chega a lugar nenhum. E eu aprendi, e ainda estou aprendendo, que quando se há medo, não se há sonho, não se há ação”. E assim o medo, que é real, significativo e até mesmo problemático, também nos remete as mudanças passadas por esses jovens, que como falou o segundo entrevistado: “Porra, é isso, quebramos alguma coisa aqui, alguma rachadura nós fizemos e foi muito bom pra gente” (ENTREVISTA 2, 2019), e assim ao voltarmos para o questionamento lá do início da primeira entrevistada que perguntava: “O que mudou depois que pulamos o muro?” podemos ver sua resposta:

Mudou que eu sou uma pessoa muito mais forte, uma pessoa que reconhece os problemas, que continua querendo que eles mudem, que ainda continua vendo o mundo de uma forma crítica, mas sou uma pessoa que sabe o que acontece quando você enxerga isso, quando enxerga que o mundo precisa de mudança. Que eu sei que o mundo tal como ele é posto, não é uma coisa do nada, né? Então existem pessoas que querem que essa estrutura continue desse jeito, que as pessoas continuem dessa maneira, e essas pessoas perseguem quem tem o olhar diferente. Então hoje eu sou uma pessoa que, por ter passado por esse processo, entende que quem quer mudar o mundo, as coisas como elas são colocadas, sofre, é perseguido, tem que passar por muita coisa. (ENTREVISTA 1, 2018).

Portanto, complexificar o assunto, abrir e descrever com o máximo de detalhes possíveis as diversas redes construídas por um movimento como este, não significa buscar compreendê-lo em sua totalidade, e nem simplificar as contradições existentes, afinal, esta foi uma luta de estudantes unidos por um projeto do governo do estado de São Paulo que afetaria suas vidas e de suas famílias, mas foi também um processo diferente para cada escola, cada ocupação, cada grupo, cada coletivo e cada estudante: foram várias lutas e uma só. Identificar essas diferentes lutas, os diferentes actantes e suas controvérsias nos permite abrir possibilidades também para o futuro, descobrindo diferentes caminhos de luta, diferentes saberes e até mesmo novas inspirações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCKMIN Recua e suspende a reorganização escolar em SP. In: *Folha de São Paulo*, Capa, São Paulo, ano 95, n. 31.657, 05 dez. 2015.
- ALEXANDER, Jefrey C. Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil: Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), São Paulo, V.13, nº 37, Jun/1998.
- ALONSO, Angela. As Teorias dos Movimentos Sociais: Um balanço do debate. In: *Lua Nova*. Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), São Paulo, nº76: 49-86, 2009.
- ALONSO, Angela. A Política Das Ruas: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. *Novos Estudos*. CEBRAP. São Paulo, ed. especial, jun., pp. 49-58, 2017.
- ANJOS REBELDES. Reportagem: Eduardo Goulart de Andrade. Produção: Aline Beckstein; Eduardo Goulart de Andrade; Luana Ibelli; Tháís Rosa. Roteiro e Direção: Bianca Vasconcellos (51min). Brasília: TV Brasil, 2015.
- ÀS Vésperas de Dia Decisivo, Escola Invasa Faz Minifestival. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, Ano 95, n. 31.645, 23 nov. 2015.
- BACHINI, Natasha; CENEVIVA, Ricardo. O Poder Heurístico das Teorias dos Movimentos Sociais e Ciberativistas com Relação às Ações Coletivas Digitais: Uma análise estatística exploratória. In: *Anais: 41º Encontro Anual da ANPOCS, GT: Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura*. Caxambu, Out/2017.
- BAIRON, Sérgio. *O Que é Hipermídia*. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos. São Paulo, 2012.
- BAIRON, Sérgio; LAZANEO, Caio. *Produção Partilhada do Conhecimento: do filme á hipermídia*. In: *Anais: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Fortaleza, 3 a 7 de set/2012.
- BARBIER, René. *Pesquisa-Ação na Instituição Educativa*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.
- BERGAMO, Marlene. Dentro dos Muros da Escola. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, ano 95, n. 31.637, 15 de nov. 2015.
- BERNARDI, Tati. Borracha Neles!. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, ano 95, n. 31.656, 04 de dez. 2015.
- BOM DIA SÃO PAULO. *Secretario da Educação Esclarece Dúvidas Sobre a Mudança na Divisão de Alunos nas Escolas*. Globo, São Paulo (14 min), 23 set. 2015. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4486989/>>.
- BORDA, Orlando Fals. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: Considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: *PESQUISA PARTICIPANTE*. Org: Carlos Rodrigues Brandão, São Paulo, 4ª ed., 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar-Participar. In: *PESQUISA PARTICIPANTE*. Org: Carlos Rodrigues Brandão, São Paulo, 4ª ed., 1984.

BRINGEL, Breno; MUÑOZ, Enara Echart. Dez Anos de Seattle, o Movimento Antiglobalização e a Ação Coletiva Transnacional. In: *Revista de Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, V. 46, nº1, 28-36, jan/abr 2010.

CAMPOS, Antonia. Escolas de luta, ladrões de merenda: dois momentos das ocupações secundaristas de São Paulo. In: J. MEDEIROS; A. JANUÁRIO; R. MELO (Orgs.), *Ocupar e Resistir*. Movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). 1ª ed. São Paulo, Editora 34, pp. 79-102, 2019.

CAMPOS, Antonia; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio. Escolas de Luta. Ed. Veneta, Coleção Baderna, São Paulo, 1ªEd, 2016.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo. Edusp, 4ª Ed., 2013.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*: Mapas da interculturalidade. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 3ªed., 2015.

CARMO, Sidney Gonçalves do; SOUZA, Felipe; GRAGNANI, Juliana. Escola Ocupada. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, Ano 95, n. 31.633, 11 de nov. 2015.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade, Jorge ZAHAR Editor, Rio de Janeiro, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 17º ed., 2016.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar., 2013.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas Canibais*, Cosac Naify, São Paulo, 1ªEd, 2015.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET. *TIC Domicílios 2017*. Centro Regional de Estudos Para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. São Paulo, 2018.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs v.1*. Ed. 34, São Paulo, 2011.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. In: Os Pensadores. XV. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Le Livros, s/d.

DI FELICE, Massimo. Das Tecnologias da Democracia Para as Tecnologias da Colaboração. In: FELICE, Massimo Di (Org.). *Do Público Para as Redes: A comunicação digital e as novas formas de participação social*. Difusão Editora. São Caetano do Sul, 1ªEd, 2008.

DI FELICE, Massimo. Estéticas pós-humanistas e formas atópicas do habitar. In: DI FELICE, Massimo; PIREDDU, Mario (Orgs.). *Pós-humanismo*. As relações entre o humano e a técnica na época das redes. Difusão Editora. Coleção Era Digital, V. 2. São Caetano do Sul, SP, 2010.

DI FELICE, Massimo. *Net-ativismo*: Da ação social para o ato conectivo. Paulus Editora. Coleção Comunicação. São Paulo, 2017.

DI FELICE, Massimo. Netativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais. In: *Revista Famecos Mídia, Cultura e Tecnologia*. PUC RS. v.9, n.1, p.27-45. Porto Alegre, Jan/Abril 2012.

DI FELICE, Massimo. *Paisagens Pós-urbanas: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. Annablume, 1ª Ed., 2009.

DI FELICE, Massimo. Ser Redes: O formismo digital dos movimentos net-ativistas. In: *Revista Matrizes*. ECA-USP, São Paulo, Ano 7, Nº2, p.49-71, 2013.

DI FELICE, Massimo; LEMOS; Ronaldo. *A Vida em Rede*. Ed. Papirus 7 Mares, Campinas, SP. 1ª Edição, 2014.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick. Apresentação. In: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick (Orgs.). *Net-Ativismo*. Redes digitais e novas práticas de participação. Papirus Editora. Campinas, 2017.

EDITORIAL. Lições de Política. In: *Folha de São Paulo*, Editoriais, São Paulo, São Paulo, ano 95, n. 31.657, 05 dez. 2015.

ENTREVISTADA 1. 45 min. Mai. 2018.

ENTREVISTADA 4. 1h08min. Nov. 2019.

ENTREVISTADA 5. 1h20min. Dez. 2019.

ENTREVISTADA 8. 49 min. Fev. 2020.

ENTREVISTADA 9. 54 min. Fev. 2020.

ENREVISTADA 10. 1h6min. Mar. 2020.

ENTREVISTADO 2. 1h18min. Fev. 2019.

ENTREVISTADO 3. 1h49min. Mar. 2019.

ENTREVISTADO 6. 1h23min. Jan. 2020.

ENTREVISTADO 7. 1h10min. Jan. 2020.

ESCOLAS DE LUTA. Documentário. Direção: Rodrigo T. Marques, Tiago Tambelli, Eduardo Consonni. São Paulo (77 min), 2017.

FALLETO, Enzo. La Juventud Como Movimiento Social en América Latina. In: *Revista de la CEPAL*. Comisión Económica Para América Latina y el Caribe (CEPAL). Buenos Aires, n.29, Ago/1986.

FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Editora Unesp, São Paulo, 2ª ed., 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Graal, Rio de Janeiro, 8ª ed., s/d.

FRAGA, Denise. Escola de Autogestão. In: *Folha de São Paulo*, Revista São Paulo, São Paulo, ano 95, n. 31.658, 06 dez. 2015.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. L&PM Editores. Porto Alegre, 2013.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações e Protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez, 2017a.

GOHN, Maria da Glória. *Novas Teorias Dos Movimentos Sociais*. Edições Loyola, São Paulo, 5ª Ed., 2014a.

GOHN, Maria da Glória. Protestos nas Ruas de São Paulo: de junho de 2013 ao Pós-Impeachment de 2016 – correntes e contracorrentes. *Anais 41º Encontro Anual da ANPOCS*. GT34 – Urbanidades possíveis nos múltiplos usos da rua. Caxambu, Out. 2017b.

GOHN, Maria da Glória. *O Protagonismo da Sociedade Civil: Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. Cortez Editora. Questões da nossa época. V.123, 2005.

GOHN, Maria da Glória. *Sociologia dos Movimentos Sociais*. Cortez Editora. Questões da nossa época, v. 47, São Paulo, 2014b.

GRAGNANI, Juliana. Governo Alckmin Aceita Rediscutir Plano se Escolas Forem Desocupadas. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, ano 95, n. 31.642, 20 de nov. 2015.

GRAGNANI, Juliana; MACHADO, Leandro; BERGAMO, Marlene. Aluno “Linha de Frente” do Passe Livre é Porta-Voz de Ocupação em Escola de SP. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, Ano 95, n. 31.634, 12 de nov. 2015.

HALBRITTER, Luciana de Oliveira Leal; NETO, Maria Inácia D’Ávila. *Mobilização Para Além das Fronteiras: semelhanças transnacionais dos movimentos sociais de origem virtual pelo mundo*. In: Revista Ciências Sociais Unisinos. V. 51, n. 3, p.353-360, Set/Dez 2015.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana*. Martins Fontes. São Paulo, 2014.

HISAYASU, Alexandre; PALHARES, Isabela; TOLEDO, Luiz Fernando. SP Já tem 5 Escolas Ocupadas por Alunos. In: *O Estado de São Paulo*, Caderno Metrópole, São Paulo, ano 135, n. 44.596, 13 nov. 2015.

INVASÃO de Escolas Afeta Exame Estadual. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, ano 95, n. 31.646, 24 de nov. 2015.

JANUÁRIO, Adriano; CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. “As Ocupações das Escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social”. *Revista Fevereiro*, São Paulo, v. 9, pp. 1-26, 2016.

KANT, Immanuel. Resposta a pergunta: o que é o esclarecimento? In: Kant, I. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Edições 70 Ltda. Lisboa. s/d.

KERCKHOVE, Derrick De. Da Democracia Para a Ciberdemocracia. In: DI FELICE, Massimo (Org.). *Do Público Para as Redes: A comunicação digital e as novas formas de participação social*. Difusão Editora. São Caetano do Sul, 1ªEd, 2008.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. Editora 34, Coleção Trans, São Paulo, 3ª ed, 2016.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social*. Uma introdução à teoria do Ator-Rede. EDUFBA; EDUSC, Salvador; Bauru, 2012.

LAZANEO, Caio de Salvi. *Produção Partilhada do Conhecimento: Uma experiência com as comunidades indígenas Xavante e Karajá*. Tese de Doutorado. Instituição: Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo, 2012.

LE BON, Gustave. *Psychologia Das Multidões*. Livraria Garnier. Bibliotheca de Philosophia Scientifica. Rio de Janeiro. s/d.

LE MOS, André. *A Comunicação das Coisas: Teoria ator-rede e cibercultura*. Coleção Atopos Annablume, São Paulo. 1ª ed., 2013.

LE MOS, André. *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Editora Sulina, 4ª Ed., 2008.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva*. Por uma antropologia do ciberespaço, Edições Loyola, São Paulo. 4ª Edição, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, Editora 34, Rio de Janeiro, 1999.

LIMA, Dulcilei Conceição; HOMMA, Luana Hanaê Gabriel; SOUZA, Paulo Roberto Elias; PENTEADO, Claudio Luis Camargo. Narrativas Midiáticas em Disputa: Informação e Contrainformação Política no Caso Claudia Silva Ferreira. *Trama Interdisciplinar*. São Paulo, v. 9, n.2, mai/ago. 2018, pp. 110-124.

LIMA, Venício A. de. Mídia, Rebeldia Urbana e Crise de Representação. In: *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Boitempo Editorial, São Paulo, 1ªEd, 2013.

LUTE COMO UMA MENINA. Documentário. Direção: COLOMBINI, Flávio; ALONSO, Beatriz. 1h16min. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA&feature=emb_title>.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.30, n.2, mai/ago. 2004, pp. 289-300.

MARTINS, Vera Guimarães. Dois Tropeços na Mesma Pedra. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Poder, São Paulo, ano 95, n. 31.658, 06 dez. 2015.

MENDONÇA, Ricardo. Popularidade de Alckmin Despenca. In: *Folha de São Paulo*, Capa, São Paulo, ano 95, n. 31.656, 04 de dez. 2015.

MONTEIRO, André. SP vai transferir mais de 1 milhão de alunos para dividir escolas por séries. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, Ano 95, n. 31.584, 23 de set. 2015.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Editora Sulina, Porto Alegre, 4ªEd, 2011.

NÃO FECEM MINHA ESCOLA. *Página do Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/naofecheminhaescola>>.

NAVARRO, Cristiano; BRASILINO, Luís. Escolas de Luta. In: *Le Monde Diplomatique Brasil*. Ano 9, n. 102, São Paulo, Jan. 2016.

NOBRE, Marcos. Junho, Ano V. As eleições, o sistema político e a negação da realidade. *Revista Piauí*. São Paulo, ed. 141, Jun. 2018.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de.; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa Social e Ação Educativa: Conhecer a realidade para poder transformá-la. In: *PESQUISA PARTICIPANTE*. Org: Carlos Rodrigues Brandão, São Paulo, 4ª ed., 1984.

O MAL EDUCADO. *Como Ocupar um Colégio?*. Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. São Paulo, 2015. Disponível em: < <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf>>.

O MAL EDUCADO. *Página do Facebook*. Disponível em: < <https://www.facebook.com/mal.educado.sp>>.

ORTELLADO, Pablo. “Prefácio – A primeira flor de julho”, in A. M. CAMPOS; J. MEDEIROS; M. M. RIBEIRO (orgs.). *Escolas de Luta*. Ed. Veneta, Coleção Baderna, São Paulo, 1ª ed, 2016.

ORTELLADO, Pablo. Os protestos de junho entre o processo e o resultado. In: JUDENSNAIDER, Elena; LIMA, Luciana; POMAR, Marcelo; ORTELLADO, Pablo. *20 Centavos: A Luta Contra o Aumento*. Editora Veneta, São Paulo, 1ª Ed., 2013.

PAIS e Alunos Fecham Rua e Ateiam Fogo Durante Protesto em Bauru. In: *G1 Bauru e Marília*, Bauru, 30 set. 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2015/09/pais-e-alunos-fecham-rua-e-ateam-fogo-durante-protesto-em-bauru.html>>.

PAIS e Alunos Protestam Contra Mudanças em Escolas Estaduais. In: *G1 Presidente Prudente*, Presidente Prudente, 28 set. 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2015/09/pais-e-alunos-protestam-contramudancas-em-escolas-estaduais.html>>.

PALHARES, Isabela; TOLEDO, Luiz Fernando; VIEIRA, Victor. Cresce Invasão de Escolas; sem acordo, Justiça suspende reintegração de posse. In: *O Estado de São Paulo*, Caderno Metrópole, São Paulo, ano 135, n. 44.587, 14 nov. 2015.

PARRA, Henrique Z.M. Jornadas de Junho: uma sociologia dos rastros para multiplicar a resistência. In: *Revista Pensata*. Revista dos Alunos de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unifesp. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, v.3, nº1, Nov/2013.

PATTA, Caetano. *Contestando a Ordem: Um estudo de caso com secundaristas da zona leste paulistana*. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Ciência Política. Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2017.

PENTEADO, Claudio Luis de C. Parte IV: Cultura da Interatividade. In: *Cultura, Tecnologia, Redes e Espaços de Sociabilidade e Socialização*. PINEZI, Ana Keila Mosca; PENTEADO, Claudio Luis de C.; SILVEIRA, Sergio Amadeu. Editora UFABC, Pró-reitoria de extensão, Santo André, 2012.

PERES, Marta Simões. Paratodos: Dança, polifonia e Produção Partilhada do Conhecimento. In: *Revista Interagir: Pensando a extensão*. Rio de Janeiro, n.22, p.01-22, jul/dez. 2016.

PEREZ, Olivia Cristina; SOUZA, Bruno Mello. Velhos, Novos ou Novíssimos Movimentos Sociais? As pautas e práticas dos coletivos. In: Anais: *41º Encontro Anual da ANPOCS, GT 11: Entre Ruas e os Gabinetes*. Caxambu, Out/2017.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã Vai Ser Maior*. O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. Ed. Planeta, São Paulo, 1ªed, 2019.

PÓ, Marcos Vinicius; YAMADA, Erika Mayumi Kasai; XIMENES, Salomão Barros; LOTTA, Gabriela Spanghero; ALMEIDA, Wilson Mesquita de. *Análise da Política Pública de Reorganização Escolar Proposta Pelo Governo do Estado de São Paulo*. Documento de Análise. Universidade Federal do ABC, Santo André, 2015.

POUPART, Jean. A Entrevista do Tipo Qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (Orgs.). *A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Editora Vozes, Petrópolis, 3ª ed., 2012.

RAMOS, Jonathas Beck. *Texturas Sonoras na Produção Partilhada do Conhecimento: o áudio na produção de conhecimento em hipermídia*. Dissertação de Mestrado no Programa Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades. Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2016.

RODRIGUES, Cinthia. Fechamento de Escolas Mobiliza Alunos em SP. *Carta Capital* (site), São Paulo, 09 out. 2015.

ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. “Como Ocupar Uma Escola? Pesquiso na Internet!”: Política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil” *Intercom – RBCC*, São Paulo, v.40, n.2, maio/ago., pp.93-110, 2017.

SAFATLE, Vladimir. Guerra Contra a Educação. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Ilustrada, São Paulo, ano 95, n. 31.656, 04 de dez. 2015.

SANTAELLA, Lúcia. *A Ecologia Pluralista da Comunicação: Conectividade, mobilidade, ubiquidade*. Editora Paulus, São Paulo, 1ªEd., 2010a.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na educação*. Editra Paulus, São Paulo, 1ª Ed., 2013.

SANTAELLA, Lúcia. Pós-Humano, pós-humanismo e anti-humanismo: discriminações. In: DI FELICE, Massimo; PIREDU, Mario (Orgs.). *Pós-humanismo*. As relações entre o humano e a técnica na época das redes. Difusão Editora. Coleção Era Digital, V. 2. São Caetano do Sul, SP, 2010b.

SANTOS, Ana Paula dos; MIRANDA, Cynthia Mara. Lute Como Uma Menina: questões de gênero nas ocupações das escolas de São Paulo em 2016. *Revista Observatório*. Palmas, v.3, n.6, out-dez. 2017, p.417-444.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da Razão Indolente*. Contra o desperdício da experiência. Editora Cortez, São Paulo, 8ª ed., 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social*. Boitempo Editorial, São Paulo, 2ª Ed., 2015.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. *Redes Sociais , Redes de Sociabilidade*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS. Vol. 29, n.85. São Paulo, Jun. 2014.

SANTOS, Milton. *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Record, Rio de Janeiro, 28ª ed., 2018.

SCHWARTSMAN, Hélio. Governo Turvo. In: *Folha de São Paulo*, Editoriais, São Paulo, ano 95, n. 31.657, 05 dez. 2015.

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. In: *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Boitempo Editorial, São Paulo, 1ªEd, 2013.

SETUBAL, Maria Alice. Jovens Dão Aula de Cidadania. In: *Folha de São Paulo*, Tendências/Debates, São Paulo, ano 95, n. 31.658, 06 dez. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. Cortez. São Paulo, 23ªed., 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de Movimentos Sociais*. Edições Loyola, São Paulo, 6ª Ed., 2014.

SIGHELE, Scipio. *A Multidão Criminosa: Ensaio de psicologia coletiva*. Organização Simões. Livros de Ontem e de Hoje. Rio de Janeiro, 1954.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Parte III: Aspectos da cibercultura. In: *Cultura, Tecnologia, Redes e Espaços de Sociabilidade e Socialização*. PINEZI, Ana Keila Mosca; PENTEADO, Claudio Luis de C.; SILVEIRA, Sergio Amadeu. Editora UFABC, Pró-reitoria de extensão, Santo André, 2012.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Interações públicas, censura privada: o caso do Facebook. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.22, supl., dez. 2015, pp.1637-1651.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da; SAVAZONI, Rodrigo. O Conceito do Comum: apontamentos introdutórios. *Liinc em Revista*. Rio de Janeiro, v.14, n.1, mai. 2018, pp.5-18.

SIMÃO, José. 2016! Voto no Wesley Safadão!. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Ilustrada, São Paulo, ano 95, n. 31.655, 03 dez. 2015.

SIMÃO, José. Insônia? Chegou o Dormodunga!. In: *Folha de São Paulo*. Caderno Ilustrada. São Paulo, ano 95, n. 31.641, 19 nov. 2015.

SOUZA, Felipe. Agenda Cultural em Colégios Ocupados Inclui Circo, Show, Debate e até Cursinho. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, ano 95, n. 31. 649, 27 de nov. 2015.

SOUZA, Felipe. PM não Desocupará Escola, mas desbloqueará via, diz Secretário. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, ano 95, n. 31.655, 03 dez. 2015.

SOUZA, Felipe; CARMO, Sidney Gonçalves do. Governo de SP Infla Desocupações de Escolas. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, ano 95, n. 31.650, 28 nov. 2015.

SOUZA, Felipe; GRAGNANI, Juliana. Invasão de Escolas Estaduais Afeta 26 mil Alunos em SP. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, ano 95, n. 31.639, 17 de nov. 2015.

TAKAHASHI, Fábio; SOUZA, Felipe. Com Protesto, Prova Escolar tem Pior Adesão. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, ano 95, n. 31. 649, 27 de nov. 2015.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. Coleção “Temas Básicos de...”. Cortez Editora. São Paulo, 2ªed.,1986.

TOLEDO, Luiz Fernando. SP Usa só um Critério Para Mudar Rede. In: *O Estado de São Paulo*, Caderno Metrópole, São Paulo, ano 136, n. 44.588, 15 nov. 2015.

TOLEDO, Luiz Fernando; PALHARES, Isabela; SALDAÑA, Paulo; VIEIRA, Victor. Grupos se Mobilizam e Criam Até Manual Online Contra a Prova. In: *O Estado de São Paulo*, Caderno Metrópole, São Paulo, ano 136, n. 44.597, 24 nov. 2015.

TORI, Lucca Amaral; HOMMA, Luana Hanaê Gabriel; FIACADORI, Giuliana. Coletivos e o Uso das Redes: o caso das ocupações das escolas em São Paulo em 2015. *Simbiótica*. Vitória, v.7, n.3, jul-dez. 2020. pp. 98-134.

TORI, Lucca Amaral. A Perspectiva Net-Ativista e o Movimento de Ocupação das Escolas. *Anais X Simpósio Nacional da ABCiber*. Conectividade, Hibridação e Ecologia das Redes Digitais. Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo, 2017, pp. 337-357.

TOURAINÉ, Alain. *Palavra e Sangue: Política e Sociedade na América Latina*. Editora Unicamp. Trajetória Cultural, Campinas, 1989.

XIMENES, Salomão Barros. Contra Quem os Estudantes Lutam? As ocupações secundaristas no epicentro das disputas sobre escola pública. In: J. MEDEIROS; A. JANUÁRIO; R. MELO (Orgs.). *Ocupar e Resistir*. Movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). 1ª ed. São Paulo, Editora 34, 2019, pp.50-80.

ZIBAS, Dagmar M. “A Revolta dos Pinguins” e o Novo Pacto Educacional Chileno”. *Revista Brasileira de Educação*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 13, n.38, maio/ago, 2008.